

SÉRIE NEFILINS - LIVRO 1

INSÔNIA

M A R I

S C O T T I

“Sexy e misterioso!”

Arthur Alves
Blog Livronhos



S É R I E N E F I L I N S - L I V R O 1

INSÔNIA

M A R I

S C O T T I

“Sexy e misterioso!”

Arthur Alves
Blog Livronhos

Insônia

Série Nefilins – Livro 1

Mari Scotti

Copyright ©2015 de Mari Scotti

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem a autorização prévia do autor.

Título: Insônia

Subtítulo: Livro 1 da Série Nefilins

Linha literária: Ficção juvenil – Fantasia Urbana

Capa: Mari Scotti

Diagramação: Mari Scotti

Revisão: Ignez Scotti

3º edição



Dedico aos meus pais Ricardo e Ignez Scotti por acreditarem mesmo antes desta
história ganhar forma.
A Fernanda Pila, Eliane Oliveira, Karina Baliega, Carol Mraz e Cristina Pereira por
me incentivarem e não deixarem desistir.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS



A Deus que é a fonte de toda a inspiração, por me dar este dom e me ajudar a aprimorá-lo!

Aos meus pais Ricardo e Ignez Scotti por me incentivarem a publicar, à minha mãe por me ensinar o gosto da leitura e da escrita.

A Eros, para quem escrevi a primeira versão deste livro, obrigada por tudo.

A Cristina Pereira, Carol Mraz, Eliane Oliveira, Fernanda Pila e tantos leitores que acompanharam esta obra ganhando vida através das postagens feitas no site de fanfics. Cada comentário, e-mail e incentivo foram primordiais para essa conquista.

E não posso deixar de citar aqueles que me incentivaram mesmo sem entender minha fissura em publicar: Dener Savoldi, Marcos Logrado, Erica Zenker, Vanise Biajoti e Marcos Vasconcelos, obrigada por me darem liberdade de escrever, por me deixarem quietinha na hora do almoço, ouvir meus argumentos relacionados aos personagens e darem suas opiniões e até ideias para melhorias. Ter vocês em horário comercial é um privilégio para poucos. São a melhor equipe com quem já trabalhei. Amo vocês, mesmo mau humorada quando estou inspirada.

Ao pastor Davi Rodrigues, por entender minha paixão e apoiar a publicação dos meus livros.

A Nazareth Fonseca, escritora da Saga Alma e Sangue, por mesmo sem me conhecer, ajudar a melhorar minha escrita, respondendo minhas perguntas e e-mails e por me fazer acreditar na literatura nacional.

A Isabelle Vitorino, agente literária da Editora Aped por aguentar todas as minhas questões, respondê-las carinhosamente e me ajudar nesta decisão tão importante. Sem você e a Fernanda Pila, eu não acreditaria tanto nesta história. Devo muito à vocês!

Espero que esta terceira edição possa contagiar a todos que já conhecem e passarão a conhecer a história de Suzanna, Pietro e Arthur.

Obrigada, Mari Scotti

Prólogo



A paisagem estava densa, borões de verde-musgo e marrom passavam diante dos meus olhos, formando árvores e vegetação durante o percurso. A escuridão do lado de fora do carro — uma Brasília bege de duas portas — dando-me calafrios.

A viagem estava cansativa. Talvez, por estar desacostumada a visitar meus avós que moravam na capital de São Paulo. Quis reclamar, mas bocejei e o som não passou de um resmungo baixo e sem sentido.

Ajeitei-me no banco observando meu pai ao volante. Parecia tenso, focado no trânsito à nossa frente. Recordando-me agora, tenho a sensação de que havia algo a mais que não notei quando era criança. Ele estava com os lábios pressionados em uma linha dura e o modo como olhava alternadamente, entre minha mãe e eu, deixou claro que algo o incomodava. E não era apenas o trânsito.

Seus olhos azuis cintilantes sempre me deram segurança, mas, naquela noite, pareciam distraídos e cansados.

Ele sorriu para a mamãe — uma mulher morena de olhos com um castanho tão vívido que parecia líquido — consolando-a, tentando lhe transmitir uma tranquilidade que claramente não possuía. E, quando me olhou, lhe sorri, rindo em seguida ao sentir seus dedos alcançarem meus pés descalços, fazendo cócegas.

Algum tempo mais tarde, ele chamou minha atenção para uma pracinha do lado de fora do carro. Estava decorada com luzes de Natal e havia um Papai Noel gigante no centro dela. Várias crianças brincavam de pega-pega entre as árvores e outras esperavam sua vez para pedirem seus presentes ao Papai Noel real, sentado em uma poltrona. Olhei com certa inveja, a brincadeira parecia muito melhor que ficar dentro do carro no calor da estrada para São Paulo.

Uma árvore me chamou atenção, estava decorada com luzinhas formando um S em sua copa. Chamei-o empolgada, cutucando seu braço e puxando a manga de sua camisa.

— Olha pai, S de Suzanna!

Um som de algo se chocando misturou-se ao da minha voz. Na sequência, senti meu corpo chacoalhando, sendo lançado para o banco da frente e puxado de volta pelo cinto de segurança. Minha cabeça bateu no vidro e vi tudo escurecer.

Abri meus olhos, sentindo uma dor profunda na cabeça, mas minha visão estava embaçada. O cheiro de queimado era forte e ardia nas minhas narinas. Gritei alto chamando minha mãe. Algo pesava sobre minhas pernas e meu corpo inteiro doía. Queria minha mãe, mas o ardor em meus olhos não me permitiu abri-los por muito

tempo. Como meus pais não responderam, comecei a chorar, tentando chamar a atenção deles.

Não demorou muito e senti alguém me puxar por debaixo dos ombros. As mãos estavam frias, no entanto me passaram uma segurança imediata, cessando minhas lágrimas. A voz era autoritária, me chamando pelo nome. Certa calma me percorreu, pois acreditei que era o meu pai. Abri meus olhos ao sentir seus braços me envolvendo, a dor diminuindo pouco a pouco, mas a ordem seguinte me fez encará-lo, assustada.

— Olhe para mim, somente para mim!

Seu tom era grave e desesperado, porém calmo o suficiente para me fazer confiar com tão pouca idade. O estranho é que, segundo meus avós e todas as testemunhas do acidente, não fui retirada por ninguém do carro, mas tive a *sorte* de ser arremessada para fora dele. E de sobreviver à explosão.

Capítulo 1



Era madrugada quando despertei.

Apesar da certeza de que não dormiria mais, fechei os olhos, escondendo o rosto em meu fofo travesseiro de penas de ganso. Tentei vislumbrar carneirinhos pulando uma cerca, enquanto enfiava um fone de ouvido na orelha esquerda para ser ninada pela voz da Leona Lewis, cantando uma das minhas músicas prediletas: *My Hands*.

Rotineiramente, perdia o sono por volta das três da manhã, e me iludia ao ter esperança de continuar dormindo, o que nunca acontecia. Fitei o teto, esperando o sono retornar, mas apenas pensamentos dos acontecimentos do dia reviravam minha mente, despertando-me ainda mais. Olhei para o relógio ao lado da minha cama e não passava das duas da manhã.

Sentei envolvida com o edredom, observando meu quarto enquanto me acostumava com a falta de iluminação. Inúmeras sombras dançavam pelas paredes e móveis, dando a impressão de que eu não estava sozinha. Apesar dos tantos empregados e de morar na casa dos meus avós, infelizmente era exatamente assim que me sentia desde a perda de meus pais: completamente sozinha.

Meu quarto é luxuoso, quase como o de uma princesa de contos de fadas: cama com dossel e uma cascata de seda cor de rosa e branca presa a ele. Inúmeros travesseiros, um *closet* enorme com roupas e acessórios em demasia. O piso é de madeira coberto por um fino tapete lilás, bordado com motivos de tulipas e girassóis e a janela grande com cortinas no mesmo tom do tapetinho.

À noite, porém — principalmente com as luzes apagadas e o prateado da lua invadindo por minúsculas frestas da janela —, ele parece comum, igual ao de qualquer adolescente normal. Olhando agora, eu *quase* consigo me sentir em casa. Desde muito mais nova, não me lembro de ter achado que este lugar era o *meu lar*, mesmo com vovô e vovó me tratando como uma filha e com tantas regalias.

Estremeci ao sentir o vento frio roçar meu rosto. Ele escapava pela fresta da janela, invadindo meu quarto e sacudindo as cortinas com seu toque. Suspirei pesado afastando a coberta para alcançar um livro na escrivaninha. Sabia que não adiantaria tentar dormir, então, acendi a luz amarelada do abajur da Barbie — meu quarto ainda era o mesmo de quando me mudei para a Mansão — na tentativa de ler a bibliografia de um homem que se tornou muito rico por suas habilidades intelectuais.

A leitura era chata e arrastada e nem as técnicas para ser um superempreendedor me devolveram o sono. Desistente, vesti minha velha calça

jeans, o *Allstar* de cano alto preto com cadarços *pink* e azul, e uma camiseta preta da Avril Lavigne, deixando meus cabelos soltos em cachos negros. Nos lábios, um batom rosado, pois não os queria rachados por causa do frio.

A casa estava silenciosa fora do quarto, o piso abaixo dos meus pés rangeu com meu peso, mesmo andando na ponta dos pés para fazer o mínimo de barulho possível. Até minha respiração estava presa. A sensação de fuga sempre me sobressaltava quando escapava do quarto no meio da noite, mesmo me sendo tão comum.

Deixei para trás a escuridão da sala de estar para ganhar a cozinha. Lá, respirei fundo. O ambiente estava claro me possibilitando enxergar, pois as janelas grandes iluminavam o ambiente com a luz da lua. Avistei a porta que dava para o quintal, de vidro e aço e o balcão da pia de mármore de um tom que se confunde com negro e verde escuro, dependendo do ângulo em que se olha. Nesta noite, estava negro como ônix contrastando com o piso branco de pontilhados verde escuro. Os eletrodomésticos todos em aço inox, uma típica cozinha de novela. Na mesa central de madeira maciça, havia uma pequena garrafa térmica com chocolate quente. Abri um sorriso enorme ao me deparar com ela, pois Maria, a nossa cozinheira, conhecia minhas manias como ninguém e, sempre que podia, me deixava essas surpresas.

Coloquei a garrafa na mochila, junto com os demais pertences e sai pela porta dos fundos. Estava totalmente desperta, apesar do horário.

Caminhei pensativa. Não pertencia a este lugar, sempre senti isso, mas não tinha para onde ir até completar dezoito anos, pois meus avós são meus tutores legais e jamais permitiriam que morasse sozinha. Sinto-me mau por ter esse sentimento, afinal, eles me criaram com muito carinho, são protetores, presentes e pessoas de fácil convívio. Se bem que minha vó parece estar constantemente de TPM. O problema é que, apesar do tempo correr, a falta que sinto dos meus pais parece aumentar a cada minuto dos meus dias.

Sinto-me pela metade, incompleta, sem um lugar certo no mundo. Um lugar que me faça sentir em casa.

Acredito, às vezes, que este vazio dolorido que me inunda nas madrugadas é porque sobrevivi e eles não. O estranho é que, da mesma forma que esse pensamento me sobressalta, outro o sobrepõe e parece não ser meu: *Você não pode morrer, você sobreviveu para um propósito.*

Que tipo de propósito uma criança poderia ter? Tenho quase dezoito e minha preocupação mais urgente é não ser pega passeando de madrugada pelo jardim, pois meus hábitos noturnos são abomináveis para a minha avó.

Sou criada por eles desde os oito anos e sempre foram pacientes em responder minhas questões e até em suportar a ideia de me ver acordada lendo de madrugada, mesmo sem concordarem. Não desejo desapontá-los.

Gosto da noite, sempre a apreciei com um olhar invejoso; pela liberdade e cumplicidade que ela me faz sentir. Tudo bem que descobri o prazer da madrugada por causa da insônia, mas, mesmo assim, não consigo escrever em um ambiente barulhento. A noite é mais atrativa, pois o silêncio nos deixa pensar, sonhar, mesmo que – no meu caso – acordada.

Como em quase todas as madrugadas, andei até o velho carvalho que fica na residência particular ao lado da casa dos meus avós. A família nunca notou minhas visitas e espero que nunca percebam.

Nesta noite, o céu está parcialmente nublado, o vento fino e frio balançando os meus cabelos, trazendo o perfume incrível de grama recém-aparada. Alguns passos mais e avistei a árvore, o seu tronco tão largo que daria para duas pessoas se encostarem e ainda sobrar espaço. A copa estende-se às costas de toda a Mansão da família Santos. O jardim fica aos fundos e é preciso pular o muro para chegar a ele. Felizmente, eles não têm cachorro.

Forrei o chão com uma mantinha, sentando sobre ela, apoiei a mochila no tronco e me encostei, satisfeita pela névoa ter se desfeito e a lua estar cheia, me possibilitando ler sem precisar acender a lanterna. Respirei fundo e abri mais um livro, mais um que peguei aleatoriamente na biblioteca de meus avós um pouco mais cedo, pois sabia que seria útil de madrugada.

Distraí-me rapidamente com a leitura, a escrita me envolveu de tal maneira que derrubo o livro, a garrafa térmica e solto um grito de horror ao ouvir uma voz masculina acima de mim.

— Volte para o seu quarto.

Seus olhos são escuros e gélidos e ele me encara assustado, talvez por eu ter gritado. Levantei-me apressada, sentindo cada músculo do meu corpo trêmulo.

— Desculpe-me... Moro aqui do lado e... – Minha voz saiu falhada e minhas mãos tremiam tanto que apertei a mochila entre os meus dedos.

Quando meus olhos pousaram nele pela segunda vez, perdi de vez a voz.

Ele era assustadoramente lindo e sorria duramente para mim. Seus lábios médios estavam pressionados firmemente, como se ponderasse entre me retirar de seu jardim ou gritar novamente, expulsando-me. Incapaz de me mover ou falar alguma coisa, analisei-o sem nenhuma pressa ou discrição. Ele estava a centímetros de mim, se erguendo com os meus pertences e ainda com aquele sorriso afetado preso em seu rosto.

Atentei aos seus traços masculinos marcantes. A face levemente retangular com bochechas sobressaltadas nas maçãs e um nariz fino, mas mediano. Olhos em um tom escuro, pareciam de um exímio predador e poderiam muito bem ler a minha alma. Seus cabelos estavam molhados devido a chuva que começava a cair, negros como a noite e desalinhados. Imaginei-me correndo os dedos por aqueles fios,

perdendo minhas mãos ali, aconchegando-me ao seu peito que parecia extremamente quente e confortável.

Respirei bem fundo afastando os pensamentos e notando, de repente, que ele estendia meus pertences e segurava minha manta.

— Chove, *signora*. — Soltou roucamente, deixando-me completamente arrepiada. Colocou a manta, o travesseiro e a mochila sobre meus braços e me fitou com um olhar passivo, porém profundo. — Melhor voltar para seu quarto.

Fiquei feito uma lagartixa olhando para ele sem conseguir me mover, estava boquiaberta analisando as sobrancelhas grossas e as orelhas pequenas do homem. O sotaque dele parecia estrangeiro, mas não consegui identificar, pois, enquanto observava, algo me fez acordar do pequeno devaneio. O frio e a chuva intensificando-se sobre nós e o fato de ele ser um completo estranho e eu permanecer parada à sua frente, desejando loucamente me atirar em seus braços.

Meu estômago estava agitado, nunca tinha experimentado uma sensação tão absurdamente gostosa e assustadora ao mesmo tempo. Medo, ansiedade, apreensão, tudo se misturou dentro de mim e percebi que, talvez, os Santos tivessem finalmente contratado um segurança, já que aquele *deus grego* usava um sobretudo sobre a roupa escura.

Enfieei minhas coisas dentro da mochila, joguei-a nas costas e sai andando apressada na direção do muro que separa as casas, porém, resolvendo ser educada, retornei para agradecer a ajuda.

— Obrigada. — Mas, ele já não estava ali.

Olhei ao redor do enorme jardim e não havia nem sinal do homem, o que era praticamente impossível, a não ser que ele fosse rápido como a luz.

Respirei fundo, sentindo o medo sugar meu ar e sai dali o mais rápido que pude, correndo pelos fundos da casa, até alcançar o muro baixo. Espalmei as mãos sobre ele e saltei, caindo do outro lado com os joelhos levemente flexionados. Senti-me um pouco mais segura, mas continuei apressada em direção à casa principal, meu coração estava disparado e a respiração bastante alterada.

O jardim aqui era diferente do de meus vizinhos. Lá, o carvalho e alguns roseirais eram os únicos que quebravam o manto verde que cobria os quinhentos metros de grama. Mas aqui, tinham roseiras de todos os tipos, girassóis, pequenas tulipas, jasmins e flores-do-campo espalhados em um quase labirinto em formato oval. Eu adorava correr no meio dessas flores quando mais nova. Agora, elas me deixavam melancólica, pois eu nunca tinha ganhado uma flor em toda a minha vida e sonhava com um príncipe encantado me dando uma. Apesar de ser totalmente contra me apaixonar.

Caminhei mais calma até a casa, quase me esquecendo do estranho de olhos escuros. Podia sentir seu perfume por perto, um misto de rosas e madeira.

Indiscutivelmente único. Subi as escadas em silêncio, vendo o primeiro raio de sol clarear o ambiente. Adentrei meu quarto, fui até a janela espiar, mas estava tudo calmo do lado de fora, por isso me joguei na cama do jeito que estava, caindo no sono quase de imediato.

— Olha o estado dessa menina, Alfredo! Já reparou que ela passa o dia dormindo e as noites fora? — A voz em meu sonho parou de gritar para puxar o ar violentamente para os pulmões. — Deve participar de alguma gangue. Ah! Esses adolescentes de hoje em dia, com certeza andam se drogando e fazendo sex... — Alguém a interrompeu e senti mãos quentes tocarem minha testa.

— Ela está febril, Catarina. — A voz aveludada de meu avô me despertou.

Abri os olhos e ambos me encaravam com aqueles olhinhos azuis que eu tanto pedi para ter herdado.

— Er... Oi. — Ajeitei-me na cama, puxando o cobertor até meus lábios. Odiava que sentissem meu bafo quando acordava.

— Você está suja e olhe o estado do seu colchão! Um lamaçal! — Minha avó gritava enquanto pegava minha mochila com nojo.

— Vó, deixa... — Ela jogou tudo para fora da mochila, entregou o objeto para um dos empregados e segurou a manta em uma das mãos. Puxei meus joelhos e os abracei colocando minha testa neles. Podia ser pior?

— Jogue fora e traga uma nova para ela. — Ordenou.

— Vovó, a senhora sabe que eu gosto dessa mantinha, era...

Catarina se voltou para mim e, apesar de estarmos falando de algo delicado, o olhar dela permaneceu duro quando me cortou.

— De sua mãe. Isso não lhe faz bem, Suzanna, e você sabe! — Ela fez um sinal com as mãos para que a empregada prosseguisse.

Maria me lançou um olhar pesaroso e se retirou.

— Mas, era da minha mãe, vovó! — Protestei sabendo ter perdido mais uma vez. — E me chame de Suzie! — Corrigi alterada.

— Que seja... Levante-se e apronte-se, teremos visitas. — Ela saiu levando mais dois empregados com ela.

Depois que a porta se fechou, vovô se inclinou beijando minha cabeça e sentou na beirada de minha cama.

— Querida, onde foi para estar neste estado?

Adorava falar com ele, era o típico avô que faz nossas vontades e ainda ajuda no dever de casa. Um exímio matemático e jogador de xadrez. Campeão paulista na modalidade juvenil quando era mais jovem.

— Vovô, eu estava lendo...

— No jardim dos Santos de novo?

Assenti uma vez e sorri.

— Mas, choveu e...

— Você não tinha uma sombrinha. — Sorri ainda com o cobertor na frente da minha boca. — E o que estava lendo desta vez?

— Não lembro... — Espiei a porta antes de prosseguir. — Um cara estranho me fez sair de lá.

As sobrancelhas grossas e brancas de meu avô se uniram e um vinco profundo se formou no meio de sua testa, dando-lhe uma feição mais velha e preocupada.

— Ele a machucou? Quem era? O que ele disse?

— Ele não me machucou, foi um doce comigo na verdade. — Sorri com a lembrança do rosto dele. — Mas, me pediu para vir me deitar porque estava chovendo. — Não precisava dizer que achava que ele era um assassino em série, não é?!

— Tome mais cuidado, Suzie. A família deve ter contratado algum segurança. — Concordei, sentindo vovô beijar minha testa.

— Você está mesmo febril. Tome um banho morno e se vista. Os Santos virão jantar conosco em meia hora.

Fiz uma careta, pois odiava esses jantares sociais que minha vó inventava. Conhecia a Sra. Santos apenas de vista e, pelo que me lembrava, eles não tinham filhos da minha idade para me fazer companhia. Gostava somente da árvore no quintal deles.

Levantei depois que meu avô saiu e escolhi um vestido azul bem soltinho de algodão, com alças finas e decote “V” nas costas. Sabia que vovó não se agradaria das minhas calças jeans, coturno e camiseta preta.

Tomei um banho rápido, lavando meus cabelos e os deixando molhados e soltos sobre os ombros. Somente assim, os fios ficavam comportados. Fiz uma maquiagem mais ousada, lápis preto no contorno dos olhos, rímel para os cílios aumentarem e um batonzinho claro, a maquiagem deixava meus olhos castanhos mais claros, o que me agradava bastante. A sandália prata com salto não muito alto completou o *modelito*.

Desci as escadas na hora combinada e vi quando vovó abriu a porta do *hall* para receber os visitantes. Nem me dei ao trabalho de olhar, fiz um aceno de cabeça e corri para a saleta de música, sabendo que me chamariam na hora do jantar. Continuei pelas escadas até o porão que vovô gentilmente me cedeu. O corredor era estreito e longo com duas portas à minha direita e a parede à esquerda. Na primeira, havia um pequeno estúdio com aparelhagem de som e instrumentos musicais, eram réstias da época em que meus pais eram vivos. Meu pai sempre gostou muito de música e costumava ensaiar aqui antes de casar com a minha mãe.

Mais à frente, abri a segunda porta. Sempre que o adentrava, o aroma acendia lembranças boas e adormecidas. O carpete de madeira no chão e os espelhos

espalhados nas paredes me levavam a época em que estudei *jazz* e *ballet* e das vezes que papai tocou no piano de calda para me ajudar a estudar.

Olhei o piano encostado em um canto da sala de dança e fui até ele. Abri o tampo, tocando as teclas amareladas pelo tempo. O acorde em *dó maior* ecoou pela sala quando o dedilhei. A lembrança de risadas e rodopios me fez sorrir.

Este era o único lugar em que o passado parecia vivo e eterno.

Sentei na banqueta e comecei a dedilhar minha canção preferida, uma composição de papai. O som melancólico logo invadiu a sala e, de forma milagrosa, espantou a solidão do meu coração. Arrisquei cantar baixinho uma melodia, essa era a única música que eu conhecia que meu pai não tinha colocado uma letra.

Alguns minutos se passaram e alcancei o ápice da composição, o som do piano martelava sombrio e forte em meus ouvidos e a canção seguia seu ritmo final. Empenhei-me nos últimos compassos e finalizei. O acorde chorou no ar, deixando o silêncio predominar novamente. Respirei fundo com as mãos esticadas sobre as teclas pensando num passado que jamais iria retornar e relembando meus rodopios e finalizações de *ballett* quando meu pai ficava neste mesmo banquinho, me observando dançar.

— Perfeito. — Dei um pulo e olhei para a porta do estúdio de dança.

— O que... Quem... O que *você* faz aqui? — Firmei a voz e o encarei.

— Vim avisá-la que o jantar foi servido, senhora. — Ele fez uma mesura e sorriu. Os dentes perfeitamente brancos e os lábios médios me fizeram tremer no banco. Seu sotaque invadiu meus ouvidos como uma carícia. — Mas, não pude interromper... Você toca como um anjo. — Sussurrou sem desviar os olhos dos meus.

Mordi meu lábio para não suspirar. Então, um dos Santos sabia que invadi sua propriedade, isso era constrangedor. O rapaz estendeu a mão e me convidou para subirmos.

Levantei ajeitando o vestido e ignorei sua mão, passando direto para o corredor, subindo apressadamente para a casa. Estar sozinha com aquele *quase-assassino-em-série* me aterrorizava um pouco, mesmo que ele não fosse quem eu pensei. A culpa também me deixava constrangida porque ele sabia que pulei o muro sem consentimento.

Logo, apareceu atrás de mim, com a mão próxima das minhas costas, como se me guiasse até a sala de jantar. Entrei e me deparei com a sala cheia. As cadeiras quase todas ocupadas e a mesa de madeira maciça repleta de comida, parecia uma comemoração de Natal.

Fui até as cadeiras vazias e me sentei em uma. O *serial killer* se sentou ao meu lado. Apresentaram-me a todos da família Santos e logo fiquei sabendo que o rapaz ao meu lado era sobrinho da Sra. Mercedes e estava morando com eles até o término

dos estudos.

Quando fomos apresentados, ele pegou minha mão, virando a palma para cima e beijou o dorso. Senti meu corpo todo formigar com o toque e recolhi minha mão em reflexo.

— Muito prazer, Suzanna.

— Prefiro que me chame de Suzie. — O corrigi, reprimindo uma careta. — E seu nome, é? — Olhei para os olhos arredondados e sinistros esperando a resposta, porém ele apenas sorriu e nada disse. Procurei dos demais à mesa uma resposta, mas pareciam alheios a nós dois com suas conversas sobre fazendas, empresas e dinheiro. Dei de ombros, fingindo não me importar e, segundos mais tarde, senti seu toque morno em meu ombro.

— É Pietro, senhorita. — Respondeu com um sorrisinho nos lábios, soltei um riso baixo não achando que o nome combinava ao sobrenome. Ele continuou sem se abalar com a minha risada. — Fui criado na Itália com minha mãe.

Deduzi que o sotaque era devido a sua criação. Estendi a mão e apertei a dele.

— Muito prazer, *senhore* Pietro. — Tentei ridiculamente imitar o sotaque dele.

E, então, foi a vez dele rir me fazendo corar. Agradei mentalmente quando a comida foi servida, cortando momentaneamente a obrigatoriedade de conversarmos. A entrada constituía de folhas verdes e tomates com molho *rosé*. Em seguida, uma sopinha de legumes e, logo depois, peixe. Eu ia virar uma bola com tanta comida. Pietro e eu ficamos calados durante quase todo o jantar, ouvindo as conversas chatas sobre economia.

— O que lia ontem à noite? — Perguntou de repente, sem me olhar.

— N-não lembro. — Gaguejei, reprimindo um riso tímido. Tendia a rir em momentos de ansiedade e nervosismo. Pietro sorriu de forma majestosa e ergueu o olhar para o meu, o que me deu um frio gelado na barriga me fazendo tremer.

— Com frio? — Continuou sorrindo e me olhando.

— Ahmm... Não... — Ele riu novamente. Um riso baixo e espantosamente envolvente. Eu tinha de parar de achar esse cara atraente. O que ele fazia vigiando os fundos da casa àquela hora da noite? Provavelmente, voltando de uma noitada, isso sim.

— O que você fazia lá fora àquela hora? — Perguntei depois de uns dez minutos. Estávamos saboreando um bolo de brigadeiro com recheio de mousse de chocolate.

— Nada demais, apenas caminhando. E a senhorita? — Ele levantou uma sobrancelha com ar risonho.

— Ahmm, eu... — respirei tentando me recordar de como fazer isso. — Hum...

— Não precisa dizer se não se sentir à vontade para isso. — Completou, sorvendo o último gole de seu vinho.

Eu claro, bebia refrigerante de cola, meus avós me achavam nova demais para bebida alcoólica. O que me deixou mais constrangida por achar ele atraente.

— Estava lendo, como você mesmo observou. — Respondi ríspida voltando toda a minha atenção ao bolo.

— Mas, por que ali e àquela hora da noite? — Todos levantavam para ir até a sala de estar, conversando animadamente. Seguimos, lado a lado, deixei o que restava do meu bolo sobre a mesa.

— Bom, eu não conseguia dormir — respirei fundo —, então, resolvi ler. — Omiti que essa visitinha era diária.

— Você foi corajosa Suzie. — Comentou sorrindo, pronunciando pesadamente meu apelido. — Eu poderia ser um ladrão.

Encarei-o surpreendida por não perguntar o porquê não lia em meu quarto ao invés de invadir a residência dele. Resolvi ignorar esta questão, mantendo o mesmo assunto.

— Eu pensei nisso... E em ser um assassino em série também.

Ele gargalhou chamando a atenção de todos, pois, até o momento, os gestos e palavras eram muito formais e discretos.

— Do que ri, Pietro? Compartilhe conosco! — Pediu a Sra. Mercedes.

Lancei um olhar significativo para ele e implorei em pensamentos que ele calasse a boca.

— Ela gosta da nossa árvore, titia. — Corei ao ouvi-lo e quase dei um chute nele. Meu avô me encarou surpreso.

— Ah... É... Que... — Comecei, mas Pietro logo me interrompeu.

— A Suzanna gosta do nosso jardim e prometi mostrar a ela, se não se importarem.

Nem me mexi, só fiquei olhando no rosto quase perfeito dele e no sorriso maroto que ele lançou para mim sem que os tios ou meus avós notassem. Parecíamos agora compartilhar de um segredo apenas nosso.

— Claro que pode querido, a casa é sua também. — A Sra. Santos sorriu me lançando um olhar encorajador. Parecia uma criança, feliz pela possível visita.

— Obrigada. — Balbuciei e ele piscou, indo na direção da sacada da sala.

Fiquei parada no meio do caminho sem saber se o seguia ou não. Estava prestes a sentar quando meu avô me deu um empurrão discreto e com o queixo me mostrou a direção da sacada.

— Tá. — Gemi constrangida, andando meio cambaleante no salto quase baixo, mas que agora parecia um salto agulha, porque minhas pernas tremiam tanto que, mesmo de tênis, acho que levaria um tombo. Finalmente depois de alguns passos, segurava no murinho da sacada, olhando a fonte no centro do jardim.

— É lindo. — Ele estendeu a mão para que eu fosse mais perto. Concordei,

ignorando a mão dele e parei ao seu lado, nossos ombros se roçando bem de leve. – Seu jardim é muito bonito, Suzie. Por que pula o muro e vai para o nosso lado? – Ele se virou lentamente, olhando para o meu rosto, parecia se divertir me vendo corar.

— Porque é mais sossegado. – Suspirei constrangida.

— Eu acho aqui mais sossegado. – Ele voltou a olhar o jardim.

— Quer trocar de casa? – Brinquei.

— De vida talvez. – Ele falou ríspidamente e, em seguida, retornou para a sala.

— Venha filho, vamos nos recolher. – A tia o acolheu, segurando seu braço e acenou exageradamente ao se despedir de mim.

Fiquei surpresa ao vê-lo sair sem nem olhar para trás e daquela forma ríspida. Meu estômago revirou e subi correndo para o meu quarto sem entender a mudança súbita de seu humor.

— Grosso. – Bati a porta indo até à janela espiar.

Quase todos estavam descendo o caminho para a portaria de casa, meu quarto ficava no segundo andar e a janela era pouco iluminada, deixei a luz apagada para que não me vissem espiando, mas procurando por ele entre as cabeças morenas. Encontrei-o me encarando.

Corri da janela com o coração na boca e, ao me sentar na cama um pouco ofegante, lembrei-me do tom acinzentado dos olhos dele. Familiar e constrangedor.

Ao me sentar, no entanto, senti algo estranho e que não deveria estar em minha cama. Iluminei com o celular e me deparei com uma flor.

Uma rosa vermelha do jardim da família Santos.

Capítulo 2



Observei a flor enquanto o celular perdia a luminosidade sobre ela. Era linda e grande, uma daquelas rosas colombianas muito caras. Levantei-me e acendi a luz para olhar melhor. Não havia bilhete, apenas o presente delicadamente repousado sobre o meu travesseiro. As pétalas estavam unidas, pois a flor não havia amadurecido ainda, seu caule sem qualquer espinho aparente. Era a primeira vez que ganhava uma flor e nem sabia de quem! Intimamente, desejava que fosse de Pietro, apesar de ser impossível ele ter entrado em meu quarto sem que alguém o visse.

Apressei-me novamente para a janela e espiei, mas não havia mais ninguém lá fora, só Jorge, nosso jardineiro que estava desligando a fonte. Voltei para a cama, deitando-me de bruços com a rosa colombiana entre os dedos. Observei-a durante um bom tempo, até decidir cuidar dela para que não murchasse. Desci até a cozinha e a deposei dentro de um vaso com água e uma pitadinha de sal. No quarto, deixei-a ao lado do meu despertador, assim a veria sempre que quisesse.

Deitei-me e fitei o céu, pois, propositalmente, deixei a janela aberta. O aroma suave das rosas e jasmims adentrou o meu quarto, misturando-se ao da rosa colombiana. O rosto do vizinho não saiu de meus pensamentos até o sono dominar meu corpo e me levar para o mundo dos sonhos.

Horas depois, abri os olhos fitando automaticamente as horas no relógio do celular. Passava um pouco das três da manhã. Estava tão acostumada a não conseguir dormir a noite inteira, que, sem me abalar, acendi o abajur, peguei um livro de poemas e o folheei, tencionando ler. O perfume da rosa e do vento úmido do lado de fora não deixaram que eu me concentrasse na leitura. Levantei-me e vesti o mesmo jeans da noite anterior, camiseta e moletom por cima. Desta vez, tomei cuidado para que fosse um com capuz, caso chovesse novamente. São Paulo não era uma cidade confiável em relação ao tempo.

Desci as escadas com pressa na intenção de caminhar em meu jardim. Quando dei por mim estava no quintal vizinho, de frente ao carvalho. Suspirei, olhando o tronco escuro e largo. Não me importava tanto com a falta de sono, mas estar ali me lembrava do jantar e como o Pietro saiu da minha casa sem ao menos se despedir de mim.

Não queria me apaixonar. Nem me interessar por alguém. Era inadmissível ficar chateada pela despedida e, ao mesmo tempo, me entusiasmar por ter uma rosa colombiana, *vinda do além*, em um vaso no meu quarto. Ergui os olhos mais uma

vez para a copa da árvore e lhe dei as costas, pisando duro ao seguir na direção do meu quintal.

— Achei que você não viria hoje. — Ouvi a voz levemente rouca, carregada daquele sotaque italiano que me revirava o estômago, soar séria bem atrás de mim. Inevitavelmente, meu coração disparou. Respirei fundo, lembrando-me que estava chateada por ele não ter se despedido.

— Já estou indo, não se preocupe — respondi sem olhar na direção dele.

— Não estou pedindo que vá.

A voz misturou-se ao retumbar frenético do meu coração.

— Mas ontem, pediu.

— E, hoje, não — retrucou de volta.

— Ontem sim e eu vou! Nem deveria estar aqui para começo de conversa. — Soei ríspida, mantendo o percurso até o muro.

— É, não deveria. — Notei seu tom irônico e novamente me peguei suspirando. Continuei minha rota, parando de frente para o muro, envergonhada de pulá-lo na frente dele. — Quer ajuda? — Disse depois de alguns segundos.

— Não preciso. — Resmunguei.

— Parece que precisa. — Havia certo humor em seu tom.

O olhei enviesado, apoiei as mãos no muro e dei um impulso para cima.

— Não preciso! — Enfatizei.

Suas mãos se firmaram na minha cintura e, antes que eu protestasse, fui colocada sentada sobre o muro.

— Pronto, mocinha. — Riu.

— Idiota. — Pulei para o outro lado e continuei andando. Não queria parecer um moleque, mas também não pretendia parecer desajeitada.

— Eu a ajudo e você me xinga? Excelente agradecimento. — Disse ele atrás de mim. A voz pareceu alta demais para a madrugada silenciosa. Virei-me para ele com os olhos arregalados e colocando o indicador no meu lábio, fazendo sinal de silêncio.

— Fala baixo, seu maluco, quer acordar a vizinhança toda?

— Você quem fugiu de casa, não eu. Não tenho problemas em acordar ninguém. — Zombou.

— Não... — olhei para ele. — Eu não fugi! — Dei-lhe às costas, retomando meu caminho para a casa.

— Então, qual o medo de ser pega?

— Não tenho medo. — Menti. Vovó odiaria saber que eu pulava muros, mesmo sendo só um murinho de nada.

— Venha — ele estendeu a mão, sorrindo amigável —, deixe eu lhe mostrar uma coisa. — Tentei ignorar, mas a mão grande e acolhedora era tão convidativa

quanto uma xícara de chocolate quente.

Aceitei sua mão e o acompanhei para fora da residência. A rua estava deserta, a lua cheia iluminava o céu e também nosso caminho. Parecia que as estrelas brilhavam apenas para nós. Ouvi o piar de um pássaro e sorri.

— Aonde nós vamos? – Desviei o olhar do céu para ele.

Pietro riu. Apertou minha mão e continuou andando, ignorando meu questionamento. Não conseguia definir a temperatura da mão dele, que oscilava junto com a da noite. Ora quente, ora fria. A sensação fazendo meu corpo se arrepiar algumas vezes.

Por mais que eu soubesse que deveria me afastar e voltar para casa, pois, apesar de ser meu vizinho, ele era um estranho. Não sentia medo, mas um frio na barriga por ele desejar me mostrar algo e por me guiar pela mão. A intimidade era uma novidade para mim, não costumava dar liberdade aos garotos.

Passamos por mais algumas casas, guaritas com seguranças que acenaram para ele, confidentes ao nosso passeio. Não paramos de andar por um bom tempo, o silêncio da noite era o único som entre nós.

— Não vai dizer aonde vamos? — Quebrei o silêncio.

Ele me respondeu com um sorriso e, em seguida, apontou para frente.

— Ali.

Demorei para reconhecer o local. Estávamos diante do jardim do Museu do Ipiranga, um dos marcos mais visitados do bairro. A alguns passos havia um jardim enorme, com árvores muito bem cuidadas. Uma trilha de pedras brancas que o dividia em duas partes, de ambos os lados. Ao centro, jardins menores com flores dispostas em quadrados milimetricamente desenhados no piso, separados somente pela trilha de pedras. Árvores, da minha altura, margeavam cada um desses pequenos jardins, criando um caminho dentro da paisagem. Seguimos pela trilha à direita, observando os minúsculos quadrados ao centro e uma fonte que estava desligada. Ele parou e me deixou analisar a estrutura. O muro era baixo, na altura do meu joelho, feito em barro e cimento, em meia lua. Começava e terminava na parede logo à frente. Ao lado desse muro, havia uma escada com aproximadamente quinze degraus. Ao subirmos, nos deparamos com o monumento do Ipiranga, reluzente e esplêndido, iluminado por holofotes estrategicamente direcionados para o topo e deixando-o ainda mais imponente.

Como ele sabia que eu tinha loucura por conhecer esse lugar? E como, por Deus, conseguimos entrar ali, à noite, sem sermos barrados pelos guardas? Não conseguia me lembrar de termos passado pelos portões do jardim. Abri a boca para questioná-lo, mas ele riu, balançando a cabeça em negativa.

— Sem perguntas — falou, puxando-me pela cintura.

O piso era de asfalto. Ao redor, havia um muro baixo e, dez metros à frente, o

museu adormecido. Era a primeira vez que me deparava com o monumento à noite e de tão perto, pois quando o vi outras vezes, foi do lado de fora e de carro com meus avós ou o nosso motorista. Imaginei como seria lá dentro, séculos atrás. Belas mulheres com vestidos bufantes, em festas, entre a realeza de Portugal.

Pietro me levou até o prédio, empurrou a porta de madeira e nos fez entrar. O salão principal estava escuro, havia iluminação somente na sala do guarda-noturno que foi nos receber amigável. Ele abraçou Pietro e depois a mim.

— Olá, bem-vindos! Espero que apreciem o passeio.

— Obrigada — respondi timidamente.

— Ei, valeu, cara, por liberar o lugar, fico devendo essa. — Pietro agradeceu e me fez subir mais um lance de escadas, rindo baixo pela gíria misturada ao seu sotaque italiano.

A escada tinha uma inclinação para a esquerda e um carpete num vermelho vivo maravilhoso, corrimão em madeira maciça. Nas paredes, quadros de D. Pedro e da família real. Pietro me levou até a sacada para olharmos a vista que, para falar a verdade, era linda. O jardim da frente dava um ar majestoso ao lugar. O prédio estava iluminado por fora com vários faróis e, logo, nos escondemos no corredor novamente.

Ele não era de falar muito, fazia gestos para que eu andasse ou segurava minha cintura quando me queria parada. Era estranho e ele era, também, um estranho para mim, mas me sentia envolvida e em paz perto dele, como se nada pudesse me fazer mal. Primeiro, passamos por um salão enorme. Na parede, estava um quadro intitulado “Independência ou Morte”, pintado a óleo por Pedro Américo em 1888. A tela representava a cena da proclamação da independência do Brasil. Um grupo de cavaleiros em semicírculo à direita; à esquerda, um carro de boi guiado por um camponês curioso.

Percorremos muitas salas, iluminando os objetos com lanternas que o guarda emprestou a Pietro. Relógios e roupas da época estavam espalhados e protegidos por um vidro. Um ambiente lembrando o quarto de uma garota, com cama e roupas íntimas antigas, daquelas que cobriam o corpo inteiro e cheias de babados. Eu soltei um riso quando vi e Pietro me encarou sorridente.

— Não usaria, senhorita? Era a última moda. — Brincou.

— Ah sim, usaria sim, para limpar o chão!

Ele sorriu e iluminou uma máquina de taquigrafia com várias peças faltando, um bule amassado, frigideiras e mais roupas, todas dentro de outra caixa de vidro.

Ele abraçou minha cintura e me puxou para junto dele, meu corpo inteiro gelou com o toque e meu coração disparou tão forte que acho que, até ele, ouvia as batidas. Prendi o ar me forçando a respirar normalmente, mas, como não conseguia, me afastei fingindo desinteresse, andando para fora daquela sala. Pietro me

acompanhou sem protestos.

Na sala seguinte, mais *modelitos* antigos, pratos quebrados, cadeiras, mesas e mais móveis em madeira. Eu nunca fui uma apaixonada por museus, meu interesse era na arquitetura e nas roupas da época, não aquela roupa debaixo horrorosa, mas os vestidos de gala e as máscaras dos bailes à fantasia. Isto, sim, me atraía.

Passamos por todas as salas daquele andar e descemos pela mesma escada. Quase no último degrau, ele desceu no debaixo parando à minha frente. Fiquei da mesma altura e com meu rosto bem próximo ao dele.

— São quase 5:30h da manhã... Quer continuar? — Questionou, encarando meus olhos e descendo os dedos pelo meu braço esquerdo para segurar minha mão.

— Sério?! — Respirei fundo, não parecia que a hora tinha passado tão rápido. — Vamos olhar rapidinho, tenho de chegar antes de clarear. — Não queria que o passeio acabasse.

Ele assentiu e seguimos para uma sala de máquinas antigas, outra contendo uma réplica em miniatura do Museu, a coisa mais linda que eu já vi! O Museu deveria ter uma ala a mais e seria ainda mais esplêndido! Fiquei imaginando como seria morar num palácio, na época dos reis e rainhas. A decoração do saguão lembrava as décadas de 1920 e 1930. Pouco tempo depois, nos despedimos do segurança e fomos embora.

Na volta, mais silêncio. Andávamos um ao lado do outro, mudos; nossos olhares se cruzavam quase todo o tempo e eu conseguia sentir seu braço como se estivesse em minha cintura, mesmo ele com as mãos nos bolsos e um pouco afastado de mim.

Concentração, Suzanna. Falei para mim mesma.

Andamos mais algumas quadras, admirando o céu e as pessoas apressadas para chegarem a seus trabalhos.

— Gostou? — Ele me olhou com um sorriso largo e satisfeito nos lábios.

— Muito.

Abri o portão de casa e entramos, passando direto pela lateral para os fundos. Ao entrarmos no jardim, avistei alguns empregados se preparando para o início do dia. Maria sorriu e veio na minha direção.

— Você pode ter problemas por eu estar aqui com você, Suzanna? — Pietro murmurou.

— Não, relaxe. — Respondi. Abri um sorriso para receber Maria que me deu três beijos nas bochechas.

— Filha, eu lavei a mantinha de sua mãezinha, está comigo. Quando quiser, deixo no seu quarto. — Abracei-a e agradeci com um beijo em seu rosto redondo e velho.

Maria deveria estar perto dos seus 65 anos, olhos castanho-claros, de um tom

vívido e alegre. As bochechas sempre rosadas e o cabelo branco preso por um lenço. Ela saiu nos deixando sozinhos sem nem olhar Pietro. Sempre fora demasiadamente discreta.

— Viu? Sem problemas. — Disse. Chegamos até o local onde eu sempre pulo o muro e Pietro ficou me olhando.

— Não conheci seus pais. — Ele falou calmo e curioso.

— Nem irá. — Sorri disfarçando a emoção que sempre surgia quando eu falava neles. Ele franziu a testa descontente e fez menção de pular o muro, então continuei rapidamente. — Meus pais faleceram há alguns anos, Pietro.

Ele se virou para mim, me abraçou, beijou minha testa e me encarou.

— Sinto muito, Suzaninha. — Sussurrou depositando outro beijo em minha testa.

— Suzaninha? — Gargalhei. Mal nos conhecíamos e eu já tinha um apelido.

— Não, me... Me... — Ele começou a gaguejar.

— Adorei P. — Brinquei pronunciando o P em inglês.

— P? — Ele sorriu. — Interessante...

De repente, me dei conta mais uma vez que eu estava com um estranho, encarei-o por alguns instantes me perguntando o porquê de ter aceitado sair com ele. Ele sustentou meu olhar interrogativo e franziu o cenho curioso.

— O que há de errado?

— Não nos conhecemos...

— Estamos nos conhecendo.

— O que você quer de mim?

— Sua companhia.

— Para...?

— Para meu prazer.

Arregalei os olhos. A cada pergunta e a cada resposta ele avançava para mais perto de mim, nossos rostos estavam quase colados.

— Que tipo de prazer? — Minha voz não passou de um sussurro.

— O de estar em sua companhia — ele riu de forma brincalhona. — Tchau, Suzie. Precisamos dormir. — E pulou o muro, apoiado somente por uma das mãos.

Fugiu, o *cachorro*, sem terminar a conversa e, além de lindo, ainda era forte e ágil. Não consegui reprimir um suspiro.

Virei-me na direção da casa principal. A manhã ainda não clareara e os empregados estavam em plena atividade. Passei por Maria e pelo Sr. Jorge que conversavam baixo, como se segredassem algo um ao outro.

— Disseram-me que ele tem poderes...

— Poderes? — Jorge sussurrou mais alto do que pretendia e me olhou de soslaio. Fingi não ouvir e continuei a passos minguês. Maria esperou e, então,

respondeu ainda mais baixo, mas, mesmo assim, consegui ouvir.

— Isso... Poderes ou alguma outra coisa, mas ele não é normal. — Ela parou de falar e olhou em volta apreensiva. — Viu o jeito que ele conduziu Suzie? Mal olhava para o chão, parecia flutuar...

Tentei não rir, não havia notado nada daquilo e começava a acreditar que Maria era mais criativa que eu para histórias.

Resolvi ignorar as fofocas e entrei na casa, só não esperava encontrar minha avó por lá. Ela se surpreendeu ao me ver, e me recebeu com um beijo na testa.

— Acordada Suh? Que milagre é esse?

Sorri, não queria aborrecê-la dizendo que, na verdade, passei a noite fora.

— Fome vovó... É este o milagre.

Ela me acompanhou até a cozinha. Apesar de ricos, eles não eram mesquinhos do tipo que precisam ser servidos a todo o tempo. O café da manhã era servido na cozinha, junto com os empregados e cada um preparava o seu pão, seu leite ou o que tivesse vontade de comer e sentávamos juntos à mesa, nós e os empregados da casa.

Peguei uma tigela, cortei uma banana em rodelas joguei aveia e mel sobre elas e me delicieei. Vovó partiu um pãozinho fresco e encheu de requeijão, sentamos as duas à mesa e logo chegou o vovô sorrindo, beijou minha cabeça e depois a de vovó.

— Que milagre é esse? — Brincou pegando uma xícara de café com leite.

— Fome. — Respondi, lançando um olhar significativo para ele.

— Quer jogar xadrez depois, bebê?

Eu adorava quando vovô me chamava assim, era como meu pai me chamava antes... Antes... Muitos anos atrás. Abri um sorriso enorme e concordei. Depois do café, fui para o meu quarto sob o olhar apreensivo de vovô. Troquei as roupas por uma bermuda e uma regatinha branca e contei de trás para frente do dez ao zero. No dois, ele bateu na porta.

— Entre, vovô. — Sentei na cama, cruzando as pernas em forma de borboleta.

Ele abriu a porta com um sorriso no rosto, trazendo à mão o tabuleiro de xadrez e, na outra, seu maço de cigarros. Eu não aprovava, mas ele só fumava quando estava preocupado. Vovô puxou a minha escrivaninha rosa, as duas cadeiras estofadas em rosa colocando-as uma de cada lado da mesa, montou o tabuleiro e sentou.

— Não vai jogar?

Sorri toda amigável me ajeitando na cadeira vazia. Mal me recordava das regras, mas gostava de jogar com ele.

— Quem começa? — Perguntei.

— Você, bebê. — Sorri, olhei o tabuleiro e movi meu primeiro peão, apenas uma casa, lembrando-me de quando vovô me dizia que só deveríamos mover duas

casas na primeira vez que se move o peão, mas que a estratégia estava em mover uma só e manter o rei protegido. *Ser paciente era o verdadeiro truque para se sair vitorioso.* — Como na vida não é filha? Devemos ser pacientes.

Ele riu, completando minha lembrança como se lesse o rumo de meus pensamentos.

— Sim, vovô... Como na vida.

— Onde esteve nesta madrugada? — Direto e prático.

— Saí.

— Você foi à casa da família Santos?

— Mais ou menos...

— E...

— O Pietro me encontrou...

— E...

— Demos uma volta...

— E? — Vovô prolongou o “e”, erguendo uma de suas sobrancelhas grossas e brancas.

— Eeeee nada. Só passeamos, ele também não conseguia dormir.

— Onde foram?

— No Museu do Ipiranga.

— Não ficaram namorando no meio daquele jardim, não é? — Questionou. O museu tinha fama de acolher casais que se escondiam entre as muitas árvores para dar uns *amassos*.

— Claro que não! — Respondi prontamente. — Vovô, nem dei meu primeiro beijo ainda!

Ele riu e moveu um de seus peões.

— O que fizeram por lá?

— Em resumo, conhecemos as galerias, olhamos o jardim e voltamos, pois já estava tarde... — Pausei. — Cedo, na verdade.

Nós dois rimos.

— O Museu não abre à noite.

— Bem observado. Acho que eles são tão ricos, tão ricos que são donos do Museu! — Vovô riu da minha voz confiante e da minha cara de espanto. — Ele tinha a chave do cadeado!

— Não? Tinha mesmo? — Brincou com a voz afeminada.

— Não... Mas, o guarda nos deixou entrar numa boa. — Movi outro peão.

— Preste atenção, pequena. — Vovô *comeu* meu peão.

— Ah vô, poxa! — Fingi e movi meu cavalo derrubando o peão que tinha acabado de *comer* a minha peça. — Ahrá!

— Eu sabia que esse seria seu próximo movimento — brincou — mas, queria

deixar você fingir que estava dominando o jogo.

Comecei a rir, ele sempre falava isso quando começava a perder.

— Anram... Tô sabendo, vô.

— E vocês conheceram o que do Museu? — Ele tinha o dom de sair e voltar ao assunto que quisesse com uma facilidade de mestre.

Respondi ainda sorrindo, tentando decidir o próximo passo no xadrez.

— As galerias, roupas antigas, móveis, painéis... Essas coisas velhas.

— Hum... Você gostou?

— Legal... Gostei e o jardim é lindo! — Vovô moveu um peão e esperou. Eu ergui os olhos para ele e sussurrei a pergunta como se estivesse tímida em fazê-la.

— Você já conhecia o Pietro?

— Sim, o conheci alguns anos atrás quando eu e sua vó visitamos Veneza... Lembra-se desta viagem? — Ele me olhou um tanto sonhador. Assenti uma vez e esperei. — Ficamos hospedados em um de seus hotéis.

— E ele sempre foi tão calado?

— Nos falamos uma ou duas vezes, ele sempre teve esse jeito mais adulto apesar dos seus vinte e poucos anos.

Fiquei pensativa por alguns minutos, mas não disse nada. Jogamos e vovô venceu como sempre. Repetimos duas vezes a partida, mas ele ganhou em todas.

— Ai, vô, vou dormir um pouquinho. — Bocejei pela décima vez, por volta das dez da manhã.

— Suzie... — ele pareceu pensar um pouco antes de concluir. — Tome cuidado querida, não o conhecemos muito bem.

— Tudo bem, o senhor está certo. Vou tomar mais cuidado.

— Não sei filha, mas tenho um pressentimento estranho em relação a ele.

Vovô beijou minha testa, me fez deitar e saiu com o jogo de xadrez embaixo do braço.

Observei a rosa. Ela estava imponente e viva. Dei-me conta que passei a noite com Pietro e não perguntei o porquê do presente. Adormeci assim, com a visão da rosa colombiana turvando meus olhos.

A música era alta, melodiosa e triste. Casais rodopiavam pelo salão em uma valsa contida. Vestidos, xales, pulseiras, anéis, leques e trajes masculinos desfilavam solenes pelo ambiente.

Uma senhora abriu seu leque e escondeu o rosto, lançando um olhar desejoso para o meu acompanhante.

Era noite. Uma festa.

As paredes eram como borrões de tinta, maleáveis, líquidas, nada concreto ou palpável. As vozes sussurravam faceiras, maliciosas, pareciam tocar minha pele,

adentrar meu corpo e perturbar minha alma.

Virei-me na tentativa de escapar dali, deparando-me com um par de olhos cinzas, vivos e enormes; o sorriso estava contraído, as mãos levantando-se na direção do meu rosto. Uma névoa densa nos cercava.

A mulher do leque gritou. Quando olhei, não havia mais festa, vozes, música ou um salão. Somente um borrão de tinta vermelho. Novamente, ouvi um grito agudo e assustador.

Algo gelado tocou a pele da minha nuca e eu arfei. Tentei correr, mas as minhas pernas não obedeceram.

Gritei várias vezes sentindo o peito contraído pelo medo, mas a voz não saía da minha garganta. Levei a mão ao pescoço e ela atravessou meu corpo como se eu não existisse. Lágrimas rubras mancharam meu vestido branco.

Olhei para os lados, mas não havia mais nada, somente a mancha vermelha e o medo dilacerante. A mão gelada tocou meu rosto, mas nada vi. Tentei falar e fui calada.

— Meu Deus, me tire daqui! — Gemi em pensamento, tentando em vão buscar algum auxílio.

Capítulo 3



— Suzie... Suzie? — Mãos quentes amparavam minha nuca e algo úmido roçou a pele da minha testa. Abri os olhos, relutante, a mancha vermelha ainda me deixando tonta.

— Bebê... Foi só um pesadelo. — Vovô estava ao meu lado, segurando minha nuca e vovó à minha frente, passando o pano em minha testa.

Levei alguns segundos para entender que tinha sido apenas um sonho. Bebi da água que me foi servida num gole só.

— Suzanna? — Vovó estava apreensiva. — Está tudo bem, estamos aqui.

Meu corpo estava encharcado de suor e minhas mãos trêmulas. Nem tinha sido um pesadelo forte, filmes de terror eram bem piores que isso, mas o manto vermelho e aqueles olhos não se dissipavam da minha memória.

— Foi só um pesadelo... — Sussurrei.

— O que sonhou? — Vovô sentou ao meu lado e me amparou em seus braços.

— Parecia um baile, aquelas roupas antigas e lindas, mas ficou tudo escuro e vermelho e senti alguém me tocando, me perseguindo... Foi estranho. Não tinha saída e eu estava virando um fantasma. — Respirei fundo para recuperar o ar.

— Você foi dormir de barriga cheia. — Ele sempre dava essa desculpa para meus pesadelos. — Fazia tempo que você não tinha pesadelo... Deve ser isso mesmo. — Disse brincando com uma mecha do meu cabelo.

— É... Acho que sim. — Concordei.

— Bem, vamos... Levante, tome uma ducha e venha jantar conosco. — Vovó, como sempre, prática.

Fiz como me pediu, porém demorei um pouco mais no banho, lembrando-me do passeio com Pietro e, às vezes, do sonho. Aquele homem misterioso não saía da minha cabeça e, de alguma forma, eu sentia que o sonho estava ligado a ele.

Jantei em silêncio, vovó estava inquieta pedindo para trazerem os pratos da noite, cordeiro, salada e vinho. Toquei apenas no pudim de leite que foi servido como sobremesa, estava sem fome.

— Suzanna, coma alguma coisa. — Vovô sussurrou, segurando uma de minhas mãos. — Você pode ficar doente.

Assenti, mesmo sabendo que eu nunca ficava doente, a não ser pelas tonturas e continuei comendo o pudim.

— Posso sair? — Perguntei, erguendo os olhos para os de minha avó. Era ela quem ditava as regras em casa.

— Para onde?

— Não se... No vizinho. Falar com Pietro. — Falei decidindo, por fim, encontrá-lo.

— Pode, mas volte antes da meia-noite.

Olhei no relógio de meu celular e beiravam às oito horas da noite.

— Ok. — Pedi licença e saí da mesa.

Fui com a roupa que vesti para o jantar, jeans novo e escuro, regatinha bege, um colar longo com o pingente redondo de madeira, botas pretas e cabelo solto. Minutos depois, eu estava na porta dos Santos. Um mordomo franzino e baixinho atendeu a porta.

— Pois não, senhora? — Perguntou educadamente.

— Queria falar com Pietro.

— Quem deseja?

— Suzie... Ahmm... Suzanna. — Falei com um sorriso inocente nos lábios, mas, por dentro, meu corpo inteiro tremia de ansiedade. Ele fez um sinal para que eu aguardasse e sumiu. Minutos depois, retornou.

— O senhor Pietro não pode recebê-la. — Falou secamente; abri minha boca perplexa. — Pediu que o encontre no lugar de sempre, daqui a meia hora.

Então, eu sorri. Ele não estava me dispensando, só alterando o local de encontro, afinal, devo tê-lo pego de surpresa.

— Obrigada, estarei lá.

O mordomo fechou a porta antes mesmo de eu terminar a frase, mas não me importei, eu queria vê-lo mesmo sem saber exatamente para que. Caminhei vagamente até os fundos do jardim, no mesmo local onde, nesta manhã, conversamos sobre nossos apelidos *carinhosos*, onde ele pulou o muro para voltar à sua casa. Como faltava cerca de vinte minutos, sentei na grama com as costas encostadas contra o muro forrado de trepadeiras no meu lado do jardim.

Não podia me esquecer de perguntar como ele colocou aquela rosa na minha cama. A lembrança da rosa me fez recordar também do manto vermelho do meu sonho. Talvez, o pesadelo fosse apenas pela lembrança da rosa, uma mistura que minha própria mente criou. Suspirei aliviada por achar uma resposta.

Não demorou muito, escutei passos sorrateiros do outro lado do muro, levantei e me deparei com o olhar surpreso e levemente assustado de Pietro.

— Aconteceu algo? — Pietro colocou os cotovelos sobre o muro, apoiando o queixo nas mãos e me encarou.

— Não.

— Então?

— Ah... Er... — Mordi meu lábio, *não era óbvio?* — Nada... Queria te ver. — Falei timidamente.

Ele sorriu, os olhos acinzentados brilharam e pareciam ter um fogo diferente dentro deles. Meu estômago revirou e retribui seu sorriso.

— Eu também senti, mas não é cedo, Suzie?

— Cedo? São quase nove!

— Mas, nós não vamos dormir primeiro? — Questionou, deixando um sorriso brincalhão no canto dos lábios.

— Hmm... Não quero dormir. — Falei baixo, o pesadelo invadindo minha mente de novo.

Pietro me examinou por um tempo, senti minhas bochechas corando e desviei o olhar percorrendo o braço, até o pulso dele. Levei a minha mão até lá, mas ele encolheu o braço rapidamente.

— Desculpe, ahm... Quer pular para cá, então? Ou prefere sair? — Perguntou nitidamente perturbado.

Eu queria mesmo era ficar quietinha em algum lugar, abraçada a ele... Mas, eu não podia responder isso.

— Podemos caminhar?

— Vou lhe contar uma história, então. — Ele disse, pulando o muro.

Segurei minhas mãos entre as suas e começamos a sair da casa sob os olhos atentos de Maria.

— Uma história? — Perguntei curiosa.

— De uma garota. — Ele soltou minha mão direita, mas continuou segurando a esquerda entre as duas mãos, o toque era morno e áspero, fazia cócegas.

— Qual garota? — Minha curiosidade aumentou.

— Veronique. — Disse com seu italiano acentuado.

— Quem é ela? — Fui pega por um ciúme infantil.

Ele não respondeu, olhou em volta, avistando o muro alto que se estendia ao fundo da minha casa. Fomos até um aglomerado de árvores. Pietro tirou a camisa cinza chumbo que vestia e esticou-a no chão, ficando somente de regata branca. Os músculos do braço saltaram aos meus olhos, mordi meu lábio com força para espantar o frio na barriga.

— Sente-se. — Disse, enquanto também se sentava. Ajeitei-me de frente para ele esperando a história, mas ele não parecia satisfeito.

— Venha. — Ordenou, me puxando para ficar de costas para ele e deitada em seu peito. Minha respiração travou. Eu não sabia se respirava, se encostava a cabeça no peito dele, se saía de lá ou sentava de frente de novo.

— Céu bonito. — Balbuciei para distraí-lo das minhas reações.

Tinha certeza de que ele ouvia a escola de samba que parecia meu coração. As

nuvens eram ralas no céu negrito e as milhares de estrelas cintilavam, dando à noite um ar ainda mais romântico e poderoso. Tentei me concentrar nisso, procurando localizar minha constelação preferida, o Cruzeiro do Sul, já que era a única que eu realmente conhecia. O toque em meu rosto foi leve, mas senti que formigava onde seus dedos tocavam. Corei instantaneamente, a respiração ficando vacilante de novo.

— Suzie... — Sussurrou ele, mas permaneci fitando o céu. — Você conhece a história de Veronique e Nicolae? — Senti seus dedos delinearem mais uma vez as maçãs de meu rosto.

Tentei respirar, ele voltava a tal garota.

— Não. — Minha voz saiu baixa, um pouco rouca pela tremedeira que dominou meu corpo. Eu tinha certeza de que ele percebeu, pois o braço que estava perfeitamente posto ao meu lado abraçou-me apertado.

— Veronique... — Começou ele. Deixei-me vencer me aconchegando em seus braços como pude e fechei meus olhos:

— *Veronique* — continuou — *gostava muito de passear pelo jardim da casa de veraneio de seus pais, era uma garota mimada e rabugenta. Achava que, por ser filha de nobres, tinha o direito de ser e existir, e as demais pessoas lhe deviam honra, respeito e bajulação.* — Senti que ele sorriu e encostou a cabeça no tronco da árvore. — *Ela era linda, rica e a preferida da rainha para suceder ao trono. Nesta época, naquele mundo, as mulheres reinavam e não homens como é nosso costume... As mulheres decidiam sobre o reino, sobre o futuro... Sobre vida e morte.*

Minhas pálpebras se fundiram e me vi presa a imagens em minha cabeça. Ele continuou.

Veronique usava um vestido de época branco, com a saia rodada, inúmeras e infindáveis pregas, com fitas rosas e azuis espalhadas a volta de sua cintura, um decote alto, mas sensual, mostrando o pouco volume de seus seios em formação e um pequeno colar prateado com a insígnia de sua família. Uma águia cruzada por duas espadas. As mangas do vestido eram fofas e desciam pelo seu braço até fechar-se no punho.

Explicava-me sobre a roupa mostrando em meu corpo ao mesmo tempo, sua mão desceu lentamente pelo meu braço até fechar-se em meu punho. Sorriu e novamente encostou-se ao tronco da árvore.

Seus cabelos estavam cacheados, soltos sobre os ombros, num dourado perfeito como a luz do sol. — Vi a menina em minha mente, apesar de me distrair com seu toque em minha pele. — *A garota caminhava pelo jardim como fazia todas as manhãs, olhando as flores, os pássaros e, o que mais gostava, a pequena fonte ao centro que jorrava dia e noite sem parar.*

Ele respirou fundo e me olhou.

— O que foi? — Perguntei fitando-o.

— Está gostando da história, senhorita Suzie? — Respondi com um sorriso e vi que ele ficou satisfeito.

Mas, naquela manhã em especial... — continuou — um dos garotos da família Turchetto resolveu treinar seu cavalo sem ter conhecimento dos costumes da casa, pois passava a maior parte de seu tempo no Castelo junto aos guerreiros reais.

Nicolae montou em seu cavalo e começou a passear pelo jardim, mas Veronique vinha correndo pelo outro lado da fonte e não o notou. Ela trombou no animal e caiu de costas no chão. — Ele riu divertido. — Nicolae apressou-se a ajudá-la, mas, mesquinha como era, começou a berrar e socar seu ombro.

— Nossa, que estúpida. — Comentei.

Ele riu como se achasse graça de uma piada que só ele tinha conhecimento.

— Ela era metida, comentei isso? — Eu concordei. — *Então, Veronique começou a socar o guerreiro e a insultá-lo, chamando-o de bastardo e ignorante. Nicolae tinha seu próprio método para tratar as damas, mas não era homem de levar desaforo para casa. Ele não tinha conhecimento de quem era aquela que o agredia, mas não deixaria que os empregados da casa soubessem que uma mulher o diminuía. Era um dos que achava que ter uma mulher no comando era errado, mas era novo demais para opinar no Conselho. Ele segurou a menina e a jogou no lombo do cavalo saindo a galope.*

— *Solte-me! Solte-me! A rainha conhecerá seu nome, diga-me, quem és? — Gritava ela, a pleno pulmões sacolejando com o trote do cavalo. — Diga-me, bastardo!*

— *Sou bastardo e a senhora uma dama da noite.*

O ódio de Veronique ferveu em suas bochechas, ele insinuava que ela era uma mulher da vida, que não se dava ao respeito? Ele pagaria por cada blasfêmia.

— *Deixe-me descer! Eu o ordeno! Você será enforcado! — Ele seguia até o campo mais afastado da propriedade, rindo da reação da dama. Quem quer que fosse, aprenderia a respeitá-lo.*

Nicolae parou o cavalo perto da nascente de um rio, ignorou os protestos da senhora andando até a beirada, desceu do cavalo e se agachou bebendo um pouco d'água.

— Hum... Boa. — Comentou sobre a água.

— Quem achas que és?

Ele ouviu os passos logo às suas costas, mas não se virou, sabia exatamente como seria atacado. Girou o corpo no momento que ela levou o punho às suas costas, que não conseguiu socá-lo, segurando seu pulso no ar, apertando com força desmedida. Os olhos esverdeados faiscaram e um rosnado infantil escapou dos lábios de Veronique. Ele a fitou fascinado pelo tom avermelhado dos lábios fartos,

a pele branca a deixava quase fantasmagórica e o nariz pequeno com um ar de boneca. Ousou aproximar o rosto para fitar os cílios grandes e a cor de suas bochechas, ela cheirava a leite de rosas. Seria da realeza?

— Acredito ser o Duque de LaCruore. — Inventou ele com seu francês imperfeito.

— Nunca ouvi falar. — Ela resmungou puxando o punho, dando alguns passos para trás enquanto ajeitava a saia.

— Absolutamente que não. Meu nome só é citado na mais alta sociedade. — Provocou.

Seus olhos a desnudaram, observando as curvas de sua cintura até chegar ao bico dos sapatos escondidos pelo vestido da época.

Veronique se sentiu despida, ultrajada, mas quente em partes do seu corpo que não compreendia. Puxou o leque preso ao punho do vestido e começou a se abanar.

— Eu sou a mais alta sociedade. — Falou cordialmente, aprendera a ser fina diante de um Duque.

— Oh, és? E porque ages como uma prosti... — Ela o calou lançando o leque sobre ele. Nicolae gargalhou, a dama partia, indo na direção da casa maior. Ele pegou o leque, guardou na bainha.

— Vamos Nero, ela acha que consegue andar mais de cinco quilômetros a pé! — Ele divertia-se, mas não sabia que Veronique era da realeza, a brincadeira poderia custar-lhe a vida.

Rapidamente, ele a alcançou. Veronique resmungava puxando as mangas do vestido por causa do calor. Pela posição do sol, ela acreditava ser quase meio-dia.

— Sentirão minha falta e virão ao meu encalço. — Dizia a si mesma quando ouviu o guincho do cavalo. — Seu nome! — Exigiu.

— Eu já lhe disse. Duque... — Ele esqueceu o nome que inventará antes.

— Duque? — Ela insistiu, queria ouvir de novo, não decorara a pronúncia e estava nervosa demais para se lembrar.

— Nicolae. — Disse ele, segurando o riso. — Quer uma carona, senhora?

— Não monto nesse lombo nem que ameaces minha vida! — Disse ela com rispidez.

Novamente ele riu, a risada brincou entre as folhas das árvores e retornou num eco baixo até eles. Veronique o encarou parando de andar.

— Por que me atropelou? — Ela perguntava do incidente no jardim.

— Não lhe atropelei, a senhora que não viu Nero.

— Quem é Nero? — Ela estava farta do desdém dele e, por isto, voltou a andar. — Meu leque! — Estendeu a mão pedindo o que lhe pertencia, pois o vira na bainha do rapaz.

— Nero é o meu cavalo, meu companheiro. — Ele puxou o leque e ameaçou entregar para ela, que apanhou apenas o vento quando ele puxou o leque de volta. Veronique respirou fundo, já beirando a histeria. — Estávamos nos exercitando quando a senhora esbarrou nele.

— O senhor que propositalmente me atropelou com este animal! — Ela deu um pulo alcançando o leque, mas não conseguiu arrancá-lo das mãos de Nicolae. — Devolva-me! Além de sequestrador, és ladrão, Duque? — Ironizou.

— Nem um nem outro. Apenas queria ensinar-lhe a ser educada com quem visita seus senhores. — Disse ele, agora cansado de brincar. — Suba. — Ordenou.

Veronique andou mais rápido à frente dele, decidida a sangrar os pés, mas não aceitar a carona.

— Não me recordo de ter convidado algum Duque para nosso banquete. — Disse ela, lançando-lhe um olhar envenenado.

— Quantos anos tem, treze? — Riu. — Parece tão mimada quanto... — Ele parou. Lembrava-se das histórias de seus colegas de batalhão e das palavras do próprio General.

— “Não dirija a palavra à senhorita Veronique Bergamo, ela tem poder para enforcá-lo. É mimada e infantil. Ai do homem que escolherem para desposá-la”.

— Não sou mimada. — Ela trincou os dentes, estava prestes a aceitar subir no cavalo, os pés começavam a criar bolhas e as meias estavam molhadas pelo suor.

— Como se chama? — Ele desceu do cavalo, estava pálido. Insultara a futura rainha. Rezava internamente para que fosse apenas uma coincidência.

— Senhorita Bergamo. — Disse ela com altivez. — Se fosses quem dizes ser, saberias. — Ela segurou no cavalo e montou de lado como as damas montam. — Leve-me para casa, decidirei o que fazer com você depois do almoço.

Senti o toque suave em meus cabelos me fazendo despertar.

— Ela mandou matar Nicolae? — Perguntei, me virando para Pietro. Ele estava com um sorriso infantil.

— Amanhã eu conto.

— Não pode fazer isso! — Mordi meu lábio. — Quero saber toda a história.

— Amanhã, é quase dia.

Olhei no relógio e beirava às três da manhã.

— É cedo... — Sussurrei, sentia perfeitamente a mão dele em minha cintura fazendo círculos, minha pele se arrepiava a cada círculo.

— É tarde, precisa descansar. — Ele sorriu, os dentes brancos destacando-se em seu rosto.

— Você sabe que só conseguirei adormecer pela manhã. — Resmunguei baixinho. — Eles se apaixonaram, não foi? — Quis saber.

— Amanhã. — Ele riu, tocou meu cabelo colocando uma mecha atrás de minha orelha.

Eu sabia que esperava por cada toque dele, mas a razão gritava em minha mente para fugir, para parar de me encontrar a sós com ele. Conhecíamos-nos há tão pouco tempo...

— Tudo bem. — Sussurrei, tentando encontrar uma lógica para a vontade louca que tive de me aproximar e beijar os lábios dele.

Ele pareceu notar, ficou um tempo observando meus lábios, depois passou a língua nos dele como se os preparasse para um beijo, meu estômago revirou e o coração já estava disparado novamente. Pietro se inclinou na minha direção, colocou uma das mãos em meu pescoço, os lábios tão próximos que podia sentir o hálito em meu rosto, podia até adivinhar o gosto. Ele arfou como se acordasse de um transe e se afastou de repente.

— Decidi lhe contar mais.

Abri um sorriso enorme e me recostei nele novamente, suspirando baixo e confusa, mas, ao mesmo tempo, feliz por ele desejar continuar, isso me daria mais tempo ouvindo sua voz e sentindo a mistura fria e quente de sua pele. Já estava me acostumando às mudanças súbitas de temperatura. Sempre que se exaltava, parecia aquecer mais, mas precisava de mais tempo para ter certeza.

— Pode começar. — Disse com um risinho.

Nicolae guiou-a até a casa em silêncio, estaria morto no próximo final de semana se assim a princesa desejasse, o que ele tinha na cabeça? Devia ter notado que era Veronique, a pele, os lábios avermelhados, a roupa fina e cara. Se estivesse atento, saberia no momento em que trombaram perto da fonte. O trote de Nero estava lento, o calor insuportável fazendo a camisa do rapaz colar ao peito e os cabelos umedeceram sobre a nuca. Ele a olhou de soslaio, tentando decifrar seu rosto.

— *Vai provar que estão certos, senhorita?* — Questionou numa tentativa de fazê-la desejar agir diferente do que ele sabia que ela pretendia.

— *Certo sobre qual questão, bastardo?*

Ela sacudia o leque sobre o rosto violentamente, os cabelos que estavam soltos agora balançavam com o vento. Ela desceu o olhar até ele, esperando pela resposta.

— *Sobre me matar.* — Pareceu despreocupado, mas ela sabia que, se ele não temesse, não a teria tratado como antes, por isso apenas sorriu e deixou a questão sem resposta.

Ao chegarem novamente próximo à fonte, ela fez um sinal para que ele a tirasse do cavalo. Ao colocá-la no chão, seus corpos se uniram e os rostos ficaram muito próximos. Ele conhecia a vida, os desejos da carne e Veronique estava

próxima da idade de ser dada em matrimônio, não entendia os desejos de seu corpo, mas sabia que era desejada. Fitou-lhe com um sorriso e se afastou bruscamente, o indicando com o dedo indicador.

— Prendam-no.

— Ela vai mandar matar Nicolae?! — Perguntei afoita, virando-me para Pietro, que riu e tocou meus lábios com os dedos.

— Deixe-me continuar ou só terminaremos amanhã.

Semanas se passaram sem que Nicolae tivesse alguma visita no calabouço do castelo. Ele estava barbudo, malcheiroso e com muita raiva da princesa que só lhe mandava restos da comida de seu próprio prato. Noites antes, havia sido presenteado com os restos de uma coxa de galinha que ele teve certeza de que ela cuspira, mas se alimentou. Estava faminto demais para sentir nojo. Porém, aquela noite parecia diferente, o céu estava mais claro e havia sons do lado de fora, talvez estivessem preparando uma festa. Curioso, ele tentou descobrir com o guarda da cela, mas o homem não lhe deu atenção.

Veronique sentia-se preocupada e, ao mesmo tempo, raivosa com relação ao rapaz que pusera no calabouço. A rainha tinha dado sua mão em casamento a um homem idoso que ela dizia que lhe ensinaria a ser uma mulher como ela, porém, mesmo sabendo que aquela noite seria a de seu noivado, não conseguia deixar de pensar em como fora brutalmente colocada no lombo do cavalo e tratada como uma camponesa.

Admitiu a si mesma que foi a primeira vez que se sentiu viva desde que decidiram ensiná-la a ser a futura rainha. Sentiu-se normal, com raiva, mas normal. Impulsivamente, decidiu ver Nicolae. Passou pela cozinha, pegando frutas e comida no caminho para vê-lo, ordenando que todos saíssem. Quando se aproximou, Nicolae estava com o maxilar trancado e olhando furiosamente para ela.

— Trouxe-lhe comida. — Disse.

— Precisa batizá-las primeiro. — Disse devolvendo a pera que ela lhe entregou.

— Como?

Ao invés de responder, Nicolae cuspiu na fruta, em seguida mordeu mastigando a pera lentamente, degustando o sabor. Veronique sentiu o estômago embrulhar, deixou a comida sobre a cama dele e saiu correndo pelo corredor úmido e apertado do calabouço, não voltaria ali nunca mais, estava certa em enforcá-lo, era um ogro.

Ele parou de repente e ficou de pé.

— Vamos? — Sorriu.

— Acabou? Como assim? Termina P! — Protestei, mas ele riu, direcionando-

me para a casa. Derrotada, resolvi mudar de assunto. — Foi você que me deu aquela rosa?

Ele sorriu, os olhos brilharam quando ele encontrou os meus, aquela faísca novamente.

— Você ama rosas colombianas. — Disse.

— Obrigada... Mas, como você sabe? — Ninguém sabia, nem mesmo meus avós.

Ele tocou meu queixo e se inclinou, os lábios roçaram nos meus tão rápido que achei que tivesse sido minha imaginação.

— Você me contou. — Disse.

Ele estava caminhando à minha frente, enquanto eu encarava suas costas. Tinha certeza de que não tinha contado. Tinha?

Capítulo 4



— Não contei. — Afirmei novamente. — Nem minha única melhor amiga sabia.

— Será? — Ele riu, as mãos enfiadas nos bolsos enquanto se distanciava mais de mim.

Lembrei-me de andar, a minha cabeça estava girando com tantas perguntas. Ele tinha ou não me beijado? Eu falei de coisas pessoais com ele? Não, eu não tinha falado. Ele provavelmente estava brincando e apenas adivinhou meu gosto para flores.

Revivi cada passo que demos desde que ele me expulsou do jardim da casa dos Santos até agora, eu tinha certeza de que não tinha dito nada.

— Pietro. — Chamei. Ele parou e se virou. A lua iluminou suas costas deixando a face encoberta, apenas os olhos acinzentados brilhavam. Estremeci, havia o mesmo brilho que vi no pesadelo desta tarde. Esqueci totalmente do que queria dizer a ele, minhas pernas falharam.

Quando abri meus olhos estava nos braços dele, a cabeça repousada em seu peito, o vento fino passando em meu rosto. Murmurei alguma coisa sem sentido, fechando meus olhos de novo.

— Ela desmaiou. — Pietro sussurrou. Lentamente, abri meus olhos, percebendo que estávamos em meu quarto. Meu avô sentado na minha cama ao lado direito e Pietro do meu lado esquerdo, segurando minha mão.

— Como ela desmaiou? Onde vocês estavam? — Quis saber vovô.

Eu queria mais informações, então, fechei novamente meus olhos, fingindo ainda estar desmaiada.

— Estávamos andando em seu jardim senhor, também tenho problemas de insônia. — Explicou Pietro. — Acho que ela se esqueceu de respirar. — Fiz uma careta e continuei de olhos fechados.

— E por que se esqueceria de respirar?

— Talvez, entretida na história que eu estava contando. Quando notei, ela estava ficando pálida.

— Filha. — Vovô chamou. — Sabemos que acordou.

Abri meus olhos sentindo minhas bochechas queimarem e os olhei.

— O que houve?

— Você desmaiou. — Anunciou Pietro, parecia que um sorriso brincava nos lábios dele.

— Mas, por que... — Parei de falar, lembrando imediatamente do manto

vermelho que cobriu meus olhos antes do desmaio. — O pesadelo. — Sussurrei.

— Que pesadelo? — Pietro perguntou. Meu avô já começava a falar e, então, deitei minha cabeça nas pernas dele, escondendo meu rosto e resmungando. Já tinha invadido um terreno, sido grossa, Pietro me viu feia, de mau humor e, agora, saberia que eu ficava impressionada com um simples pesadelo.

— No início da noite, Suzie acordou aos berros, parecia ter tido um pesadelo.

— Que tipo de pesadelo? — Um lampejo de preocupação passou pelos olhos de Pietro e eles ficaram escuros, distantes.

— Nada demais, apenas um pesadelo.

— Se você desmaiou, não é apenas um pesadelo, Suzie. — Pietro prendeu meu olhar ao seu.

— Era uma festa, eu vestia roupas de época e, depois, parecia estar presa dentro de um manto vermelho-escuro, acordei sufocada. — Expliquei, tentando afastar o gelo em meu estômago.

Ele me encarou por alguns segundos, parecia enxergar dentro de mim. As imagens do sonho me fizeram tremer.

— Acho melhor você descansar, deve ser a falta de sono. — Explicou ele, já se levantando.

— Ou por se alimentar mal. — Meu avô aproveitou para alfinetar.

Pietro me lançou um olhar censurado, apertei meus lábios em resposta, ficando carrancuda.

— Boa noite, *signora*. — A voz dele entrou em meus ouvidos como seda. Respirei fundo, mordendo meu lábio para não suspirar.

— Boa noite, senhor.

— Se precisar de algo, é só me chamar.

Pulei da cama correndo para a janela, esperando vê-lo sair. Ainda era noite e caía uma fina garoa, deixando a noite triste. Vovô voltou rápido e não notei quando entrou no quarto. Pietro ainda não tinha passado pela frente da casa.

— Ele já foi? — Perguntei, sem desviar os olhos da janela.

— Foi pelo jardim, disse que entraria pelos fundos na casa dele e me pediu para cuidar de você. — Havia uma conotação maldosa no tom de voz de meu avô, virei-me e vi o sorrisinho malicioso — Então, você está apaixonada por ele?

— Não! — Respondi rápido demais. — Claro que não. Nos conhecemos há poucos dias.

— Não há uma regra para o amor, querida — ele ria contido. — O que aconteceu lá, de verdade?

— Ele estava me contando uma história, mas achou que era tarde e me disse que continuaria amanhã. Eu protestei, mas ele começou a rir e vir para porta de casa. De repente, a imagem do sonho... Não sei explicar vô, só sei que perdi o fôlego e,

quando abri os olhos, estava aqui.

— Você comeu direito? — Assenti, mas era mentira — E tomou sua vitamina? Você sabe que não pode ficar sem ela que você tem tontura.

Meu avô chamava de vitamina um remédio que eu tomava para a labirintite, o qual eu nunca me lembrava de tomar.

— Esqueci.

— Então foi isso... Vamos, deite-se. Mais tarde, eu a acordo para ir à escola. — Ele se inclinou para beijar minha testa, mas desviei para que ele acertasse a têmpora. — Ah o beijo do rapaz. — Ele riu e eu fiquei vermelha, não queria que ele beijasse onde Pietro havia me beijado antes de sair.

Alfredo saiu do quarto, deixando a porta encostada. Sorri, virando-me de lado e me cobrindo até tampar o rosto. A visão dos olhos de Pietro em meio à escuridão por trás dele era tão idêntica ao sonho que senti novamente a náusea ao me recordar do momento.

Devia estar impressionada ou realmente com tontura por causa da labirintite, ou minha mente estava me pregando peças e o pesadelo foi realmente a mistura de Pietro e da rosa que ele me deu. Suspirei baixo, entregando-me ao sono. Não queria ir para a escola, mas o final de semana havia passado e já estava chegando ao fim. Meu celular despertou as 6:30h da manhã, apertei o botão de soneca e voltei a dormir, sentia meu corpo pesado e as pálpebras cheias de areia pela falta de sono. O sol estava claro e havia passarinhos cantando na minha janela. Cobri toda a cabeça de novo, queria dormir o dia todo.

— Suzanna? Você tem escola, levante-se. — Vovó entrou no quarto, indo direto para as cortinas, abrindo-as. O quarto se iluminou por completo. Soltei um muxoxo.

— Ah vó, mais dez minutos! — Pedi.

— Você ainda tem de tomar banho.

Reclamei de novo, preferia que meu vô me acordasse, ele era mais carinhoso.

— Tá. Já vou. — Resmunguei mais uma vez, sem me mover.

— Agora. — Eu sabia que ela estava ao pé da minha cama de braços cruzados, esperando ao menos eu me sentar. Foi o que fiz, joguei o cobertor de lado e me sentei bicuda. — Agora, arrume-se. — Disse e saiu.

Suspirei, arrastando-me para fora da cama; nos pés, minhas pantufas cor-de-rosa. Fui direto para o banheiro, a água estava fria, ajudando-me a despertar. Aos poucos me recordei dos acontecimentos da madrugada, dos toques de Pietro em minha cintura e rosto me fazendo sorrir para o azulejo. Com o shampoo em uma das mãos, ensaiei uma canção de amor, mas apenas a melodia porque o amor não precisa de palavras.

Amor?

Desliguei o chuveiro rapidamente, afastando todas aquelas sensações da minha

cabeça. Eu não queria me apaixonar, queria ser escritora. Escritores sofrem por não terem um amor correspondido, eu podia escrever sobre isso, um amor não correspondido, mas e se desse tudo errado e ele também gostasse de mim?

Eu sabia que era um absurdo pensar assim, mas só me sentia inspirada quando estava de mau humor ou triste.

Encarei-me no espelho do banheiro e tentei inutilmente deixar meus cabelos apresentáveis com um *tictac* enfiado na franja, para mantê-la longe dos olhos. Vesti jeans, a camiseta branca com o nome do colégio Padre Donizette gravado do lado direito do peito e meu *all star* preto. Nos lábios, um *gloss* e rímel para aumentar meus cílios, não podia usar muita maquiagem para ir para a escola, pois a vó Catarina não gostava. Demorei pouco mais de vinte minutos na produção, me olhei no espelho mais uma vez e, antes de sair, reclamei mais uma vez sobre a falta de vontade de ir à escola. Com a mochila nova nas costas — já que vovó tinha mandado a Maria jogar a antiga fora — desci as escadas para a cozinha, deixando-a repousada sobre o sofá quando passei pela sala.

— Bom dia, princesa. Você viu o que deixei em seu armário? — Perguntou Maria com um sorriso cúmplice.

— Não, o que foi?

— A mantinha. — Ela balbuciou, olhando para os lados para ver se minha avó não estava vindo. Abracei-a e beijei seu rosto. Maria era quase minha segunda vó. Sempre muito amorosa e dedicada, cuidava mais de mim que qualquer pessoa na casa.

— Obrigada.

— Você merece. — Ela me beijou nas bochechas.

— Cabelo molhado, Suzanna? — Revirei os olhos e nem olhei para vovó.

— Bom dia para a senhora também. — Respondi, sentando-me à mesa.

— Bom dia. Vá secar esses cabelos, você não pode se resfriar.

— Meu Deus, vó! — Reclamei enquanto despejava o leite no cereal.

— Mas, você vai pegar friagem indo para a escola.

— Eu a levo. — Nosso motorista falou atrás de mim, pois, como sempre, tomávamos o café na cozinha junto com os empregados. Lancei-lhe um sorriso agradecido.

— Obrigada, Julio!

A escola ficava a quatro quarteirões e dava para ir andando, mas eu gostava quando não precisava andar porque sinto muita, muita preguiça de manhã.

— Você mima essa menina. — Dona Catarina reclamou, arrancando risos de todos.

— Não dá tempo de secar esse cabelo vovó! — Falei para ela, mostrando meus cachos malcomportados.

— Se você acordasse mais cedo, daria.

Revirei os olhos. Quase todos os dias, eram as mesmas brigas, sempre o mesmo repertório. Quando vovô está junto, geralmente ela não fala, mas, quando não, é esse inferno toda manhã.

— Cadê o vô?

— Dormindo.

Estranhei e olhei alternadamente para todos na cozinha, esperando por maiores informações.

— Ele está doente? — Perguntei.

— Não, a neta dele chegou desmaiada em casa às cinco da manhã, ele está cansado. — Vovó disse, lançando-me um olhar enviesado. — Não é só a você que prejudica com seus hábitos ruins, *filha*. — Ela enfatizou a palavra filha encerrando o assunto, estava certa e ponto final.

Respirei fundo me levantando e colocando o prato na pia. Beijeí minha vó e depois Maria, e saí com Julio para o jardim, pegando minha mochila no meio do caminho.

— Vou buscar o carro. — Avisou.

— Vou com você.

Julio sorriu, pois sabia que eu não gostava de ser tratada como *madame*. Quando chegamos ao FOX preto que ele dirigia, joguei-me logo no banco ao lado do motorista.

— Ponha o cinto. — Mandou e obedeci. — Não fique triste com a sua vó, ela só quer o seu bem.

Julio era um dos motoristas mais antigos da casa, estava sempre de bom humor e com o uniforme alinhado. Um senhor de cabelos grisalhos e olhos castanhos, experientes. Sempre sabia quando algo me deixava triste.

— Já me acostumei. — Disse baixo, ainda bicuda. — Você gostou do Pietro? — Perguntei assim que saímos para a rua.

— Quem é Pietro? — Ele sorriu sem desviar os olhos da rua.

— Ahh... Aquele que veio jantar aqui no sábado à noite.

Ele coçou o queixo, me olhou com o rabo de olho e piscou.

— Ele é bonito e pareceu muito mais velho que você.

Fiz uma careta.

— E a idade importa?

— Às vezes, sim.

— Mas, ele é bonito...

Ele riu, concordando novamente.

— O que tem ele?

— Ele me levou no Museu do Ipiranga. — Falei olhando pela janela, estávamos

no quarteirão da escola.

— E você gostou?

— Muito. Lá é lindo! Já viu o jardim? Perfeito... — Julio estacionou e esperou que eu saísse do carro. Beijei o rosto dele e saltei. Ele já tinha acostumado que não precisava abrir a porta para mim. — Tchau, obrigada pela carona.

— Quer que busque você?

— Não, vou com a Bruna.

Ele sorriu e saiu.

— Suz! Suzzz!! — Ouvi os berros da Bruna e me virei. Ela corria de braços abertos, vestindo um coletinho rosa por cima da camiseta da escola, calça colada também rosa e um tênis todo colorido. A franja preta e perfeitamente alisada sobre o rosto com uma tiara verde-água sobre a cabeça. Ela gostava de viver na moda e, agora, a moda eram os Coloridos. Quanto mais cor, melhor. Eu particularmente preferia meu bom e velho *punk*. Tudo preto. Abri um sorriso tímido, não gostava de chamar atenção e nem do apelido. Parecia uma abreviação para alcaçuz ou avestruz ou até uma alusão ao sistema público de medicina de São Paulo, que era conhecido como SUS, e além do mais, a maioria dos alunos estava olhando para nós. Bruna é minha melhor amiga desde que me mudei para cá e precisei enfrentar a terceira série a partir do meio do ano.

Todo mundo já tinha seus grupinhos, sua turminha, e a maioria ficava perguntando dos meus pais, mas ela me aceitou sem perguntas e, com pouco tempo, já éramos inseparáveis. Ela é diferente de mim. Seus olhos são negros como jabuticaba e está um pouquinho acima do peso. Por causa disto, vive fazendo regime quando tem alguma festinha para ir. É um palmo mais alta do que eu e mais encorpada, com seios formados e bumbum cheinho. Enquanto eu aparento meus quase 18 anos, ela pode passar por uma garota de faculdade facilmente.

— Oi.

— E aí? Como foi seu *finds*?

— Meu *fim de semana* foi legal e o seu? — Perguntei andando de braço dado com ela para dentro do colégio.

— Muito legal! — Ao contrário de mim, Bruna gosta de falar muito e eu gosto disso, porque prefiro ficar quieta e falar só quando acho necessário. Formamos uma boa dupla. — Sabe o Gabriel?

— Sei.

— Aquele loirinho que me paquerava na quinta série?

— Sei. — Repeti.

— Sai com ele sábado, ele me ligou, sabe? Aí, me convidou para sair.

— Vocês foram aonde? — Perguntei, porque ela esperava que eu perguntasse e, enquanto falávamos, nos encaminhávamos para a sala de Literatura.

— Cinema! — Ela colocou a mão no coração. — Ele beija tããã bem! — Sorri. Eu ainda não tinha dado meu primeiro beijo, mas esperava que fosse em breve, o que me fez lembrar do selinho que eu acho que ganhei ontem à noite. — Você precisava ver, de língua e...

— Ahh, que nojo! — Falei, cortando a explicação.

— Você vai gostar quando for beijar amiga — ela riu. — Ele é lindinho, pena que não é da nossa turma. Depois do cinema e da pipoca, ele me convidou para tomarmos um suco lá no Orange's, tomamos no mesmo copo com dois canudinhos. Ai, ele é tão fofo!

Ri.

— O que mais?

— Ele é safado — riu, mordendo o canto dos lábios. — Ele tentou me passar a mão e eu quase deixei. — Ela falava baixinho, confidente, enquanto sentávamos lado a lado nas carteiras, separadas apenas por um pequeno corredor. — Mas aí, eu fiquei com vergonha.

Ambas rimos.

— Você deixou? — Perguntei.

— Não! — Rimos. — Nunca! Tenho medo.

— Medo do quê?

— E se ele quiser mais? Não estou preparada. — Ela falava sério. Tinha um sonho que parecia ser maior do que a vontade de se tornar atriz, que era o de se casar virgem. Ninguém tirava a ideia da sua cabeça, mas eu acreditava que esse desejo era realmente por medo de não encontrar a pessoa certa e se entregar a alguém que não merecia. E eu concordava inteiramente com ela.

— Mas, só beijar não mata, Bruh. — Ela riu.

— Olha quem fala! O sujo falando do mal lavado — apontou para mim — Mas, você fez algo além de ir àquela árvore estúpida ler? Escreveu? Quero ler.

Abri um sorriso tímido, eu queria guardar um pouco do Pietro para mim. Se contasse, a Bruna não sairia de casa enquanto não esbarrasse com ele.

— Escrevi um pouco, não tive muito tempo.

— Por quê? — Ela pareceu ler minha expressão, inclinou o corpo para o meu lado, estava claramente ansiosa.

— Voltei a ter pesadelos. — Entortei o lábio.

— Você devia escrever e publicar um livro de terror ao estilo *Freddy Krueger*.

— Ninguém ia entender. Nem eu entendo! — Forcei um sorriso.

— Mas, por que voltou a sonhar? Quanto tempo já faz que você não tem pesadelos? Uns dois anos?

— Uns três anos.

A professora Sandra entrou na sala, uma loira de cabelos bem cacheados, rosto

reto e nariz assimétrico. Os olhos sempre revezavam entre o verde e o castanho-claro, costumávamos brincar que, se estivessem verdes, ela aplicaria prova na turma. De altura mediada e corpo malhado, a pele de um dourado desbotado talvez pela idade, era uma das professoras que eu mais gostava porque exigia de verdade da gente. Gostava particularmente do jeito maternal dela de ensinar e das provas de literatura. Ela sempre escolhia meus livros favoritos para as provas, os livros de Pedro Bandeira ou a *Ladeira da Saudade*, de Ganymedes José.

Ela nos olhou de cima. Aparentemente, seus olhos estavam castanhos, mas colocou as mãos nos quadris e suspirou.

— A professora entrou na sala, a educação pede silêncio. Leiam o capítulo sete e façam o exercício.

Estava nervosa.

Bruna me olhou e riu fazendo um V de verde com os dedos, escondi a boca para sorrir, já abrindo meu caderno e me sentando corretamente à carteira.

A sala era comum, o quadro-negro na cor verde, a mesa da professora ao lado direito do quadro, nossas carteiras: mesinhas de madeira com espaço para o material embaixo da cadeira. Cinco fileiras de mais ou menos sete carteiras cada uma e ao fundo uma estante com alguns livros. As paredes em tinta plástica de um bege muito horrível.

Ouvi alguém bater à porta, mas me concentrei na leitura que era sobre pronomes e advérbios. Um burburinho baixo começou na sala, imaginei que fosse porque a professora saiu, mas a Bruna começou a puxar meu casaco.

— Que foi?

— Olha que lindo! — Ela fez um coração com as mãos embaixo da carteira. Olhei para porta e me deparei com um rapaz moreno de cabelo comprido e liso na altura dos ombros, estava de jaqueta de couro, a camiseta da escola e calça jeans rasgada na altura da coxa direita. Ergui os olhos para o rosto, os lábios eram finos e ele falava baixinho com a professora que apontava para mim. — Ah, ele é o aluno novo que todo mundo estava falando! — Bruna continuou.

— Quem?

— Ele vai sentar perto da gente, depois te conto. — Ela riu.

O rapaz passou por nós e sentou na carteira atrás de mim, cheirava a perfume amadeirado o que me fez sentir um frio no estômago. Adorava esse tipo de perfume masculino.

— Suzanna, divida seu livro com o Arthur. Classe, este é o aluno novo, Arthur. Mudou-se para São Paulo esta semana. Depois, no intervalo, vocês se apresentam. Voltem aos exercícios.

— Oi, — disse ele, colocando o caderno sobre a carteira — sou Arthur.

— Suzanna e, esta, Bruna. — Apresentei, já que a Bruna não parava de olhar.

— Prazer. — Ele sorriu, uma linha de dentes perfeitos e brancos reluziu, o que me causou outro frio no estômago. Ele era ainda mais lindo assim de perto.

— Prazer, — falamos juntas — estamos estudando os pronomes. — Avisei.

— Vai ser fácil, — ele sorriu e o encarei com a testa franzida — aprendi isso na minha antiga escola. A escola era forte.

— Esta é a melhor escola de São Paulo. — Avisei, não gostando do tom desdenhoso dele.

— A minha deve ser do Brasil. — Ele me intimidou.

Tossi e voltei à leitura, mostrando com o dedo onde ele deveria ler. Pelo jeito, o rapaz era bastante arrogante.

Capítulo 5



A Bruna não parava de rir e olhar para mim, eu tinha certeza que o garoto tinha notado, mas fingi não ver nada. A dona Sandra bateu com a régua na mesa, chamando a nossa atenção.

— Todos fizeram os exercícios? — Perguntou, mas ninguém disse nada. — Papel e caneta sobre a mesa. Prova surpresa.

Um alvoroço tomou a classe, todos reclamando, se levantando, gesticulando. Apenas me sentei direito e fiz o que ela pediu, não tinha dificuldade com a língua portuguesa, meu maior problema eram as aulas da professora Marri, de matemática, que seria a próxima, uma tortura de uma hora inteira!

— Ei, sabe tudo, você me deixa com seu livro? — Arthur perguntou, me cutucando com uma caneta.

— Não pode ficar com o livro e o meu nome é Suzie.

— Humm, Suzie. — Ele deu um sorriso malicioso. — O livro, Suzaninha.

Arregalei os olhos por causa do apelido. Pietro havia me chamado assim no final de semana e me virei, encarando os olhos avelã do rapaz.

— Suzanna. E não, não vou te emprestar o livro, a prova não é com consulta.

— Mas, será. — Ele riu esticando a mão.

— A prova é em dupla e com consulta, eu vou escolher as duplas. — A professora Sandra avisou. Bruna já estava puxando a carteira para perto de mim e parou no meio do caminho, fazendo uma careta de indignação. — Bruna e Diego, Arthur e Suzanna, Mariana e Sandrinha, Marcia e Josué... — Ela foi formando as duplas enquanto passava pelas carteiras. Respirei fundo, deixando que Arthur alinhasse a mesa dele à minha.

— Eu te disse.

— Como você sabia?

— Sexto sentido — respondeu, depois piscou para mim abrindo o livro no capítulo seis sobre redação dissertativa.

— Capítulo seis. Vocês terão de escrever uma dissertação sobre como seria um final de semana perfeito.

Franzi o cenho, olhando para professora. Ela não costumava ser tão *romântica* nas provas e nem pegar tão leve assim. Arthur sorria ao meu lado, na mão direita um lápis e a esquerda estava encostada à minha enquanto pegava no livro. Outro gelo passou pela minha espinha e afastei a mão, ele estava incrivelmente quente.

— Como você sabia? — Sussurrei, encarando-o.

— Sexto sentido. — Repetiu, um sorriso sarcástico posto nos lábios.

Revirei os olhos e puxei meu caderno para começar a escrever, parte da história se formando em minha mente, só não entendia o porquê de escrevermos uma redação em dupla.

— Então, como seria seu final de semana perfeito? — Perguntei com a caneta pronta para começar.

— Com você. — Falou firme, encarando-me.

Eu ri desviando os olhos, tendo a certeza que estava vermelha.

— Fala sério.

— Ver o sol nascer seria perfeito.

Pisquei algumas vezes me recordando do que pensei hoje cedo antes de dormir: eu queria muito que Pietro tivesse esperado até o sol nascer. Suspirei baixo, sem perceber.

— Seria perfeito. — Repeti.

Alguns minutos depois, nossa redação estava quase pronta, faltava apenas o desfecho da história. Arthur parecia ler meus desejos e os exteriorizava em cada palavra. Sugeriu que antes de assistir ao nascer do sol, o suposto casal estivesse em uma cabana afastada da cidade, cercados com um jardim de rosas vermelhas e de uma plantação de girassóis, minha segunda flor predileta. Depois, descreveu com maestria as mãos dadas, os corpos abraçados, os rostos colados e o sorriso do casal enquanto o sol os iluminava aos poucos. O garoto era bom com as palavras.

— Terminaram? — A professora perguntou e passou por todos pegando as folhas. Quando chegou perto de Arthur, abriu um sorriso esquisito. — Então, se adaptando?

— Sim senhora, obrigado. — Ela pegou nossa folha e foi para a próxima dupla.

— Você já conhecia a professora Sandra?

— Não.

— E como sabia o que ela ia sugerir para o trabalho?

Movi minha cabeça olhando para ela e depois para ele, fazendo sem intenção a minha franja cair sobre os olhos. Arthur ergueu a mão e colocou a mexa atrás da minha orelha. Um calor gostoso ficou no meu estômago enquanto eu baixava os olhos com vergonha.

— Aposto que você gostaria de ser a nossa protagonista.

— O quê?

— A garota vendo o nascer do sol.

— Claro que você saberia, nós criamos a história.

— Você gostaria de ver o sol nascer? — Ele se inclinou na minha direção com os olhos cravados em mim.

— Eu vi hoje.

— Com quem? — Sua voz ficou tensa.

— Sozinha, do meu quarto. — Estreitei o olhar, fitando-o.

— Mas, sozinha não tem graça, — ele riu — gostaria de ver o sol nascer com alguém?

— Claro que sim.

— Combinado.

Ele se levantou, colocou a carteira no lugar, rumando, em seguida, na direção da porta, segundos antes do sinal sonoro avisar que a aula estava no fim. Fiquei perplexa com o *time* do rapaz.

— O que está combinado? — Questionei, mas ele saiu sem nem olhar para mim.

— Gatinho ele! — Suspirou a Bruna da carteira dela.

— Eu... Acho... Que...

— Quê?

Olhei para ela, ouvindo as batidas do meu coração retumbando em meus ouvidos, não sabia como definir a última hora — se bizarra, sinistra ou realmente estranha. Suspirei sem achar a voz para responder. Pietro e Arthur estavam igualmente mexendo com minha capacidade de ignorar os rapazes.

— Fala, caramba! — Protestou impaciente.

— Acho que ele me convidou para sair.

Bruna saltou da cadeira me puxando pelo braço para irmos à próxima aula, parecia uma bailarina em plena atividade saltando animada pelo corredor e me arrastando com ela.

— Conta tudo!

Relatei os detalhes, tudo o que aconteceu enquanto escrevíamos a redação e como ele me convidou para ver o sol nascer.

— Mas, não tenho certeza... Acho que não me convidou não, ele perguntou se eu queria ver o nascer do sol com alguém e não com ele.

— Para de ser bobona! Convidou sim. Ah, que tudo! — Ela estava mais animada do que eu. — Você vai dar seu primeiro beijo!

— Cala a boca! — Puxei-a para o canto do corredor. — Quer que a escola toda saiba?

— Desculpa, — riu — me empolguei. Ele é lindo, Suzzzzz.

— Eu não quero sair com ele.

— Por que não?

Explicar o motivo implicaria em falar de Pietro e eu não sabia ao certo como me sentia com P, só que o meu desejo louco de que chegasse logo essa madrugada não era só para poder olhar o jardim e ler, muito menos para acordar sem sono algum

às três horas da manhã.

— Não senti aquele friozinho na barriga.

— Mentirosa!

Sorri, eu não conseguia esconder minhas emoções de ninguém e a Bruna costumava dizer que meu rosto mostrava a minha alma. Era quase uma verdade. Meu celular vibrou e tirei da mochila, deixando quase tudo cair sobre a mesa da aula de Matemática.

— Alô?

— *Suzanna?*

— Eu.

— *Onde a senhorita está?*

— Quem é?

A Bruna já estava me olhando interrogativa, gesticulando, querendo notícias de quem estava comigo ao celular, fiz sinal para que se calasse.

— *Nicolae.*

Demorei alguns segundos para me recordar da história de Nicolae e Veronique. Meu coração disparou.

— Quem?

A voz riu.

— *Pietro, signora. Onde estás?*

— Como conseguiu meu número?

— Oi. — Arthur passou por nós deixando o corpo dele roçar no meu antes de deslizar para a mesa atrás de mim, fingi não perceber o que aquilo causou no meu coração.

— *Seu avô me deu.* — Ele parecia divertido.

— Oh...

— *Então, onde está?*

— Na escola.

— *Que pena.*

— Por quê? — Mordi meu lábio com a mão livre, brincando com uma mecha de meu cabelo.

— *Queria ver você. Você melhorou? Como está se sentindo?*

Meu estômago não parava de girar e sentia minhas pernas tão moles que precisei me sentar.

— Melhorei, obrigada. — A Bruna parecia que ia ter uma síncope. Pegou um pedaço de papel e rabiscou várias vezes: “quem é?”. Depois, riscou e colocou “namorado?”. Neguei todas as vezes que ela ergueu o papel com uma nova pergunta. — Mas não posso sair da escola agora.

— *Que pena. Que horário sai?*

— Uma da tarde.

— *Você pode vir até a minha casa quando sair?*

— Cla... claro. — Gaguejei e ele desligou sem despedidas, sem até mais, sem dizer uma palavra. Olhei para o celular enquanto ele perdia a iluminação. Agora, me sentia mais ansiosa pelo fim da aula. Arrumei minhas coisas dentro da mochila e guardei o celular.

— Quem era? — Bruna questionou com rispidez, estava no limite da curiosidade. Não consegui conter uma risada.

— Depois te conto. — Sussurrei notando que a senhora Marri estava passando um exercício na lousa.

— Agora! — Enfatizou.

— Pietro.

Arthur fez um som estranho e se mexeu na cadeira. Pelo canto do olho notei que estava com os braços cruzados e a cara fechada. Bruna riu.

— Quem é esse?

— Meu vizinho, — falei mais baixo — ele quer que eu vá à casa dele depois da escola.

— Você não tem um vizinho chamado Pedro.

— Pietro! Ele é italiano e chegou nesse final de semana. — Não tinha mais como esconder nada, sabia que a Bruna iria me infernizar até eu falar. — Meus vizinhos jantaram na vovó, foi assim que o conheci.

— Ele é bonito?

— Lindo. — Suspirei.

— Ah! Eu vou jantar na sua casa hoje! Como ele é?

Neguei várias vezes, tentando copiar o exercício. Sentia os olhos de Arthur cravados em mim, eu não estava acostumada a ser notada e era um pouco incomodo aquilo, mas era boa a sensação. No fundo, sempre desejei deixar de ser um fantasma nos corredores do colégio.

— Você não pode ir lá em casa, depois eu conto. — Sussurrei apontando para a lousa.

— Você é muito chata!

— Eu sei. — Rimos.

A última aula era de contabilidade e se arrastou por um tempo interminável, parecia que se passaram dias e não minutos desde que olhei as horas pela última vez. A Bruna já sabia quase todo o ocorrido no final de semana, desde a hora em que encontrei Pietro no jardim, até a visita na sala de música e o passeio no Museu do Ipiranga. Ocultei, por um motivo egoísta, a rosa em minha cama e a história que ele me contou enquanto estávamos abraçadinhos no fundo da minha casa. Queria certos detalhes apenas para minha apreciação.

— E esse Pietro é bonito? Você não me disse como ele é ainda! Fica aí mordendo a borda da caneta e olhando no relógio e não me diz nada de interessante!

— Ela formava um bico me olhando com o canto do olho e sussurrando para o professor André não nos ouvir.

— É lindo, tá bem? Lindo. — Suspirei. — Os olhos dele são escuros, um tom castanho beirando ao cinza, mas quase sempre parecem cinza. — Ela me olhou franzindo a testa. — É diferente, eu sei, mas é lindo. Quando ele me olha, as íris se movem, ficam grandes, é como se...

— Olhasse dentro de você. — Arthur me interrompeu, inclinando o corpo para frente, os cotovelos na mesa, o rosto nada amigável.

— Ouvindo a conversa dos outros, novato? — Perguntei, sentindo que ele fazia o mesmo, olhando-me tão profundo que parecia ver o que havia dentro de mim.

— Vocês que conversam alto. — Ele voltou a se recostar na cadeira, os olhos fixos no professor e os braços cruzados sob o peito musculoso.

“Ele é HOT HOT HOT!”

Bruna me passou o papelzinho por baixo da mesa.

Torci os lábios. Começava não gostar do rapaz, havia algo de estranho no jeito educado e, ao mesmo tempo, rude com que ele me tratava. Jurava, durante a redação, que houve um lampejo de interesse, mas agora parecia que aquilo não passava da minha imaginação fértil de escritora.

“Ele é bonito, mas é esquisito!”

Escrevi e passei o papel para ela.

“HOT! HOT! Ele me deixa com vontade de beber limonada!”

Eu gargalhei quando li e olhei para ela interrogativa.

— Me dá sede! — Sussurrou.

Balancei a cabeça sem entender enquanto olhava no relógio mais uma vez, meio dia e cinquenta e nove. Meu coração disparou, em quinze minutos estaria com Pietro, talvez mais, porque pretendia tomar um banho para ajeitar o *fuá* que é o meu cabelo, vestir uma coisinha mais bonita antes. No mínimo, meia hora para essa produção toda.

O sinal soou e me levantei apressada, jogando a mochila nas costas. A Bruna como sempre, ainda estava guardando o material. Comecei a bater o pé, impaciente.

— Ei, calma! O cara não vai fugir.

Arthur passou por mim novamente roçando o corpo no meu. Desta vez, senti aversão, uma vontade maluca de tirar satisfações. O que ele tinha a ver com a minha vida? E por que ficava encostando em mim? Parecia proposital.

— Cuidado, *Violet*. — Pronunciou em inglês o nome da personagem que havíamos criado em nossa redação, um frio passou pela minha nuca, me arrepiando toda.

— Cuidado com o quê?

Só que, mais uma vez, ele me deixou falando sozinha.

— *Hot!* — Bruna se levantou, apressando-se a sair da sala.

A segui, num misto de raiva e descontração, não sabia o que pensar do novato. A redação, a forma como ele conduziu a história como se lesse a minha mente e saber exatamente o que a professora iria dar na aula de hoje me deixavam intrigada, mas, talvez, ele quisesse apenas impressionar as garotas com aquele jeito *badboy* de se vestir e tenha lido no material da professora o que ela daria em aula quando o recebeu na porta. Não conseguia lembrar se estava com o diário de sala em mãos ou não quando ele chegou.

— Ele é estranho.

— Para! Você sempre vê um defeito nos garotos que demonstram interesse em você. O cara é lindo, ficou te paquerando o período todo e você aí, preocupada com a hora.

Passávamos pelo corredor apinhado de alunos, havia apenas uma saída no final dele, que, para ajudar, era estreita. Bufei, calculando talvez uma hora ou mais para ver Pietro.

— Não estou achando defeito e ele não me paquerou. Ele sabia exatamente o que a professora ia dar em aula, sabia o que eu queria para redação e por que ele me mandou ter cuidado? — Olhei Bruna de soslaio, parada na fila para a saída.

— Deve ser o jeito dele de mostrar interesse, deixar você curiosa e pensando nele. E tá dando certo — riu. — Ele é lindo, tem dentes brancos como você gosta, cabelão liso, como *você* gosta, — enfatizou — é alto e ainda sabe criar uma história. Perfeito para você.

— Ele tem as qualidades externas que eu gostaria em um namorado, mas não quer dizer que vou cair de amores por ele.

— Qualidades externas para um namorado? — Arthur perguntou. Estava ao meu lado, o braço colado ao meu e com um sorriso presunçoso e lateral, como se estivesse ouvindo a conversa o tempo todo; Mas eu tinha olhado, ele não estava ali um segundo atrás.

— Como? — Olhei para trás e não tinha espaço para passar pelos alunos, uma multidão me seguia rumo à saída. Não havia salas de onde ele poderia ter saído, apenas as paredes e as portas no final do corredor.

— Você me vê como um possível namorado, Suzaninha?

Senti uma mão em minha cintura e sabia que não era da Bruna, porque o calor dele passou pela minha jaqueta e grudou na minha pele.

— Não estávamos falando de você. — Respondi, ouvindo em seguida a Bruna rindo, deixando claro que era mentira. Suspirei, ficando irritada.

— De onde você é, Arth? — Bruna tinha mania de apelidar as pessoas.

— Manaus. — Ele sorriu.

— Por isso a jaqueta. — Flertou, dando uma piscadela para ele. Olhei-a enviesado, chateada por paquerá-lo na minha frente.

— Isso. — Ele retribuiu o flerte, o que me deixou furiosa. A mão dele ainda estava em minha cintura e descendo gradativamente. Me mexi incomodada e ele colocou por dentro da jaqueta sobre minha camiseta da escola.

Eu não tinha como tirar, estava com muita vergonha para fazer qualquer gesto.

— Manaus é muito quente. Aqui deve estar uns quinze graus enquanto lá, com certeza, estão uns quarenta ou mais. Para mim, está frio. Muito frio.

Minha amiga ignorou meu olhar, encarando Arthur com um sorriso de pena, com certeza seria a primeira a montar um fã clube na escola chamado “Arthurzetes”. Me remexi novamente e ele me puxou para mais perto. Senti seu abdômen definido no meu braço, o corpo dele fervia em contato com minha pele.

— Não parece com frio. — Sussurrei tentando quebrar o clima, só não sei dizer se era o clima deles ou o que eu sentia enquanto a mão dele passeava pelas minhas costas.

— Por quê? — Ele voltou o olhar para os meus olhos, a íris crescendo conforme o olhar ficava mais profundo.

— Você está quente. — Falei sem pensar e a Bruna começou a rir bem alto. Na mesma hora, lembrei-me do papel trocado na aula. *HOT*, que significa quente em inglês.

Corei.

— Hum, muito obrigado. — Ele, com certeza, levou na malícia. Pensei em algo sensato para dizer, mas não era boa com conversas, expressava-me muito melhor na escrita. Então, desisti, voltando a olhar para as portas da saída. Faltavam poucos passos.

— Por que você é tão quente? — Perguntei e, de novo, me arrependi.

— Deve ser por causa da minha raça, sou mestiço, — franzi o cenho e o encarei — metade brasileiro, metade índio. — Ele riu.

Prestei mais atenção e ele realmente possuía traços indígenas.

A pele era morena e o cabelo liso e longo deixava mais clara sua ascendência, agora que eu sabia.

— Nunca conheci um índio. — Bruna se pronunciou.

— Prazer. — Ele sorriu fazendo uma mesura quase imperceptível.

A Bruna adorava esse tipo de flerte, cheio de risadas e indiretas implícitas. Os dois continuaram se olhando por um tempo, mas a mão dele estava firme na minha cintura e o tronco forte encostado em mim. Ele era mais alto, então, sentia o hálito quente cortando meu rosto cada vez que ele respirava, ignorei o frio no estômago que aquele contato causou.

— Vamos. — Respirei aliviada quando vi o sol do lado de fora da escola e me desvencilhei dele indo em direção à rua. — Tchau, novato. — Disse sem me virar para ele.

— Tchau, *Violet*. — Ele respondeu, causando-me outro arrepio na nuca.

— Por que *Violet*? — Perguntou Bruna depois de me alcançar.

— Por causa da redação.

— Quero ler.

— Não fiz cópia.

— Então me conta.

— Bruh, a professora com certeza vai ler as melhores amanhã, você ouve.

— Mas, é metida mesmo. Já acha que está entre as melhores?

Ri baixo, as minhas redações sempre estavam entre as melhores. Não me sentia mais constrangida com isso, ao contrário, me incentivava a continuar escrevendo.

— Acho que sim, ele escreve bem também. — Admiti.

Chegamos à porta da minha casa e a Bruna quis entrar, estava ansiosa para saber mais sobre Pietro e mais sobre Arthur.

— Posso ir com você até a porta do Pietro. Aí, quando ele sair para atender, finjo que estou apenas passando na rua e te cumprimento.

— Claro que não! — Subíamos a escada para o meu quarto. — Ele não é um garoto Bruna, deve ter uns 21 anos.

— Papa anjo! — Ela riu, se jogando na minha cama.

— Você é muito boba. — Ri junto, tirando minha roupa e entrando no banheiro.

— Vou ler seu último capítulo, posso?

— Pode. — Gritei do banheiro.

O ruído do chuveiro manteria Bruna quieta por um tempo e o capítulo também, eu não tinha escrito muita coisa, afinal, passei o final de semana entretida com as imagens de Pietro e as sensações que ele me causava e me esqueci, totalmente, do livro.

A história ainda não tinha definição. Era um misto de mistério, sedução e suspense. Bruna vivia me pedindo para que o protagonista fosse um vampiro ou um anjo caído do céu como nos livros que ela mais gostava, mas eu não sabia escrever sobrenatural, achava que tudo o que não fosse possível explicar era impossível de ser escrito. Histórias fantasiosas eram para mentes mais criativas que a minha.

— Ele é vampiro! — Ela gritou do quarto, me fazendo rir.

— Não viaja! — Terminava de passar o condicionador em meus cabelos quando senti que alguém me vigiava, um vento gelado subiu pela minha nuca e se instalou atrás da minha orelha como um sussurro sem palavras.

Estremeci. Desliguei o chuveiro com o coração disparado, enrolei-me na toalha saindo para o quarto com os cabelos pingando no carpete.

— Ele vai gostar de te ver assim. — Ela me disse após erguer os olhos do notebook.

— Boba. — A sensação sumiu no segundo que sai do banheiro. Olhei para a janela, mas as cortinas estavam fechadas e a porta do meu quarto também, não havia nada, apenas a minha imaginação.

Voltei para o banheiro e me enxuguei. Depois, vesti o jeans e saí apenas de sutiã branco. Não sabia o que vestir. Por este lado, era bom ter Bruna por perto, ela era excelente em escolher minhas roupas.

— Essa. — Ela já me estendia uma regatinha branca de alças finas. — E este. — Um colar de prata com pingente de coração que, quando coloquei, ficou na altura do decote. — Coloque-o por dentro da regata, isso chama atenção dos meninos.

Ela riu.

— Não quero chamar atenção para o meu decote!

— Quer sim, vai por mim. — Parei na frente do espelho tentando desembaraçar os nós do meu cabelo e deixá-los com os cachos definidos, enrolando-os nos dedos. A Bruna me ajudou, largando o notebook por um tempo. — Você vai usar maquiagem?

— Claro.

— Ótimo! — Ela me olhou pelo espelho. — Eu acho que aquele Arthur está a fim de você. — Dei de ombros enquanto delineava os olhos com lápis preto. — Você devia pensar no caso, sabe? O Pietro é muito velho.

— Ele não é tão velho assim.

— Hoje, você descobre tudo e, depois, me conta, ok?

— Ok. — Respondi. Estava pronta.

No espelho, meus olhos estavam mais claros por causa do lápis e do rímel, os lábios maiores pelo *gloss* cor-de-rosa e as bochechas vermelhas porque passei um pouquinho só de blush. *Linda*, pensei comigo mesma.

— Vai de chinelo? — Ela me perguntou descontente.

— Não! Vou de tênis.

Bruna revirou os olhos e abriu minha sapateira. Alguns minutos e voltou com um par de sapatos. Era minha sandália preta de salto baixo com um coração pequeno de *strass* preso em duas faixas de couro que ficam sobre os dedos. Odiava deixar meu pé à vista, mas ela estava certa, ficaria melhor que usar tênis.

Calcei as sandálias e me olhei de novo no espelho, a franja estava presa com o *tictac*, um par de brincos pequenos em forma de estrela ficou escondido por baixo do volume do meu cabelo. Soltei um longo suspiro. Meu gosto eclético para as roupas não me agradava na maioria das vezes, mas estava satisfeita com o resultado final.

— Gostei do capítulo, mas falta algo. — Bruna resmungou, fechando meu note.

— O quê?

— *HOT HOT HOT!* — Ela começou a dançar em cima da minha cama. Eu amava vê-la tão bem, fazia-me esquecer das complicações ou da falta dos meus pais. Sentia desejo de ter minha mãe perto de mim a todo o momento, mas estava conseguindo controlar melhor a depressão e a saudade.

— Você é muito safada, — rimos — eu não sei escrever coisas assim, mais *quentes*. E vamos, estou atrasada.

— Tá bom.

Despedimo-nos na porta de casa, mas eu sabia que a Bruna esperaria em algum lugar para poder ver Pietro. Meu coração estava tão disparado que mal conseguia ouvir o barulho dos carros na rua. Andei devagar para acalmar minha respiração, então, parei na frente do portão principal e toquei o interfone. O portão abriu e comecei a subir pelo caminho até a porta principal. Quando cheguei, o mordomo já estava me esperando.

— Senhorita Monteiro, senhor Pietro lhe aguarda na biblioteca. Por aqui.

Ouvi o mordomo fechar a porta e o segui.

Capítulo 6



A recepção da casa era muito maior que a da casa dos meus avós. Eu estava acostumada ao luxo, mas não a tanto. Na entrada, havia uma mesa em madeira maciça com um pomposo arranjo de flores, rosas vermelhas e brancas misturando-se com pequenos ramos verdes em um vaso de cristal. A mistura era estranha ao meu gosto, mas o arranjo era realmente lindo.

À minha direita, uma escada também em madeira com cerca de dois metros de comprimento, degraus revestidos em carpete azul-marinho e em espiral, imaginei que daria para os quartos no andar de cima.

Segui o mordomo até a entrada da biblioteca. A porta dupla estava entreaberta, ele fez um gesto para que eu entrasse e saiu. Fiquei um tempo parada, tentando me acalmar e respirando lentamente até me sentir pronta para encará-lo. Pela primeira vez na vida, sentia-me como as adolescentes dos meus livros, igualmente nervosa por estar perto de um rapaz que mexia comigo. Sorte a minha que me lembrei do remédio de labirintite, tomando-o mais cedo.

Entrei devagar, o cheiro de lugar antigo e do mofo dos livros velhos estava forte, mas não era incômodo. Ao contrário, dava-me certo prazer já que ler é minha segunda tarefa predileta.

— Suzanna? — Ouvi a voz familiar.

Pietro estava sentado em um sofá de dois lugares, azul-marinho como o carpete. Tinha um livro sobre o colo, ao lado dele uma mesinha redonda com um abajur ligado. Vestia calça jeans e camiseta polo branca, mais despojado do que eu gostaria de ver. Imaginava-o como um rapaz antigo, um soldado talvez, até um revolucionário que lutou contra os exércitos alemães. Conseguia vê-lo nitidamente com uma boina, camisa desbotada e um colete antigo por cima, um charuto barato na boca e aquele sorriso sarcástico de quem tem algo a dizer, mas se cala deixando para a outra pessoa adivinhar. Ele riu alto, tirando-me do pequeno devaneio e lhe sorri, aproximando-me.

— Oi.

— Olá. — Pietro se levantou vindo até mim, uma das mãos deslizou até a minha para, então, levá-la aos lábios e beijá-la. — Você melhorou? — Respirei, recuperando o fôlego e concordei lentamente. — Como foi na escola? — Continuou, levando-nos até o sofá.

— Tudo bem.

O piso de madeira estava brilhando e havia muitas prateleiras com livros, desde o teto até o chão, algumas mesas afastadas de nós, com abajur ao centro e, em outro canto, duas mesas com computadores.

— Quantos livros têm aqui?

— Da última vez que foram contados, a coleção beirava aos vinte mil livros.

Ergui uma sobancelha surpresa com o número.

— Poucos, não? — brinquei.

Ele ainda segurava minha mão e agora o braço estava em volta do meu ombro. Quem entrasse acharia que éramos um casal e, internamente, eu gostaria que fosse verdade, porém havia algumas dúvidas sobre ele, como o fato de parecer saber o que gosto sem que eu tenha contado a alguém. A rosa, o museu, meu delito de ler no fundo da casa dele.

— Preciso de mais alguns, você tem razão. — Ele sorria, parecia leve sem a característica ruga entre os olhos.

— Por que me chamou aqui? — Perguntei, encarando-o.

Ele umedeceu os lábios e, com os dedos, tirou a franja dos meus olhos, apressei-me a arrumar o *tictac* nos cabelos, fazendo-o sorrir de novo.

— Curiosidade. — Disse ele em seguida.

— Com o quê?

— Você. — Os dedos delinearam meu rosto até a curva do meu pescoço. Arrepiada, tentei reprimir o espasmo que o toque me causou, mordi meu lábio com força enquanto via aqueles olhos brilharem de satisfação.

— Você gosta de me deixar sem graça.

— Um pouco, você fica fascinante.

Fascinante e não linda. Por que ele usaria a palavra fascinante? Apertei os olhos tentando organizar os pensamentos, pois ele continuava com o toque, agora em minha mão, fazendo círculos na palma.

— Como sabia sobre a rosa e como conseguiu colocá-la no meu quarto?

Ele apertou os lábios, parando com as carícias. Quase retirei a pergunta para que voltasse ao carinho, mas, parecendo ler meus pensamentos, ele sorriu, assentiu e voltou a fazer os círculos em minha mão.

— Você me contou, já disse.

— Eu. Não. Conteí. — Falei pausado por não estar acostumada a ser tocada por garotos. Conseguia me lembrar da mão de Arthur na minha cintura com nitidez, era estranho pensar que dois caras tão lindos estavam fazendo carinho em mim em menos de 24 horas.

Pietro me olhou tão profundamente que arfei.

— Como foi na escola, Suzanna? — Ele nunca havia me chamado pelo nome de

forma tão incisiva.

— Por que você nunca responde minhas perguntas?

— Porque não é hora de você saber. Com *quem* esteve na escola?

Ele se inclinou na minha direção, passou o rosto no meu depois desceu até meu pescoço, minha respiração começou a falhar e segurei em sua camisa com um pouco de força, me perguntando se seria agora meu primeiro beijo. Não conseguia recordar da pergunta, a mão de Pietro estava na minha cintura e o corpo com aquele cheiro amadeirado e de rosas inclinado para mim, só conseguia me dar conta dos centímetros que me separavam dele.

— Quem esteve com você? — Ele repetiu, agora sussurrando na minha orelha. Estava tentando respirar, então como, por Deus, conseguiria responder? Puxei o ar com força, enchendo meus pulmões do muito bem-vindo oxigênio.

— Um monte de gente, P... — Sussurrei, deixando minha mão deslizar até o cóis da calça dele, a camisa polo cheirava a amaciante de roupas.

— Nomes. — Sussurrou, mordiscando a ponta da minha orelha.

Eu nunca tinha sentido algo assim, meu corpo esquentou e senti toda a pele arrepiar, não sei como pensava que eu pudesse raciocinar com ele fazendo isso. Só conseguia pensar no beijo que eu queria que acontecesse e logo.

— Bruna, Professora Sandra, Ar...thur... — Ele chupou minha orelha e, de repente, parou com os carinhos se sentando corretamente, sem mais nem menos, apenas parou tudo.

— Quem são? — Os olhos estavam escuros, parecia irritado.

Comecei a achar que ele esperava alguma reação minha aos toques, mas eu não sabia o que tinha de fazer. Pisquei algumas vezes, afastando as lágrimas dos olhos e peguei a mão dele entrelaçando nossos dedos. Não era um beijo, mas um toque de algum jeito.

— Bruna é a minha melhor amiga, — ele assentiu ainda sem me olhar, os lábios numa linha fina, — a professora Sandra da aula de literatura, ela é bem legal e o Arthur é um garoto novo, começou hoje. Não o conheço. — Achei melhor não falar que o garoto é cara de pau e que ficou me acariciando, não falei também que acho que ele me convidou para ver o sol nascer.

— Não gosto desse nome, Arthur. — Disse, depois respirou e se voltou para mim. Sorri pensando que fosse algum tipo de ciúme. — Como ele é? — Novamente aquela esperança de ciúme me fez sorrir.

— Alto, moreno, lembra um indígena de cidade grande.

— Indígena? — Ele arregalou os olhos me encarando.

— Isso. Por quê?

— Gosto de estudar raças e credos. Conheci poucos índios.

— Ele disse que é descendente.

Pietro concordou, seus pensamentos longe dali. Suspirei, desistindo da ideia do meu primeiro beijo, no entanto ainda sentia queimar minha orelha e meu corpo continuava trêmulo. Era bom me sentir desejada, mas começava a achar que ele fazia isso só para me distrair das perguntas que não respondia. Ouvi Pietro suspirar e o olhei.

— Fique a vontade na biblioteca, Suzie. A chamei para lhe mostrar nosso acervo, precisarei me retirar. Ficará bem?

Ele ia sair e me deixar sozinha dentro da casa? Demorei alguns segundos para entender a informação.

— Eu volto para minha casa, não se preocupe.

— Quero que fique.

— Não P, claro que não. Mais tarde nos veremos?

— Sim. Creio que sim. — Ele passou a mão em meu rosto e beijou minha testa. — Até mais tarde.

Inclinei-me antes dele se levantar, apoiando minhas mãos nos ombros dele e lhe beijei os lábios, só que acertei meus dentes no lábio dele, porque afobada não me lembrei de fechar a boca. Meu coração estava disparado pela vergonha e, com certeza, minhas bochechas em fogo vivo. Além de tentar beijá-lo de surpresa, ainda fiz errado.

Levantei-me e corri, sentindo gosto de sangue na minha boca, restava saber se eu me machuquei ou ele.

— Suzie... — Ouvi P. me chamar, mas não parei até estar fora daquela casa.

Desci a rampa de entrada até o portão principal, só que estava trancado, olhei para cima e vi que alguém me olhava da janela. Não era nítido porque aquela parte da casa estava oculta pelas sombras, mas acreditei ser ele. Em seguida, ouvi o clique e o portão se abriu, sai e o fechei.

— Droga, — disse a mim mesma — droga.

Mantive a pressa até estar dentro da minha casa. No espelho do meu banheiro, certifiquei-me de que o machucado tinha sido nos meus lábios. Estava com um corte pequeno que sangrava ainda. Peguei um pedaço de algodão e pressionei o corte enquanto me deitava na cama revivendo a cena ridícula mais algumas vezes.

Não me lembrava do gosto dos lábios dele, se eram frios, quentes ou mornos, apenas da vergonha. Como o encararia agora? Meu celular vibrou pela décima vez e vi o número dele na identificação de chamadas. Virei de costas para o celular, ignorando-o. O que eu diria? *Olá, desculpe-me manchar seus dentes com meu sangue?*

— Droga!

— Suzanna, Suzanna! — Senti mãos frias em minhas costas e abri meus olhos,

respirei fundo, esfregando-os.

— Oi, vó.

— Tem visita para você lá embaixo.

Sentei.

— Quem?

— Um rapaz. Chama-se Arthur.

— Quem?! — Espantei-me, tentando entender como ele conseguiu meu endereço.

Levantei-me sobressaltada, correndo para o banheiro. Escovei meus dentes, lavei o rosto e, em seguida, arrumei meu cabelo em um rabo de cavalo, o *tictac* estava perdido em algum lugar entre meus lençóis.

Desci as escadas elegantemente com minha avó em meu encalço. Com certeza mais tarde, teria de responder inúmeras perguntas. Ele estava sentado com meu avô no sofá que adorna toda a parede da sala de estar, pareciam jogar xadrez. Arthur vestia a mesma jaqueta de couro com a gola virada para cima, jeans, botas e uma camiseta branca. O cabelo comprido estava preso e me olhou de rabo de olho, abrindo um sorriso torto que me fez respirar bem fundo.

— Oi.

— Oi. — Ele moveu uma peça no tabuleiro.

— Seu amigo joga bem, bebê. — Vovô me disse com um sorriso que dizia mais que isso, ele tinha gostado de verdade de Arthur.

— Se ele ganhar, vou concluir que o senhor está certo, vovô.

— É uma aposta? — Questionou Arthur.

— O que eu ganho quando você perder? — Vovô entrou na brincadeira depois de *comer* o cavalo branco de Arthur.

— Um tabuleiro novinho de vidro.

— Já tenho um.

Arthur olhou vovô por alguns segundos e riu.

— Uma caixa de charutos *Cohiba Behike*. Foram fabricados apenas quatro mil para comemorar os 40 anos da fábrica, o que me diz?

— Você não tem uma caixa dessas.

— Ganhe e o senhor saberá.

Vovô me olhou com olhos brilhantes.

— São os melhores charutos do mundo e estes foram fabricados em ébano preto, nácar, sicomoro, cedro e osso de boi. São raros, poucos compraram por causa do valor. Se não me engano, a caixa com quarenta custava dezessete mil euros, estou correto?

Arthur apenas assentiu. Ele não parecia tão rico para possuir uma caixa de charutos tão cara.

— O senhor não pode fumar vovô.
— Esses charutos? Claro que posso! — Ele riu vendo Arthur *matar* um peão
— Mas, não posso concordar, são muito caros.
— Com medo de perder?
Eles se olharam, desafiando um ao outro, vovô riu.
— O que você ganha se eu perder?
— Quando o senhor perder, eu ganho um dia com a bela garota ali.
— Ow, eu não estou à venda! — Cruzei meus braços.
— Concordo. Se ela não quiser passar o dia com você, não irá.
— Mas, ela quer, Senhor Alfredo.

Meu estômago se revirou. Na verdade, eu não sabia se queria, mas sabia que não queria negar qualquer pedido que ele me fizesse.

— O que você está fazendo na minha casa? — Fui rude, não gostava de sentir essas coisas quando ele estava perto, sentia como se traísse meus princípios de escritora.

— Combinamos, não lembra?
— Claro que não. Como tem meu endereço?
— A Bruna me deu.

Cruzei os braços, encarando-o descrente. A Bruna não tinha nenhum limite.

— Não combinamos nada. — Afirmei.

— O que você fez na boca? — Eu tinha me esquecido por completo que dormi com o algodão nos lábios, nem notara isso quando me arrumei no espelho, tamanha a pressa. Passei os dedos na boca, mas não tinha algodão nenhum preso nela.

— Nada. — Franzi o cenho, duvidando que desse para notar o corte minúsculo que tinha ali.

— Parece que você cortou, está inchadinho. — Ele tocou meu lábio bem onde havia o corte, puxei o rosto, constrangida. — Quero te levar a um lugar. — Falou, recolhendo a mão — *Xeque-mate*. — Disse, derrubando o rei preto no tabuleiro.

— Você não ganhou! Ah, você não ganhou! — Meu avô começou a observar o tabuleiro com atenção, reclamando baixinho. — Sua estratégia foi boa, garoto. Parabéns.

Apertaram as mãos.

— Minha prenda. — Ele apontou para mim, rindo.

— Não ficou acordado nada, mas, se Suzanna quiser sair, ela pode ir.

Vovô estava nitidamente encantado por Arthur. Agora que foi derrotado, seria impossível convencê-lo que o garoto era estranho.

— Não vou sequestrar você Suzanna, é apenas um passeio. Um jantar. O que me diz?

— Jantar? — Olhei no cuco perto da entrada da sala e me assustei com as

horas, passava das nove da noite — Quando?

— Agora. — Ele se levantou, cumprimentando vovô.

— Não posso.

— Tem outro compromisso? — Eu tinha, com Pietro, mas logo me lembrei da frustrante tentativa de beijo e decidi que não iria ler esta noite.

— Não tenho, mas...

— Então, vamos, é só um jantar inofensivo.

Ele inclinou a cabeça de lado fazendo beicinho, qualquer garota cairia numa armadilha dessas e eu não era diferente delas.

— Tudo bem. Só vou pegar minha bolsa.

Ele concordou fazendo um “V” de vitória com os dedos para o meu avô. Revirei os olhos. Do meu quarto, espiei o quintal da casa vizinha, parecia tão deserto como sempre esteve. Uma pontada de culpa passou pela minha mente, mas decidi ignorar, Pietro e eu éramos apenas amigos e Arthur estava sendo gentil, só isso. Não tinha problema nenhum sair com ele para um jantar inocente, a não ser que ele decidisse cobrar assistirmos ao sol nascer. Suspirei, olhando-me mais uma vez no espelho da cômoda.

Meu lábio estava mesmo inchado. Passei um brilho e descii para a sala. O garoto estava ao pé da escada com a mão estendida para mim, segurei-a morrendo de vergonha e descii o último degrau.

— Tchau. — Acenei para vovó e para o vovô e me deixei ser guiada por Arthur.

— Você está linda.

— Estou igual há cinco minutos atrás.

— Estava linda também. — Ele abriu a porta de um Sedan preto que estava estacionado na porta de casa e, depois, foi para o banco do motorista.

Coloquei o cinto de segurança um pouco relutante. De súbito, senti vontade de correr e voltar para o meu quarto, mas seria bom me distrair um pouco da vergonha que passei durante a tarde.

— Você vai me levar aonde? — Perguntei depois de ele sair da propriedade de vovô e pegar à direita na direção contrária aos restaurantes que eu conhecia.

— Cesarius, conhece? — Neguei. — É uma lanchonete, acho que vai gostar.

Suspirei, não entendia porque aquele garoto cismou comigo, tínhamos nos conhecido apenas há algumas horas.

— Arthur, porque pediu meu endereço para Bruna?

— Queria ver você.

— Não acha que é cedo para isso?

— Isso o quê? — Ele riu, girando o volante para a esquerda.

— Isso. Você e eu. Nos conhecemos hoje. — Ele me olhou. Depois, voltou a

olhar à rua.

— Estamos apenas indo lanchar, o que acha que estamos fazendo?

Fiquei nervosa, estava pensando em um encontro amoroso, mas aparentemente ele não. Minha respiração ficou pesada de repente e tinha certeza de que gaguejaria se respondesse de imediato.

Ele me olhou de novo, esperando minha resposta.

— Pensei que fosse uma espécie de encontro. — Disse sem gaguejar, respirei fundo encarando a rua.

— Isso? — Ele soou divertido. — Se for, tem problema?

— Sim.

— Qual? Tem namorado, Suzaninha? — Ele estacionou em frente a uma lanchonete de esquina, o letreiro enorme reluzia em azul com a palavra *Cesarius* brilhando, as pessoas formavam uma fila na entrada e, a mim, pareceu ser mais *chique* do que uma simples lanchonete.

— Não tenho namorado — admiti. — Nunca vi este lugar. É novo?

— Sim. — Afirmou, saindo do carro e, antes que eu abrisse minha porta, ele a abriu, esticando a mão para me apoiar. — Conheço o dono.

Entramos de braços dados, passando na frente de toda a fila, olhei para as pessoas que esperavam um pouco envergonhada, mas também me sentindo importante. Mesmo com todo o dinheiro dos meus avós, nunca tinha me dado ao luxo de usar mais do que o que me davam na mesada e jamais ostentei a riqueza deles.

Sentia-me diferente naquele ambiente, sendo observada por todos que nos viram passar sem sermos barrados. A garçonete parou ao lado de Arthur, entregando-nos o cardápio.

— Bem-vindos. Quando estiverem prontos, tomarei seus pedidos. — E saiu, o salto fazendo *clac clac* no piso de mármore preto.

Abri o cardápio, mas não tive tempo de olhar. Arthur arrancou-o das minhas mãos.

— Certeza de que você vai querer *cheesburger* com queijo extra, batatas fritas e coca-cola gigante com muito gelo. — Sorri, ele tinha acertado em cheio, não precisava ver o cardápio para saber que este seria meu pedido.

— Como sabia?

— Ouvi você. — Respondeu.

— Hã?

Ele estendeu a mão chamando a garçonete.

— Dois *cheesburgueres* com queijo extra, dois refrigerantes com gelo, um com limão, e uma porção de batatas fritas. — Ele me olhou. — Depois, queremos uma banana *split* e duas colheres.

Não soube nem o que dizer, ele era um bom adivinho.

— Banana split?

— Meu preferido, — disse com um sorriso infantil. — Então, Suzie, você namora?

— Não! Por que essa pergunta de novo?

— Por causa desse corte no seu lábio. — Corei. — Parece uma tentativa frustrada de beijo. — Ele riu.

— Olha aqui, não sei como você faz isso, mas, por favor, pare. — Respirei fundo.

— Faço o quê?

— Isso! Você sabe tudo sobre mim! Você e... — Engoli o nome de Pietro antes de dizer. Ambos agiam da mesma forma, pareciam adivinhar meus pensamentos e meus desejos. A diferença era a aparência deles e que Arthur era mais direto.

— E? — Ele me encarou.

— Ninguém. — Bufeí.

— Suzie, você é fácil de ler, seus olhos são a sua alma.

Ele disse praticamente o mesmo que Bruna vive me dizendo.

— Não acho tão fácil assim saber como seria meu final de semana perfeito ou o que eu gostaria de comer se você só esteve comigo apenas uma vez na escola.

Ele concordou lentamente, dando espaço para colocarem a comida sobre a mesa redonda onde estávamos.

— Você me lembra de uma garota. — Disse ele. — Coma.

— Que garota? Sua namorada? — Peguei uma batata, colocando-a na boca.

— Quase. — Ele riu.

— Ela foi inteligente e não namorou você?

— Ai, doeu! — Ele levou a mão ao peito, brincalhão, mas percebi nos olhos dele que fui longe demais.

— Desculpe-me.

— Não se preocupe, eu fui muito invasivo, concordo com você. Mas, já teve a sensação de está perdendo tempo demais?

— Algumas vezes.

— Ou que amanhã pode ser tarde demais? — Ele bebericou a coca, me olhando.

Recordei-me do acidente. Aquele dia tinha sido um dos piores de que me lembrava, papai e mamãe brigaram o tempo todo e eu com eles, pois não queria me mudar para casa dos meus avós. Não compreendia o motivo de deixarmos nossa cidade, meus amigos e, depois que eles morreram, todos os dias cobro-me por não ter-lhes deixado saber que os amava.

— Sim, sempre. — Concordei. Arthur pegou minha mão, fazendo carinho com a

ponta dos dedos e me surpreendi gostando do toque dele. — E por que sente que está perdendo tempo? — Perguntei, depois de mastigar um pedaço do lanche.

— Você é linda Suzanna, qualquer um pode chegar antes de mim. — Entrelaçou nossos dedos.

— Mas, você nem me conhece direito!

— Não estou te pedindo em namoro. — E novamente aquele banho de água fria. Puxei minha mão.

— Não disse que está.

— Mas, gostaria que eu pedisse? — Ele puxou minha mão com delicadeza, traçando corações com o polegar sobre ela.

— Não. — Respondi sem pensar, a imagem de Pietro em minha mente e do beijo frustrado me fizeram corar.

Arthur respirou fundo enquanto mordida o lanche e engolia sem mastigar.

— Tem alguém, não tem? — Quando me olhou, os olhos dele estavam em um verde bem claro e a respiração pesada, como se ficasse bravo com a minha possível confirmação.

— Não... Não. — Pensei em Pietro de novo, mas, aparentemente, não passávamos de amigos. Se ele me quisesse, agiria como o Arthur, convidando-me para jantar e declarando que gostou de mim.

— Certeza?

Respirei fundo, constrangida.

— Eu gosto de alguém, mas ele não corresponde. — Respondi dando atenção para as batatas.

— Ele tem nome? — A voz pareceu sussurrar dentro da minha mente.

— P...

— Suzanna? — Ergui os olhos e lá estava ele, Pietro.

Rapidamente recolhi a mão que estava presa a de Arthur, sentindo meu coração disparado, assustada com a presença dele e envergonhada também.

Capítulo 7



— Pietro, o que faz aqui? — Perguntei. Ele encarava o Arthur com o olhar escuro como quando nos vimos esta tarde. Arthur não estava indiferente, encarava-o também com aquele tom esverdeado que tinha visto agora há pouco. De repente, pensei que eles podiam se conhecer, a hostilidade e estava palpável.

— Vim jantar e você? — Respondeu.

Arthur tossiu e riu, desviando o olhar para o meu.

— Jantar. — Mordi meus lábios, constrangida.

— Pietro. — Ele estendeu a mão para Arthur que retribuiu o cumprimento.

— Arthur. — Disse demoradamente como se soletrasse o próprio nome e só depois largou a mão de Pietro. P me encarou, fazendo-me recordar da conversa desta tarde em que fingi não haver importância no garoto novo da escola.

— O da escola?

— Isso. Ele foi... — Pietro encarou Arthur. Tive a impressão que disse algo, mas só os lábios se mexeram e ele saiu sem me deixar terminar a frase.

Arthur riu divertido, os olhos voltando ao castanho natural.

— É dele que você gosta?

Estava nervosa. O cara que eu gosto tinha acabado de me flagrar com outro no mesmo dia que eu tentei beijá-lo. A vida realmente não estava a meu favor.

— É. — Admiti, colocando uma batata na boca.

— É bom fazer ciúme, fingir que não está tão afim assim. — Ele pareceu sincero, mas tinha algo a mais em sua voz que não consegui identificar: tristeza, desapontamento... Não sei.

— Você acha? — Olhei para fora, vendo o carro partir. Pietro estava em um jipe verde, nunca imaginaria ele com um jipe.

— Certeza. Ele parece o tipo de cara que desiste fácil, não serve para uma mulher como você. — Ele buscou minha mão novamente, mas não deixei que a tocasse, olhando novamente para a janela.

— Você acha que ele gosta de mim? — Vi pelo reflexo da janela Arthur fazendo uma careta e coçando o queixo.

— Não o conheço para ter certeza, mas ele pareceu com ciúme. — Foi sincero.

Suspirei, olhando ao redor, não sabia o que dizer. Então, voltei a comer sentindo um nó na garganta. Talvez se estivesse em casa, choraria até cansar. Só esperava que ele entendesse porque não comentei sobre as investidas de Arthur mais cedo.

O restaurante era mais que uma simples lanchonete, observei enquanto comíamos. A *hostess* estava à porta confirmando as reservas, vestia um terno azul-marinho com uma camisa branca e um lenço em vários tons de azul amarrado ao pescoço, o salto fino de mais de cinco centímetros e no mesmo tom azul do terno, imaginei que fosse parte do uniforme.

Na entrada, havia um bar com um *barman* fazendo malabarismos com os drinks dos fregueses, um espelho enorme às costas dele e várias garrafas das mais variadas bebidas. Um tapete vermelho separava o bar do restaurante. No centro, tinha um espaço aberto e alguns casais dançavam abraçadinhos. Mais à frente, uma banda tocava *jazz* com uma garota cantando suavemente. Pena que de onde estávamos o som se perdia no burburinho das conversas. Ao redor do palco e da pista de dança, estavam mesas redondas decoradas com toalha vermelha, pratos de porcelana branca, talheres e copos de cristal. Não entendi como um lugar tão requintado servia hambúrguer e batata frita.

— Faz parte do cardápio o que pedimos? — Perguntei, notando que não havia nenhum outro casal comendo o mesmo que nós. Vi massa, peixe e iguarias irreconhecíveis, mas hambúrguer não tinha em nenhuma outra mesa. Arthur riu, jogando a cabeça para trás.

— Você é mesmo observadora. — Dessa vez, ele capturou minha mão e depositou uma rosa branca, retirada do arranjo que estava em nossa mesa.

Segurei a rosa entre meus dedos enquanto sorria e a levei ao nariz para cheirar, suspirando em seguida e me recordando da rosa colombiana. Nunca ganhei uma flor na vida e recebia a segunda em menos de uma semana.

— Obrigada... Mas, como conseguiu o hambúrguer? — Perguntei, curiosa.

— Conheço o dono e você merece. — Ele riu novamente.

— Eu poderia comer o que está no cardápio. — Alerttei, envergonhada por ele pensar que não era capaz de usar talheres adequadamente.

— Eu sei que você sabe se portar à mesa. — Arregalei meus olhos me lembrando do que ele e Bruna disseram, que meu rosto era fácil de ler, se não fosse isso eu juraria que ele ouviu meu pensamento. — Mas, eu queria que a noite fosse agradável para você também.

— Obrigada, mas eu gosto de peixe. — Sorri.

— Mas, prefere lanche.

— Ou peixe.

— Prefere lanche.

— Frango também.

— Coma e fique quieta. — Ambos rimos.

A noite foi agradável mesmo depois do incidente com Pietro. Arthur era mais divertido do que aparentava, fazendo piada de quase tudo o que falávamos. Não me

sentia tão à vontade com alguém há muito tempo.

— Sua banana split, senhor. — A garçonete colocou sobre a mesa junto com as duas colheres, olhei para o sorvete com água na boca.

No início do jantar, fiquei imaginando como faríamos para comer os dois juntos no mesmo prato, mas agora não me sentia tímida para fazê-lo, peguei a colher tirando uma pequena quantia do sorvete com a cobertura e comi.

— Nossa! A melhor banana split da minha vida! — Afirmiei, ainda de boca cheia, arrancando um sorriso enorme de Arthur. Ele colocou a mão no queixo e ficou me olhando, brincando com a colher na outra mão. — Não vai comer?

— É mais legal ver você comer.

— Não aguento sozinha! — Voltava a colher ao sorvete pegando mais um pouco e levando a boca. Arthur sorriu me imitando. Em menos de cinco minutos, havíamos devorado a sobremesa.

— Quer dançar? — Ele perguntou, limpando os lábios no guardanapo.

— Não!

— Ah, vamos!

— Arthur, você já conseguiu me arrancar de casa e eu nem queria vir, dançar vai além dos meus limites.

— Limites? — Ele riu.

— É! Não quero dançar.

Ele se levantou, esticou a mão na minha direção e ficou com a outra atrás das costas, fazendo pose. Neguei expressivamente, não sabia dançar o tipo de música que estava tocando e pensar em ficar tão próxima assim dele me incomodava, mesmo que eu não entendesse o motivo.

— Suzanna... — Segurou meu pulso, fazendo-me levantar, as pessoas olhavam sorrindo, me incentivando. Arthur puxou o elástico do meu cabelo fazendo os cachos deslizarem até minhas costas, respirei fundo ajeitando o *fuá* e tentando pegar o prendedor de volta. Ele continuou segurando meu pulso indo na direção da pista. Virou-se para mim, colocou a mão no centro das minhas costas e me prendeu a ele, o tronco há poucos centímetros dos meus seios, o rosto tão perto que sentia o cheiro da banana split em seu hálito, pisquei e respirei. — Você fica linda de cabelos soltos.

— Ah certo, olha isso! — Apontei meu cabelo imaginando que estava bem volumoso.

Ele sorriu, mas já estava soltando meu pulso, deslizando a mão dele até a minha e a colocando em seu pescoço, minha outra mão coloquei no ombro direito dele, acompanhando os movimentos que fazia, preocupada em não pisar nos pés de Arthur ou tropeçar e cair na frente de todo mundo.

Reconheci a música quase de imediato, *Maybe this time*, que eu adorava ao

som da voz de Liza Minnelli. Sorri, deixando minha testa encostada na bochecha de Arthur, a voz da intérprete era divina e envolvente, quase tão linda quanto a de Liza.

— Você é linda e isso inclui seus cabelos. — Ele sussurrou no meu ouvido enquanto fazia nossos corpos girarem no centro da pista.

— Anram, ok. — Ironizei, mais preocupada com a mão dele encostando na pele da minha cintura do que com o cabelo. Por estar com o braço na altura do pescoço dele, minha blusinha subiu e ele estava se aproveitando, provocando arrepios por toda minha pele.

— Gostou do jantar?

— Gostei. — Ele segurou minha mão me fazendo girar e voltamos a dançar. — É só não me rodopiar muito que vou continuar gostando. — Sorri, sentindo um pouco de vertigem por conta da labirintite.

— Quase me esqueci disso. — Ele sorriu, encarando meus olhos.

— Disso o quê?

— Sua labirintite.

Olhei para ele, piscando algumas vezes. Só a Bruna sabia que eu tomava remédios para labirintite, nem o professor de Educação Física tinha conhecimento porque eu não gostava de parecer doente.

— Como sabe? — Afastei-me indo na direção da mesa. Ele não respondeu, mas sabia que estava me seguindo. Sentei-me cruzando os braços, não poderia sair dali porque eu não estava com dinheiro para pagar a conta. Ele se sentou logo depois com aquele sorriso torto, mas parecia buscar alguma resposta para me dar.

— Eu sei. — Ele afirmou nitidamente desconcertado.

— E como sabe?

— Ouvi na escola eu acho. Alguém disse perto de mim.

— Mentiroso, — respirei fundo apertando meu maxilar de tanta irritação — você vem demonstrando saber muito sobre mim, coisas que nunca comentei com a Bruna ou com meus avós. Como você sabe tanto? Andou me investigando?

— Coincidência Suzanna, você gosta das mesmas coisas que a maioria das garotas.

Ele estava perturbado, esfregava uma mão na outra e me olhava parecendo aflito.

— Não acredito em coincidências, Arthur. Então, por que você não disse pôr do sol na redação? — Questionei.

— Como assim?

— Já que eu sou como a maioria, você deveria ter chutado que prefiro o pôr do sol, são poucas as que admiram o nascer do dia.

— Eu chutei bem. — Ele sorriu, os olhos ficando em uma mescla de verde e cinza.

— Vamos embora.

— Suzie... Desculpe-me. — Ele fez sinal para encerrarem a conta. — Eu apenas sei, tem coisas sobre mim que não posso revelar. Apenas sei, está bem?

— Não, não está.

Ele colocou algumas notas de 50 reais dentro da pastinha da conta e saímos. Fora do restaurante, abriu a porta do carro e esperou que eu estivesse com o cinto de segurança para ir para o lado do motorista.

— Suzie... — Começou depois de sairmos com o carro. — Eu me mudei para a sua escola porque... — Olhei para ele. — Estou apaixonado por você.

Ri, estava nervosa demais para manter a seriedade.

— Mas, nunca nos vimos.

— Eu já vi você.

— Quando? Onde?

— Faz tempo.

— Quando e onde? — Insisti.

— Suzie, confie em mim, eu quero o seu bem. Eu me aproximei porque não era mais possível permanecer afastado.

Senti náusea e medo, muito medo. Ele andava me vigiando! Isso explicava me conhecer tanto, mas por que me vigiava e por que mentia?

— Você está atrás do dinheiro dos meus avós? Quer me sequestrar?

— Por Deus, não! — Ele socou o volante e estacionou em frente de casa. — Não! Não me importo com dinheiro, me importo com você e você está em perigo.

Por um segundo acreditei nele, os olhos clareando, os lábios trêmulos e a intensidade com que dizia e me olhava me faziam acreditar nele e querer que me protegesse, mas as dúvidas eram muito maiores.

— Sim, estou. Não se aproxime mais de mim! — Tirei o cinto e sai do carro, correndo para dentro de casa sem olhar para trás.

Meu coração estava disparado e minhas pernas trêmulas. Apoiei-me na poltrona na entrada de casa, puxando o ar com dificuldade. Tudo estava escuro quando me acalmei, não era comum a casa estar vazia em uma segunda-feira à noite. Mesmo após a meia-noite, sempre havia uma luz acesa. Levantei-me, tateando a parede até encontrar o interruptor e acendi a luz, mas continuou escuro.

— Merda!

Reclamei. Já estava apavorada sem entender o que tinha acabado de acontecer e agora, como se não bastasse, a casa estava sem energia. Para que uma casa tão grande para três pessoas? Sempre pensei em pedir aos meus avós que morássemos em um lugar mais humilde.

Ouvi a porta ranger e olhei para entrada, meu coração martelando, as pernas bambas, até meus dentes faziam barulho, tamanho o medo que me atingiu. Prendi o

ar vendo o vulto à porta. Imaginei que Arthur notou que estava tudo escuro e voltou para colocar seu possível plano em ordem. Se o plano era me sequestrar e conseguir dinheiro, era um ótimo momento, se o plano era apenas me atormentar e conseguir dinheiro, estava tendo muito sucesso. Não conseguia entender o que faria uma pessoa tão meiga em alguns momentos, planejar o sequestro de outro ser humano.

Solucei e só então notei que chorava, tapei minha boca para não escapar nenhum outro som, mas as luzes tremeluziram e o abajur de teto acendeu. Gritei abafado.

— Suzanna? — A voz masculina ecoou pela recepção e me encolhi embaixo da mesa da entrada. — Suzanna?

O vulto estava à porta ainda e colocou um pé dentro da recepção, depois o outro. O salto dos sapatos quase não fazia barulho, só que reconheci-os e olhei para o homem.

— Oh, Pietro! — Corri desajeitada e me joguei nos braços dele aos prantos.

— O que houve Suzanna? Pierre lhe fez algum mal?

— Pierre? Quem é...

— Arthur? Não lembro o nome do canalha com quem você estava. Ele lhe fez algum mal? — Ele acariciava meus cabelos enquanto me levava até o sofá da sala e nos sentamos. Eu ainda estava soluçando no peito dele. — Por que está assim tão assustada?

— Não sei, não sei... — Sussurrei, tinha tantos motivos, mas agora pareciam ilusões da minha mente criativa. Não queria admitir que estava com medo de estar certa sobre Arthur, era ridícula a minha reação.

— Onde estão todos?

— Não sei...

— Não saia daqui. Vou olhar a casa, tudo bem?

— Tudo.

Encolhi-me no sofá. Pietro passou a mão em meu rosto e saiu pela mansão acendendo as luzes e olhando cômodo por cômodo. Não ouvia os passos dele, provavelmente estava sendo cuidadoso, mas sentia o vento frio vindo da porta que ainda estava aberta, arfei ao encará-la. Havia uma sombra à frente dela, alguém estava escondido atrás da porta, alguém que eu não conseguia ver. Levantei-me, pegando o guarda-chuva de dentro da minha mochila e o usando como um taco de baseball. Caminhei na ponta dos pés até parar na frente da porta e a puxei com força, mas não tinha ninguém, apenas o vento balançando as folhas das árvores na propriedade ao lado. Gemi baixo, levando a mão ao coração, tentando controlar mais uma vez a minha imaginação.

— Suzie, a casa está vazia, mas os empregados estão no anexo dos fundos e disseram que seus avós foram jantar.

Respirei algumas vezes, limpando o rosto com as costas da mão.

— Obrigada P...

— O que aconteceu para você estar tão assustada?

— Aquele jantar foi armado, certeza que foi armação. Ele planejou tudo! Ele sabia que eu seria educada e aceitaria, sabia tudo sobre mim, sabia o que a professora daria na aula hoje, ele sabia o meu endereço! Sabia do que eu gosto de comer e que eu sou louca para ganhar flores! Ele fez amizade com a Bruna, conquistou meu avô! Ele tem tudo planejado! Um dia só e esse filho duma... — Encarei Pietro e segurei o palavrão dentro da minha boca, respirando devagar. As palavras saíam atropeladas pelo meu nervosismo. — Ele conseguiu se aproximar dessa forma em apenas um dia! — Gemi, pensando no quanto eu sou crédula.

— De quem você está falando? — Pietro fechou a porta.

Não respondi porque já estava sendo carregada para meu quarto. Deitei meu rosto em seu peito sentindo o perfume da sua pele que me fazia relaxar. Ele estava aqui, não estava bravo comigo e ainda estava me carregando! Alguma coisa boa no desastre da minha noite.

Pietro abriu a porta do meu quarto, colocou-me na cama. Depois, acendeu a luz do abajur, começando a tirar minha sandália, parecia despreocupado, mas os olhos estavam naquele tom negro que eu começava a conhecer bem.

— Acho que aquele Arthur estava me vigiando. — Disse de uma vez.

— Por que acredita nisso? — Ele colocou minha sandália no chão e se ajeitou à minha frente, segurando minha mão esquerda.

— Porque no jantar ele sabia tudo, tudo mesmo sobre mim. O que eu comeria, a sobremesa, a dança. Na escola, também... Ele sabia meu endereço! Eu acho que estava me vigiando... Acho que ele pretendia me sequestrar. — Solucei.

— Ele a agrediu? — Ouvi a tensão na voz de Pietro. Não fosse meu medo, adoraria tê-lo sozinho comigo.

— Não, ele foi amoroso o tempo todo, mas sabe coisas que ninguém sabe. Que tenho labirintite, por exemplo. — Mordi meu lábio por dizer.

— E como ele sabia? Você contou?

— Não. Ninguém sabe além dos meus avós e da Bruna.

— A Bruna contou seu endereço, ela não pode ter dito isso também?

Fiquei pensativa e peguei meu celular no bolso. Pietro se ajeitou ao meu lado, fazendo-me repousar a cabeça em seu colo.

— Bru... Acorda! — Resmunguei, mas caiu na caixa postal, provavelmente estava dormindo.

— Acalme-se. Vou ficar com você até seus avós chegarem. Você acha que ele queria te sequestrar só por saber um pouco sobre você?

— Nos conhecemos hoje... Não teria como ele saber tanto.

— Suzie, você é muito fácil de ler... Seus olhos dizem tudo. — Disse carinhoso.

— Você só está tentando me acalmar. — Respondi, sentindo o carinho em meus cabelos.

— Também, mas não se preocupe. Se quisessem sequestrar você, seria muito fácil, é só a pegarem no meu jardim.

Estremeci, ele tinha razão. Eu tinha uma rotina noturna, quase todos os dias, por volta das três da manhã, eu saía de casa para ir à Mansão dos Santos.

— Você tem razão... Mas, me assustou, e muito... — Confessei. — Antes dos meus pais falecerem, nós iríamos nos mudar para cá.

— Por quê? — Sussurrou.

— Eu soube depois, muito depois... Mas, mamãe achava que estávamos sendo vigiados e ficou com medo.

— Seus avós iriam acolher vocês.

— Isso... Mas, só eu cheguei viva. — Respirei fundo, apertando meus lábios para não ter outra crise de choro.

— Os sequestradores?

— Não... Foi só um acidente... De carro... Depois, nunca mais notei ninguém vigiando minha família ou os meus avós, nunca mais nos preocupamos. Vovô acha que por meu pai ser banqueiro é que queriam nos sequestrar.

Percebi que Pietro parou com o carinho e ficou em silêncio apenas respirando baixo, olhei para ele.

— Sinto muito por sua família, Suzie.

— Obrigada. — Fechei meus olhos, mas a escuridão me assustou e os abri novamente. — Você ficou triste comigo?

— Triste?

— O jantar.

— Não, — ele colocou a mão nos meus olhos, obrigando-me a fechá-los — você pode sair com quem quiser.

— Eu sei, mas... — Tentei abrir os olhos e ele os fechou novamente. Em seguida, começou a acariciar minha bochecha.

— Eu não fiquei triste, não tenho motivos para isso.

Queria que ele tivesse motivos, que gostasse de mim como eu dele, que soubesse como era estar com ele agora, como me sentia com ele tocando meu rosto, queria mesmo que ele soubesse por que deveria estar triste. Respirei fundo me esquecendo do susto de poucos minutos atrás.

— Pareceu aborrecido.

— Aborrecido sim. — Ele me beijou a testa. — Preciso ir, seus avós estarão aqui em dois minutos.

— Tá bem. Obrigada...

— Durma bem, meu anjo. — Ele se levantou.

— Queria conseguir... — Suspirei e olhei para ele. — Boa noite P, e bons sonhos. Hoje, não irei lá fora... Estou com medo. Tudo bem?

Ele assentiu e se aproximou de novo.

— Preste atenção aos sons, *Veronique*, preste atenção aos sonhos... E durma bem meu anjo. — Apertei meus olhos sem entender nada e ele saiu do quarto.

Um minuto depois, ouvi vovô me chamar no andar de baixo e subir as escadas às pressas. Eu continuava pensando, tentando entender os últimos acontecimentos.

— Maria disse que você chegou assustada. O que houve? — Senhor Alfredo entrou no meu quarto assustado.

— Arthur. — Bufei. — Acho que ele tem me vigiado, ele sabia algumas coisas sobre mim, mas acho que foi apenas bobagem, coisa da minha cabeça.

— Certeza? — Vovô se aproximou.

— Vocês chegaram de carro?

— O táxi nos deixou no portão.

Pensei um pouco e me dei conta que, de onde estávamos, não dava para ouvir o carro, não era possível que Pietro soubesse que eles estavam chegando. Além de que acabava de perceber que não tinha lhe contado quem deu meu endereço ao Arthur.

Coloquei a mão na cabeça, sentindo a vertigem me atingir com força e gemi baixo. Logo, senti meu avô amparando-me, respirando lentamente ao meu lado para me forçar a imitá-lo. Como as coisas podiam parecer tão confusas e estranhas como estavam?

Capítulo 8



Respirava pausado, tentando levar o ar aos meus pulmões, imitando vovô. Sempre que entrava em pânico sentia falta de ar e ele me ajudava desta forma. Tantas coisas começaram a rodear meus pensamentos que não conseguia organizá-los, a impressão que tinha era que ambos sabiam demais e estavam escondendo algo. Será que eles estavam juntos? Será que se conheciam? Arthur reagiu bem ao ver Pietro, mas Pietro não, claro que não... Ele não esperava me ver com alguém.

— Vovô, você encontrou com o Pietro na entrada?

— Não. Por quê?

— Ele acabou de sair... Ele olhou a casa, ele chegou quando... Arthur saiu... — Disse pensativa.

— Filha... — olhei vovô — confio que Pietro é um bom rapaz e simpatizei com o Arthur. Explique direito o que está acontecendo.

— Tá. — sentei-me na cama e expliquei tudo, desde o dia que conheci Pietro até a noite de hoje, contei também os detalhes que eu não achava importante, sentia-me paranoica, mas era bom exteriorizar meus medos.

— Você acha que querem sequestrá-la? — Vovô riu. — Acho que Arthur é apenas um rapaz apaixonado que estudou você para não fazer *feio*, querida. — Vovô parecia ter certeza do que dizia. — Bebê, você sabe que não somos tão ricos assim e sabe que sempre tem um segurança seguindo você, não tem porque se preocupar tanto.

Suspirei, recordando-me de Alberto, um homem pardo corpulento, alto, com braços fortes de quem faz musculação, olhos e cabelos castanhos e uma cara tão sisuda que colocaria medo em qualquer um, apesar dos seus 1,70m de altura. Ele era tão discreto que eu nunca notava que estava me vigiando. Concordei com vovô.

— Como ele sabia tanto?

— Pietro conhece você porque eu e sua vó falamos muito durante nossa viagem à Itália. Lembra-se que comentei que o conheci em seu restaurante?

— Sim.

— Falamos muito sobre você, pois estávamos com saudade.

Suspirei, sentindo-me uma boba por desconfiar dele, a única estranheza nele era o fato de saber demais sobre mim e isto estava explicado. Talvez, ele estivesse no Brasil porque ficou interessado em mim. Abri um sorriso bobó, sussurrando em seguida.

— Romântico...

Vovô riu e beijou minha testa.

— Vou pedir para vigiarem o rapaz Arthur, mas não há de ser nada. O que ele disse mesmo no restaurante?

— Que sabia, sim, coisas sobre mim, mas que não podia dizer como sabia.

Vovô me olhou pensativo, depois coçou a barba e fez um sim rápido com a cabeça.

— Sabe onde ele mora?

— Não.

— Telefone?

— Não.

— Ele irá à escola amanhã, não acho que terá problemas. É só um garoto apaixonado, você não está acostumada a te notarem. — Fiz uma careta com a lembrança de vovô.

— Suzanna, quando os homens se apaixonam, e também nós mulheres, observam o outro a fim de ver suas manias e conhecer o máximo possível daquela pessoa. — Vovó se aproximou de forma maternal e sentou-se na cama ao meu lado. Não notei que estava no quarto até ouvir sua voz. — E você é uma garota muito sincera, muito viva.

— Comum. — Disse eu.

Ambos riram, mas não negaram. Torci meus lábios.

— Você cresceu tão rápido... — Vovó suspirou. — Já é uma moça e os rapazes querem namorá-la. Não precisa se assustar com isto. — Fiz outra careta. — Durma, não tem ninguém atrás de você.

— Foi tudo estranho demais.

— Você estava assustada e a rua ficou sem energia. Foi uma coincidência, nada demais.

— Vó... Acho que estou ficando maluca!

— Isso é falta de sono. — Tudo para vovó era por eu não conseguir dormir nos horários corretos. — Tente dormir. Quer que traga um calmante?

Pela primeira vez, cogitei a ideia de aceitar, seria bom dormir no horário certo pelo menos esta noite, esquecer a bagunça que estava a minha cabeça e deixar para pensar em tudo amanhã.

— Quero. — Suspirei.

Não aceite.

Ouvi minha própria voz sussurrando dentro da minha cabeça.

— Eu quero... Pelo amor de Deus, vovó! Preciso dormir! — Meu coração estava disparado. — Vovó estranhou minha insistência, mas saiu para buscar o remédio.

— Tome um banho e relaxe, amanhã estará tudo bem.

Vovô beijou minha cabeça e também saiu. Banhei-me e depois, já com meu pijama cor-de-rosa, deitei na cama com o notebook no colo, abri o *Messenger* e a Bruna estava online, ligamos a *webcam* e, enquanto eu terminava de me arrumar para dormir, conversamos.

— *E aêeee, me conta tudo. Beijou?*

Ela não me deu tempo de perguntar por que não atendeu o celular antes. Meu coração disparou no instante que recordei do que fiz mais cedo.

— Não! Tentei, mas bati o dente no dele, amanhã conto tudo. O Arthur esteve aqui...

— *Oww, ele me pediu seu endereço ontem. Beijou?*

— Nãoo! Aff. Foi legal... Mas... Aconteceram umas coisas estranhas...

— *Tipo?*

— Ele sabia da minha tontura, só que eu não contei para ele.

— *Man, que sinistro...*

— Super.

— *Mas, e daí?*

— Fiquei com medo. Minha vó... Espere.

Vovó entrou no quarto e deixou na mesinha a água e o calmante, beijou meu rosto e saiu novamente.

— *Medo do que? Affzzz.*

— Ele sabia da doença, o que eu queria escrever na redação de hoje. Tudinho sobre mim, amiga!

— *Ah! Para, brow! Certeza que ele ouviu a gente, relaxa.*

— Não consigo... Tô com medo.

— *Para, hein! Concentra! O cara é mó gatchéénho e você fica de neura! Seu primeiro beijo, vai fundo!*

— Bruh, mas eu sei lá...

— *Não curtiu ele?*

— Mais ou menos.

— *Se você não pegar, eu pego!! HOT HOT HOT!* — Ela começou a dançar na frente da câmera, ambas rimos. Fui até a mesinha e tomei o calmante que minha avó deixou, depois voltei.

— Você é doida. Olha, tenho de dormir.

— *Já? Me conta essa aí dos dentes!*

— Não dá, tomei remédio pra dormir. Amanhã, eu prometo que te conto. Te amo.

— Também. Tchau.

Desliguei o note, coloquei-o embaixo da cama e deitei. Queria pensar um pouco antes de pegar no sono. Apaguei a luz do abajur e fiquei olhando o

movimento das sombras no quarto que logo começaram a me dar ideias absurdas de estranhos me vigiando na janela. Liguei o abajur de novo e deitei cobrindo até a minha cabeça sem apagar a luz. O efeito do calmante foi rápido e um alívio.

— Suzanna? Suzie... Vamos, você está atrasada para a aula. — Maria abria as cortinas do quarto. — Dormiu mesmo, hãh?! Que milagre. — Veio até mim e colocou algo em minhas mãos. — A mantinha.

— Ahhhhh! Obrigada! — Saltei da cama e abracei-a com força. — Te amo, Maria!

— De nada. Você vai se atrasar, são sete horas.

Olhei assustada, eu ainda precisava arrumar meu *fuá*! Corri para o banheiro e quase não lembrei que dormi a noite inteira, sem pesadelos, sem insônia, uma noite completinha de puro ronco constante e delicioso. Durante o banho e depois enquanto me trocava, cantarolei uma música do Roberto Carlos que é a única que eu sempre lembro a letra completa: “Como é grande o meu amor por você”. Quinze minutos mais tarde, descia as escadas com a mochila nas costas pronta para meu café da manhã.

— Bom dia! — Disse vovô, lendo seu jornal sentado à cabeceira da mesa. Fui até ele e beijei-lhe o rosto. — Animada?

— Consegui dormir.

— Hum... Que bom. Pensei que você não acordaria bem hoje, quase não deixei Maria te chamar.

— Por que eu não acordaria bem? — Falei, engolindo meu cereal.

— Por causa do que houve ontem.

Parei com a colher entre o prato e minha boca, tinha me esquecido completamente. Respirei fundo, sentindo vertigem e medo ao mesmo tempo. Um misto de dúvidas e incertezas passando em forma de várias perguntas pela minha mente.

Arthur parecia diferente ontem na aula, atencioso e arrogante, interessado e petulante, qualidades e defeitos todos num mesmo rapaz, mas, à tarde e durante boa parte do jantar, algo nele me atraiu. Foi muito engraçado, sempre educado e atencioso, extremamente carinhoso e sempre falava olhando nos meus olhos. Tinha aprendido com meus pais que alguém sincero sempre fala olhando nos olhos, pois os olhos não mentem. Este pensamento me fez querer acreditar na inocência dele, mas tinha outro porém: existem pessoas que são tão frias que se tornam ótimos manipuladores e mentirosos. Soltei um suspiro, largando a colher sobre o cereal.

— Vou para a escola.

— Querida, não se preocupe tanto, o menino só está apaixonado.

Assenti uma vez com um sorriso forçado e sai para a sala.

— Quer carona?

— Não Julio, obrigada. Vou caminhando. — Ele olhou no relógio e depois para mim. Olhei as horas também e passava das 7h40min. — Tudo bem, aceito, mas só porque estou atrasada.

Sorrimos um para o outro.

Fui calada durante todo o trajeto, tentando me lembrar do motivo que fiquei tão brava e assustada ontem, sentia-me absurda por ter agido como uma criança medrosa. Então, fixei na minha cabeça que conversaria com Arthur e pediria desculpas, era o correto a se fazer. Afinal, eu o tinha julgado desde o primeiro minuto que o vi. Bruna correu na minha direção como todos os dias, enquanto eu acenava dando um *tchauzinho* para Julio, mas, desta vez, ela não rodopiava e gritava meu nome, estava assustada.

— Suzzzzz, Suzz... Você não vai acreditar!

— O que houve?

— Você vai ver, mas disfarça, ok? O cara tá com o rosto todo esfolado! — Sussurrou.

— Que ca...ra...? — Arthur estava sentado na carteira após a minha, olhava para um livro em cima da mesa, mas eu podia ver os hematomas vermelho e roxo espalhados pelo lado esquerdo do rosto dele e o corte em seu lábio no mesmo lado. Arfei, fazendo uma careta. — Ontem ele não estava assim... — Andei na direção da minha carteira e sentei-me virada para ele, resolvendo começar o diálogo.

— Bom dia... Desculpa por ontem, eu não sei porque agi daquele jeito e... O que aconteceu com você?

Ele não me olhou, não sorriu, não tentou pegar minha mão que estava sobre a mesa dele, nem se moveu.

— Está desculpada. — Falou friamente.

Franzi o cenho, imaginando que respondeu assim porque ficou chateado comigo.

— Eu sinto muito mesmo, acho que tenho a imaginação fértil demais.

Ele ergueu a cabeça, os olhos naquele tom verde acinzentado que eu começava a não gostar tanto. Respirou irritado e se levantou.

— Ei cara, troca de lugar comigo? — Perguntou a Fernando que sentava três carteiras à minha frente.

Acho que ele ficou constrangido de negar já que Arthur estava todo machucado e, por isto, aceitou me lançando um olhar interrogativo quando deslizou na cadeira atrás de mim.

Olhei para Bruna sem entender nada, ela deu de ombros.

— TPM. — Disse ela. Ri sem humor, estava preocupada com o que tinha acontecido com o rosto dele. — Sério... Deve ter arranjado alguma briga e agora está descontando em você a frustração de ter perdido. Ele é todo machão.

— Não acho que seja só isso. — Suspirei, vendo a dona Sandra entrar na sala.

— Bom dia, classe. Vou ler as duas melhores redações da sala. — Ela olhou na minha direção e franziu o cenho, entreabriu os lábios, mas, então, viu Arthur mais a frente e me olhou espantada, depois, para ele de novo. — O que houve com você? — Disse baixo ao se aproximar dele.

Não ouvi o que respondeu, mas vi que ela fez uma cara triste e deu duas batidinhas no ombro dele, provavelmente consolando-o. Minha curiosidade era tanta que comecei a planejar o que faria para encurralá-lo antes da saída.

— Eu quero saber! — Bruna resmungou.

— Shiuu. — Pedi. Meu plano daria certo.

— Todos devem imaginar que a redação da Suzanna foi a vencedora novamente... — Um frio correu pelo meu estômago. — Mas, a escrita está diferente, então, creio que o Arthur tenha escrito boa parte, certo? — Neguei, eu tinha escrito tudo, ele só tinha dado algumas ideias, mas a professora continuou. — Portanto, vou ler a redação dos dois, mas o ponto maior será dele. — Ela me olhou, respirou e começou a ler.

Eram cinco da manhã, o sono desaparecera por completo e já não tinha mais razões para permanecer na cama. Fitei o teto pela vigésima vez e decidi, por fim, me levantar, jogando as cobertas no chão e calçando-me com chinelos de borracha. Escancarei a janela e saltei.

Meu quintal não é dos mais belos, porém tem uma vista esplêndida para o Cristo Redentor; encostei-me à parede e passei a admirá-lo esperando com ansiedade extremada o nascer do sol.

Bruna me olhou de lado e assenti, era a nossa redação. A *minha* redação.

Um vulto, porém, me chamou atenção. Violet rodopiava de braços abertos, próxima aos girassóis, a plantação estava magnífica este ano, não mais que ela, iluminada pelo brilho suave da lua que começava a adormecer. Senti-me um invasor por observá-la de camisola, mas não pude desviar o olhar. A visão era esmagadora. Meu pobre coração humano não suportou a inveja do primeiro raio de sol que tocou sua pele e, por um segundo, desejei ser aquele feixe de luz. Suspirei. Violet parou de costas, os braços erguidos encarando o sol que ficava cada vez mais forte, conforme nascia no fim do horizonte. Levantei-me e a passos míngues, aproximei-me, dois passos me separavam daquela deusa. Então, estanquei, meus olhos cravados em seus movimentos.

Tolo. Um tolo apaixonado é o que sou. Apenas mais dois passos e aquele pássaro seria aprisionado por meus lábios desejosos. Com coração disparado,

mãos gélidas, pernas fracas e mente atordoada dei outro passo, mas Violet me olhou, o espanto e a vergonha a fizeram gritar. Calei-a com um beijo. O beijo almejado desde a infância. Para espanto meu, fora correspondido e foi assim, ao nascer do sol, que colhi o beijo do meu único e eterno amor.

Todo mundo aplaudiu, olhando para Arthur que virou a cabeça para me encarar triunfante e, depois, sorriu para a turma agradecendo.

— Eu também escrevi, viu? — Choraminguei.

— Parabéns aos dois. Sua gramática é invejável. — Dona Sandra comentou mais para ele que para mim. Bufeí, afinal ele só falou o tempo todo, não escreveu nenhuma linha sequer e ainda ganhava créditos pela gramática.

A manhã se arrastou e estava contando os minutos para sair dali, sorte a minha que, em breve, estaríamos de férias. Bruna tentou conversar, mas eu só conseguia pensar em Arthur e em Pietro. As informações estavam tão embaçadas em minha cabeça que já não sabia o que era minha imaginação e o que tinha acontecido de fato. Resolvi não confiar em meu julgamento e pedi que Bruna fizesse amizade com Arthur.

— Por quê?

— Para a gente saber qual é a dele.

— Não vai ser nenhum sacrifício, já vou dizendo. — Ela sorriu, apontando para ele há alguns passos da saída. Resolvi colocar meu plano em ação, puxei a Bruna comigo, ficando entre os alunos que se espremiavam para sair. Estava atrás dele agora, fiz como tinha feito comigo ontem, coloquei a mão na cintura dele ficando lado a lado.

— Oi.

Ele não me olhou e novamente não esboçou reação, olhando para frente como se eu nem existisse. Senti um aperto no peito.

— Ei, Arth, o que aconteceu com seu rosto? — Bruna perguntou ao meu lado.

— Se interessasse, eu teria respondido da primeira vez. — Ele disse. Segurei o nó na garganta o máximo que pude enquanto saía depressa para a rua, Bruna logo atrás de mim, xingando-o de estúpido, grosso e insensível.

— Ei, ei, calma. Ele foi grosso comigo e não com você.

— Quem perguntou a primeira vez fui eu.

— Por que será que ele está tão diferente de ontem?

Suspirei.

— Acho que devo ter chateado ele com a minha desconfiança.

— Você tem de confiar mais nas pessoas, Suz. — A Bruna apertou o passo, me alcançando. — Que tal irmos à minha casa? Ou você vai dormir?

— Não... Eu consegui dormir hoje, podemos ir à sua casa. — Falei ainda

bicuda.

— Dormiu?!

— Tomei calmante.

— Ahhh, por isso. — Concordei. Ainda estava perturbada com Arthur. — Queria saber o que aconteceu com ele... — Sussurrou a Bruna, adivinhando meus pensamentos.

— Eu também.

A casa dela era simples, mas eu adorava ficar lá. A mãe dela voltava do trabalho somente às quatro da tarde, então tínhamos muito tempo sozinhas. A casa era no térreo com uma garagem para dois carros. A porta estava recém pintada de verniz, mas dava para notar os arranhões feitos na soleira pela gatinha da família. Quando abrimos a porta, foi ela quem nos recebeu.

— Pssss, psss. — Chamei, agachando-me para coçar atrás da orelha da Caramelo, carinhosamente chamada de Lolô.

— Ela tá suja. — Bruna avisou.

— Não ligo.

Deixei a gata para segui-la até o quarto. A sala de estar era aconchegante, com um sofá de três lugares à frente da estante com a TV e uma poltrona fechando o retângulo. O corredor estreito dava para a cozinha e os quartos. A cozinha era menor que a sala, com uma mesa com quatro cadeiras brancas, coberta por uma toalha de renda azul bebê e um vaso com flores já murchas ao centro. Bruna pegou o vaso e virou no lixo, deixando o vidro sobre a pia assim que passamos por ela.

O fogão e a geladeira ficavam lado a lado encostados à parede à minha direita e um jogo de armários de cozinha novíssimos no lado oposto. Apesar de humildes, Bruna e a mãe eram caprichosas. A Bruna mantinha a arrumação durante o dia e a mãe à tarde e à noite. Às vezes, eu pedia para Bruna me ensinar algumas coisas, não queria ser uma patricinha total. Hoje, não tinha louça na pia, o que era bom. Assim, não perderíamos tempo com nenhuma atividade doméstica.

Mais ao fundo, ficavam os quartos, primeiro a suíte onde dormiam os pais de Bruna, local *sagrado* onde nunca entrei, depois o do Tiago, o irmão mais velho dela, o banheiro e, por último, o quarto de Bruna. A porta estava fechada e uma plaquinha com vários corações pendurada na entrada, dizia: “Meu cantinho”, com as letras já desgastadas pelo tempo.

— Está na hora de fazer outra dessas. — Apontei para a placa.

— Dá muita preguiça. — Respondeu, abrindo a porta e se jogando na cama de mochila nas costas.

— E como andam as coisas aqui, Bruh? — Questionei-a, sentando-me na escrivaninha ao lado da porta.

O quarto de Bruna era quase todo em roxo claro, móveis bege e a escrivaninha

rosa. Ela mantinha o mesmo quarto de quando tínhamos quatorze anos. A cama de casal ficava no centro e estava coberta com uma colcha roxa e os vários bichinhos de pelúcia ajeitados cuidadosamente. Na parede do fundo, o armário embutido e, em uma das portas do armário, um espelho de corpo inteiro. A janela à minha esquerda dava para os fundos da casa, um quintal pequenininho onde a mãe dela pendura as roupas e deixa a Lolô solta. Simples e aconchegante, adorava ficar aqui, exceto quando o pai dela chegava em casa bêbado ou de mau humor. Eu sempre me trancava no banheiro do corredor e esperava até ele se acalmar para que eu pudesse ir embora.

Não compreendia direito como a Bruna conseguia sempre aparentar estar tão feliz com tantas dificuldades, uma qualidade admirável e que eu queria muito desenvolver também um dia.

— Está tudo bem, — ela deu de ombros jogando os tênis no canto do quarto — e eu acho que consegui um emprego.

— Onde?! — Essa era uma ótima notícia, pois ela estava à procura de um emprego desde que completamos 16 anos.

— Sabe aquela lanchonete nova no bairro do Paraíso?

Pensei imediatamente no restaurante onde Arthur me levou.

— Aquela *chique*?

— Isso!!

— Sei.

— É lá. Fiz a entrevista ontem à tarde.

Meu coração disparou pela coincidência.

— Foi lá que o Arthur me levou.

Ela sentou ereta me encarando, sabia que ela queria a história toda.

— Primeiro, me fale da entrevista. Depois, eu conto. — Exigi.

— O dono é muito gato! Muito! — Ela se abanou, cruzando as pernas sobre a cama. — Ele disse que precisava de uma garçonete que conhecesse o bairro e os fregueses porque ele é novo no Brasil. Disse que sou animada, mas que terei de usar salto alto e uniforme. — Ela fez careta. — Mas, eu gostei do uniforme, é fofinho. Todo azul e branco.

— É... Ele é de onde?

— Acho que Itália, não lembro.

— Itália... Nossa... Meu vizinho veio de lá.

— Aliás... O que ele queria com você ontem?

— Não sei direito... Queria saber da escola e me mostrar a biblioteca. — Corei, lembrando-me do beijo frustrado. — Eu... Quase o beijei.

— Uouuu, conta!

— Ele fica pegando em mim, faz carinho, abraça...

— Igual o Arth.

— Anram... Tentei beijar ele de surpresa, mas bati meu dente em sua boca e cortei meu lábio. — Fiz careta enquanto Bruna ria. — Não ri!! Morri de vergonha e sai correndo.

— Você *não* saiu correndo!

— Sai... Aí, o Arthur apareceu... E me levou nesse restaurante... Aí, o Pietro apareceu e viu a gente...

— Pietro?

— Anram...

— É o nome do dono.

Olhei para ela confusa, não era possível ser mais uma coincidência.

— Não pode ser o mesmo, porque Arthur me disse que conhecia o dono, mas eles se apresentaram ontem quando estávamos no restaurante.

— Ele é alto, os olhos dele parecem cinza, mas acho que são castanhos, cabelo curtinho, um jeito totalmente sedutor de falar... Hum... Ontem, ele estava de jeans e camisa polo e um sapato horrível quando fui à entrevista.

— *Caraca!* — Arregalei meus olhos. — Eles se conhecem!

— Será que é o mesmo? — Ela riu.

— Vou descobrir.

Peguei o celular e liguei para o Pietro, chamou até dar caixa postal. Tentei quatro vezes e, então, desisti.

— Nada?

— Acho que ambos resolveram me ignorar hoje. — Levantei-me. — Mas, eu vou até lá. Se eles se conhecem, por que fingiram que não?

— Para de *nóia*! Começou... — Bruna reclamou.

— Bruh, eles sabem muito sobre mim para pessoas que me conhecem há tão pouco tempo.

— Suzanna, sério... Você precisa viver na realidade um pouco! Você vive roteirizando sua vida como se fosse uma novela.

Suspirei.

— Mas, é muito estranho...

— Porque você quer achar estranho. O que há de tão esquisito em dois caras se conhecerem e gostarem de você?

— Primeiro, eles fingirem que não se conhecem e, depois, saberem tanto sobre mim.

— Não é tão difícil saber o que você gosta e pode ser que eles se odeiem.

Olhei para ela pensativa, enquanto me recordava de como os olhos de ambos mudaram de cor quando se cumprimentaram e de Pietro chamando Arthur de Pierre mais tarde. Seria um erro mesmo ou havia algo mais ali?

— O Arthur sabia que gosto do nascer do sol, sabia meu lanche favorito e da labirintite e o Pietro sabia da minha insônia e que leio na árvore na casa dele.

— Não são coisas tão difíceis de descobrir.

— Mas quando converso com os dois, parecem adivinhar meus pensamentos ou meu próximo passo.

— Você é louca. Nada a ver. *Tai*. Perdeu dois caras gatos por causa dessa sua ideia fixa de que seus pais foram assassinados por sequestradores que queriam o dinheiro deles.

Fiz uma careta. Eu não gostava quando ela jogava na minha cara que eu achava que eles foram assassinados.

— Eu pensava isso antes de saber que foi um acidente.

— Suz, você tem de relaxar. Se não, nenhum carinha vai querer namorar você.

Tirei meus sapatos e fui deitar na cama ao lado dela. Agora, estava mais confusa do que antes. As recordações do acidente dos meus pais eram sombrias. Às vezes, pensava que muito era da minha própria imaginação.

Capítulo 9



Aproveitando que eu não estava arrumada, Bruna me fez de sua boneca durante todo o dia. Arrumou meus cabelos em cachos grandes, limpou minha pele, fez maquiagem e, só depois, me deixou voltar para casa.

Estava abrindo o portão da minha casa quando ouvi meu celular tocar a música da *Miley Cyrus — The Climb*, mostrando um número não identificado no visor.

— Alô?

— Oi. — A voz masculina respondeu.

— Quem é?

— *Não reconhece minha voz, Suzie?*

— Quem é? — Fui incisiva.

— *Seu algoz.*

Desliguei, não estava nem um pouco a fim de joguinhos.

— *Como você é mal educada!* — Ouvi a mesma voz do telefone sussurrar. Virei-me assustada, sentindo o coração bater forte, mas não havia ninguém na rua. Abri o portão crendo que era a minha própria imaginação. — *Já pensou que eu posso ser sua alma gêmea?* — A voz sussurrou novamente quando eu fechava a porta de entrada da casa, minha respiração ficou pesada e deixei a mochila cair no chão, trêmula. A pessoa parecia estar atrás de mim, mas não havia ninguém por perto.

— Quem está aí? — Girei meu corpo, olhando toda a recepção, já sabia que não tinha ninguém. Um vento frio passou por mim, deixando minha pele arrepiada.

Criando coragem, respirei fundo algumas vezes e abri a porta para espiar, tudo parecia perfeitamente normal. Fechei a porta me recostando nela.

— Suzie, já voltou? — Dei um pulo seguido de um grito agudo, mas abafado por minhas mãos. — Querida, o que houve? — Perguntou vovó, apressando-se a chegar até mim.

— Ai vovó, que susto! — Abracei-a rapidamente, respirando fundo mais uma vez. — Alguém me ligou e depois tive uma sensação ruim, só isso.

— Quem ligou?

— Não sei... — Pensei em dizer o que a pessoa falou, mas achei melhor ocultar. — Era estranho, mas não quis se identificar, acho que fiquei impressionada.

Vovó me olhou pensativa por um tempo, podia até adivinhar o que ela estava pensando: *Ela precisa dormir melhor!*

— Você precisa dormir direito, você dorme em horários errados, dorme pouco,

o corpo fica tenso e você mais sensível, é isso.

Eu ri, concordando com a cabeça. Beije-a no rosto e afastei-me, tomando o rumo do meu quarto.

— Já venho para o jantar.

— Vamos jantar fora, quer nos acompanhar?

Olhei para a vovó da escada, eles não costumavam jantar fora sem um aviso prévio e, no mínimo, três dias para programarem a roupa e dispensarem a cozinheira.

— Onde?

— Um restaurante novo que abriu ali no bairro do Paraíso.

— Cesarius?

— Este. Disseram que é muito bom. Tem música ao vivo e podemos até dançar. — Vovó pareceu bem animada. Isso me levou a várias lembranças dela e de vovô dançando na sala quando eu era mais nova, mas também às recordações da noite estranha que tive ontem. Pensei um pouco, tentando espantar a apreensão e concordei.

— Desço em trinta minutos.

Era a oportunidade perfeita para saber se Pietro era o dono do restaurante. Corri para o meu quarto e, meia hora depois, descia as escadas com um vestido cinza chumbo tomara-que-caia de saia rodada com um comprimento de dois dedos abaixo do joelho; um casaquinho de linho no mesmo tom do vestido, a manga três-quartos, sandália prata, a mesma de sempre, pois o salto não me machucava e deixei meus cabelos como a Bruna havia arrumado. Desci para a sala.

— Lindíssima! — Vovô falou, levando o copo de conhaque aos lábios.

— Obrigada.

Passei a mão em meu brinco pequeno em forma de coração em prata. Estava ansiosa. O estômago com aquele friozinho típico de quem verá alguém importante. Vovó desceu em seguida, vestida com um terninho rosa-bebê e camisa branca. Salto *scarpin* no mesmo tom do terninho e seus cabelos brancos presos num coque banana. Ela me abraçou me elogiando também e me conduziu para a saída. Assim que coloquei o pé no *hall* de entrada da mansão, o mesmo medo de antes me paralisou. Não conseguia passar da porta, sentia como se algo estivesse me esperando do lado de fora e a lembrança daquela voz em minha mente estava esmagadora. Respirei algumas vezes sentindo o ar faltar, mas estava decidida, essas crises de pânico tinham de parar, provavelmente era mais um surto da minha própria imaginação.

— Algo errado? — Vovô me olhou, surpreso.

— Sim... Não. — Respondi, dando um passo para fora, os pés tocando o primeiro degrau da escadaria de mármore da entrada.

— *Pensei que fosse desistir.* — Aquela voz sussurrou em minha mente, corri

de volta para a sala com vovô logo atrás.

— O que houve, Suzanna?

— Aquelas vozes de antes... — Sentia meu rosto úmido, mas nem ao menos havia notado que estava chorando. — Aquelas que eu ouvia quando... Aquilo... Vovô, não posso voltar a ter *aquilo*! — Gemi.

— Acalme-se Suzanna, não tem ninguém lá fora, está tudo bem. — Ele ergueu os olhos para a minha avó. Pela expressão em seu rosto, parecia que se comunicavam pelo olhar.

— Eu sei! — Sussurrei um pouco confusa olhando para os dois, mas estavam com o olhar preocupado, esperando que eu os acompanhasse. Não podia estar bem duas horas antes e agora tendo surtos de pânico, isto não estava certo. E não deixaria minha imaginação brincar comigo novamente. Recordei-me das sessões de terapia, onde a doutora Amanda insistia em repetir que o pânico estava na minha cabeça, que não havia nada e ninguém querendo me matar ou me sequestrar, que eu era uma garotinha igual a todas as outras e que não havia perigo lá fora para mim. Depois de alguns minutos, senti que estava mais calma. — Vão vocês, vou ficar. — Disse por fim.

— Bebê, é melhor você vir conosco. Não vai acontecer nada de ruim, eu prometo. — Ele estendeu a mão segurando a minha e sai, entrando direto no carro. Minha respiração começando a se descontrolar.

— Merda, viu?! — Reclamei.

— Olha o palavreado Suzanna!

— Desculpe vovó, mas, há duas horas, não tinha nada de errado! — Choraminguei.

— Aconteceu alguma coisa hoje além daquela ligação?

— Um menino na escola está bravo comigo e, hoje, ele estava todo machucado.

— Arthur? — Vovô perguntou apertando os olhos, preocupado.

— Ele.

— O que aconteceu?

— Não sei, ele me ignorou totalmente.

— Por quê? — Quis saber.

— Porque eu achei que ele sabia demais sobre mim e sai correndo, lembra? — Suspirei.

Todos ficaram em silêncio. Um silêncio terrivelmente constrangedor. Eu sabia que eles pensavam que eu estava ficando paranoica de novo, que não confiava nas pessoas, que precisava dormir. Cruzei os braços olhando pela janela até que o motorista estacionou em frente ao Cesarius. Meu estômago gelou, a primeira pessoa que avistei foi Pietro, com aquele sorriso branco e lindo, vestido com um terno e camisa preta, seus cabelos estavam desajeitados propositalmente. Ele atendia uma

mesa. Prendi o ar antes de sair do carro com a ajuda de vovô.

— Você sabia que o restaurante é do Pietro? O sobrinho dos Santos?

— Desconfiava. — Disse à minha vó.

Paramos à frente do restaurante e fomos recepcionados pela *hostess*.

— Sejam bem-vindos, — disse — por aqui, por favor.

O salto agulha fazia um som delicado no assoalho, o que me fez recordar a noite que jantei com Arthur. Sentamo-nos nas primeiras mesas perto do palco e da pista de dança. Alguns casais já dançavam ao som de um bolero.

— Quer dançar, querida? — Vovô não deu tempo de vovó sentar e se afastaram para a pista.

Coloquei minha bolsa na cadeira vazia, observando-os. Eles eram lindos juntos, o casal perfeito. Conheceram-se adolescentes e nunca mais se separaram. Era a única informação que contavam. Nunca soube como se conheceram, se namoraram outras pessoas, nada, apenas isso.

— Cardápio, *signora*? — A voz de Pietro cantarolou à minha volta, parecendo que acompanhava o ritmo do bolero, olhei-o prendendo minha respiração. Ele sorria abertamente, apesar dos olhos estarem sérios e misteriosos.

— Obrigada P. Este restaurante é seu? — Sorri, contente por não ter gaguejado e nem ter tremido quando ele me entregou o cardápio.

— Sim.

— Você está bem? — Sussurrei.

— Sim.

E saiu.

Olhei para trás incrédula, vendo o homem atencioso, carinhoso, contador de histórias me dar às costas depois de dar respostas curtas e frias. Suspirei olhando em volta, o lugar estava cheio. Muitos casais, muitas famílias e crianças, todos felizes. Presumi que ele estava ocupado.

Está linda, minha Violet. Aquela voz me despertou.

Olhei em volta procurando por Arthur. Afinal, a única pessoa que já me chamou assim foi ele. Meu coração estava disparado novamente e aquela sensação de perigo gritando dentro de mim para que eu corresse de volta para casa.

— O que você quer de mim? — Perguntei para minha imaginação, como se eu pudesse assustá-la como fazia comigo.

Quero você e não de você! Retrucou a voz. Senti me faltar o ar. O que estava acontecendo comigo? Não era possível que, por causa de um acontecimento bobo, novamente estava tendo alucinações! Gemi baixo, deitando minha cabeça sobre a mesa. Respirando devagar e calmamente, deixando o ar chegar ao meu cérebro. Mas, meu cérebro e minha imaginação não deixavam que eu me acalmasse, fazendo-me recordar dos pesadelos noturnos durante mais de um ano depois do acidente dos

meus pais. As vozes que gritavam na minha mente dizendo que eu sobrevivi porque não merecia o céu ou que eles morreram por minha culpa, mas havia uma outra voz que me mandava esperar por ele.

— Você está bem, Suzie? — Senti uma mão fria em minhas costas e olhei, ainda com a respiração falha. Pietro me olhava com aqueles olhos acinzentados, idênticos aos que eu acabara de ver em minhas lembranças, levei minha mão aos lábios, assustada.

— É você que está brincando com a minha cabeça, Pietro? — Perguntei baixo, piscando para afastar a lágrima dos olhos.

— Eu, o quê? — Retirou a mão das minhas costas.

— Meu Deus! — Abaixei os olhos para a toalha vermelha e o prato de porcelana fina.

— Suzie, o que está acontecendo?

Pensei em Arthur, nas vozes em minha cabeça, no medo que voltei a sentir sem nenhum acontecimento importante a não ser aquele maldito jantar. Pietro suspirou, olhando para a pista de dança.

— Não aconteceu nada. — Falei depois de alguns segundos.

— Quero conversar com você, Suzanna. Não deixe de ir ler.

Seus olhos encontraram os meus e estavam tão vivos e profundos que não consegui responder, apenas concordei com a cabeça.

— Nada de ruim vai acontecer a você. — Disse, passando uma certeza tranquilizadora e, então, se afastou.

Consegui sorrir e foi como se um bálsamo de tranquilidade e de paz tomasse o lugar do pânico. Pietro me fazia bem e eu não me deixaria ser vencida pela Síndrome do Pânico.

— Ahhhhh, amor... Amei este lugar! — Vovó disse, sentando-se na cadeira ao meu lado, pegando um leque rosa de dentro de sua bolsa para se abanar.

— Quer dançar, filha? — Vovô perguntou com um sorriso desafiador.

— Claro! — Segurei a mão que estava estendida para mim e o acompanhei até a pista para dançarmos uma valsa.

— Eu vi você e Pietro conversando, estão namorando? — Ele sussurrou enquanto segurava minha mão e colocava a outra nas minhas costas, a postura ereta, me encarando.

— Não!! — Ri nervosa. — Mas, bem que eu queria. — E começamos a dançar.

A noite foi divertida e me fez esquecer por algumas horas todo o medo que estava sentindo. Aquela voz sumiu e Pietro ficou ocupado o tempo todo com os clientes do restaurante. Estava contente por ter vencido o medo novamente. Fora tão difícil da primeira vez, mas era bom saber que eu ainda tinha controle como Dona Amanda me ensinou.

Voltamos para casa, nem pude me despedir de Pietro, mas não reclamei, pois o veria logo mais quando eu fosse até a árvore na casa dele.

— Boa noite. — Disse eu, enquanto subia as escadas de dois em dois degraus, apressada.

— Quer um calmante hoje também?

— Não, obrigada vovó. — Sorri, fechando a porta do meu quarto.

Só queria as coisas normais de novo, minha insônia, o desejo de ler e Pietro aparecendo sorrateiramente para atrapalhar minha leitura. Sem medos ou *Arthures* para confundir minha cabeça. Vesti uma calça de moletom preta, meias brancas, tênis preto e camiseta cinza. Prendi meus cabelos em uma trança deixando uma franjinha e esperei as horas passarem, aproveitando para escrever meu livro em meu notebook.

Distraída, não percebi as horas e quando olhei no relógio, passava das 3 da manhã, senti minhas mãos tremerem, estava ansiosa. Salvei minha história, desliguei o *notebook* e, antes de sair, dei uma última olhada no espelho, a trança continuava bonita. Percorri o caminho entre meu quarto e as árvores em silêncio absoluto. Pietro não estava, olhei em volta e percebi-me completamente sozinha. Sem me importar demais, me sentei recostada ao tronco. Não tinha trazido comigo nenhum livro, pois esperava passar a madrugada conversando. Imaginei até mesmo que poderia ser meu primeiro beijo, mas logo me recordei do motivo do encontro, ele queria conversar e estava preocupado.

Aproveitei a solidão para colocar o pensamento em ordem. Venci novamente o pânico e estava feliz com isto, porém, sentia que, no fundo, era mais que medo. Estava *mesmo* acontecendo algo. Como não queria ser injusta acusando Arthur de estar me perseguindo ou falando dentro da minha cabeça — o que era algo impossível —, decidi ignorar qualquer desconfiança, qualquer medo e todo tipo de pavor.

— Suzanna. — Sussurrou Pietro se sentando ao meu lado, tinha um sorriso farto nos lábios e os olhos pareciam mais vivos que da última vez que os vi.

— Oi P. — Sorri, deixando que ele me envolvesse em seus braços, encostando-me em seu peito, de costas para ele. — Quanto tempo! — Murmurei.

— Tempo demais — reclamou. — Você demorou. — Senti os lábios dele tocarem meu pescoço e, por pouco, não pulei. Eram frios e, conforme roçavam a pele, deixava o local arrepiado.

— Desculpe, não vi a hora. — Sussurrei para que minha voz saísse firme.

Ele beijou meu pescoço sem me dar muita atenção. Suas mãos apertaram minha cintura, puxando-me para mais perto e, em reflexo, fechei meus olhos, mordendo meu lábio com certa força. Meu coração já dava sinais do meu nervosismo.

Senti o corpo dele colado em minhas costas e quadril, os braços envoltos em minha cintura enquanto os lábios subiam e desciam pelo meu pescoço até a orelha e

de volta para o pescoço até onde a camiseta não cobria.

— Precisamos conversar. — Ele disse, mordendo o lóbulo da minha orelha. O hálito quente e o barulho do movimento dos lábios me fizeram arfar baixinho, sensações que nunca senti varreram meu corpo, me deixando quente.

— Sobre? — Minha voz saiu tão fraca que não tive certeza dele ter ouvido.

— O que tem acontecido com você... — Ele tocou meu rosto, empurrando meu queixo até que eu olhasse na direção dele, que estava atrás de mim. Virei meu tronco, mas ele não deixou. Então, somente meu rosto estava parcialmente encarando o dele.

— O que exatamente, P... — Ele beijou o desenho do meu queixo até a orelha, subindo e descendo várias vezes. — Assim eu não consigo me concentrar... — Admiti, segurando firme nas pernas dele que estavam em volta de mim.

Pietro riu, erguendo os olhos para os meus. Estavam naquele tom acinzentado que eu amo, mas mais profundos do que gostaria de admitir. A lua iluminou o rosto do meu amado e seus olhos cintilaram, brilhosos, pareciam tão apaixonados quanto eu.

Sorri timidamente.

— Posso...? — Ele me encarou, depois fixou os olhos em meus lábios.

Não sabia se tinha entendido direito, mas afirmei com a cabeça, agradecendo por estarmos sentados, pois sentia meu corpo totalmente amolecido.

Pietro esticou os lábios em um sorriso e se inclinou para mim lentamente. A mão que estava em minha cintura virando meu corpo para ficarmos frente a frente. Passei minha perna direita desajeitadamente sob a esquerda dele para me apoiar e ele parou seus movimentos, apenas me olhando. Pisquei. Meu rosto ficou vermelho e os olhos tão úmidos que sabia que choraria.

— Fiz algo errado?

Ele negou, abrindo um sorriso tão lindo que fez qualquer coisa a nossa volta sumir. Para mim, só existíamos nós e aquela lua. Pietro passou a mão em minha coxa direita, me posicionando sob o colo dele, minha respiração falhou. Eu nunca tinha beijado e, agora, estava no colo de um rapaz. Sentia meu corpo tão trêmulo que mal conseguia respirar. Ele me fez passar a perna esquerda sobre a dele também e fiquei sobre ele, de frente, sentindo-o como nunca pensei que poderia sentir alguém.

Aquele homem instigante deslizou as mãos pelas minhas costas enquanto se aproximava mais. Eu não estava aguentando a pressão e o medo de ser rejeitada, por este motivo, encurtei o espaço entre nós e coleí meus lábios nos dele. Pietro não fez nada, ficou quieto, imóvel. Nossos lábios unidos, a respiração pesada de ambos.

— Você nunca fez isso, não é? — Ele sussurrou, aliviando a pressão que fazia em meu quadril com o dele.

Apertei meus olhos, envergonhada e também triste, porque ele parou o que

estava fazendo e perguntou o que eu sabia que era óbvio. Eu não sabia como era ou o que era, sabia somente na minha imaginação e nos meus livros, mas jamais por ter vivido e não queria que acabasse.

— Não...

— Nem beijar? — Ele pareceu tenso.

— Não... — Choraminguei.

Senti que ele ia me tirar do colo dele e apertei nossos corpos, um contra o outro, até que ouvi Pietro gemer e senti meu próprio corpo esquentar. Apertei os dedos nos cabelos dele, tocando nossos lábios de novo.

— Suzie... — Ele sussurrou em um tom de lamento.

— Você não quer? — Estava prestes a desabar em lágrimas.

— Quero... É o que eu mais quero. — Ele disse.

— Então por quê..?

Ele nada disse, mas sentia-o mover-se contra meu corpo bem devagarzinho, como se não notasse os movimentos que fazia. Minha respiração estava pesada e desejava sentir mais do que aquilo. Deslizei minhas mãos trêmulas pelo peito dele, fazendo um carinho tímido, acompanhando tudo com meus olhos. Ele moveu o rosto colocando a testa na minha.

— Você é pura, Suzanna, não posso te tirar isso, — respondeu — não me é permitido.

— Pietro, não vamos fazer aquilo! — Falei nervosa, agitada. Entendendo que o que ele queria era mais do que eu estava pensando.

— Não estou falando nisso, Suzaninha. — Senti os dedos frios tocarem minha pele por baixo da camiseta, encolhi meu corpo para mais perto dele, fechando meus olhos.

— E do que está falando?

— Não posso te dar seu primeiro beijo.

— Por que não? Eu quero... Você não gosta de mim, é isso?

Pietro gemeu baixo, desviando os olhos dos meus. Apertou os dedos na minha cintura e senti algo se mover embaixo de mim. Respirei tão fundo que ele me olhou assustado.

— Desculpe-me... — Tentou me tirar do seu colo, mas novamente não deixei. Aquilo era gostoso e eu me movia com ele, fazendo círculos pequenos e fracos contra o quadril de Pietro. — Suzanna! — Ele pediu, me encarando.

— Me beija! — Ordenei, cruzando minhas pernas nas costas dele e puxando seu cabelo com força. — Por favor...

Pietro me deitou na grama, ficando entre minhas pernas. Aquilo que eu sentia pressionando contra meu corpo sob o tecido da calça de moletom. Eu sabia o que era, mas tentei não pensar muito ou sairia correndo.

Ele pressionou os lábios nos meus, uma das mãos em meu rosto, segurando firme e carinhosamente. Mordiscou meu lábio inferior e passou a língua nele, eu fiquei em êxtase. Tinha um gosto agri-doce, o mesmo que vinha do seu hálito. Entreabri meus lábios e senti a língua tocar na minha e aquele corpo todo tremular sobre o meu. Ele também estava nervoso, o que me fez sorrir. Comecei a imitar o que Pietro fazia, tocando a língua dele, pressionando meus lábios nos dele, beijando calmamente, mas ao mesmo tempo afoita, porque nossos corpos colados daquele jeito, não me deixavam beijar diferente.

Ele levou uma das mãos até meu bumbum, deslizando pela coxa, fazendo carinho. Eu brincava com os dedos nos cabelos dele, sem saber direito como agir, mesmo que meu corpo estivesse se movimentando igual ao dele. Novamente senti *aquilo* se mover e outro gemido me escapou. Pietro gemeu baixo, num murmúrio de desculpas, mas eu não queria as desculpas, queria mais. O beijei apressada, procurando a língua dele, chupando até que ela escapasse dos meus lábios.

— Não faz isso... — Ele sussurrou novamente em tom de lamento e obedeci mesmo a contragosto, meu coração batendo forte, as lágrimas escapando dos olhos. — Oh meu amor... — Ele olhou para mim. — Não estava reprovando o que fez... Oh, desculpe-me. — Beijou meus olhos, aliviando o peso do corpo sobre o meu. — Só que estou a ponto de não me controlar e... — Ele riu, nervoso. — Isso. — Ele chupou meu lábio, depois minha língua, me fazendo arfar baixinho no meio do choro. — Faz com que eu queira mais do que devemos fazer. — Ele sorriu.

— Não quero que pare... — Admiti, sentindo-me envergonhada por nem saber o que eu estava fazendo.

Ele provocou, roçando *aquilo* em mim novamente. Apertei meus olhos e depois abri rápido, envergonhada por ter mostrado como gostei. Da sensação. Do calor que subiu pelo meu corpo.

— Entendeu?

Neguei, franzindo o cenho.

Ele fez de novo, agora beijando meu pescoço também. Aquilo se moveu de novo, senti algo duro em mim e me dei conta do que ele estava falando. Ele estava com vontade de mais, ele estava pronto como homem, mas eu não era mulher, mas apenas uma garotinha boba que pediu para ser beijada. Virei meu rosto, deixando as pernas esticadas na grama.

— Entendi. — Tentei sair debaixo dele, mas ele não deixou.

— Não é porque você é uma garotinha... Ou melhor, é.

— O quê? — Fiquei surpresa ao ouvir meus pensamentos dos lábios dele.

— Eu te quero, você notou isto, — ele sussurrou — mas não aqui, não no seu primeiro beijo e não sem ser minha esposa. — Concluiu.

— Esposa? — Minha voz saiu um pouco alta pela surpresa.

Ele riu.

— Sou tradicional.

— Isso quer dizer que...

— Quer ser minha namorada?

Abri um sorriso enorme, esquecendo de todo o resto, apesar do meu corpo ainda ferver por causa de tudo o que acabou de acontecer.

— Para valer? Namorados mesmo? — Parecia uma criança ganhando o doce que tanto queria.

— Para valer, — ele riu — quer?

— Quero! — Puxei-o pelo pescoço, iniciando outro beijo, mais intenso que o primeiro.

Capítulo 10



No meio daquele beijo delicioso, lembrei-me da Bruna me explicando como era beijar.

— *Suzz, é uma troca de cuspe, superfácil. Uma deliicia!! E, quanto mais você ama, mais você baba.*

Parei de beijar o Pietro no mesmo segundo, sentindo o estômago embrulhar. Ele riu, sentando-se na grama e levando-me para os braços dele.

— Você é engraçada. — Sussurrou, mexendo em meu cabelo enquanto eu me recompunha.

— Engraçada? — Corei. — Por quê?

Meu beijo era engraçado? O que era engraçado? Eu beijei errado? Meus olhos estavam arregalados e o corpo trêmulo em expectativa e por ter dado mais que meu primeiro beijo.

— A Bruna estava brincando sobre o beijo.

Ri e suspirei aliviada.

— Ah eu sei, mas é nojento! — Retruquei.

Ele riu, o que me fez sentir completa mais uma vez. A saudade daquele sorriso, a distância dos últimos dias, tudo se desfez no momento em que senti o toque dele em meu corpo e os lábios nos meus. Beijar era muito melhor do que eu imaginava. Beijar Pietro? Um milhão de vezes melhor. Jamais imaginaria que era tão maravilhoso.

Puxei-o pela gola da camiseta polo, colando meus lábios nos dele. Pietro riu, beijando-me com delicadeza e os lábios macios se desgrudaram dos meus, rápido demais.

— Logo amanhecerá.

Suspirei pesadamente.

— Eu sei — respondi. — Você está com sono?

— Não.

— Então...

— Você tem aula.

— Hoje, vou faltar.

Ele sorriu, os lábios buscaram minha orelha e senti minha pele arrepiar conforme seus dentes puxavam a pontinha dela.

— Você precisa dormir. — Sussurrou.

— Não quero...

— Suzaninha... — Falou ainda mais baixo.

— Pietro... — Meus olhos estavam fechados e meu corpo entregue às carícias dele.

— Quer dormir comigo? — Pausou. — Quero dizer, dormir mesmo, abraçados... Só dormir. — A voz se tornou grave, urgente.

Ri, olhando-o.

— Quero sim. — Suspirei, lembrando-me de quantas vezes imaginei como seria dormir nos braços de um garoto.

— Prometo me comportar. — O sorriso torto e levado dele me fez corar.

— Você *deve* se comportar. — Disse como se fosse necessário lembrá-lo que era meu primeiro beijo, o primeiro toque, o primeiro momento de todas as coisas de casal para mim.

— Eu sei, meu amor. — Beijou de novo minha orelha e ajudou-me a levantar.

— Preciso avisar em casa. — Respirei fundo enquanto o via concordar comigo, me levando para a divisão de nossos jardins que era o muro baixo.

— Te espero. — Demos um selinho e ele me ajudou a pular o muro. Corri, rindo sozinha e dançando, imitando a descrição de Violet em minha redação, aquela que escrevi com Arthur.

Arthur...

O que teria acontecido com ele? Eu precisava, sim, ir para a escola, descobrir o que houve e tentar amenizar as coisas entre nós. Não o queria como inimigo. Por algum motivo, sabia que precisava dele por perto. Olhei de relance para o jardim e Pietro permanecia à minha espera. Entrei em casa onde todos ainda dormiam, pois não passava das 5h30min da manhã. Fui até a cozinha e escrevi um aviso na *lousinha* branca que usávamos para deixar recados:

Vó, Vô, vou passear. Volto à tarde. S.

Sabia que, na volta, ouviria muitas broncas ou me ligariam, mas já teria aproveitado bastante meu dia, ficando abraçada com P. em seu quarto e *sozinha* com ele. O pensamento me fez perceber que precisaria de algumas coisas, subi para o meu quarto pulando de dois em dois degraus. Na mochila nova que estava em minha cama, coloquei uma camisola azul de malha, chinelo, prendedor de cabelos, escova de dente, pente e maquiagem. Ajeitei meus cabelos e estava saindo quando percebi que, talvez, não fosse muito bom levar uma camisola.

Resolvi trocar por uma regata azul-bebê e um short preto curto, claro.

Sorte que havia depilado minhas pernas e estavam lisinhas ainda para ficarem à mostra. Ri de mim mesma. O que poderia acontecer com duas pessoas dormindo juntas *inocentemente*? Meu corpo esquentou ao lembrar-me dos beijos e me apressei

a voltar para o jardim, queria ficar o máximo de tempo perto do Pietro. Mas, e a escola? E Arthur? Respirei fundo sabendo que eu devia decidir logo o que queria fazer. Enquanto descia as escadas e caminhava na direção do jardim, decidi que falaria com Arthur amanhã ou ligaria para ele mais tarde, marcando uma conversa amigável.

— Demorou.

Reclamou Pietro quando me ajudava a descer do muro.

— Desculpe. — Sorri — Estamos namorando mesmo? — Perguntei toda boba, olhando para o caminho que fazíamos até a entrada dos fundos.

— Você aceitou, não foi? Quer voltar atrás? — Ele abriu a porta de madeira, esperando que eu passasse e, depois, fechou-a.

Estávamos na cozinha. Piso frio, móveis de madeira clara e embutidos, armários à minha direita e à minha esquerda. A geladeira, o fogão e a mesa ao centro, em alumínio. Fiquei impressionada com a limpeza e a simplicidade do ambiente. Claro, tudo ali era bem caro, mas não havia ostentação alguma à vista, sendo que os tios de Pietro pareciam ser mais ricos que meus avós. Bati o braço no cesto de frutas, mas Pietro segurou antes que caísse com uma rapidez que jamais vi em um garoto comum. Olhei para ele interrogativa, mas ele ignorou me levando para o outro cômodo.

— Não vou voltar atrás — disse, passando por um corredor longo. O piso era em madeira escura e as paredes estavam repletas de quadrinhos com fotos atuais e antigas.

— Certeza? — Ele apontou para a escada também em mármore branco com um corrimão grosso de madeira, no mesmo tom do piso.

Começamos a subir e meu coração disparou frenético. Pietro e eu sozinhos, em um quarto. Será que a cama dele é de casal? Será que ele dorme de porta fechada? O que estou fazendo aqui? Devia ficar em casa ou ir para a escola e não ficar sozinha com um cara *superexperiente*.

— Suzanna? — Olhou-me interrogativo — Está tudo bem?

Seu olhar estava preocupado e ele parou no corredor. Notei mais fotos penduradas na parede e andei até elas, enquanto acalmava minha respiração.

— Estou bem, só... Nervosa. — Olhei uma foto antiga, um casal de adultos e dois meninos. Um moreno de cabelos raspados e o outro pálido de cabelos negros na altura do queixo, ambos vestidos com uma calça tipo *capri* e camisa clara. A foto era em preto e branco.

— É você? — Perguntei.

Pietro me abraçou por trás, o corpo roçando o meu, senti a respiração dele mudar, ficar agitada, mas ele não me permitiu olhá-lo, colocando o queixo em meu ombro.

— Sim. Este sou eu. — Ele apontou para o rapaz claro de cabelos negros e longos. — Meus pais. — Apontou o casal e começou a andar, puxando-me pelo corredor.

— E o outro menino?

— Meu irmão. — Deu de ombros.

Passamos por quatro portas que também estavam fechadas.

O corredor escuro, piso escuro, tudo silencioso demais, causando-me certo desconforto. Chegamos ao final e havia outra escada, esta menor com passagem para uma pessoa de cada vez.

— E onde ele está? Como se chama? — Perguntei curiosa, subindo as escadas logo atrás dele.

— Morreu.

— Sinto muito. — Disse, envergonhada por ter insistido, mas Pietro pareceu indiferente a isto.

Guiou-me pela escada em silêncio. No final, havia uma porta branca com uma campainha ao lado dela. Pietro destrancou-a e deu espaço para que eu entrasse. Era uma casa dentro da Mansão. Olhei à minha volta surpresa.

— Ele não morreu literalmente, morreu para mim. — Explicou, levando-me pela sala grande, onde tinha apenas um sofá de dois lugares, uma estante branca e uma TV, o restante do espaço estava amontoado com livros.

Encarei Pietro, tentando imaginar como ele poderia dizer algo tão ruim assim. Ele nunca me pareceu uma pessoa que guarda rancores ou mata alguém dentro de si.

— Como assim, morreu para *você*?

Pietro segurou minha mão, direcionando-me pela casa. Tudo parecia um borrão avermelhado, mas eu não prestava a mínima atenção aos móveis ou quadros que tinham ali. Queria saber do irmão de Pietro.

— Nós brigamos. Eu fui embora e nunca mais retornei.

— Brigaram, por quê?

— Veronique...

Respirei fundo, parando no corredor, engoli em seco.

— A da história que você não terminou de contar?

Ele sorriu, negando.

— Estava *te* chamando de Veronique... — Respirou. — Suzanna, este não é um assunto que eu goste de conversar, podemos deixar para outro dia? — Pediu, abrindo a porta branca de seu quarto.

O perfume de Pietro estava forte naquele ambiente, o que me deixou mais ansiosa. Olhei em volta, assimilando o lugar. Estar dentro deste ambiente me fazia sentir ainda mais ansiosa.

— Tudo bem, não quero te chatear, apenas fiquei curiosa. — Respondi, pouco

a vontade.

— Vou te contar sobre mim, temos tempo para isso, Suzaninha.

— Quero saber de tudo. — Sorri para ele.

Pietro fechou a porta com o pé, seus olhos prendendo-me aos dele, não conseguia pensar em nada mais além dele e de nós dois deitados na mesma cama.

— Pode se trocar ali, se quiser tomar um banho também, sinta-se à vontade. — Sorriu, apontando para o banheiro no final do quarto. Sorri, assentindo e andei devagar até a porta, fechando-a atrás de mim.

Encostei minhas costas nela, respirando devagar para controlar as batidas do meu coração. Pietro, além de lindo e de morar numa casa linda, parecia ainda mais perfeito naquele quarto. Todo ele estava decorado na forma como descrevi o quarto do *meu* personagem, em *meu* livro. Parecia tirado da minha cabeça, cada detalhe daquele lugar. Pietro era o *meu* próprio conto de fadas! Fechei meus olhos lembrando-me do que vi, tendo a certeza de que não imaginei. O quarto era espaçoso, com o piso em madeira respeitando a estrutura da mansão, uma cama de casal ao centro com vigas ligando a cama ao teto, descendo do dossel alguns tecidos leves em branco e azul, estes amarrados à armação do dossel. A cama arrumada com uma colcha branca e vários travesseiros ajeitados sobre ela com fronhas no mesmo motivo da colcha. A porta da sacada estava aberta, dando uma visão linda da nossa árvore, do jardim de rosas colombianas e do sol que começava a nascer.

A uns dois metros da cama, um armário também em madeira escura, com desenhos antigos nas bordas lembrando cavalos. Na parede ao lado da porta de entrada, uma escrivaninha também antiga, com os mesmos motivos do armário e um computador novo sobre ela, livros e papéis bagunçados. Respirei, tentando lembrar-me de mais alguma coisa. Desgrudando-me da porta, decidi me trocar e sair logo dali ou ele pensaria que me deu dor de barriga. Vesti o pijama azul e o shortinho, calcei os chinelos e, ao entrar novamente no quarto, abafei um grito, dando as costas para Pietro que estava seminu. Ouvi-o gargalhando às minhas costas.

— Estou de bermuda, amor. — Disse, ainda rindo.

Ri, estava trêmula e envergonhada. Pietro me abraçou roçando a pele em minhas costas e me levando para a cama.

— Nunca fiquei sozinha assim com alguém, P.

— Sei disso. Não vamos fazer nada, Suzanna. — Ele já tinha tirado a colcha da cama, ajeitado os travesseiros e colocado um edredom azul no lugar da colcha. Fez sinal para que me deitasse no lado direito, o mesmo lado da varanda, e ele se deitou do outro, cobrindo-nos logo depois.

Virei-me de frente para ele, não sabia que meu corpo podia tremer tanto, sentia a cama embaixo de mim balançar junto. Abracei-o, escondendo o rosto em seu peito nu e deixando a essência do perfume de sua pele me acalmar.

— Confio em você. — Sussurrei, dando um sorriso bobo por chamar-me de amor.

Pietro tocou meu queixo para me fazer olhá-lo. Novamente, ele me deixou nervosa, começou a deslizar a mão pela minha nuca, pescoço, costas e parou no bumbum, pressionando para que nossos corpos se juntassem. A sensação me enchia de medo e necessidade, uma necessidade boba de continuar perto dele, como se fosse o certo. Tudo era tão novo, mas, ao mesmo tempo, parecia antigo, necessário, algo pelo qual esperei por mais de uma vida. Ele continuava me prendendo, os olhos clareando e escurecendo conforme observava meu corpo.

Coloquei a mão no rosto dele, tocando o lábio com o polegar, ele abaixou a cabeça até alcançar meus lábios e iniciou o beijo que eu queria. Quando nossas línguas se tocaram de novo, algo quente subiu pelo meu estômago com reações novas e mais fortes do que as que senti na nossa árvore. Sentia a mesma situação da parte de Pietro, o corpo estava moldado ao meu, encaixado tão milimetricamente que podia sentir tudo... Nossa sincronia era quase perfeita, assim que soltei seu lábio, ele chupou o meu devagar, deixando-me sentir os dentes raspando quando soltou e voltou a me beijar intensamente, deixando-me quase sem fôlego. Apertei meus dedos nos cabelos dele com força, trazendo-o para mim.

Pietro soltou meus lábios e puxou a blusinha do meu pijama, ameaçando tirá-la, o medo fez meu coração disparar e travei com as mãos nos cabelos dele, imóvel e sentindo as lágrimas brotando em meus olhos. Não queria que fôssemos tão rápido, mas, por ser mais velho, ele poderia não entender meu receio. Ele afastou o rosto e me encarou enquanto ajeitava minha blusa. Mordi meu lábio, sussurrando.

— Desculpe-me.

— Pelo quê?

— Por te provocar e ficar com receio.

— Amor, só estamos *namorando*, não vamos fazer nada, prometo.

Franzi o cenho olhando para ele, sentindo o roçar dos dedos dele por minha barriga enquanto pacientemente esperava alguma reação minha.

— Mas, alguns casais que namoram fazem aquilo. — Disse.

— Sim. — Permaneceu sorrindo.

— Então...

— Não faremos ainda.

Sorri, agradecendo pelo “ainda” e o abracei, encostando meu quadril no dele sentindo falta do calor e da sensação. Pressionei-me nele levemente, com receio. Pietro fechou os olhos, soltando um barulho muito baixo, a mão que estava em minha barriga parou de se mover e eu parei também.

— Continua... — P. sussurrou sem abrir os olhos, segurou a barra da minha blusinha, puxando-me para ele.

Não sabia o que era para continuar, mas fiz o que eu queria fazer. Coloquei uma de minhas pernas entre as dele, deixando o peso da perna dele sobre meu corpo. Ele gemeu fraco, movendo o quadril até que nos senti tão próximos que meu rosto corou. A roupa dava a sensação de estarmos quase nus, podia até imaginar como seria fazer os movimentos circulares contra o corpo do Pietro, sem roupa alguma. Ele começou a beijar meu pescoço, passeando as mãos pelas minhas costas e subindo, movimentando apenas os quadris comigo.

Meu coração estava tão disparado que parecia ser o único ser vivo no quarto, eu e meu coração gritante. Namoramos desse jeito durante um tempo interminável, trocando beijos longos, nossos corpos fazendo um tipo de amor mais puro, sem sexo. Apeldei mentalmente os movimentos que fazíamos com a cintura de *amor purinho*, mesmo que em minha mente não houvesse nada puro em relação *àquilo*. Eu queria sentir o corpo dele sem as roupas, queria fazer amor de verdade com Pietro.

Quando me dei conta disso, senti que Pietro parou de se mover e os beijos se tornaram lentos até pararem.

— Precisamos dormir. — Sussurrou no meu ouvido, me dando um beijo.

— Não quero. — Respondi ofegante.

Senti que ele sorriu, começando a fazer carinho em meus cabelos e a cantarolar uma canção, bem baixinho. Eu não queria dormir, mas meus olhos pesaram e, mesmo com aquele corpo colado ao meu, adormeci.

— *Lembre-se. — Ouvi um sussurro, mas nada via além do borrão vermelho e uma neblina densa diante dos meus olhos.*

— *Lembrar-me de quê? — Perguntei ao som que parecia falar de todos os lados.*

— *De tudo. — A voz neutra, nem masculina nem feminina, parecia aflita, pedinte.*

— *Tudo o quê? — Pedi, encarando um ponto claro naquele misto de vermelho e cinza.*

— *De mim, lembre-se Suzanna! De mim!*

Abri meus olhos, estava com a respiração pesada e o corpo trêmulo. Pietro estava adormecido com o corpo junto ao meu, os braços em volta da minha cintura. Desvencilhei-me, ouvindo um muxoxo de reclamação, mas ele não acordou.

Vesti um blusão dele que estava ao pé da cama e sai na sacada, sentando-me no sofá de dois lugares que havia ali, um sofá de casa de veraneio que também era exatamente igual ao que descrevi em meu livro. De folhas de madeira clara entrelaçadas com almofadas grossas e brancas para nos sentarmos. Era surreal.

Eu devia estar num sonho ainda ou em um pesadelo, onde acordaria e veria que não beijei ninguém ainda e que não existe Pietro ou Arthur. Senti o vento fino e frio, encolhi-me puxando as pernas, abraçando-as. O sol estava forte, mas agora

encoberto por uma nuvem.

Acredito que os sonhos são reveladores, apesar de minha avó insistir que é apenas porque durmo pouco ou porque dormi de barriga cheia, mas não era assim que eu sentia. Sempre que tinha pesadelos, algo estranho acontecia ou recebia alguma nova informação sobre o acidente que matou meus pais. Três anos atrás, quando os pesadelos cessaram, foi porque eu soube que eles receberam ameaças de morte e sonhava exatamente com isto — sangue, cinza e uma voz que vivia dizendo que eu não tive culpa. Mas... Eu não sabia por que devia sentir culpa. E agora esse novo pesadelo. Eu devia me lembrar de quem? De Pietro?

Suspirei irritada. Queria ter continuado o sonho e caminhado até o ponto claro. Era a primeira vez que meus pesadelos saiam do cinza e vermelho. O branco era bom e, de certa forma, senti que era uma mudança boa. Talvez, namorar Pietro seja essa mudança boa.

— Suzanna? — Dei um pulo do sofá. Pietro sentou-se ao meu lado, me abraçando — Desculpe pelo susto, o que houve?

Seu olhar era crítico, um pouco perturbado.

— Pesadelo. — Suspirei.

— Muito ruim? — Tirou uma mecha de cabelo dos meus olhos, a tensão sumindo um pouco daquele olhar acinzentado.

— Não... Mas, não gosto deles.

— Quer contar?

— Quase sempre são iguais. Vejo-me em um lugar e tudo fica vermelho e cinza... — Suspirei e Pietro deitou-me em seu peito. — Mas hoje, tinha algo diferente, uma luz branca.

— Uma luz? — Indagou tenso.

— E uma voz nova.

— Explique-me esses pesadelos. Faz tempo que os têm?

— Desde... O acidente...

— Com seus pais. — Afirmou.

— Sim... Fiz terapia e eles pararam, mas agora voltaram e estão um pouco diferentes. — Como Pietro nada disse, resolvi continuar. — Sonhava com a explosão, acho que por isso sempre vejo o vermelho, e uma pessoa que me ajudou a sair do carro... Apesar dos meus avós afirmarem que eu saí sozinha.

— Você se lembra dele?

— Só dos olhos, — franzi o cenho e suspirei — só dos olhos, *mesmo*. — Pietro beijou minha cabeça e senti que acariciava meus cabelos, estava pensativo. Sentei-me direito e o encarei.

— O que foi?

— Nada. — Me deu um selinho e sorriu.

— Você ficou bravo por que saí da cama?

— Não, só me assustei.

— Por quê? Eu não iria embora sem te avisar.

— Poderia ter ido.

— Mas, não fui. É por isso que está sério?

— Precisamos conversar, Suzie. — Disse, soltando um suspiro junto com as palavras.

— Sobre?

— O que aconteceu ontem.

Eu não conseguia reunir as lembranças para entender sobre o que ele queria conversar. O acontecimento mais importante de ontem foi o beijo.

— O beijo? O nosso namoro?

— Vem. — Ele se levantou, segurando minha mão direita. Entramos no quarto. A empregada terminava de ajeitar a cama, nos olhou com um sorriso brando e saiu. Pietro me fez sentar na cama e abriu um baú que tinha e que estava ao pé da cama dele. O único item no quarto que eu não imaginei em meu livro. Cruzei as pernas em forma de borboleta, curiosa com o que ele queria conversar.

— O que quer conversar? — Perguntei.

— Você deve se lembrar disso. — Disse, tirando um embrulho com papel manteiga do baú e me entregou antes de sentar na minha frente.

O papel estava gasto e um cheiro forte de naftalina saiu do pacote quando comecei a desembulhá-lo.

— O que é? — Ele não respondeu. Continuou olhando o pacote com um ar solene, a testa levemente franzida. Quando tirei o último papel manteiga, quase joguei o pacote longe. No dia do acidente dos meus pais, eu tinha certeza que meu ursinho Toddy estava comigo. Ele vivia preso a mim por um cordão de elástico que meu pai me fez, mas, depois que os bombeiros limparam tudo, disseram que não tinha nenhum urso no carro. Nem vestígio. Na época, acreditei que tinha sido queimado ou esquecido em casa, mas, agora, vendo o Toddy na minha frente, acabava de ter certeza que não, o urso estava mesmo comigo.

— Como isso veio parar aqui? — Perguntei baixo, as lágrimas não me permitiam falar de forma diferente.

— Encontrei naquela noite... Eu queria algo que fosse seu. — Pietro respondeu, calmo.

Levantei o rosto encarando-o, milhões de perguntas passavam pela minha mente, mas eu continuava sentindo que nada fazia sentido.

— P... O que isso significa? — A voz saiu alta, nervosa. — Isto era meu! Perdi no acidente!! Você não estava lá!! Ou você provocou a morte dos meus pais? — Sussurrei a última frase, assustada com a ideia.

— Suzie... Eu te tirei do carro. — Pietro sussurrou, sentando-se mais perto de mim.

Levantei-me, recuando, jogando o urso nele.

— E por que não disse quando me viu na sala de música? Ou quando me viu no seu jardim? Ou antes de me beijar? Por que não disse que estava com dó da garotinha órfã que nunca beijou?

— Não foi nada disso... Tive receio de fazer você se lembrar dessas coisas. Não queria fazer você reviver isso, Suzie.

— Mentira! Por que fugiu depois de me tirar do carro?

— Por causa da polícia.

— Você é algum foragido por acaso? — Falei entredentes.

— Não, mas tinham jornalistas também, fotógrafos e eu não queria destaque.

— Por quê? Todo mundo quer fama.

— Não eu.

— Por que não me procurou antes? Por que não me devolveu? — Apontei para Toddy.

Pietro pegou meu ursinho da cama e o estendeu para mim com o olhar triste, preocupado.

— Estou devolvendo agora, com um pouco de atraso.

Puxei meu ursinho marrom da mão dele e o abracei contra meu peito. Algo parecia muito errado, mas era muita informação para eu conseguir organizar os pensamentos.

— O que aconteceu exatamente?

Pietro me convidou a sentar, atendi com relutância, sentando o mais longe possível dele.

Não aceite as mentiras dele, Violet. Aquela voz sussurrou para mim.

Olhei para os lábios do Pietro, ele também estava com a testa franzida.

— Você ouviu? — Perguntei.

— *Você* ouviu? — Ele devolveu a pergunta, a voz alterada.

— Ouvi... O que é isso?

Pietro não respondeu, levantou-se indo até a varanda. Fechou as portas e as cortinas. Depois, foi ao banheiro, fechou a porta e continuou pelo quarto onde estávamos trancando tudo que desse acesso para fora do cômodo. Olhou em volta e para cima, depois olhou para mim.

— Sempre que ouvir a voz, feche qualquer entrada para a rua, para fora da casa, entendeu?

— Entendi... Mas...

— Você vai lembrar?

— Vou, mas Pietro...

— Suzanna, não acredite no que ele diz.

Capítulo 11



— Ele quem? — Perguntei aflita, sem entender nada. — É realmente alguém falando na minha cabeça? O que está acontecendo, Pietro?

Ele se aproximou de mim de novo, erguendo as mãos para pegar as minhas, mas recuei alguns passos até sentir as costas na parede.

— Você não acreditaria... Só feche a mente, as janelas e portas da sua casa quando acontecer. — Pediu, parecendo nervoso, triste, o acinzentado de seus olhos escurecendo a cada segundo, dando-lhe um ar quase demoníaco.

— Tente explicar. Comece pelo acidente. — Disse, mostrando o ursinho que estava comigo.

— Sente-se. — Pediu, mas neguei, permanecendo no mesmo lugar. Pietro bufou, sentando-se na beirada da cama. — Eu estava perto quando o acidente aconteceu, ouvi seu coração batendo, sabia que estava viva, mas as chamas estavam consumindo o carro e eu não podia te deixar lá.

— Como soube que meu coração batia?

Ele fez uma careta, desviando o olhar do meu.

— Ouvi.

— Você foi até o carro e senti minha pulsação. — Deduzi.

— Não... Eu *ouvi* seu coração e eu estava na praça. — Então, lembrei-me da praça. Estava olhando as árvores enfeitadas para o Natal e chamei a atenção dos meus pais para uma em especial que parecia um S desenhado com luzinhas, uma figura alta e sinistra estava perto da mesma árvore e me encarava, foi quando o acidente aconteceu.

— Eu distraí meu pai com as árvores... Só porque era um S de Suzanna... — Sussurrei, entendendo por que deveria sentir culpa. — Você era o homem perto da árvore?

— Não. — Respondeu ainda sem me olhar.

— Como você ouviu meu coração de tão longe?

Pietro ergueu os olhos e estavam em vermelho-sangue. Meu coração disparou assustado, prendi a respiração.

— Não sou normal, — disse — acho que já percebeu isto, mas nada posso revelar, Suzanna.

— O que você é? — Minha voz não passou de um lamento seco e assustado.

— Não vou te machucar, eu amo você Suzanna, confie em mim. Eu estava lá apenas para te proteger e a seus pais, mas não houve tempo.

— Como assim?

— Eu era o guarda-costas da sua família. — Respondeu, a íris voltando a sua cor natural. — Mas, o acidente não era para acontecer, foi provocado e eu não cheguei a tempo de salvar todos.

— Provocado por mim. — Acrescentei.

— Não. A culpa não foi sua, criança. — Ele sussurrou e, num gesto rápido, colocou-me em seu colo. Protestei, mas não funcionou, pois ele me prendeu em seus braços com força. — Seu pai não se distraiu ao volante, o outro motorista sim.

— Como assim? — Repeti a pergunta.

— O outro motorista que não viu vocês e, ao fazer o retorno, bateu de frente com o carro do seu pai.

— Falaram-me isso... — Sussurrei. — Meu avô sabe que você tem poderes? — Questionei ao me recordar que meu avô afirmou que conhecia Pietro da Itália.

— Poderes? — Ele riu, aliviando a pressão em minha cintura.

— Você, com certeza, escuta meus pensamentos. — Adivinhei, já que metade das coisas que pensava ele respondia sem que eu falasse em voz alta.

— Suzanna, não sou diferente a *este* ponto. — Seus olhos voltaram a mudar de cor e senti-me estranha, enjoada.

— Por que seus olhos mudam tanto de cor? Por que me nega as respostas? Somos namorados, poxa! Por que parece sempre saber o que vou fazer ou o que vou falar antes mesmo que eu fale ou faça? E você ouve, sim, não sou louca! — Ameacei continuar as perguntas, mas ele colou os lábios nos meus, murmurando um ‘shiiiuu’ bem baixinho. Não retribui ao beijo, a náusea aumentou um pouco mais.

— Não matei seus pais, não sou o sequestrador e nem o homem que os estava perseguindo, — ele disse, afastando os lábios dos meus, parecendo cansado — não era para você notar nada e nem saber de nada.

— Mas, reparei e quero respostas!

— Suzaninha, você é especial. Não sei como nunca reparou isto.

— Sou especial como?

— Você tem poderes, só nunca notou.

Eu ri alto, nervosa e, com rapidez, me desvencilhei dos braços dele.

— Eu? Sei. — Desdenhei.

— Os sonhos, as vozes, a agilidade, a sensibilidade para compreender coisas que nenhum humano presta atenção...

— Explique melhor, porque até agora você só rodeou e não me disse nada que fosse realmente útil ou que fizesse sentido!

— Você é filha de um Nefilim.

Ri novamente, agora com vontade.

— Meio anjo? — Continuei rindo, sentando-me na cama, acreditando que tudo

não passava de uma piada de mau gosto.

— Já que não sou confiável, pergunte a seu avô. — Respondeu, ríspido.

— Você exige que confie em você, sendo que me escondeu isso, Pietro? — Joguei o ursinho nele de novo, com mais raiva.

Ele pegou o ursinho, enrolou novamente no papel manteiga e guardou no baú. O observei com distanciamento, apertando as mãos como se fosse possível acordar daquele pesadelo.

— Sou um anjo, Suzanna. Seu anjo de proteção, ou era até o acidente. — Pietro falava de forma distraída, como se ele se recordasse de algo. — Seus avós são especiais, seu pai herdou o dom deles, era um Nefilim puro. Filho de dois Nefilins. Não é fácil explicar tudo isso, mas é fácil acreditar. — Ele me olhou, seus olhos ainda estavam vermelhos. Estendeu a mão para mim em um convite. — Deixe-me mostrar.

Relutei, achando tudo muito fantasioso.

— Você notou o quarto — ele continuou falando quando viu que não me movi. — Notou que Arthur ouve seus pensamentos... Que *eu* ouço seus pensamentos. Notou a animosidade entre ele e eu. Você notou minha presença no jardim naquele primeiro dia.

— Você falou comigo, como não ia te ver? — Questionei. Incrédula.

Pietro sorriu, colocou as mãos nos bolsos e, de repente, eu estava sozinha. Minha respiração ficou pesada e agitada, o corpo trêmulo, mas, então, o vi ao meu lado, apenas fragmentos, como se fosse um fantasma.

— Nenhum humano me vê quando estou nesta forma, apenas aqueles que são especiais ou que eu quero que me vejam. — Ele falou, voltando para onde estava antes, materializando-se. — Aquela noite eu pretendia plantar medo na sua mente e o desejo de voltar para sua casa. Não era para ter me visto, mas, quando viu, fingi que era algo normal pedir para que voltasse.

— Você chamou minha atenção.

— Era para você achar que tinha *ouvido* alguém, mas não *ver* alguém lá.

— Pietro... Não estou entendendo.

Ele riu, aproximando-se e, desta vez, não recuei.

— Seus avós são filhos da relação de um anjo com um humano. Eles não sabiam disso, apaixonaram-se e tiveram seu pai, que nasceu Nefilim, o mais poderoso que já existiu na Terra, mas ele nunca se importou com isso e, quando conheceu sua mãe, teve você. Geralmente, esta condição é mais fraca na terceira geração, mas seu pai não tinha muito da linhagem humana em seu sangue e é como se você fosse filha de um anjo com uma humana. Seus poderes são maiores e seu nascimento foi sentido por todos os seres celestiais e não celestiais. — Ele apontou para baixo, indicando o inferno.

Estremeci. Parecia um sonho muito esquisito e a ideia toda era bizarra demais para ser verdadeira. Pietro foi até a porta da varanda e a abriu. Ficou pensativo alguns minutos, então, respirou fundo e girou o corpo para me encarar.

— *É verdade*, — a voz sussurrou na minha mente — *parte disso é verdade*. — Falou novamente.

Meu coração disparou e olhei Pietro fechar a porta novamente e vir até mim.

— É Arthur? — Perguntei.

— Sim.

— Por que ele disse que parte é verdade?

Pietro riu, mas não havia nenhum humor no seu rosto.

— Ele não gosta de mim e quer te colocar contra mim.

— Onde ele está?

— Ouvindo nossa conversa em algum lugar do lado de fora.

Tinha tantas perguntas se formando na minha mente que deitei a cabeça entre os joelhos, respirando fundo seguidas vezes. Senti que Pietro se aproximou, colocando as mãos em minhas costas, afagando-me.

— O que acontece se um anjo se apaixona por um meio anjo? — Sussurrei.

— Anjos não devem se apaixonar.

— Mas, você...

— É bem mais complexo. — Respondeu, cortando minhas perguntas e me abraçou. — É por isso que eu sinto cada toque seu com tanta exatidão... Por isso, é tão difícil me controlar com você... — Sussurrou, passando os lábios em minha nuca.

— P... — Eu não queria namorar, apesar do desejo cortante que me atingiu no momento que ele disse as palavras e roçou os lábios em mim. — Quero detalhes! — Consegui me afastar com muito custo, já podia sentir as fagulhas no meu corpo pelo toque dele.

— Você é *mesmo* especial. — Murmurou, passando as mãos pelos cabelos escuros. — Não posso revelar muito, é contra as regras, Suzanna. Não podia namorar você também, mas eu me apaixonei, — moveu os ombros, despreocupado — já falei muito a respeito.

— Meus pais morreram por um acidente, certo?

— Certo.

— Mas, eles eram vigiados por alguém que não é bonzinho, certo?

— Certo.

— E esse alguém... Por que estava atrás deles?

Ele se aproximou com rapidez, calando meus lábios com um beijo, as mãos adentraram o blusão de frio, a blusinha e tocaram minha pele com fome e desespero. Arfei, soltando um gemido abafado pelo beijo quando colou o corpo ao meu e senti

como estava desejoso. Pietro me deitou na cama, esfregando-se em mim do mesmo jeito que fizemos antes, tão colados que podia sentir cada movimento. Retribuí os toques e o beijo, tão faminta quanto ele. Abri minhas pernas e as entrelacei na cintura dele, Pietro sentiu o movimento como uma aprovação para mais, puxou meu tronco me deitando no centro da cama, forçando o quadril em mim e movimentando-se, mas, tanto eu quanto ele, parecíamos desesperados por mais. A conversa estava enevoada em minha mente, só os toques, os lábios e aquele corpo me interessavam. Pietro mordiscou meu pescoço dando chupões fracos, sussurrando palavras que eu não conseguia compreender, mas que causavam um arrepio por todo meu corpo. Senti suas mãos subindo pela minha barriga e costas, até que se apossou do meu seio esquerdo por dentro do sutiã. Amoleci, largando dos lábios dele para soltar um gemido fraco de prazer. Pietro me olhou assustado, mesmo assim ainda se movimentava contra mim com desejo, um desejo que estava claro naqueles olhos cinzas.

— Quer que eu pare? — Perguntou, brincando com o bico do meu seio ao mesmo tempo.

— Não... — Balbuciei, engolindo a saliva.

Ele sorriu e ergueu o blusão um pouco mais. Senti o vento frio na pele, mas não reclamei, minha respiração ficou mais agitada quando o vi umedecer os lábios e afastar o tecido do sutiã. Fechei meus olhos antes do contato, antevendo as reações do meu próprio corpo, mas, de repente, eu não sentia mais Pietro sobre mim e me arrepiei inteira quando um vento forte passou pelo quarto.

Abri meus olhos e vi dois vultos. Havia barulho de socos e xingamentos pelo quarto todo. Fiquei encolhida na cama ajeitando a roupa e os cabelos, tentando entender o que estava vendo. A porta da sacada estava escancarada e balançava como se tivesse sido aberta com brutalidade, os vultos passavam como redemoinhos, de um lado para o outro, quebrando móveis, agitando as cortinas e fazendo um som alto de briga.

— Pietro... — Gemi.

Se não tivesse ouvido a história sobre os anjos e Nefilins, não acreditaria que estava realmente acordada.

— Filho da pu... — Pietro xingou, mas um soco o atingiu antes de terminar a frase.

Meu coração disparou, o corpo ficou trêmulo, o que quer que fosse estava machucando Pietro. Eu podia sentir no meu estômago a náusea por tudo aquilo. Mentalmente, desejei que parassem.

Um vento forte soprou no quarto, arrastando um móvel para cima dos dois que pararam de se mover e se esquivaram a tempo da madeira quebrar contra a parede. Pietro e Arthur se entreolharam e me encararam. Arthur correu para junto de mim

com os olhos arregalados e se ajoelhou ao lado da cama, buscando minha mão que puxei antes dele tocar. O rosto dele não estava mais machucado como ontem de manhã, não era possível ele ter se curado tão rápido e era ele quem estava socando Pietro.

— Não chore, *Violet*. — Arthur sussurrou, colocando-se de pé.

Passei a mão em meus olhos, limpando as lágrimas que nem percebi derramar. Pietro permaneceu à distância, analisando-me.

— O que está acontecendo? — Exigi uma explicação.

— Ele está te enganando!! — Falaram ao mesmo tempo, um apontando para o outro.

— Ele não quer o seu bem, Suzie! — Pietro se apressou a dizer.

Arthur virou o rosto, a face dura, revoltada.

— Suzanna, vem comigo que te explico a verdade. — Arthur pediu, ajoelhando-se à minha frente.

— Por quê?

— Confie em mim. — Seus olhos encontraram os meus. Aquele verde opaco, parecendo preocupado, seus lábios estavam apertados com raiva.

— Não. — Sussurrei.

Ele balançou a cabeça, levantando-se.

— Você *precisa* se lembrar. — Sussurrou e, então, não estava mais lá.

Olhei Pietro que não se moveu nem um milímetro.

— Lembrar-me do quê?

— Você já lembrou, era do acidente.

Levantei-me atordoada, vendo o estrago que aconteceu no quarto. Procurei a roupa que estava usando antes, vesti-a no banheiro e, ao sair, encontrei Pietro ajeitando a bagunça.

— O que um filho de anjo faz?

Ele me encarou, com um meio sorriso.

— Posso te ensinar.

— Quero a resposta, Pietro.

— Mover coisas é uma das habilidades. — Ele apontou para onde o móvel voou e quebrou contra a parede.

— Sei... Bom, estou cansada disso. Vou falar com meus avós, talvez eles me digam toda a verdade, sem rodeios.

Ele assentiu, acompanhou-me em silêncio até o muro que separava nossos jardins e beijou minha testa antes que eu o pulasse.

— Tome cuidado.

— Com o quê?

— Ele. — Demos um selinho rápido e sai de perto dele. Sabia que precisava

ficar sozinha para entender a enxurrada de informações. Porque nada parecia encaixar, nada fazia sentido. Se meu avô sabia, por que deixou um estranho contar minha origem? Por que Arthur e Pietro estavam brigando? Seriam eles naquela foto? Claro que não, afinal anjos não têm infância, ou têm? E por que deveria tomar cuidado com Arthur? Entrei em casa e, logo, fui recebida por vovô.

— O que houve?

Ele estava assustado e vovó, logo atrás, com o mesmo olhar distante e apreensivo.

— Como sabe que aconteceu algo?

Passei por ele, indo me sentar no sofá da sala.

— Pietro ligou.

— Então, vocês sabem que eu sei. — Joguei-me no sofá, abraçando uma almofada, pensando por que não peguei o Toddy de volta.

— Não podíamos contar.

— Por quê?

— Não tínhamos certeza de que você herdaria a nossa genética. Por que revelar algo que prejudicaria seu futuro? — Vovó explicou de onde estava.

— E *por que* ser filha de um meio anjo me prejudicaria?

Eles se entreolharam e vieram se sentar nas poltronas perto de mim.

— Porque existem pessoas más atrás dos Nefilins.

— Pessoas, tipo o Arthur? — Perguntei.

— Arthur? — Vovô estranhou.

— Ele brigou com o Pietro. Ele é um anjo, tenho certeza.

— Conte tudo o que Pietro te contou. — Vovó pediu. Conte com precisão de detalhes, exceto a parte dos *amassos* na cama de Pietro.

— Ele disse exatamente isso? — Vovô questionou.

— Sim. Disse: *you precisa se lembrar*. E como eu disse, nos meus sonhos, a voz usou a mesma frase. Pietro acha que é sobre o acidente.

— Pode ser. Mas, como Arthur saberia do acidente? — Vovó perguntou, voltando da cozinha onde tinha ido buscar um pedaço de bolo de chocolate para mim.

— Não sei. Eles parecem saber muito a meu respeito.

— Suzie, o Pietro é de total confiança. — Vovô disse, dando tapinhas em meu joelho.

— Eu e ele estamos namorando.

— Oh querida, parabéns!! — Vovó me abraçou com força e soltou.

— O quê? — Vovô falou quase no mesmo segundo que ela.

— Ele pediu e eu aceitei. — Sentia minhas bochechas queimarem. — É por que ele era nosso guarda-costas? Vê, ele não é tão mais velho assim... — Comecei a

me explicar.

— Não é isso! Vocês se beijaram? — Fiz que sim com a cabeça. — Ele não podia ter feito isso...

— E por que não? — Levantei-me, deixando o bolo no sofá. — Eu quero respostas. — Cruzei os braços sob meu peito, encarando-os.

— Alguns livros que demos para você ler falam nisso, você deveria montar o quebra-cabeça. Acharmos que perceberia antes deles aparecerem.

— Deles quem? Arthur e Pietro?

Vovô suspirou, levantando-se da poltrona, fez sinal para que o seguisse e fui atrás, emburrada.

Alguns dias se passaram. Eu continuava sem compreender muita coisa, mas parte se clareava na minha mente e, por isto, as dúvidas ficavam cada vez maiores. Os livros que vovô me deu não eram tão esclarecedores como eles achavam e ninguém respondia mais às minhas perguntas. Deixaram-me isolada em meu quarto desde terça-feira e, agora, já era domingo. Estava ficando ridículo me manterem aqui. Levantei da minha cama e olhei pela janela. Estava escuro e o céu nublado como em todos os dias dessa semana. A figura de um homem alto estava parada perto do carvalho, deduzi ser Pietro e meu coração saltou ansioso. Não o via desde a revelação, mantive distância por estar chateada com ele e com meus avós, mas a saudade já era maior que a raiva. Coloquei a testa na janela fria, olhando-o até que a neblina o escondeu.

— Droga. — Fechei a cortina e voltei à leitura, queria detalhes e respostas e não pararia até encontrá-las.

Capítulo 12



Coloquei o notebook em meu colo e, pela milésima vez, resolvi ler as reportagens e estudos sobre os anjos e Nefilins.

“Nefilim, do hebraico nefilím, que significa ‘caídos, derrubados’, (...) Na Bíblia, esta palavra se refere aos heróis da antiguidade, que eram homens perversos que viveram na mesma época do relacionamento entre os ‘Filhos de Deus’ e as ‘filhas dos Homens’. É por isso que foram por muitas vezes considerados como sendo o resultado dessas relações, mas as Escrituras apenas dizem que eles habitavam a terra na mesma época. A maior testemunha disso é Flávio Josefo, que faz uma distinção entre os gigantes e o fruto das relações entre os ‘Filhos de Deus’ e as ‘filhas dos homens’, quando afirma em sua obra: [...] e os grandes da terra, que se haviam casado com as filhas dos descendentes de Caim, produziram uma raça indolente que, pela confiança que depositavam na própria força, se vangloriava de calçar aos pés a justiça e imitava os gigantes de que falam os gregos. (Antiguidades Judaicas). Aparece pela primeira vez em Gênesis 6, traduzido como Gigantes, na maioria das versões bíblicas. Os Nefilins são chamados filhos dos ‘filhos de Deus [ou “anjos”, na LXX]’. Na tradução Almeida (ALA), ‘filhos de Deus’ se refere aos descendentes de Sete, como podemos ver em Deuteronômio 14.1 e Oséias 1.10. Nessa mesma tradução, o hebraico nefilím é vertido por ‘gigantes’. Os Nefilins são descritos como ‘os poderosos [em hebr. hag gibborím] da Antiguidade’ e os ‘homens de fama [ou heróis, MC]’. Segundo o relato de Gênesis 6.2, os filhos de Deus [ou descendentes de Sete] tiveram filhos com as filhas dos homens [ou descendentes de Caim]. Esse acontecimento era completamente contrário ao Propósito Divino. Diz a narrativa que Deus teria decretado um dilúvio, após a ocorrência do mesmo, toda aquela sociedade humana seria destruída e o homem passaria a viver, no máximo, um período de 120 anos. Naquele momento, Deus se ‘arrependeu de ter criado a humanidade’, somente Noé e sua família, tinha aprovação de Deus (6:3,5-11). O relato termina com o dilúvio bíblico a eliminar toda aquela sociedade humana acompanhada dos Nefilins, os filhos dos filhos de Deus. Por fim, recomeça uma nova humanidade e Deus renova o Seu Propósito para com a humanidade (1:28-30; 9:1-17). Segundo a tradição

judaico-cristã, os genitores dos Nefilins terão se desmaterializado, tornando-se novamente seres espirituais. São identificados ao longo da Bíblia ‘anjos caídos’, ‘espíritos impuros’ ou ‘demônios’, os quais diferem dos Nefilins por referirem-se aos chamados vigilantes, uma espécie inferior de ‘anjos’ (segundo o Livro de Enoch), sendo tais os anjos que copularam com as filhas dos homens e engendraram esta raça híbrida”. (Fonte: Wikipédia)

Balancei a cabeça, desanuviando os pensamentos. Ser Nefilim é ser inferior a um anjo, mas então por que Pietro afirmou que eu era especial e filha do Nefilim mais forte de todos? Por que sentiriam meu nascimento e, por Deus, por que me esconderiam isso? Quanto mais me questionava, mais dúvidas apareciam. Ouvi uma batida na porta e Maria entrou com a bandeja do meu jantar.

— Você não pretende sair mais deste quarto? — Questionou, deixando a bandeja na mesinha de cabeceira.

— Sim, em breve, — sorri, fechando o *note* — você sabe alguma coisa sobre anjos?

Maria me encarou por algum tempo. Então, puxou a cadeira que ficava perto da escrivaninha e sentou-se na minha frente.

— Existem vários tipos de anjos, você sabia disso? — Fiz que não e ela continuou. — Existem os anjos, os serafins, os querubins, os arcanjos... Existem também os anjos maus, que são os caídos. Foram expulsos do céu. Mas, por que deseja saber disso?

— Você acredita em anjos? — Devolvi com outra pergunta.

— Claro!

Dei de ombros, fingindo desinteresse. O que ela falara não era tanta novidade. Assim, eu queria informações novas.

— Acha que alguém pode nascer meio anjo, meio humano?

— Um Nefilim? Claro! A Bíblia Sagrada relata que existiram homens que eram gigantes e eram filhos da copulação entre anjos e humanas.

— Mas, eu não sou gigante... — Sussurrei e notei o olhar de Maria se estreitando. — Quero dizer... Golias era filho de anjo? Mas, ele era mal...

— Ele foi criado da maneira errada meu bem, provavelmente achava que estava certo e sendo bom para o povo dele.

Respirei fundo, entortando os lábios. Vovó apareceu na porta do quarto e foi sentar-se na beira da minha cama, juntando-se a nós.

— Sabe os macacos? Não dizem que houve evolução? — Vovó perguntou e eu comecei a rir.

— Sim, entendi... Então, os Nefilins evoluíram e não são mais gigantes.

— Isso. — Rolei os olhos, pegando a bandeja com meu jantar e comecei a

comer.

— Por que o interesse? — Maria questionou.

— Contamos a ela, Maria.

Olhei para Maria com olhos arregalados. Ela sorriu, afagando meu joelho.

— Até você sabia?

— Desta casa, o único que não sabe é o jardineiro. — Comentou vovó.

— Então, você comentar que Pietro parecia ter poderes foi proposital? —

Questionei, olhando para os olhos de Maria.

— Sim, foi.

— Quando isso? — Vovó interrompeu.

— Quando sai com ele. Estava entrando e ela comentou isso.

— Foi para que você prestasse mais atenção aos detalhes. — Maria argumentou.

— Coma. — Vovó ordenou e ambas se levantaram, deixando-me sozinha.

Fiquei furiosa pela falta de respostas. Então, levantei-me e coloquei a bandeja sobre a escrivaninha. Dali duas horas, todos dormiriam e eu procuraria minhas respostas. Deitei-me, pois sabia que acordaria na hora certa.

Bocejei, espreguicei-me, esticando-me todinha na cama antes de abrir os olhos e comprovar a mim mesma que ainda era de madrugada. O quarto estava escuro, iluminado apenas pela fresta na cortina. No celular, confirmei que passavam das três da manhã.

Após arrumar meus cabelos e fazer minha higiene pessoal, vesti um conjunto de moletom preto, tênis preto e sai de casa. Desta vez, não me preocupei em me ocultar. Se me berrassem, eu brigaria com todos e sairia assim mesmo, mas, para minha surpresa, ninguém pareceu me ouvir. Conhecia meu destino, não falava com Pietro há dias, mas tinha certeza de que me esperava ali. Assim que me aproximei da nossa árvore, senti o perfume dele tão próximo que meu estômago reclamou com saudade.

— Suzanna. — Ele sussurrou às minhas costas. Virei-me, preparando o coração e a mente para olhá-lo, mas estava sozinha.

— Aqui. — Pietro me abraçou de surpresa quando me virei para a árvore de novo.

— Solte-me. — Empurrei-o, mesmo tendo o desejo de mantê-lo por perto, afinal eu ainda queria respostas que ele também me negou.

— Que assim seja. — Seu rosto estava com uma carranca dura quando deu três passos para trás e se afastou de mim.

— Quero a história toda. — Disse, estendendo minha manta sobre o chão e sentei, recostando minhas costas na árvore e esperando por ele que se sentou ao meu lado.

— Que assim seja, — repetiu e suspirou. — Posso pelo menos te abraçar?

Sentia tanta saudade que me foi impossível negar seu pedido, principalmente diante do olhar implorativo que ele me lançou.

— Pode. — Pietro sorriu de lado, levantou-se e me afastou da árvore, tomou meu lugar fazendo-me encostar contra seu peito. O abraço deixou meu corpo quente no mesmo segundo e já pensava como seria beijá-lo depois de tantos dias sem contato. Será que ele sentia tanto desejo quanto eu? Será que ele percebia o quanto meu coração estava batendo forte e fora de ritmo?

Suspirei, apertando meus olhos e buscando me concentrar no que ele tinha a me dizer.

— Podemos nos beijar primeiro... — Ele sussurrou e mordiscou a ponta da minha orelha, a língua brincando com ela. — Nos beijar como nos beijamos a primeira vez. — As mãos dele passaram com habilidade para dentro do meu blusão e tocaram a pele da minha barriga.

Senti minha pele se arrepiar e o friozinho subiu pelo meu estômago como se tivesse mil borboletas voando dentro dele.

— Só um, — sussurrei, virando meu rosto para o dele. — Depois, você me conta tudo.

O sorriso dele era vitorioso, quase diabólico. Nossos lábios se tocaram e o mundo sumiu à minha volta.

— Você nunca cumpre suas promessas. — Dei um pulo, assustando-me com a voz estridente de Arthur.

Ergui o rosto, levando minha mão aos meus lábios, envergonhada. Ele estava perto de nós, os braços cruzados e a tez séria.

— Saia daqui. — Mandeí.

— Ele não vai responder nenhuma das suas perguntas, Suzanna. — Senti a raiva na voz de Arthur.

— Vai sim, confio nele.

— Suzanna, não dê satisfações a ele. — Pietro sussurrou no meu ouvido.

— Você é burra ou o quê? — Arthur cuspiu as palavras, tão irritado que me encolhi nos braços de Pietro.

— Você não é bem-vindo. — Disse baixo.

— É burra. — Ele se inclinou na nossa direção e me puxou pelo braço, fazendo-me levantar. Reclamei, desvencilhando-me dele.

— Fique aí ou eu te mato! — Ele apontou o dedo no rosto de Pietro que não se moveu, mas tinha um sorriso divertido nos lábios, como se esperasse exatamente o que estava acontecendo. Tentei olhar o rosto de Arthur para ver se era algum tipo de brincadeira, mas não pude porque ele me rebocava para a minha casa, passando-me pelo muro que separava os jardins e indo para o muro no fundo do meu jardim.

— O que você quer?

— Salvar você.

Ri alto, jogando a cabeça para trás, estava nervosa e assustada. Apavorada na verdade.

— De quê? — Perguntei apesar de achar que estava em perigo, justamente, por estar sozinha com ele. Busquei por Pietro, mas não o vi em lugar algum.

— Dele e de você mesma. Nunca foi tão burra! — Ele me soltou com violência, empurrando meu braço com força antes de largá-lo.

Levei a mão ao braço, massageando onde estava dolorido. Vários pensamentos passavam pela minha mente, nenhum coerente.

— Não, não vou matá-lo, por mais que eu queira! — Disse Arthur como se lesse o pensamento que acabava de me sobressaltar. — Não vou matá-lo e, por Deus, Suzie, não vou te ter a força! — Ele me encarou e os olhos pareciam faiscar um ódio que jamais vi em rosto nenhum.

— Eu não estou entendendo! — Esbravejei, erguendo os braços em rendição.

— O que não está claro para você, garota? — Em um segundo, ele estava com o rosto próximo do meu, seu hálito batendo contra minha pele e aquela sensação de ódio parecia pairar entre nós.

— Nada. Não estou entendendo nada! — Mantive a voz firme, apesar das pernas estarem falhando.

— Você é um anjo. Isto você entendeu? — Arthur se afastou, reclamando consigo mesmo, palavras que eu não compreendia. — Garota burra! — Falou para si.

— Não sou burra! — Reclamei. — Sou filha de um meio anjo. Sim, isto eu entendi e o que há de tão importante nisso? Por que estão fazendo da minha vida um inferno? Eu precisava mesmo saber disso? Para que serve ser uma Nefilim? Que bem eu posso fazer? Ou é mal? O que você quer? — Gritei e, a cada palavra, eu dava um passo na direção de Arthur que estava de costas para mim. — Será que você pode responder ou vai me enrolar como todo mundo? — Soquei as costas dele.

Arthur virou-se, segurou meu pulso com força e aproximou o rosto do meu com lentidão.

— Quero você, Suzanna. Você pura como sempre foi e em segurança. — A voz estava forte, mas, ao mesmo tempo, doce.

Puxei meu braço, desviando o olhar do dele.

— Pura e em segurança? E como seria estar assim, Arthur? — Olhei para ele.

Arthur respirou fundo, passou os dedos pelos cabelos negros e deu um puxão neles antes de deslizar as mãos para os bolsos. Notei novamente aqueles braços fortes por baixo da camiseta branca que ele estava usando.

— Pietro não é quem mostra ser, — ele disse num suspiro. — Ele estava lá no

dia do acidente dos seus pais.

— Eu sei. — Arthur me olhou interrogativo.

— Aquela historinha de ursinho de pelúcia convenceu você? — Fiz que sim com a cabeça e ouvi a risada de Arthur ecoar à minha volta. — Você é mesmo burra!

— Idiota.

— Burra! — Ele devolveu.

— Estúpido! Grosso! — Cruzei meus braços.

— Burra! — Ele se aproximou novamente, segurou meu queixo e me fez olhá-lo nos olhos. — Preste atenção, garotinha. Não posso revelar muita coisa porque você escolheu assim. Não posso ultrapassar este limite, mas eu posso te alertar. Quando questioná-lo novamente, não se deixe levar por seus hormônios.

— Ele soltou meu queixo brutalmente e, assim como apareceu, sumiu. Do nada.

Olhei em volta, mas sabia que ele não estava mais ali. Assim como sentia a presença de Pietro sempre que ele estava por perto, podia sentir Arthur. O ódio dele era tão forte, tão intenso, que meu peito sempre se apertava. O perfume amadeirado e seco adentrava minhas narinas. Com Pietro, eu sentia frio no estômago e o mesmo perfume amadeirado, mas mais doce, como se houvessem misturado flores a ele.

— Suzie? — A voz de Pietro sussurrou a minha volta e olhei em sua direção, andando até ele. — Está tudo bem?

— Minha vida está bizarra. — Sussurrei, sentindo que ele me abraçava. — Você ouviu?

— Ouvi.

— Tudo?

— Sim. — Pietro beijou minha testa e senti o carinho em meu rosto.

— Por que não fez nada?

— Existem regras e, mesmo eu, devo segui-las.

— Que regras?

Pietro segurou meu queixo com carinho e depositou um beijo nos meus lábios. Depois, deslizou a mão pelo meu pescoço, fazendo carinho. A sensação de medo se desfez aos poucos e, novamente, aquele desejo de tê-lo em meus braços e senti-lo como da primeira vez que nos beijamos pairou sobre a minha mente.

— É proibido nos mostrarmos aos humanos. Esta é uma regra. — Ele sussurrou, dando selinhos em meus lábios. — Você é Nefilim. Então, a regra é apenas vigiá-la e nunca, nunca mesmo, revelar o que você é. Existem poucas exceções para que façamos isso.

— E o meu caso foi uma exceção. Dos meus avós também? Pelo que entendi, meu pai também sabia. Ele também foi uma exceção?

— Sua família é especial, Suzie. Seus avós são Nefilins, mas eles não sabiam

disso e geraram seu pai. Seu pai possuía poderes similares aos de anjos, mas ele era mortal como qualquer ser humano.

— Que poderes? — Pietro fez uma careta e me encaminhou de volta ao seu quintal. Quando estávamos sentados junto ao carvalho, ele voltou a falar.

— Premonição. — Olhei para ele, a testa franzida. Se meu pai tinha esse dom, ele sabia sobre o acidente. Então, ele não teria batido o carro, não podia ser verdade o que Pietro dizia.

— Mas então, ele saberia do acidente...

— Para a maioria das pessoas que possui este dom, o aviso vem quando o que vai acontecer está premeditado, está no curso natural da vida, está destinado a acontecer. Um acidente, por exemplo, não é natural, é acaso e, geralmente, acontece rápido demais para ser *sentido*.

Passei minha mão pelo meu rosto, suspirando.

— Quer dizer que, se eu fosse cair de um prédio, meu pai não saberia.

— Mas se você fosse pular porque quer pular, ele saberia antes de acontecer.

Minha mente trabalhava rápida e soltei um suspiro longo, recordando-me de anos antes, quando meus pais estavam vivos e felizes.

— Suzanna, levante-se. Precisamos ir para a casa dos seus avós. — Dona Claudia abriu a cortina do meu quarto sem dó. Meus olhos se ofuscaram pela luminosidade do sol que já estava forte demais para aquele finalzinho de primavera.

— Mande levantar! Seu pai já está tirando o carro da garagem.

— Tô indo, mãe... — Disse sonolenta, pegando meu ursinho Toddy e o prendendo ao cordão de elástico que papai fez para mim para que não o perdesse mais.

— Vista-se, Suzanna. Não vai sair de camisola.

— Ai mãe, que *saco*! — Reclamei, soltando Toddy e me vestindo com um jeans cintura alta, camiseta branca e tênis *kichute* azul-marinho que eu usava para o colégio. Sai do meu quarto na direção da garagem, onde minha mãe me esperava com um pote cheio de cereal. Meu humor melhorou um pouco quando coloquei o primeiro floco na boca, com ela me ajeitando no banco de trás da Brasília bege de papai e me ordenando que não me levantasse durante a viagem.

— Pegou tudo, Claudia? — Papai perguntou e piscou para mim pelo retrovisor do carro. Os olhos azuis num tom um pouco opaco, revelando-me que ele não estava tão animado como queria parecer.

— Está bravo, pai? — Perguntei, mastigando meu cereal.

— Não fale de boca cheia. — Respondeu, soltando um longo suspiro. —

Estamos nos mudando para casa da vovó. Você vai gostar de lá.

— Por quê? — Tirei a franja do meu rosto para enxergar o rosto dele pelo espelhinho.

— Lá é maior e a escola melhor. Você está crescendo rápido e precisa de uma escola mais forte.

Franzi a testa porque eles diziam que a escola que eu estava era a melhor do Estado de São Paulo, mesmo que fosse numa cidade afastada da capital, porém dei de ombros. Não tinha muitos amigos na velha escola, nenhum que fosse sentir falta pelo menos, nem me preocupei pelas provas finais, pois já tinha feito as mesmas com antecedência a pedido de papai. Agora, conseguia compreender o motivo. Iríamos nos mudar e ele não queria me dizer antes.

— Por isso fiz as provas antes?

— Sim, querida. — Mamãe colocava o cinto de segurança depois de fechar a porta do passageiro. — Terminou? — Ela olhou para o cereal e pegou o potinho vazio, guardando-o na mochila onde deixava as minhas coisas. Estava sentada logo atrás do banco da mamãe, olhando a estrada já há algum tempo, vendo os vultos de árvores e asfalto passarem rapidamente diante dos meus olhos. Em uma das paradas que fizemos, mamãe comprou um travesseirinho para mim, me fez deitar no banco e dormir, pois, pelo que ela disse, faltava muito para chegarmos. Obedeci, adormecendo poucos minutos depois, protegida com a jaqueta de couro preta que ela sempre usava. Acordei com a voz de papai. Estava escuro dentro do carro e demorei um pouco a notar que já era noite.

— Você acha que ela ficará segura, Miguel? — Mamãe perguntou, fechei meus olhos, fingindo dormir.

— Meus pais são confiáveis, Claudia. Eles saberão o que fazer.

— Você sempre soube sobre você ser...? — Ela sussurrava.

— Não. Descobri quando completei dezoito anos.

— Como?

— Já te contei. — Papai se irritou. Era muito difícil vê-lo perder o controle.

— É difícil compreender isso, Miguel! — A voz de mamãe ficou distante e pude imaginar que ela olhava para a janela.

Compreender o que? Abri meus olhos estranhando o silêncio e senti a mão de papai acariciando meu joelho.

— Acordou a minha princesinha?

— Não. — Brinquei, deixando que ele continuasse o carinho.

— E não vai acordar? Dormiu a tarde toda, meu bebê preguiçoso.

— É o Toddy pai, ele está com *muiiiitoo* sono. — Ri, me sentando.

— Urso preguiçoso. — O olhar de papai estava distante, mesmo rindo e brincando comigo. Suspirei, fechando meus olhos.

— Você tem certeza de que isto vai acontecer, Miguel? — Mamãe perguntou depois de alguns minutos. Eu estava quase dormindo novamente, mas pude ouvi-los.

— Este trânsito está me irritando! — Reclamou papai. — Tenho certeza, mas estamos nos mudando para que não aconteça. Pierre cuidará de tudo.

Abri meus olhos e soltei um longo suspiro, sempre bloqueara as lembranças de antes do acidente, com medo de sofrer ao recordar do que perdi, mas nunca tinha me lembrado dessa conversa e, com as revelações de Pietro, estava claro para mim que papai teve uma premonição de algo que aconteceria comigo e, por isto, estávamos nos mudando.

— Você conhece algum Pierre? — Questionei e o senti enrijecer os músculos.

— Nenhum Pierre. — Os olhos estavam voltando à cor natural, mas tive tempo de ver a mudança do rubro para o cinza. Suspirei, sentindo o toque em meu queixo e novamente os lábios de Pietro preenchendo os meus.

— Tem certeza? Você me pareceu tenso.

— Absoluta. Nenhum Pierre. Nenhum como eu. — Ele riu e entendi o que quis dizer, nenhum Pierre que seja um anjo.

Deixei o beijo continuar, cansada de pensar em anjos, humanos, morte e Nefilins. Queria apenas o homem que eu amava me beijando como Pietro estava fazendo.

— Amanhã tenho aula, vou dormir. — Sussurrei nos lábios dele, sentindo que os dedos já começavam a brincar pela minha pele e, se deixasse ele continuar, estaria um caco para a prova desta manhã.

— Mas, as aulas acabaram, Suzaninha. — Ele sussurrou, explorando minha barriga com a mão fria.

— Eu perdi duas provas por causa dos meus avós. — Respondi.

Por causa das revelações da semana, eu tinha perdido duas provas finais e meu avô conseguiu que o diretor me liberasse para fazê-las naquela manhã.

— Só mais um pouquinho. — Disse, intensificando o beijo.

Deixei me levar.

A mão grande de Pietro estava em meu rosto, enroscada aos meus cabelos e me apertava, fazendo com que não houvesse tempo para respirar durante o beijo. Nossos corpos estavam colados e se movimentando com paixão e desejo. A única coisa que pairava na minha mente era fazer amor com ele.

Pietro grunhiu baixo como se ouvisse meu desejo e apertou-se em meu centro, me fazendo respirar fundo naqueles lábios macios.

— Venha para o meu quarto, Suzanna. — A voz dele estava rouca e a mão

agora brincava em meu seio sob o tecido do sutiã.

Soltei o corpo nas mãos dele, fechando meus olhos. Eu o queria tanto, mas era cedo para mim. Não tinha uma semana que tinha dado meu primeiro beijo, como poderia fazer o resto? E eu sabia o que estava implícito naquele pedido.

— Não posso. — Sussurrei, apertando-o contra mim.

— Você quer... — Ele gemeu baixinho, os dentes raspando na pele do meu pescoço e mordiscando.

— Quero. — Estava nos braços dele agora e Pietro corria tão rápido que tudo parecia um borrão, enfiei o rosto em seu peito, sentindo náusea. — Mas, não posso.

— Sussurrei. Senti que o vento parou e ele agora estava andando. Abri os olhos e me vi na varanda do quarto dele.

— Não pense demais. — Falou, tocando meu queixo e me levando para o quarto.

— Como chegamos aqui tão rápido? — Apoiei-me na grade da varanda e olhei para os dois andares abaixo de nós, cerca de sete metros me separavam da grama do jardim.

— Tenho meus superpoderes. — Ele riu e me levou para cama.

— Quais?

— Supervelocidade é um. — Puxou meu lábio e arrancou meu blusão preto.

— Ler pensamentos. — Disse eu, sentindo aquele corpo sobre o meu e os beijos que ele espalhava pelo meu colo.

— Persuasão. — Sussurrou, mordendo meu seio sob o tecido da camiseta.

— Persuasão? — Questionei com a respiração pesada.

— Você quer fazer amor comigo.

— Quero. — Arranquei a camiseta de Pietro rapidamente, sentindo necessidade de mais, muito mais.

Capítulo 13



Quando ele fez o mesmo com a minha camiseta, senti o vento frio que vinha da porta da sacada que estava entreaberta, minha pele se arrepiou e me encolhi.

— Feche a porta. — Pedi, ajeitando meus cabelos.

“... Não deixe se levar por seus hormônios”. Lembrei do que Arthur falou e levantei rápido da cama.

No que eu estava pensando? Entregar-me a Pietro com menos de uma semana de namoro? Ele acharia que eu era a garota mais fácil do mundo e, depois que ele tivesse o que queria, como seria? E se eu engravidasse dele? Um anjo e uma Nefilim? Que aberração seria nosso filho?

— Oh Deus! — Sussurrei, procurando minha camiseta e o blusão que vesti com pressa.

Pietro olhou para a cama me procurando e, então, me encontrou em pé, na porta.

— Vou para casa. — Disse e sai do quarto, descendo as escadas como um relâmpago até alcançar a rua.

— O que houve? — Dei um pulo quando o ouvi bem ao meu lado. Apertei meus lábios e ri envergonhada, ele era mesmo rápido.

— Nada, tenho aula. — Entrelacei meus dedos aos dele e suspirei.

— Você disse que queria. — Ele beijou os dedos da minha mão, um a um, me olhando, pedinte.

— Eu sei P., só que não estou pronta. — Desviei o olhar do dele.

— Entendo, — ele continuou beijando meus dedos — com você tudo parece maior, Suzie.

— Como assim? — Olhei para Pietro sem entender bem.

— Sempre estive com mulheres, — fiz uma careta e desviei meu olhar, Pietro tocou meu rosto, me fazendo olhá-lo. — Tenho muito tempo de existência, Suzanna. E, como iniciei, sempre estive com mulheres, mas nunca nenhuma delas me fez sentir o que sinto com você por perto. Nunca dei muita atenção aos beijos, ou aos desejos que despertavam em meu corpo, mas você parece fazer tudo ficar melhor, mais necessário, mais urgente. Pietro deslizou a mão até o centro do meu braço direito.

— Você quer dizer que...

— Que eu amo você. Se não te amasse, não esperaria o seu tempo. — Disse

ele com o olhar tímido.

Sorri, sentindo o coração aquecido por aquelas palavras. Pietro me amava, me sentia, me desejava e, o melhor, esperaria meu tempo. Meu desejo foi voltar para o quarto dele correndo.

— Obrigada. — Murmurei, despedindo-me na porta de casa e entrando para me arrumar para a escola.

Depois do banho tomado e de vestir jeans, tênis e camiseta branca, peguei o material da prova e vovô me levou para a escola.

— Tem certeza de que não quer que a espere? — Perguntou novamente, comigo debruçada à janela do passageiro e olhando para dentro do carro.

— Tenho. Vou passar na Bruna depois da prova.

— Qualquer problema, me ligue. — O olhar de vovô era tenso. Olhou em volta algumas vezes e, depois, partiu.

Suspirei pesadamente. Desde que descobri minhas origens, era com este olhar que convivia dia e noite. Se me contassem o que estava acontecendo ou o motivo de tanto medo por eu ser um meio anjo, seria mais fácil entender a bagunça que fizeram na minha vida. Até Arthur havia dito que não podia me revelar muito, ainda colocou a culpa em mim! *Porque eu escolhi assim.* Não escolhi nada! Só queria meu mundinho de volta.

— Olá Suzanna, acredito que é a primeira vez que a vejo fazer a prova substitutiva. — Provocou a professora Sandra assim que me sentei na minha carteira.

Sorri para ela nenhum pouco amigável e comecei a ler os livros de literatura e gramática com as questões que estavam previstas para cair na prova. Já estava no segundo livro quando percebi que a prova estava demorando a começar.

— Dona Sandra, estou pronta caso a senhora queira aplicar a prova.

— Tem mais um atrasado, Suzanna, vamos esperá-lo.

Assenti e voltei ao livro, relendo as novas regras gramaticais que o Presidente Lula havia imposto em seu último mandato.

— Desculpe-me pelo atraso. — Ouvi a voz de Arthur e olhei para a porta.

Ele estava parecido com o primeiro dia em que o vi. O sorriso iluminado, a pose de *badboy*, a pele morena e os cabelos negros soltos sobre os ombros. Retirou os óculos escuros e me encarou, sentando-se na carteira à minha frente.

— Posso aplicar a prova ou quer estudar antes? — Questionou Dona Sandra, encantada com Arthur.

Revirei meus olhos e voltei ao livro, ignorando minhas mãos trêmulas e o coração disparado em meu peito.

— Um minuto, professora. — Ele girou na carteira, colocou a mão sobre meu livro e vi machucados em seus punhos.

— Você não é autocurável? — Desdenhei.

— Autocurável? — Ele riu. — Se quer saber se meus machucados regeneram rápido, então, sim.

Apontei o machucado.

— Então por quê...?

— Marcas de guerra, — deu de ombros. — Podemos conversar depois da prova?

Só então me lembrei de que eu deveria estar brava com ele.

— Que guerra? — Ignorei a pergunta dele, encarando os olhos de Arthur.

— Entre anjos e... Anjos. — Ele riu.

— Não, não podemos conversar.

— Por que não? — Pareceu surpreso.

— Porque você também não está respondendo minhas perguntas. — Olhei para mesa da dona Sandra — Estamos prontos, *teacher*.

— Suzie, Suzie.. — Ele sussurrou e trinou a língua fazendo um som de negação. Virou-se para frente.

Meu coração continuava disparado e as mãos ainda estavam trêmulas. Respirei fundo e tentei me concentrar nas perguntas da prova, mas só conseguia me perguntar o que todos estavam me escondendo. Nasci 17 anos atrás, quase 18. Meus pais faleceram quando completei oito anos e agora, perto dos dezoito, novas situações estranhas estavam bagunçando a minha vida. Não compreendia nada, nem mesmo minha linha de pensamento.

Você está indo bem. Falou alguém dentro da minha mente. Eu começava a me acostumar com isso — *mas termine a prova, você está me atrapalhando.* E uma risada baixa escapou da garganta de Arthur à minha frente.

— Foi você? — Sussurrei, cutucando as costas dele com minha caneta.

Ele assentiu, olhando rapidamente para mim e, depois, para dona Sandra.

Você pode fazer isso também, se quiser. Avisou ele em minha mente. O corpo curvado sobre a carteira da escola.

— Como? — Cutuquei-o de novo.

Só pense em quem quer que escute e fale. Respondeu.

— Mas, você lê meu pensamento. — Recostei-me na cadeira, achando que ele estava brincando comigo. O pior é que era para nem querer falar com ele! Arthur riu, respirou e parei de sentir meu corpo trêmulo e a sensação de que ele estava mais perto do que estava.

— Tente. — Disse, virando-se para mim.

— Tentar o... — Parei de falar. — *quê?* — Terminei em pensamento, concentrando minha mente na cabeça de Arthur.

Ele negou, balançando a cabeça.

Mas, estou me concentrando em você. Falei em pensamento, olhando para a cabeça de Arthur.

Ele me olhou com a testa franzida.

— Tentou? — Perguntou.

— Sim.

Ele negou novamente.

Agora, eu estava curiosa para saber se conseguiria usar a telepatia para falar com ele. Respirei bem fundo, olhei para a professora Sandra que estava distraída com um livro e pensei em Arthur, nos cabelos negros, nas bochechas salientes, os olhos escuros e os lábios fartos que não me deixavam dormir à noite e no quanto as atitudes dele me faziam ter raiva e vontade de socá-lo todas as vezes que chegava perto de mim.

Você é um grosso! Pensei com raiva.

— Eu sei. — Ele riu e voltou para a prova.

— Consegui?! — Falei alto e dona Sandra me olhou brava.

Arthur me olhou como se estivesse incomodado com o meu barulho, mas tinha um olhar iluminado. Novamente, foi como se a presença dele me invadissem, o perfume amadeirado e o calor que vinham dele alcançavam-me e pareciam dançar à minha volta. Puxei o ar e esperei que ele confirmasse que me ouviu.

Ouvi. Sou um grosso. Ele falou na minha mente, debruçando-se sobre a prova.

Legal. Disse, imaginando que ele podia me ouvir.

Muito. Ele sussurrou de volta como se a professora pudesse ouvir nossa conversa mental. *Você é especial, Suzanna.* Vi as costas dele se erguerem e sabia que tinha suspirado.

O que estava acontecendo? Ele estava sendo legal comigo? Ele era meu inimigo até onde entendi de toda essa história. Eu devia terminar a prova, ligar para o vovô e correr de volta para casa.

Apertei os olhos, concentrando-me nas perguntas. Suspirei sem conseguir me lembrar de uma linha do que li. Uma hora depois, terminei a prova, levantei-me e a entreguei à professora, levando meu material e me encaminhando para a outra sala, onde faria a prova de Estatística.

— Estatística também? — Arthur perguntou, andando em silêncio ao meu lado. Fiz que sim com a cabeça. — Quer ajuda?

Neguei.

— Sou boa em estatística. — Informei.

— Não fale, — ralhou e eu o encarei — você quer aprender, não quer? Quer entender?

— Sim.

— Então, me deixe fazer da forma que posso.

Porque ninguém pode nada? Berrei na minha mente, olhando para ele, minha testa franzida e os lábios com um bico.

Arthur parou de andar e sorriu de lado. Parei também, as mãos na cintura e o olhar duro voltado para ele.

Regras, pequena. Apenas regras. Sussurrou com um sorriso divertido. — Prova. — Ele falou em voz audível apontando para Dona Marri que me esperava na porta da sala.

Bufei e entrei para fazer a prova. Meia hora depois, já estava do lado de fora da escola. Avistei Arthur recostado contra a parede da entrada, tinha certeza de que ele estava me esperando. Meu estômago esquentou e minhas bochechas também.

Lembrei-me do que quase aconteceu esta manhã e como consegui resistir a Pietro por causa das palavras que Arthur me disse.

— Podemos conversar? — Ele tinha a testa franzida e olhava por sobre minha cabeça quando perguntou.

— Sobre o quê? — Olhei para onde ele estava olhando, mas Arthur segurou meu queixo, fazendo-me olhar só para ele.

— Você. — Ele tocou minha testa e murmurou algo que não ouvi. Depois, segurou minha mão.

— Tá fazendo mandinga?

— O quê? — Ele gargalhou.

— Simpatia, bruxaria, macumbaria... O que você falou aí?

Arthur olhou novamente por sobre minha cabeça, rindo alto. Pegou minha mão e me olhou de novo.

— É um tipo de proteção. Seus pensamentos são fáceis de ouvir, Suzanna. Vou lhe explicar tudo se você quiser, se confiar em mim para ouvir.

Olhei para trás, mas Arthur segurou meu rosto novamente.

— O que tem ali? — Perguntei, irritada.

— Curiosos. — Ele sorriu. — Então, vai confiar em mim ou prefere me ter como inimigo? — Seu olhar foi duro, penetrando o meu como se pudesse ler minha alma.

— Não confio em você, — fui sincera — mas, você foi o único que fez alguma coisa. Mostrou-me alguma coisa.

— Então... — Ele começou com um sorriso de lado e, depois que sorri, o sorriso dele se expandiu mostrando a fileira de dentes brancos em sua boca.

— Vou confiar em você, pela última vez.

— Única vez. — Corrigiu Arthur.

Não respondi, ele estava certo. Desde o primeiro dia de aula, eu senti algo estranho nele, algo bom e ruim ao mesmo tempo, mas, depois daquele jantar no restaurante de Pietro, a sensação ficou mais próxima do ruim. Ele tocou minhas

costas me guiando para o carro estacionado na frente da escola. Entrei no carro depois que ele abriu a porta.

— Vou confiar. — Disse finalmente, resolvendo ouvir quem estava disposto a me falar.

A presença de Arthur pareceu me preencher um pouco mais e precisei abrir a janela para respirar. Senti o carro balançar e se mover, respirei fundo mais algumas vezes e olhei para ele.

— Você sente alguma coisa? — Ele perguntou, olhando a rua.

— Eu notei faz pouco. Sinto quando você e Pietro estão por perto, — revelei — mas você parece estar mais... Mais... — Esfreguei a testa, respirando mais fundo.

— Mais presente?

— Não sei se essa é a palavra. — Sussurrei e senti como se ele tivesse se afastado um pouco. Olhei na direção do motorista e ele permanecia atrás do volante.

— Preciso te ensinar muitas coisas. Quando bloqueio sua mente, você me sente menos. — Revelou. — Mas, gosto de ouvir o que pensa.

— Bloqueia? Você pode bloquear o que quer e o que não quer ouvir?

Ele assentiu.

— Assim como você decide quem quer que a escute. — Ele apontou para a própria cabeça.

Pensei na sensação que tive na sala quando ele pareceu se afastar e quando voltou a parecer perto novamente.

— Você me bloqueou para poder saber se eu conseguia falar na sua cabeça? — Perguntei.

— Foi. Você notou. — O sorriso dele parecia vitorioso.

— Por que você anda sorrindo tanto? — Estranhei.

— Porque você é especial. — Respondeu, aumentando a velocidade do carro.

— Você não é o primeiro a dizer isso. — Cruzei meus braços, encostei a testa na janela e fiquei observando as árvores passarem rápido diante dos meus olhos.

— Porque é, Suzanna. — Ele tocou meu joelho, fazendo carinho. — Você viu Pietro e foi quando eu soube.

— Você estava lá? — Virei-me para olhar Arthur. Ele estava sério, a testa franzida.

— Estava. Sempre estive por perto.

— Por que ele queria me assustar para eu sair do jardim?

— Que jardim? — Arthur me encarou.

— Olha para lá! — Apontei para a estrada e ele tornou a prestar atenção no caminho. — Eu conheci Pietro no dia que ele me viu lendo um livro no jardim da casa dele. Você disse que eu o vi, foi lá que eu o vi pela primeira vez. Ele me disse que não era para tê-lo visto.

— Não estava falando sobre esta vez, — resmungou — estava falando de nove anos atrás.

Fiquei encarando Arthur, sem entender direito, ele balançou a cabeça balbuciando um *esquece*.

— Não vou me esquecer, você disse que iria me falar!

— Você tem de lembrar, Suzanna. Precisa lembrar. — Ele sussurrou e, por um momento, minha pele inteira se arrepiou. Era a mesma voz que estava no túnel em meu sonho.

— Você falou a mesma coisa no meu sonho. — Sussurrei.

— E no quarto de Pietro. — Lembrou.

— Mas, me lembrar do quê?

— De tudo.

— De tudo o quê? — Gritei, batendo a mão na perna, afundando no banco do passageiro com a cara emburrada.

— Você precisa desbloquear suas lembranças, Suzie. Não basta eu lhe contar o que houve. Você precisa acreditar no que aconteceu e, para acreditar, precisa saber como foi, lembrar.

— Eu sinto que todos me enrolam! — Bufe.

Ele ficou em silêncio, dirigindo. Estávamos saindo da estrada agora, pegando uma rua de terra estreita. De todos os lados, havia árvores altas que se balançavam pela força do vento. Ergui mais o olhar e vi que escurecia. Abri a boca para comentar que choveria, mas me forcei a ficar quieta. Se ele não iria me explicar o que eu tenho de lembrar, não conversaria com ele também. Respirei fundo.

Arthur riu ao meu lado e me contive para não olhar. Novamente, senti o carinho leve em meu joelho esquerdo. Puxei a perna e a cruzei. Ele ligou o rádio e uma música baixinha e ritmada preencheu o silêncio. Fechei meus olhos, deixando as lembranças fluírem. Se era para lembrar, eu me lembraria e, quem sabe, alguém me contaria alguma novidade.

— Este trânsito está me irritando! — Reclamou novamente papai. — Claudia, vou estacionar e você entra naquela loja e liga para os meus pais. Éramos para ter chegado há mais de seis horas. — Bufou.

Sentei-me no banco do carro, apertando Toddy em meu peito, estava irritada de ficar tanto tempo dentro do carro, queria brincar e papai já estava cansado de me ouvir reclamar.

— Pai, como é a vovó? — Perguntei baixinho, temendo que ele me olhasse bravo por não lembrar.

— Lembra a mim. — Disse. — Olhos azuis, nariz pequeno, lábios finos, o rosto redondo e cabelos quase completamente grisalhos. Ela é da altura da sua mãe. — Sorriu para mim e tocou o indicador na ponta do meu nariz. — Ela adora abraçar e fazer biscoitos. Você vai se lembrar assim que reencontrá-la.

Sorri por ele não ficar bravo e apertei Toddy. Mamãe entrou correndo no carro.

— Chegamos. — Arthur tocou meu ombro, trazendo-me de volta à realidade. O carro estava parado e eu nem havia notado.

— Onde estamos? — Sai do carro assim que ele abriu a porta.

Estávamos em um terreno extenso, o chão coberto de grama e, em volta, muitas árvores. Cerca de dez passos a minha frente, havia um chalé, com chaminé e um degrauzinho na sacada de entrada, forrado de flores ao redor.

— Minha casa. — Ele caminhou na minha frente, tirando a chave do bolso.

Subi o degrau e esperei que abrisse a porta, mas ele não abriu.

— O que foi?

— Não procurei enriquecer, Suzanna, então não espere ostentação. — Ele abriu a porta.

— Não me importo como é a sua casa. — Fui sincera.

Quando ele abriu a porta, um perfume forte de madeira molhada arranhou meu nariz, fazendo-me coçá-lo e espirrar. O piso frio era branco e bem limpo, um sofá de dois lugares cru, uma TV sobre uma estante pequena no mesmo tom do sofá, um som em outro compartimento da estante; mais à frente, uma mesa e quatro cadeiras, fogão e geladeira brancos e uma cama de casal bem ao fundo, separada do cômodo por um biombo de madeira e vidro fumê.

Não tinha muitos detalhes a serem olhados, era simples, assim como Arthur não demonstrava ser. Fiquei surpresa com o ambiente.

— Gostei.

Ouvi quando ele fechou a porta e, depois, veio me fazer sentar no sofá.

— Primeira lição: não use seus dons para seu próprio benefício. — Ele disse.

— Que dons?

— Quando você faz 18?

— Dia 20 de dezembro. — Respondi.

Ele sorriu, faltava pouco tempo para isso.

— Seu corpo está mudando e, agora, começam a aparecer suas habilidades, Suzanna. Esse é um dos motivos pelos quais eu apareci, para te ensinar caso você possua dons.

— Quer dizer que posso ser um Nefilim e não ter nada? Nenhum dom, nadinha?

— Isso.

— Então, eu posso ser normal?

— Você é normal.

— Eu ainda tenho chances de viver uma vida normal.

Ele negou, sentando-se ao meu lado no sofá de dois lugares. Ficamos muito próximos.

— Você é especial, Suzie. Muito especial. Você começou a apresentar seus dons desde pequena. — Explicou de forma carinhosa.

Arthur estava diferente, muito diferente. Por um momento, senti falta do garoto metido e arrogante que conheci. Este novo Arthur me fazia sentir carinho por ele, o que eu não queria de jeito nenhum sentir.

Ele sorriu e, então, lembrei-me que ele lia meus pensamentos.

— Que tipo de dons? — Dei continuidade ao assunto, ignorando o fato dele saber o que pensei.

— Você viu Pietro no dia do acidente. — Ele me lembrou novamente do acidente.

Respirei fundo e virei o rosto. Era doloroso lembrar que, por minha causa, meus pais haviam morrido. Se eu já achava isso antes, agora tinha certeza. Papai quis visitar meus avós porque queria me proteger e, por minha culpa, acabou morrendo, junto com minha mãe.

— Eu vi Pietro porque ele me salvou. — Lembrei-me dos olhos cinza e da voz me mandando olhar só para ele.

— Suas lembranças estão distorcidas. — Arthur sussurrou, mexendo na ponta dos meus cabelos.

Olhei para ele.

— Como assim minhas lembranças estão distorcidas?

Arthur sussurrou, se inclinando até encarar meus olhos.

— Olhe apenas para mim, apenas para mim!

Meu corpo amoleceu e tudo ficou escuro.

Pelos olhos de Arthur

Ela precisava se lembrar! Precisava acreditar em mim, mas não imaginava que fosse desmaiar. Suzanna sempre me pareceu forte, precisava descobrir o que Pietro fez a ela. Aquele filho da puta, desgraçado. Ergui Suzanna em meus braços, levando-a até minha cama e cuidadosamente a deitei, cuidando para que a cabeça ficasse sobre os dois travesseiros. Respirei fundo, sentando-me à beira do colchão,

observando se ela respirava.

Como farei para te lembrar sem te assustar desse jeito? Pensei, tirando uma mecha do cabelo negro de seu pescoço, o mesmo pescoço que o peçonhento beijou algumas horas atrás. Levantei-me com a lembrança, meus punhos fechados e a respiração entrecortada. O que mais me deixava transbordado de ódio, era saber que ele, *mais uma vez*, chegou primeiro! E conseguiria tudo dela, pois já tinha seu amor.

Fechei meus olhos, encostando a cabeça na parede fria, respirando calmo, pois ela estava aqui agora, ela ouviu o que eu disse, ela conseguiu se desfazer do encanto dele com facilidade e, agora, eu precisava aproveitar sua confiança para fazer com que se lembrasse do que é real, do que aconteceu e de mim.

Capítulo 14



Suzanna respirou fundo, balbuciando coisas sem sentido e se virou na cama ainda adormecida. Saí da parede e me sentei novamente na beirada do colchão com cuidado. Meu peso fez o colchão ceder um pouco, mas não a despertou. Ergui minha mão e toquei em sua testa, que estava brilhante de suor, notando que estava quente. Suzanna parecia febril, o que era estranho para um meio anjo. Franzi o cenho preocupado, eu não podia estar enganado sobre ela, a força dela não era comum. Nem um pouco comum.

Suspirei, virei-me, pegando um lenço limpo na gaveta de cabeceira da cama e quando voltei para lhe secar o suor, vi Suzanna estremecer, dando sinais de que teria outro pesadelo. Já estava acostumado a ver quando começavam e quando acabavam, mas jamais pude chegar tão perto e, antes, eu não podia fazer muito. Agora, talvez eu pudesse, talvez eu conseguisse fazê-la se lembrar.

— Pietro... — Sussurrou e senti-me pesado. Ele conseguiu o que queria, ela pertencia a ele.

Respirei fundo, retirando o bloqueio que havia colocado na mente dela, deitei-me na cama tomando cuidado para não a acordar e fechei meus olhos, imaginando-me ser ela. Os cabelos em ondas sobre o travesseiro, sua testa úmida, os medos e as dúvidas que corriam por sua mente antes do desmaio, a verdade implícita na minha frase, o coração acelerado quando viu Pietro pela primeira vez e me imaginei como ela, num mundo anormal onde existem anjos e Nefilins, onde se pode falar por telepatia com facilidade, onde existem dois homens estranhos apaixonados por ela.

Estava dentro da mente dela. Pude sentir Suzanna me aceitar, não era mais como um intruso onde não era bem-vindo e, por mais que ela não quisesse, confiava mesmo em mim. Esta confiança gratuita me fez sentir esperança, uma esperança que achei já ter perdido quando os vi se beijando tão ardentemente naquele maldito quarto.

Suzanna sonhava mais uma vez com o acidente. Vi Toddy em seus braços e o rosto do senhor Miguel contorcido de cansaço.

— Papai, olhe, é um S! — Ela apontou para uma das árvores na pracinha que ladeava a estrada.

Miguel se virou para olhar e tudo escureceu. A minha respiração e a dela estavam entrecortadas. Eu sabia o que tinha acontecido, quando ela abriu os olhos

novamente naquela noite, mas não quis interferir no sonho, ficando apenas como um observador.

— Pai... — Choramingou antes de abrir os olhos, o coração batendo forte, muito vivo.

Antes de a menina olhar em volta e se deparar com a mãe morta bem ao seu lado, sentiu o corpo ser erguido por braços frios e fortes.

— Olhe para mim Suzanna, somente para mim! — Ordenou o homem, seus olhos eram cinza e profundos, amedrontados.

Eu conseguia ver o medo, mas não ela. Ela enxergava apenas os olhos cinzas, via o rosto de Pietro.

Eu precisava interferir. Na última tentativa, ela me viu como uma luz em seu sonho. Será que me veria de verdade desta vez?

Suzanna, tente ver. Arqueie as costas e olhe o rosto inteiro, observe o olhar. Soprei na mente dela como uma sugestão.

Em seu sonho, Suzie jogou o corpo para trás, abrindo bem os olhos, mas ela nada viu.

Pelos olhos de Suzanna

— Arthur! — Gritei, sentando-me na cama. Ele estava ao meu lado, adormecido. Na face, uma lágrima e a respiração tão pesada que tive medo dele também estar tendo um pesadelo.

Cutuquei-o com cuidado, chamando-o pelo seu nome.

— Arthur, Arthur... Por favor, Arthur.

Ele se sentou abruptamente, olhando para a cama e depois para mim, respirou fundo e continuou com os olhos cravados nos meus.

— Você está bem? — Perguntou um tempinho depois, voltando a si e passando as mãos no rosto.

— Sim... — concordei, esfregando meus olhos, tentando me lembrar do que estava acontecendo.

— Desculpe-me por tê-la assustado. — Completou.

— Assustado com o quê? — Questionei.

— Com o que fiz você se lembrar. — Disse, examinando meu rosto.

— Como você conseguiu imitar a voz... Aquela voz? — Enfatizei, sentindo meu corpo amolecer novamente. — Tem algo doce para comer, Arthur? — Pedi.

Ele levantou rápido, abriu a geladeira perto da cama, retirou uma pera e a levou para mim.

— Guardanapo... — Disse ele, se movimentando pelo cômodo pequeno,

fazendo-me rir da forma como parecia perdido e preocupado. Mordi a pera sem esperar o guardanapo.

— Obrigada. — Disse, colocando a mão sobre a boca, pois estava mastigando.

Ele veio com um guardanapo com motivos de Natal e o apoiou sobre o meu joelho.

— Sua pressão sempre baixa quando você fica nervosa?

Fiz que sim com a cabeça, suspirando envergonhada.

— Tenho labirintite. — Disse, mordendo meu lábio.

— Eu sei. — Afirmou, olhando para mim ainda assustado, sentando-se na cama novamente. — Brigamos por isso, lembra? No restaurante.

Fiz uma careta. Não me recordava do motivo da briga.

— Por que tem coisas que sabe e outras que não? — Ignorei a pergunta. Mordi outro pedaço da pera, sentindo meu corpo parar de tremer e a visão normalizar aos poucos.

— Eu sei muito, mas não detalhes e é muito fácil ler você, mesmo para quem não pode ler sua mente, — ele tocou minha têmpora e sorriu — você é bem expressiva.

— Humm... — Dei de ombros, terminando de engolir a fruta. — Tive um pesadelo, ele foi diferente de novo... E aquela voz, como você fez aquilo? — Perguntei, subitamente nervosa.

— Suzanna, a mente humana é bem singular. Cada um reage de uma forma diferente quando se depara com momentos difíceis. Você bloqueou boa parte de suas lembranças e as misturou às outras.

— Quer dizer que não posso confiar na minha memória?

— De certa forma, é isso.

— E como você pode ter certeza de que eu misturei lembranças? Mal conversamos até hoje Arthur.

— Porque... Como te disse, eu estava lá. E, também, posso ler seus pensamentos, eu vejo do que se lembra e de como se lembra.

Fiquei quieta, terminando de comer a pera bem lentamente e limpando meus lábios no guardanapo de vez em quando. Arthur se recostou na cabeceira da cama, com o braço direito atrás da cabeça, enquanto me observava comer.

— E como faço para lembrar?

Enrolei o miolo da pera no guardanapo, escorreguei pela cama até sair dela. O cesto de lixo estava ao lado da pia. Joguei os restos do alimento ali e estava lavando minhas mãos quando senti Arthur me abraçando por trás, seu corpo se moldou ao meu, mas não de forma indecente, não como se ele quisesse me possuir, me confundir ou aproveitar-se de mim, mas protetoramente e, ao mesmo tempo, como um amante a abraçar sua amada. Meu coração começou a bater rápido e já via

imagens em minha mente de como seria beijá-lo. Apressei-me a afastar o pensamento quando senti que ele ficou tenso. Ele me soltou. Provavelmente, por ouvir o que pensei.

— Não sei como te ajudar a lembrar, mas vou tentar. — Virei-me para ele e o vi de costas para mim, passando os dedos pelo cabelo negro. Parecia longe em seus pensamentos.

— Por que quer me ajudar?

— Prometi cuidar de você. — Respondeu e notei que tinha algo mais que ele ocultou.

— E...? — Insisti.

— E eu... E só.

Respirei fundo indo até o sofá de dois lugares e me sentei nele. Arthur continuou parado onde estava. Eu sentia o olhar dele sobre mim.

— Como você entrou na minha vida? — Perguntei baixo, brincando com os dedos no encosto do sofá.

— Por intermédio de seu pai. — Ele respondeu, vindo até mim, sentando-se no chão com as costas encostadas no sofá e o ombro em minha perna. — Quando ele completou 18 anos, seus poderes começaram a ser notados e ele precisou de um mentor.

— Que era você. — Afirmiei.

— De certa forma. — Respondeu ele. — Quando ele entendeu quem era e o que era, fui enviado para outras missões, mas sempre me mantive por perto.

— E, aos dezoito anos, meu pai ainda não era casado...

— Você é bem observadora. — Ele sorriu e me olhou. — Quando sua mãe engravidou, seu pai me procurou e ele teve a primeira visão de você adulta. — Arthur encostou a cabeça em meu joelho e, num gesto automático, passei a fazer carinho nos cabelos dele, era bom ouvir sobre meu pai sem a dor da tragédia.

— Continua. — Pedi, quando notei que ele ficou calado.

— Foi assim que entrei na sua vida. Prometi que cuidaria de você.

— Mas... Por que nunca nos vimos? Se você prometeu, por que ficou longe esse tempo todo? Por que parece que sempre quer me prejudicar?

Ele me olhou, os olhos semicerrados como quem está gostando do carinho.

— Porque você não precisava de mim.

Precisava sim. Pensei comigo mesma e não entendi porque o pensamento veio tão certo à minha mente.

Arthur sorriu para mim, encostando a cabeça em meu joelho de novo, ronronando baixo como um gato pedinte. Voltei a fazer-lhe carinho nos cabelos.

— Tenho um temperamento um tanto explosivo, ainda mais quando Pietro está por perto e acabei estragando a chance que tínhamos de nos dar bem desde o

começo.

— Vocês brigaram?

— Muitas vezes. — Arthur sussurrava quase adormecido, puxei a camisa dele e ele me olhou.

— Quer deitar aqui? — Coloquei uma almofada em meu colo e o esperei se ajeitar. As pernas ficaram para fora do sofá e a cabeça em cima das minhas pernas. Voltei a lhe fazer cafuné. — Lembra-se de quando seu rosto ficou todo machucado na escola...

— Hmm... Sim, na noite anterior eu e ele brigamos.

— Por quê?

Ele abriu preguiçosamente os olhos, encarando-me e sorriu fechando-os novamente.

— Pietro não é quem mostra ser, — disse ele — quer aprender mais uma coisa?

— Quero.

Resolvi não falar sobre Pietro. Sentia amor por ele e ouvir histórias de seu passado poderia fazer com que Arthur e eu brigássemos novamente, o que eu não queria.

— Você consegue perceber minha presença dentro da sua mente, Suzanna?

— Acho que sim, não na minha cabeça, mas em volta. — Expliquei gesticulando.

— Pense em você mesma, sentada aqui nesse sofá e imagine em volta de você uma luz alva, cintilante, forte. Inicie desde o alto da sua cabeça, imaginando ela te cobrindo até se fechar na sola dos seus pés. Faça isso três vezes.

Olhei para ele rindo, achando que era uma brincadeira, mas Arthur estava sério, ainda de olhos fechados, esperando. Respirei fundo e fechei meus olhos, imaginando o que ele disse. Via-me sentada no sofá com Arthur em meu colo e uma luz como se fosse a do sol me cobrindo e se expandindo sobre mim, cobrindo todo meu corpo e também o de Arthur, se fechando na sola dos meus pés. Da segunda e terceira vezes, imaginei a luz um pouco mais forte e brilhante como o reflexo do sol sob um espelho. Abri os olhos devagar e Arthur me olhava sério.

— Fez?

— Sim.

Mentira. Ele sussurrou na minha mente.

— Fiz sim! Talvez tenha dado errado. — O perfume dele brincava no meu nariz me fazendo cócegas, estava muito forte, parecia parte do meu próprio perfume natural. Inalei o ar profundamente, foi quando senti o cheiro amadeirado, misturado a rosas e meu estomago revirou ansioso. — Pietro. — Murmurei, levantando-me e indo até a janela, procurando-o em meio às árvores do lado de fora.

Já escurecera e eu nem havia notado.

Arthur resmungou e veio ao meu lado na janela, colocou a mão em minha testa e murmurou algo. Beijou minha testa e abriu a porta.

— Vou conversar com ele, não saia independente do que ouvir.

— Por que não posso sair e falar com o meu namorado? — Indaguei.

— Não saia. — Ouvi a porta se fechar e continuei olhando pela janela.

Respirei cansada com mais algumas perguntas se formando na minha mente, resolvi focar minha atenção ao que iria acontecer do lado de fora.

Pietro materializou-se assim que Arthur saiu. Ele estava bem próximo da porta de entrada do chalé. Queria ouvir o que eles diziam, mas falavam muito baixo.

O rosto de Pietro estava com um ar superior, encarando Arthur de cima, parecendo muito mais alto do que era. Vestia roupas negras e seus cabelos estavam de lado, do jeito que eu gosto. Suspirei com vontade de ir abraçá-lo. Ele me olhou e sorri, mas P desviou o olhar apontando para a casa com fúria. Colei a orelha na janela, mas a única coisa que ouvi foi o ulular de uma coruja.

Arthur tirou as mãos dos bolsos e continuou falando, gesticulando e andando para lá e para cá, olhando Pietro e o chão enquanto falava mais e mais. Minha paciência começava a se esgotar, parecia que estavam decidindo quem iria ficar comigo ou algo como: ela vai ser minha e não sua. Eu sou o anjo que ela ama e blábláblá.

O pensamento me fez imaginar. Encostei a testa na janela e comecei a imaginar uma briga entre eles, uma luta árdua onde o melhor venceria para ganhar o grande prêmio no final: eu. Ri baixo, imaginando Pietro sorrindo e me jogando na cama de Arthur, despindo-me ali mesmo, sem pudor algum e fazendo mais do que *amor purinho* comigo.

No segundo que imaginei isso, senti Arthur longe de mim, o calor a que já havia me acostumado desapareceu e o perfume dele que sempre parecia brincar a minha volta não existia mais. Olhei de novo pela janela e Arthur estava me olhando, o rosto em fúria e de braços cruzados. A porta se abriu anunciando Pietro, que me olhou de cima abaixo, o sorriso afetado e os olhos naquele tom vermelho estranho que vi poucas vezes. Alguma coisa me fez ter medo dele.

— Ainda bem que eu te achei! Estava louco de preocupação! – Sussurrou e suas feições se aliviaram, o tom cinza voltando ao seu olhar. Aproximei-me devagar e o abracei, colocando a cabeça em seu peito.

— Estou bem, P. — Beije seu peito, sentindo os carinhos em meus cabelos.

— Você sumiu, Suzanna! — Ele tocou meu queixo me fazendo olhá-lo. — Tem algo errado com você. — Pietro me olhou, virou o rosto para fora, observando Arthur que estava ainda mais nervoso e, depois, me olhou novamente.

— O que tem de errado comigo? – Olhei para ele interrogativa. Ele beijou

meus lábios lentamente, mas o empurrei exigindo uma resposta.

— O que você fez? — Ele me soltou, voltando-se para o Arthur que me olhou sem entender direito.

— Não fiz nada. — Afirmou.

— Fez, você sabe que fez. — Pietro voltou-se para mim novamente, segurou meu rosto com as duas mãos — Vamos embora.

Não vá, Suzanna. Ouvi Arthur falar em minha mente e seu perfume pareceu passear pelas minhas narinas, mas ainda estava fraco, fraco demais. Olhei para ele e, depois, para o Pietro e vi o amor de Pietro estampado no olhar assustado dele. O mesmo olhar dos meus sonhos, de quando ele me salvou do acidente que matou meus pais.

— Venha, venha comigo. — P falou, passando os lábios pelos meus.

Levei as mãos até a nuca de Pietro e me entreguei ao beijo, à sensação de friozinho no estômago que ele sempre me fazia sentir. Pietro entrelaçou nossos dedos e me levou para fora da casa. Arthur continuava me olhando, não como o menino doce que conversei há pouco tempo, mas aquele da escola, que parecia meu inimigo, irradiando ódio e rancor. A fúria dele me atingiu de tal forma que senti raiva, desejo de socá-lo por ter me feito vir até aqui por nada. Não me disse nada do que eu queria saber, enrolou-me como todas as outras pessoas. Ele era só mais um, igualzinho aos meus avós e até Pietro, que só mentiam para mim, o tempo todo. Mentiras e mais mentiras. Pietro soltou minha mão e me olhou profundamente.

— Vou pegar o carro, espere-me aqui. — Concordei e o vi sumir diante dos meus olhos.

— Suzanna. — Arthur sussurrou atrás de mim.

Virei-me para olhá-lo, mas não consegui manter a raiva, aqueles olhos esverdeados estavam claros e me olhavam tão profundamente que me senti aquecida por dentro.

— O que houve? — Questionei, apontando para onde Pietro havia sumido.

— Ele sempre vai achar você, enquanto você estiver ligada a ele.

Sorri, achando romântico ele poder me achar.

— Legal.

Arthur fez uma careta e suspirou.

— Lembre-se de fazer o que te falei. Todos os dias de manhã e, sempre que se lembrar, reforce esse escudo.

— Para que serve?

— Afastar pessoas como nós da sua mente.

— E por que não deu certo?

— Não sei, eu posso te ouvir nitidamente, a não ser quando você pede por ele.

— Revelou.

Fiquei olhando para ele, absorvendo as informações e soltei um longo suspiro, cansada.

— Como assim?

— Quando você pede por Pietro, quando seus pensamentos são dele.

Apertei meus olhos sem entender e vi Arthur trincar os dentes, parecia com ódio de mim.

— Suzanna, você precisa prestar atenção às coisas que acontecem com você quando estamos por perto. Suas reações, seus pensamentos, tudo. Suas escolhas estão na sua mente, na sua mente.

Ele apontava para mim e falava sussurrado como se Pietro pudesse ouvir de onde estivesse.

— Preciso imaginar em você também? — Questionei de repente, lembrando-me da luz branca que projetei sobre nós dois.

— Em mim? Não. Claro que não. — Ele riu, aliviando as tensões do rosto inclinando a cabeça de lado. — Você me imaginou dentro do seu escudo? — Fiz que sim com a cabeça e ele riu. — Creio que Pietro terá surpresas.

— Por quê?

— Ele não pode ouvir seus pensamentos agora, Suzanna. É só se lembrar de proteger sua mente e seu corpo, sempre.

— Tão fácil assim? Pensando na luz?

— É.

— Não tem problema Pietro me ouvir, ele é meu namorado. — Afirmei.

— Você quer que ele saiba tudo o que passamos esta tarde? — Arthur sorriu de lado, ajeitando os cabelos.

— Não! — Minha voz saiu um pouco mais alta.

Se Pietro soubesse que fiz cafuné no Arthur, talvez eu o perdesse para sempre. Arthur sorriu entendendo e olhou por cima da minha cabeça. Quando me virei, Pietro estava chegando com um carro escuro de vidro fumê. Arthur agitou-se e percebi que estava tenso.

Deixei o meu número de celular na última página do seu caderno de português, está no seu quarto. Ligue-me se precisar. Sussurrou enquanto eu via Pietro estacionar perto de mim. Assenti para Arthur e entrei no carro. Assim que fechei a porta, ele saiu da floresta, derrapando sob a grama e escapando por pouco do tronco de uma árvore.

— Vai com calma! — Pedi, olhando para trás para dar tchau para o Arthur, mas ele não estava mais lá, só o chalé ficando cada vez menor conforme nos distanciávamos.

— O que ele te falou?

— Referente a que? — Olhei de volta para Pietro. Ele apertava as mãos no

volante com força.

— Tudo. Quero saber tudo o que conversaram, o que fizeram. Tudo. — Ele me olhou irritado. — *Tenho prova P.* — Ele disse, imitando meu jeito de falar, usando um tom fino de voz.

— Não seja sarcástico, — respirei fundo, deslizando no banco do passageiro — não conversamos sobre nada específico. Ele me disse que conheceu meus pais, me mostrou como falar por telepatia, só isso.

Resolvi ocultar o tal do escudo, alguma coisa no rosto de Pietro me fez encurtar as informações que daria a ele.

— Você conseguiu? — Ele me olhou. Parecia lutar contra a raiva, as mãos estavam apertadas no volante, mas a voz e o rosto pareciam mais calmos.

Sim. Projetei a resposta dentro da mente de Pietro, mas ele continuou me olhando. — *Sim.* — Falei em voz alta.

— Faz comigo? — Pediu.

— Eu tentei agora, mas acho que deu errado, você não ouviu.

— Tente. — Ele sorriu.

Respirei fundo, lembrando-me de quando nos beijamos hoje cedo, como eu o queria mais perto de mim, como queria ser dele, recordei do meu coração disparado e como meu corpo ficou quente só com o beijo que ele me deu, sorri com a lembrança sentindo-me flutuar em volta de Pietro, como se fosse uma nuvem.

Eu te amo. Sussurrei dentro da mente dele.

— Eu também. — Respondeu, aquele sorriso afetado voltando aos lábios dele. Ele respirou fundo e me encarou de novo.

— Agora sim.

— Sim o quê?

Ele traçou os dedos pelo meu maxilar, descendo até meu pescoço. Meu corpo inteiro arrepiou e esquentou subitamente. Fechei meus olhos, aproveitando o toque mágico que ele possui.

— Você voltou.

Passaram-se algumas horas e eu estava deitada sob a barriga de Pietro, recebendo carinho em meus cabelos, enquanto terminava de digitar o último trabalho de escola pendente, meu notebook apoiado nos joelhos.

— Porque você disse que voltei quando estávamos no carro? — Perguntei pela décima vez, já que em todas as outras ele não respondeu.

— Senti seu perfume no carro. Fiquei aliviado de ter encontrado você. — Respondeu, tirando os nós dos meus cabelos cuidadosamente.

Aliviado de me encontrar ou de descobrir que ainda te amo? Perguntei a mim mesma.

— Os dois. — Ele respondeu ao meu pensamento. Fingi não notar o que fez,

voltando toda a minha atenção para o trabalho escolar. Meu estômago começava a ficar enjoado. Minha vida estava uma bagunça, essas lembranças do acidente que não paravam de surgir, eu não podia perdê-lo também e ver tudo desmoronar por completo na minha vida.

— Você ficou bravo por que saí com o Arthur?

— Fiquei. Eu não confio nele, — disse — ele é manipulador Suzanna, tome muito cuidado. Ele tentou alguma coisa com você?

— Não. Nada. Só conversamos mesmo.

— Não saia mais sozinha com ele. — Ordenou.

Suspirei, jogando para o fundo da minha memória toda a tarde com Arthur, toda ela, decidindo não vê-lo nunca mais.

Capítulo 15



— Suzanna! — Vovó chamou do andar de baixo e me levantei rápido, envergonhada por estar sozinha no quarto com Pietro.

— Acalme-se, ela sabe que estou aqui. — Disse, rindo divertido. Olhei para ele e aquele Pietro doce e amoroso que conheci no jardim da família Santos pareceu voltar de repente, o rapaz nada comum por quem me apaixonei. Suspirei caminhando para a porta.

— Aqui vó. — Esperei que ela subisse as escadas e deixei que visse Pietro comigo.

— Queremos falar com vocês. — Vovó parecia tensa, os olhos azuis estavam dilatados e o rosto pálido. Olhei Pietro que deu de ombros e nos seguiu até a biblioteca em silêncio. Vovô Alfredo estava sentado na sua poltrona, fumando um de seus charutos caros. Nós nos sentamos no sofá de quatro lugares.

— O que aconteceu? — Pietro quebrou o silêncio.

— Pare de tentar ler a minha mente. — Vovô falou secamente o que me surpreendeu, já que sempre foi um homem amoroso.

Pietro pigarreou e se ajeitou no sofá, entrelaçando os dedos aos meus. Continuei imóvel, observando.

— Por que você não me disse que ele voltou? — Vovô perguntou ao Pietro depois de alguns minutos, retomando a conversa.

— Ele quem? — Perguntei, mas todos me ignoraram. Vovó Catarina estava tão calada que nem parecia estar sentada na outra ponta do sofá.

— Porque vocês já sabiam. — Pietro respondeu. Vi a tensão em seu maxilar que se mexia conforme ele apertava os dentes, visivelmente contrariado.

— Não sabíamos. Soubemos hoje quando ele levou Suzanna. — Vovô se levantou e começou a caminhar pela sala.

— Arthur? — Perguntei, mas novamente me ignoraram.

— Ele veio aqui, senhor. Então, vocês sabiam sim. — Pietro retrucou.

Senti uma sensação ruim. O perfume dele estava mudando e, ao invés do amadeirado e das rosas, o cheiro parecia apimentado, fazendo meus olhos arderem e me causando uma sensação nauseante. Lembrei-me do que Arthur me ensinou e, mentalmente, cobri meu corpo com aquela luz branca, imaginando-a desde meu cabelo até a ponta dos meus pés, deixando de fora a mão de Pietro entrelaçada a

minha. Na terceira vez, o aroma ardido desapareceu e senti um alívio na boca do estômago, como se um peso enorme deixasse minha cabeça. Precisava saber se essas sensações e esses cheiros faziam parte do ser meio anjo. Sorri agradecendo mentalmente o ensinamento, concluindo que, talvez, não fosse tão ruim ter Arthur por perto.

A discussão continuava. Vovô falando que não conhecia Arthur, que não sabia que ele estava de volta e Pietro o lembrando de quando ele esteve aqui e deu os charutos ao vovô, o que me fez ter certeza que falavam do mesmo Arthur. Minha respiração começou a ficar agitada e me levantei para sair da biblioteca, mas ouvi vovô afirmar:

— Aquele não é Pierre!

Mantive-me no lugar e os encarei. Minhas mãos na cintura e o coração já disparado.

— Então o Pierre existe? — Lembrei-me de quando questionei Pietro se conhecia algum Pierre e ele negou prontamente.

— Que Pierre? — Vovô usou a voz macia para me questionar e eu senti a raiva crescer dentro de mim.

— Que Pierre? O senhor acabou de falar nele! — Vovô olhou Pietro com um olhar interrogativo e eu continuei. — Lembrei, vovô! Papai pediu ajuda a um tal de Pierre que ele — aponte com raiva para o Pietro — disse que não conhecia e, agora, vocês falam nesse nome! Por que estão me escondendo as coisas? É a minha vida! — Gritei. — Minha vida! Minha! São meus pais! Eu tenho direito de saber de tudo! — Gritei várias vezes as mesmas palavras até sentir minha garganta ardendo e não enxergar mais por causa das lágrimas.

Pietro veio ao meu lado e me abraçou. Não consegui detê-lo, só ele me acalmava, me fazia bem, apesar de ser um grande mentiroso.

— Não me lembro de ter visto Pierre aqui. — Vovô falou calmamente como se eu não tivesse me alterado nada.

— Eu soube hoje que era ele, Suzanna, — Pietro sussurrou no meu ouvido — mas não é o Pierre que você imagina, não o que seu pai pediu para lhe proteger.

— Soube hoje? Eu não sou burra, P! — Desvencilhei-me dele — Você implicou com o Arthur desde que se viram no restaurante!

— Por ciúmes. — Ele piscou os olhos e desviou o olhar.

— Sei... Ciúmes. — Ironizei, puxei o ar e resolvi continuar com as perguntas. — Meu pai pediu para me protegerem?

— Sim.

— De quem?

Ele respirou fundo e olhou para o vovô.

— Acho que você precisa conhecer sua história. — Vovô falou, fazendo-me

olhar para ele.

— Outra história? Quando eu vou ouvir a verdadeira? — Bufe.

— Agora. — Ele fez sinal para que eu e Pietro nos sentássemos novamente. — Eu sou filho de um anjo caído. — Vovô começou e me recordei de que havia lido sobre eles na internet, anjos que cometem erros e são expulsos do céu, perdendo suas asas e privilégios, virando uma espécie de demônios vagando pela Terra.

— E eu a filha de um anjo de luz. — Vovó disse ao meu lado. Olhei para ela interrogativa.

— Lados opostos. Bem e mal no mesmo sangue. — Pietro respondeu ao questionamento que eu não havia feito ainda.

— Quer dizer que meu pai era meio bom e meio mal? — Minha voz continha muito do medo que comecei a sentir.

— Um nefilim herdando o bem e o mal. — Vovô disse com calma.

— E eu sou...? — Olhei um por um estudando seus rostos.

— Como seu pai. Você é humana Suzanna, mas possui em sua linhagem o bem e o mal e pode ser influenciada por ambos os lados. — Vovô afirmou como se fosse fácil de entender.

— Seja mais claro, por favor.

— Um anjo caído tem tendências à maldade, a maioria tem uma força poderosa de persuasão, pode fazer sua vontade reinar com facilidade e usa a seu favor esse poder de influenciar. Um anjo bom tem os mesmos poderes e alguns mais, mas ele os usa para o bem, para alcançar resultados benéficos para a raça humana, nunca em benefício próprio. E você pode herdar ambas as características e poderes.

— O senhor não é ruim. — Disse.

— Porque eu decidi não ser. Eu amo sua avó.

Olhei Pietro e ele tocou meu rosto fazendo carinho.

— Seu pai pediu proteção para que você não fosse influenciada pelo mal. O ser humano tem tendências vingativas e é muito mais fácil pender para o lado ruim, Suzanna.

Concordei com a cabeça, mesmo atordoada, e ele continuou.

— Ele adquiriu muita força de ambos os lados, foi o Nefilim mais poderoso que vimos até hoje e escolheu o lado do bem. Ele tinha poderes regenerativos quase como um anjo pleno, raramente se machucava e possuía o dom da premonição, que é saber coisas que vão acontecer antes que aconteçam.

— Eu sei, mas... Por que me proteger? Alguém quer me matar ou algo assim?

— Algo assim. — Afirmou Pietro.

— Te proteger para que escolha o lado bom, por isso ele pediu vigilância. Ele sabia que você herdaria os dons dele.

— Mas, eu sou doente, vó. Não tenho dom algum.

— Eles costumam aparecer a partir dos dezoito anos.

— Arthur me disse que os meus começaram a aparecer bem cedo. — Lembrei.

— Já disse para você não confiar nele!

Pietro esbravejou ao meu lado, a voz forte me fez encolher um pouco, mas, logo, me recuperei.

— Por quê? Ele me disse o mesmo de você. Em quem eu devo acreditar? — O encarei. — Em você que só mente para mim ou nele que aparentemente foi o único que tentou me ajudar a entender tudo isso até agora? Dê-me um motivo real para não confiar nele e não vou confiar.

O anjo respirou fundo, seus olhos faiscando. Podia sentir o calor do corpo dele fervendo de raiva e, se não fosse a tal luz sobre meu corpo que refiz rapidamente enquanto esperava sua reação, tinha certeza que sentiria cheiro de pimenta.

— Arthur é do lado ruim, — vovô afirmou e eu o encarei — ele é um anjo caído.

Eu ri.

— Arthur é irritado, mas não mal.

— Suzanna, você se lembra do homem que viu na praça na noite do acidente?

Lembrei-me do homem de capa parado perto da árvore com as luzes em S e fiz que sim, temendo o que Pietro iria me dizer.

— Era Pierre. — Vovô afirmou.

— Arthur? — Questionei e vovô fez que sim. — Por que ele não se apresentou como Pierre se parece que este é o nome dele?

Pietro deu de ombros e vovô permaneceu me olhando.

— Ele deve ter mudado para não ligarmos o nome a ele. — Respondeu.

— Mas, o senhor o viu, jogou xadrez com ele...

— Ele deve ter usado os poderes dele para que eu não o reconhecesse.

Olhei para todos, sentia meus olhos saltados e lacrimejando, minha respiração voltava a ficar descontrolada. Será que Arthur manipulou minha mente também?

— O que ele te ensinou? — Pietro perguntou, aparentemente mais calmo.

— Não sei bem, mas ajuda a não sentir a presença de vocês.

Ele ficou em silêncio alguns segundos, olhou vovô, depois vovó e me encarou.

— Você não me ouviu... Ele ensinou você a bloquear seus pensamentos. — Pietro constatou.

Eu sorri, notando que consegui fazer o que Arthur me ensinou. Senti-me tirando uma nota alta na escola.

— Você sente a presença deles? — Vovô perguntou vindo em minha direção.

Fiz que sim com a cabeça e vovó soltou uma exclamação triste, como se isso fosse muito ruim.

— Por quê? Não deveria?

— Isso quer dizer que seus poderes estão plenos, Suzanna. — Vovó veio até mim e segurou minha mão. — Pietro será seu mentor, vai ensinar tudo a você.

— Por quê? — Algo me fez sentir triste por não ser Arthur a pessoa incumbida de me ensinar quem eu sou.

— Ele é o melhor e serve nossa família há séculos.

— Séculos? — Meus olhos arregalaram e senti a perna trêmula. Eu tinha beijado um idoso?

— Um pouco mais. — Ele passou os dedos pelos meus cabelos fazendo carinho.

— O que papai viu? E por que ele não sobreviveu já que tinha poderes regenerativos? — Eles se entreolharam e nada disseram. — Eu quero respostas ou vou procurar Arthur.

— Só Pierre sabe. — Pietro pareceu derrotado ao revelar a informação. Ele apoiou os cotovelos nos joelhos e o rosto nas mãos.

— Você não lê a mente dele?

— Não. Ele sabe bloqueá-la até de criaturas como eu, — respondeu choroso. — Ele te ensinou como desfazer o bloqueio?

— Não... Mas, você disse que não era o mesmo Pierre.

Pietro levantou os olhos, claramente confuso.

— Você é mesmo especial. — Sussurrou.

— Todo mundo diz isso e ninguém me explica absolutamente nada com clareza. Então, Pietro, vai à merda!

Sai da biblioteca e subi para o meu quarto, trancando a porta. Estava farta das meias verdades, se é que eram verdades. Lembrei-me do que Arthur havia dito sobre o número de celular. Procurei no meu caderno de língua portuguesa e, como disse, o número estava anotado na última folha. Ele havia rabiscado os números de forma aleatória, como se fosse uma equação de matemática.

Sorri para a folha. Se outra pessoa olhasse meu caderno, não saberia que era um número de celular. Peguei meu celular e disquei.

— *Suzanna*. — Ele atendeu antes que desse o primeiro toque.

— Você é do mal? — Ele riu.

— *Você acha que sou?*

— Responde! — Ordenei, cansada das brincadeiras.

— *Não como você imagina.*

— E como é?

— *Andou conversando com seus avós sobre mim?*

— E como é? — Insisti.

— *O pior deles*. — A voz dele pareceu triste, estava mais baixa e tensa.

— Você quer me matar?

— *Por Deus, Suzanna, não!* — disse, parecendo assustado e sincero. — *Claro que não!*

— Então...

— *Podemos nos ver?*

— Você pode me esconder? — Perguntei, ouvindo as batidas na porta do meu quarto e meus avós me chamando. — Droga. — Olhei para a janela que estava entreaberta e, no minuto que pensei em fechá-la, Pietro materializou-se dentro do meu quarto.

— Sai daqui! — Mandei, esquecendo que estava com Arthur ao telefone.

— Suzie, não faz isso. Nem tudo, podemos lhe contar.

— Sai. — Apontei para janela.

— Suzanna, só estou tentando te proteger, meu amor, só isso.

Levei o telefone ao ouvido, pedindo mentalmente que Arthur soubesse como me ajudar, porque a confusão do último mês não me ajudava a saber em quem confiar e até da Bruna eu havia me afastado, porém algo muito forte gritava para confiar no nome que meu pai confiou.

— *Peça e eu vou.* — Ele disse assim que o aparelho roçou minha orelha.

— Vem me buscar. — Afirmei e vi Pietro franzir o cenho sem entender.

— Te buscar?

Não tive tempo de responder, meus pés estavam fora do chão e um vento forte balançava meus cabelos. Apertei os olhos e me agarrei ao homem que me carregava, não precisava olhar para saber quem era.

— Suzanna! — Pietro gritou. A voz estava longe, abaixo de mim e o barulho do vento era quase ensurdecedor. Abri os olhos lentamente, deparando-me com o peito de Arthur.

— Você é rápido. — Sentia-me mole, amedrontada, mas segura.

— Não olhe para baixo, Suzanna. — Ele beijou minha testa e voltou a olhar para cima.

— Por... Quê?

Não acreditei no que estava vendo. As casas ficavam cada vez menores abaixo de nós, não havia vozes ou cheiros, nenhum som além do vento sendo cortado por duas asas enormes que batiam no ar. Elas saíam das costas nuas de Arthur. Meu peito travou, não conseguia respirar. Estávamos voando!

— Shiuu... Acalme-se, aqui eles não podem te alcançar. — Senti os dedos de Arthur em meu rosto e me deixei recostar novamente, olhando assustada para as nuvens que começávamos a ultrapassar, um pássaro que pareceu me encarar e voltar a voar e para a imagem abaixo de mim que não era nada mais que verde, azul e cinza ao invés de casas, prédios, carros e pessoas.

— Você voa? — Falei, unindo-me ao corpo de Arthur, meu corpo com certeza

estava trêmulo, mas o sentia anestesiado de medo. — Não me deixe cair!

Ele riu e passou os lábios lentamente em meu rosto.

— Nunca deixaria. E, sim, eu voo.

— Aonde vai me levar?

— Você pediu para te esconder, é o que farei. Agora, relaxe, porque aqui em cima o oxigênio não é suficiente, você vai ficar sonolenta. — Ele passou os dedos pelo meu rosto e senti mesmo aumentar a dificuldade em respirar. Olhei para ele assustada, o rosto dele estava iluminado por um brilho que nunca vi, ele sorriu de volta para mim. Arthur estava diferente, parecia um anjo, como os anjos que vemos em filmes.

Os olhos esverdeados possuíam um tom mais profundo e escuro, beirando ao cinza, a pele morena estava dourada, iluminada pelos raios do sol que transpassavam as nuvens, as sobrancelhas grossas e sempre franzidas pareciam mais serenas e o olhar menos tenso. Os lábios fartos mantinham um ar sombrio e, ao mesmo tempo, satisfeito, como se tivesse conseguido algo que desejava muito. Aos poucos, senti meus olhos pesarem e tudo ficou mais lento e escureceu.

Pelos olhos de Arthur

No momento em que ela pediu por mim, senti que todas as barreiras que Pietro criou na mente de Suzanna haviam sido derrubadas. Ele a mantinha cativa por seus pensamentos, manipulando-os, direcionando-os. Quando Suzanna começava a pensar por si, ele a distraía com luxúria e palavras carinhosas, envolvendo-a de novo em suas mentiras.

A princípio, pensei que ele tivesse trapaceado, apagando a memória dela e recriando uma a seu favor, mas Pietro era esperto, sabia que poderia perdê-la se mexesse com a mente dela em definitivo e apostei todas as minhas chances de que ele tivesse contado com o amor que Suzanna adquiriu por ele para mantê-la sempre ao seu lado. Graças a Deus, ele não havia mexido com a memória dela e o bloqueio que a ensinei a fazer bloqueou também sua persuasão sobre ela, já que ele não a ouvia mais e não podia invadir sua mente projetando desejos e pensamentos. Talvez, não o amor, pois parecia-me genuíno e não influenciado, o que me entristecia um pouco. No entanto, ao menos, cumpri minha promessa e temporariamente ela estava salva.

Voávamos para o alto e para longe, um lugar onde anjos podem levar seus protegidos quando estão em perigo, onde seus algozes jamais poderiam entrar, uma espécie de cidade com portões protegidos por anjos guerreiros e levitas, onde

Nefilins podem aprender suas origens e como usar os poderes adquiridos para o bem.

Suzanna ainda dormia em meus braços e era reconfortante tê-la assim, tão perto e, finalmente, confiando em mim. Eu só precisava disfarçar certas dificuldades para entrar. Respirei fundo, avistando os portões de ouro, monumentais como os Guerreiros que os protegiam. Havia dois anjos de cada lado do muro, trajados de túnicas brancas com um colete pesado em prata. Na mão direita, uma lança de prata. A esquerda escondida atrás das costas, a coluna ereta, o queixo erguido e descalços sobre a nuvem que sustenta a cidade secreta. Eles estavam com as asas guardadas e, à vista de qualquer um, passariam por humanos muito altos, pois beiravam os 2,15m de altura. Senti certo medo, porque mesmo sendo um anjo, havia sido sentenciado e não podia entrar na cidade sem que houvesse um convite.

Roguei a Deus, pedindo que me ajudasse. Minhas intenções eram as mais puras e sinceras, queria apenas ajudar a garotinha que estava em meus braços. Fiz um esforço enorme para tentar ocultar qualquer outro sentimento que não fosse o altruísmo e esperei do lado de fora. Se fosse liberado, eu saberia e, se não, retornaria com ela para terra firme.

— Entre. — O anjo bradou a quatro metros de distância e os portões se abriram.

Meu coração saltou agitado e amedrontado. Estava convivendo há muitos séculos com os humanos. Entrar na cidade secreta era um privilégio concedido a poucos guardiões e não havia segundas chances para nós. Agradei com um aceno de cabeça e voei até lá lentamente, mantendo meus pensamentos o mais puros possíveis, não queria prejudicar Suzanna. Mal passei pelos portões e senti a beleza do lugar me santificando, meu corpo mais leve e não havia muita dificuldade em me concentrar em ter pensamentos puros, não existia maldade dentro daqueles portões, tudo era sagrado, honesto, simples, sem segundas intenções.

— Pierre. — Victória veio ao meu encontro, batendo apenas duas de suas quatro asas, os olhos castanhos pareciam vivos, felizes em me ver.

Victória era como uma irmã para mim. Ensinou-me tudo o que sei sobre ser guardião e foi ela quem me enviou na missão de cuidar dos pais de Suzanna, era minha mentora e minha melhor amiga também. Observei as vestes brancas e douradas refletirem a luminosidade do sol e sorri agradecido por aqui não existirem curvas acentuadas nos corpos femininos. Era complicado manter-se tão perto dos humanos, passávamos a agir como eles, desejar como eles, e a grande maioria caía, pois, além de os invejarem, pensavam como eles.

— Vic. — Sorri, repousando os pés no gramado abaixo de nós, esperando que ela nos alcançasse.

— É ela? — Perguntou, antes mesmo de me cumprimentar com um beijo no

rosto.

— Sim. — Evitei pensar em Suzanna como eu pensaria se estivesse fora daqui.

— Você não melhorou nenhum pouco, Pierre. — Não era uma pergunta e ela não esperava uma resposta. Indicou-me o caminho com a mão direita e pegamos uma rua estreita que, segundo eu me lembrava, dava para o dormitório feminino.

Capítulo 16



Victória contava-me as novidades sobre um coral de anjos que entoava uma canção que ela e mais duas amigas compuseram com a ajuda de um humano muito sensível a quem protegia, evitando citar nomes. No entanto, o modo como falava do humano e de sua habilidade com o violão, deixava-me agitado pela certeza de que também amava o que não deveria, mas Vic sempre foi a mais centrada de todos nós por isso mereceu com louvor o cargo de treinadora de guardiões, pois não se deixou levar por sentimentos humanos.

Quando fui um de seus aprendizes, acompanhei de perto uma situação parecida. Um dos humanos a quem ela protegia era conhecedor dos mistérios do Céu e, constantemente, conversava com anjos imaginários, perguntando informações sobre nós. Na Terra, o homem era tido como louco e, no Céu, o mantínhamos a salvo sem nos mostrarmos. Então, ele sabia de nossa existência, mas não possuía provas. Uma vez, ela se deixou ver apenas para que ele se calasse, mas se apaixonaram. Victória sofreu muito, mas não cedeu a ele e nem aos desejos humanos, solicitou outro anjo para proteção de George, passando a vê-lo dali oitenta anos quando ele faleceu. Ela chorou na minha frente, pois eu era o anjo que ela indicou para a guarda de George e jamais demonstrou tal fraqueza novamente.

Em nossas aulas, ela repetia incontáveis vezes: *“Um anjo não é feito para sentir, mas para proteger e amar com amor ágape”*. Mas para mim, era dolorosamente horrível ter de amar Suzanna com amor de irmão e eu não possuía as qualidades de Victória, não saberia viver longe dessa menina nem por um dia.

— Você está prestando atenção, Pierre? — Chamou minha atenção e assenti sorrindo de lado. Fazia ideia que ela ainda falava sobre a canção.

— Sim, depois quero ouvir essa música.

— Claro que vai ouvir e cantar. — Ela riu divertida. A rua que adentramos em seguida possuía cerca de cinco metros de largura e não era possível ver seu final. Aglomerados de casas ao estilo americano, brancas com chaminé, jardim de verão e portas destrancadas em tom azul claro. Uma espécie de condomínio fechado no céu. Os anjos e Nefilins que caminhavam por aqui apenas sorriam sem se desviar de seus afazeres.

— Chame-me de Arthur, acostumei com o nome. — Pedi assim que ela deu

uma trégua no falatório.

Ela me olhou pensativa, desviando o olhar para Suzanna em meus braços. Também olhei Suzanna que parecia mais serena, em paz. Neste lugar, os pesadelos não a alcançariam.

— Por que mudou o nome?

— Por ela. — Respondi, percebendo que havia cometido meu primeiro erro — Para protegê-la melhor. — Corrigi. — Pietro havia encontrado Suzanna cinco anos antes e, se ouvisse nos pensamentos da menina que ela conhecia um Pierre, faria qualquer coisa para me manter longe. Foi necessária a mudança. — Expliquei.

— Arthur. — Disse Victória de forma pensativa, apontando para a terceira casa no início da rua, uma garotinha loira de cabelos cacheados e olhos azuis brincava na entrada. — Elis, chame Sophia para mim.

A menina ergueu os olhos, tirando alguns cachos do rosto, o sorriso angelical e infantil transformou-se e, ao se levantar, mostrou a guardiã que era. Uma mulher com as mesmas características, porém adulta, de lábios finos e bochechas firmes ainda rosadas.

— Sim senhora. — Ela deixou a boneca na frente da casa, preparando-se para procurar Sophia. Notei que Victória estava com um sorriso de admiração nos lábios e me recordei que ela gostava que seus aprendizes colocassem em prática seus ensinamentos, mesmo quando não eram solicitados testes.

— Muito bom. Vimos a ilusão, você está melhorando. — Elogiou.

Elis sorriu, o olhar brilhando diante da aprovação.

— Obrigada.

A casa possuía apenas um cômodo com três camas de solteiro, um armário e um banheiro como num pequeno chalé. Cheirava a biscoitos e leite para agradar visitantes como Suzanna.

— Aprendiz? — Questionei sobre a garota. Victória apontou para a cama central que estava forrada com lençóis e travesseiros brancos. Suzie resmungou e virou-se de lado quando a deitei. Deslizei meus dedos pelo cabelo ondulado, sentando-me na beirada da cama.

— Sim. Estava ensinando como introduzir-se no meio deles sem chamar atenção, usando camuflagem.

— Ela é boa.

— Não das melhores.

Ficamos em silêncio, ouvindo a respiração de Suzanna. Victória queria saber sobre meus sentimentos, mas eu nãoalaria sem que me perguntasse. Suspirei ao notar que me olhava interrogativa.

— Você contou para ela? — Perguntou um tempo depois.

— Não. Pietro contou. — Respirei fundo, virando meu rosto para encarar o de

Victória. — Ele encontrou Suzanna cinco anos atrás e agora, novamente, tenta se passar por mim. — Victória ficou pensativa, aproximou-se e sentou na cama ao lado, perto de mim. Cruzou as pernas despreocupadamente, o dourado do colete refletiu nas paredes por causa da luz do sol que batia da janela.

— Descobriu o que ele pretende ou por que persegue a garota?

— Não.

— Não imagina o que seja?

— Ele não pensa sobre isso. Você sabe que ele me sente, então, quando estou por perto, ele insiste em lembrar e relembrar certos momentos... — Respirei fundo, afastando a lembrança dos beijos que ele deu em Suzanna. — Foi difícil perceber que ele manipulava as lembranças dela.

— Ele apagou a mente dela? — Fiz que não com a cabeça. — Menos mal... Ele era um dos melhores, não entendo por que...

— Precisa ser forte para não se deixar envolver, não querer fazer parte da vida deles. — Olhei Suzanna adormecida, sentindo uma súbita tristeza.

Victória colocou a mão em meu ombro levantando-se lentamente.

— Você tem conseguido. Se não, não teria passado dos portões.

Concordei, mas isso não me deixava feliz como deveria.

— Podemos ajudá-la?

— Se ela quiser sim, mas ela terá de saber a verdade. — Comentou Vic.

— Eu sei.

— Você precisará ser forte.

— Sim...

— Ela logo irá acordar, vamos.

Levantei relutante, não queria deixar Suzanna sozinha, mas aqui eu não podia estar sempre tão perto. Beije-i-lhe a testa, afagando seus cabelos, e sai. Victória me esperava do lado de fora da casa.

Pelos olhos de Suzanna

— Oh meu Deus! — Sentei-me assustada, a respiração saindo alta e entrecortada.

Meus olhos demoraram a se acostumar com a claridade, mas logo percebi que estava em um quarto branco. Exageradamente branco. A janela aberta trazia um vento fresco que balançava as cortinas de um lado para o outro, a porta estava encostada e havia duas camas ao meu lado, vazias. Não havia sinal de Arthur ou qualquer outro ser humano.

Sentia minha respiração mais pesada, medo e necessidade de sair dali. Levantei da cama lentamente e fui sorradeira até a janela, onde me debrucei olhando para fora. A visão me fez arfar e correr de volta para a cama, me encolhendo sobre ela, com meu coração disparado. Abracei minhas pernas, deitando a cabeça nos joelhos e sentindo o desespero me dominar.

— Eu morri, eu morri! Meu Deus, eu morri!

Do lado de fora era ainda mais alvo. O quarto onde estava parecia cercado de nuvens e eu tinha certeza de que vi pessoas caminhando com longas asas fechadas em suas costas.

— Você não está morta.

A voz infantil anunciou e dei um salto, ficando ainda mais encolhida na cama, encarando a menina de olhos claros e cabelos dourados como o sol. Ela tinha um sorriso nos lábios, sua fisionomia me fazia lembrar um cupido, vestia uma espécie de camisola branca e sandálias de couro.

— Quem é você e que lugar é esse?

— Você está no abrigo.

— Que abrigo?

A garotinha deu de ombros, sentando-se na cama. Curiosa, mexeu nos cadarços do meu tênis, subiu os dedos pelo jeans rindo, depois me encarou.

— Pierre trouxe você para a cidade secreta, é uma espécie de abrigo para pessoas como nós.

— E como seriam essas pessoas? Nefilins?

A menina fez que sim e apertou a barra da minha calça novamente.

— E anjos em treinamento. Como eu.

— Você é um anjo? — Olhei para as costas dela para achar as asas e ela riu.

— Sim. Em treinamento.

— Mas, você é só uma criança!

— Não... Apenas sou o que você aceitaria que eu fosse. — Ela se levantou indo até a porta. — Pode me chamar de Sophia.

— Você não é uma criança? Sou Suzanna. — Disse, vendo a menina sorrir.

— Não, sou um anjo. Você se sente bem?

Suspirei desistindo de entender.

— Sim... Onde está Arthur, Sophia? — Ela inclinou a cabeça para o lado, pensativa. — Pierre! — Acrescentei rapidamente.

— Com Victória, provavelmente esperando que eu a leve até eles. Quer vir?

— Quero... Quem... É... Victória?

— Nossa professora, líder, mentora... E melhor amiga de Pierre.

O medo foi substituído por um sentimento diferente.

Estava num lugar completamente estranho, com pessoas aparentemente

humanas, mas que, se meu cérebro não estava enganado, não eram totalmente humanas e Arthur estava com outra garota, sua melhor amiga. Suspirei pesadamente, planejando seguir a menina assim que ela resolvesse ir para algum lugar, mas ela continuava me encarando com olhos grandes e curiosos e vi que um sorriso se formava no lábio dela.

— Vai me levar lá?

— Sim.

Mas, ela permaneceu parada, sorrindo para mim.

— Vamos?

— Suzanna, você... — O olhar da menina era analítico sobre meu rosto.

— Basta Sophia, obrigada por cuidar de Suzanna, pode ir.

Fiquei em pé ao lado da cama, encarando uma mulher loira de voz firme. Os olhos castanhos brilhavam, parecendo me puxar para dentro deles. Os lábios estavam franzidos enquanto esta seguia Sophia com o olhar até a saída e logo sorriu, voltando-se para mim. O cabelo estava em um corte Chanel na altura do queixo quadrado. Observei em silêncio enquanto ela esperava a porta se fechar sem desviar o olhar do meu e se sentar na cama, cruzando as pernas e ajustando a túnica branca que estava vestindo.

— Sente-se aqui, criança.

Sentei prontamente. Algo nela inspirava autoridade e achei melhor obedecer.

— Quem é você?

— Sou Victória, Suzanna.

Franzi os lábios, estremecendo ao ouvir o nome. Era a amiga de Arthur de quem Sophia falou. Sorri, esperando que ela continuasse ou me levasse a algum lugar, mas a loira permaneceu ali, encarando-me como se pudesse ler em meus olhos todos os meus pensamentos. Imediatamente, desviei o olhar para o chão, notando que era de um material também branco, lembrando porcelanato.

— Onde estou?

— Na cidade secreta, o Segundo Éden. — Respondeu com a voz firme, fazendo meus medos aumentarem um pouco mais.

— Ah...

— Você foi trazida para cá, pois pediu auxílio a um anjo e confiou nele. Por este motivo, ele pôde entrar na cidade e lhe dar abrigo. Você se lembra?

Mordi o canto do meu lábio, revivendo tudo novamente. Pietro tentando me convencer, eu pedindo ajuda a Arthur e as casas que ficavam cada vez menores conforme ele avançava para o céu. O rosto de Arthur iluminado brincou em minha memória como uma lembrança boa.

— Lembro. Onde está Arthur?

— Arthur logo virá. — Victória sorriu e se levantou pegando uma bandeja que

eu não tinha visto antes e colocando na cama à minha frente. — Coma.

Obedeci. Havia biscoitos frescos na bandeja e uma xícara com chocolate quente. Não sabia que estava com tanta fome até meu estômago roncar com o cheiro adocicado do chocolate. Levei a xícara aos lábios, bebericando, e sorri, pois tinha pedacinhos de *marshmallow* exatamente como vovó fazia. Comi num silêncio constrangedor, ouvindo minha mastigação como um eco por todo o quarto. Tentei evitar o barulho nojento de quando engolimos o alimento, mas pareceu ficar ainda mais alto. Suspirei, deixando a xícara e os biscoitos de lado.

— Termine, Suzanna.

Victória falou, levantando-se da cama e indo até uma porta a minha esquerda que parecia a entrada para o banheiro. Voltei a comer, sentindo o estomago agitado pelo nervosismo. Não tinha mais medo, mas uma apreensão enorme pesando em meu peito. Quando terminei os biscoitos e o chocolate quente, ela virou-se para mim, estendendo uma bolsinha branca, pequena e com meu nome escrito em dourado do lado.

— Pode se lavar, fazer sua higiene pessoal. Volto daqui a meia hora para te mostrar o lugar e para conversarmos.

Estranhei a frieza, mas nada disse. Peguei a *nécessaire* e sorri em agradecimento. Ela me olhou por alguns segundos e sorriu de volta, forçadamente.

— E Arthur?

Perguntei antes de vê-la sair do aposento.

— Logo virá.

E a porta se fechou.

Assim que sai do banheiro, encontrei sobre a cama um vestido branco com laço de cetim azul-marinho na cintura, as alças finas no mesmo material e tom azul. Vesti e, sem muita surpresa, percebi que coube perfeitamente. A sandália baixa e branca também serviu e era macia e confortável, parecia de couro, porém misturado a algodão ou algum material parecido. Minutos depois, alguém batia à porta do quarto. Com certa dúvida, abri. Arthur estava parado do lado de fora, o olhar beirando ao desespero apesar do sorriso que mantinha nos lábios. Ao lado dele, Victória.

— Arthur! Você está bem? — Perguntei, envolvendo meus braços no pescoço dele e apertando-lhe num abraço. Ele beijou meu rosto e me afastou devagar, fazendo-me entrar no quarto e me sentar na cama.

— Sim, estou e fico feliz que esteja bem.

— Obrigada por me ajudar e obrigada pelo vestido. — Agradei.

Ambos se sentaram na minha frente. Arthur parecia concentrado em alguma coisa mais importante. Tentei chamar sua atenção, colocando a mão sobre a dele, mas ele recuou e levantou da cama, afastando-se em direção da janela.

— Escute Victória. — Orientou-me, encostando-se ao batente da janela, o

corpo virado para dentro do quarto. O sol o iluminava pelas costas parecendo deixar Arthur imponente, autoritário.

— Criança, você e Arthur não poderão ficar aqui.

— Por quê?

— Planos maiores. — Respondeu ele.

— Que planos? Meus avós estão bem?

Victoria olhou para Arthur e, depois, para mim, o olhar distante como se procurasse uma forma boa de dizer algo muito ruim.

— No tempo certo, você saberá tudo, mas eles estão bem.

Respirei fundo e encarei Arthur. Ele tinha a fisionomia ainda mais pesada com as sombras que balançavam escondendo-lhe o rosto.

— Pietro não é quem mostrou ser... Ele não é o mocinho. — Disse ele.

Uma dor aguda atingiu meu peito. Eu amava Pietro e, mesmo agora, conhecendo suas mentiras. Baixei o olhar para os meus pés e nada disse, sabia que uma hora iriam me contar que ele só queria me deflorar ou algo assim. Então, esperei pela verdade como um cordeiro indo para o matadouro. Em silêncio e profunda agonia.

— Ainda não sabemos o que ele pretendia se passando por Pierre, mas vamos descobrir.

— Ele pelo menos me amava de verdade? — Meus olhos arderam assim que pensei na pergunta, mordi com força minha bochecha pelo lado de dentro, reprimindo a vontade de chorar e, como ninguém respondeu, ergui o rosto para encarar Arthur. Ele estava olhando para o chão, respirando devagar, as mãos apertadas no batente da janela, a musculatura dos braços saltando pela força que ele empregava nas mãos.

— Não sabemos. — Foi Victoria quem respondeu. Desviei o olhar até ela e assenti uma vez, preocupada em manter o assunto e conseguir segurar o choro. — Arthur vai levá-la para um lugar seguro. Foi um prazer conhecê-la. Saiba que é privilegiada por ter alguém tão forte lhe protegendo. — Ela lançou um olhar para Arthur que apertou os olhos e negou com a cabeça, assim que o olhamos.

— Vamos.

Ele saiu sem me esperar. Sorri para Victoria e saí atrás dele. Arthur dava passos fortes e largos e eu me sentia cada vez menor, andando apressada para tentar acompanhar suas passadas longas. Permaneci à sua sombra todo o tempo e em silêncio. A rua era reta e circundada por casebres iguais. As pessoas sorriam e trabalhavam. Vi anjos com asas, crianças, pessoas comuns como veria se andasse nas ruas perto da minha casa, exceto, claro, pelas asas.

Após vinte minutos, ele parou de andar e me olhou por sobre o ombro, respirou fundo e soltou duas vezes o ar antes de se virar para mim. Ele estendeu a mão e tocou meu queixo carinhosamente, deslizou o dedo até a minha clavícula. O toque

me aqueceu por dentro e por fora e precisei segurar com força a respiração e apertar as mãos para o meu corpo não tremer por completo. Um friozinho percorreu meu estômago e o coração disparou com tanta força que desconfiei que Arthur pudesse ouvir. Ele repousou a mão em meu pescoço e me puxou carinhosamente até ficarmos a poucos centímetros de distância.

— Você confia em mim? — Perguntou com a voz baixa.

Encarei-o. Os olhos estavam num tom claro apesar do cinza dominante. Respirei e respondi.

— Confio.

Ele beijou minha testa, inclinou o corpo e me pegou no colo. Com o susto, puxei o vestido e ele ajeitou o braço embaixo das minhas pernas, segurando o tecido, uma risada baixa escapando dos lábios dele.

— Aqui não há malícia. — Disse sobre minha preocupação de verem minha calcinha.

— Er... Melhor continuar não tendo, não acha? — Brinquei e ele assentiu beijando minha testa novamente. Suspeitava que esse gesto fosse se repetir muitas vezes.

Abracei o pescoço dele com vontade de perguntar aonde iríamos, mas não fiz. Deitei a cabeça em seu peito e fechei os olhos, deixando a sensação estranha de formigamento tomar meu corpo. Era estranho, mas uma sensação confortável e de paz.

— Suzanna?

— Sim.

— Você prefere Arthur ou Pierre?

Franzi o cenho e abri meus olhos, pensativa. Sentia ele se movendo comigo nos braços e, por isto, minha voz saiu um pouco tremida quando respondi.

— Gosto dos dois, e você?

— Gosto dos dois também, mas penso que preciso ter um nome só, não acha?

— Não. Existem muitas pessoas com nomes compostos. Maria Madalena, Ana Maria, Paulo Roberto... Entre outros.

— Então meu nome é composto? Arthur Pierre? — Ele riu.

— Ou Pierre Arthur.

Ambos rimos e a tensão que pareceu existir antes desapareceu por completo.

— Prefiro Arthur Pierre.

— Eu também. Para onde vamos?

Arthur sorriu para mim, as asas brancas e enormes se estenderam por suas costas e senti que meu corpo voltou a tremer. Ele começou a flutuar no ar e logo o som das asas batendo se sobrepôs ao do meu coração que estava disparado.

— Logo você verá.

Capítulo 17



O corpo de Arthur balançava para cima e para baixo, acompanhando o bater das asas. Eu observava, boquiaberta, os músculos do ombro e das costas se contraírem e expandirem pela força que ele empregava para movimentá-las. Era fascinante e ao mesmo tempo assustador. Quando eu pensaria que existiam mesmo anjos e que eu seria carregada por um?

Ele me fez deitar a cabeça em seu peito, tocando meu rosto delicadamente enquanto pegava altura. Não me permiti fechar os olhos desta vez, eu queria acompanhar o trajeto e aproveitar a visão única que eu tinha das nuvens e da terra abaixo de nós. O mais engraçado era que eu não sentia nenhum medo apesar da altura.

— Me deixe ficar com oxigênio? — Pedi e Arthur sorriu.

— Antes foi necessário que você adormecesse. — Explicou. — Suzie, nós vamos a um lugar secreto. Lá, só podem entrar convidados e nós fomos convidados. Eu ainda não sei o motivo de tudo isso, mas quero que me prometa uma coisa.

— Claro, prometo sim. O quê?

— Não esconder nada, nunca, e não se importar com o que falarem sobre mim.

— O que falariam sobre você? — Falei com a boca encostada no peito de Arthur.

— Prometa.

Ergui a cabeça e encarei o rosto dele, o vento bagunçava seus cabelos pretos e os olhos dele estavam semicerrados.

— Eu prometo. — Ele sorriu ao ouvir e me fez deitar a cabeça de novo.

— O que falariam sobre você? — Perguntei novamente e ele bufou.

— Eu te explico tudo, mais tarde.

— Promete?

Ele me olhou, um raio de sol bateu atrás da cabeça de Arthur que pareceu brilhar como aquela luz. Aspirei o ar com força e o coração saltou novamente. Levei lentamente meus dedos aos seus cabelos negros e compridos e fiz carinho em sua nuca delicadamente, envolvida por aquela paz que ele me fazia sentir ao cuidar de mim.

— Prometo.

Ele baixou o rosto até quase tocar meus lábios com os dele, mas parou bruscamente e, com um gemido, voltou a olhar para as nuvens e a voar mais rápido.

— Obrigada. — Acrescentei sem graça, afundando o rosto no peito do anjo. Meu coração estava errático novamente.

— Pietro... — Ouvi-o murmurar e ergui meus olhos. Arthur parecia exausto agora que olhei melhor, as asas brilhavam douradas e batiam forte, enviando rajadas de vento contra as nuvens que se desfaziam atrás dele.

— Você acha que ele fingiu o tempo todo? — Ouvi-me perguntando e escondi o rosto na curva do pescoço de Arthur, algo me dizia que ele não gostava de saber o que eu sentia.

— Que te amava? — Assenti uma vez, sem coragem de falar. — Não sei... Ele sabe ser persuasivo e tem muito talento com teatro.

Suspirei, engolindo um soluço que se embolou em minha garganta. Arthur me apertou nos braços e o vento cessou de repente. Eu não quis olhar, permaneci encolhida até que meus pés tocaram o chão. Respirei fundo, abrindo meus olhos. Estávamos de frente à cabana de Arthur.

— Não iríamos para o tal lugar secreto? — Perguntei baixo, sentia a vontade de chorar se dissipando lento demais.

— Vamos, mas achei que seria bom conversarmos um pouco.

Ele me guiou até a cabana onde algumas horas mais cedo ele e Pietro brigaram, onde vi Arthur amoroso pela primeira vez, onde descobri que ele era capaz de me fazer sentir bem, quase em paz.

Entrei e já me sentei na cama, arrancando as sandálias brancas e deixando-as ajeitadas no chão. Arthur arrumou os travesseiros sobre a cabeceira e sentou-se ao meu lado também descalço, aconchegou-me nos braços dele e deitei a cabeça em seu peito, deixando meu corpo relaxar por completo. A cabana estava como da última vez, ligeiramente desarrumada, um copo vazio sobre a pia, a cortina repuxada como deixei quando espiava ele e Pietro do lado de fora.

— Não é perigoso ficarmos aqui?

— Por enquanto estamos sozinhos. — Ele afastou meus cabelos para trás de minhas costas e começou a passar os dedos lentamente do meu pescoço ao meu ombro, sentia o peso de seu olhar sobre a minha pele e um frio gelou meu estômago cada vez que ele empurrou a alcinha do meu vestido ao fazer carinho.

Só não compreendia porque eu estava deixando ele se aproximar tanto.

— Pretende me contar tudo?

— Sim... O que posso pelo menos. Muito você vai precisar entender sozinha porque nem eu tenho as respostas. — Ele se inclinou e beijou meu ombro, depois grunhiu baixo e se ajeitou na cama novamente. — Desculpe...

— Pelo quê? — Soprei. As batidas do meu coração estavam em sincronia com

o dele, fortes e rápidas.

— Por isso... — Ele fez de novo, mas dessa vez deslizou o lábio até atrás da minha orelha e beijou, permaneceu com os lábios ali por um segundo ou mais, com um suspiro afastou o tronco e me aconchegou novamente. Senti o rastro quente dos lábios dele esfriar e a saliva secar em minha pele, fechei meus olhos e me condenei por desejar que ele me beijasse como Pietro fazia. Ele segurou o ar e soltou lentamente. — Não posso. — Disse.

— O que você não pode?

— Isso... Nada disso me é permitido.

— Não entendi.

— Nós não podemos nos relacionar com humanos.

— Mas, sou meio anjo. — Argumentei.

Ele riu, mas a risada soou triste e engasgada como se ele quisesse chorar.

— E é humana ainda assim.

— Por que não podem?

— Porque somos seres feitos para proteger vocês e a união traz consequências por vezes desastrosas. O sentimento humano é volúvel, ainda mais nos dias de hoje. Veja, um homem se apaixona por uma mulher, mas logo vê outra mais interessante e a deseja e se apaixona, deixando a primeira só. Para nós, o sentimento perdura por ser puro e sem interesse.

— Você já se apaixonou?

Ele deslizou a mão por meu braço e repousou sobre a minha barriga prendendo-me entre as pernas dele carinhosamente. A cama rangeu com o movimento. Inclinei meu corpo para trás, soltando meu peso sobre os braços dele, tentando relaxar e o ouvi gemer baixo, um gemido satisfeito e prazeroso como se tivesse ganhado um beijo. Virei-me para ele e notei que seus olhos estavam marejados, o que me assustou.

— O que foi?

Toquei as bochechas dele com a ponta dos dedos e desenhei com o polegar o arroxeadado embaixo de seus olhos, ele parecia ainda mais cansado. Quando falou, a voz saiu trêmula, mas com uma certeza que jamais ouvi em ninguém.

— Eu te amo, Suzanna.

Minha respiração ficou pesada, mas não me movi, continuei olhando para ele, esperando pelo que tinha a dizer. Sentia-me como em um sonho, como se nada disso fosse real. Como um anjo poderia me amar? Amar uma boba que se apaixonou pelo anjo errado? Que quase se entregou a ele e que, apesar de se sentir totalmente segura com Arthur, internamente desejava que Pietro fosse Pierre. Como era possível ele me amar? Mordi o lábio, contendo os pensamentos, mas já era tarde, Arthur afastava os braços do meu corpo e ficava rígido encostado aos travesseiros.

— Preciso lembrar-me de fechar minha mente...

Ele concordou amargo, mas sorriu, afastando a franja dos meus olhos.

— Nunca me acostumo com isso, — gemeu — mas é sempre assim. Elas sempre se apaixonam por ele.

Franzi o cenho, abrindo meus lábios e fechando sem saber o que dizer, sentindo o ciúme doer e uma vontade maluca de socar Arthur.

— Elas?

Ele deslizou os dedos grandes e macios pelo meu rosto e, com o outro braço, colocou-me de lado na cama, uma das pernas dobradas e as minhas por debaixo da dele. Apoiei a mão sobre a coxa de Arthur e novamente soltei o meu peso sobre o braço que estava envolvendo minhas costas.

— Pietro e eu nos conhecemos há alguns séculos. Éramos anjos da guarda.

— E não são mais? — Perguntei.

— Não... Mais ou menos.

Mudei de posição para ficar de frente para Arthur, mas ele segurou firme, mantendo-me apoiada em seu braço. Depois, aliviou a força e abaixou a perna sobre as minhas, prendendo-me. O toque não me incomodou. Sentia-me relaxada novamente e suspirei, esperando o momento que ele quisesse falar mais.

— Éramos da mesma turma, alunos de Victoria. Saímos bem em todas as aulas e nas provas teóricas. Na prática, fomos colocados como dupla para vigiarmos a filha de uma família de camponeses. Ela tinha nascido com uma doença que, na época, era desconhecida e muitos achavam que eram espíritos que tomavam a criança, mas ela tinha Síndrome de Down. Eu e Pietro cuidávamos dela e, por ter essa doença, ela sentia a nossa presença. Então, com o tempo ele começou a estimular a menina, conversando e ensinando o que eram as coisas a volta dela. Os pais nunca desconfiaram de nada. Eles tinham medo dela, mas, com a ajuda de Pietro, ela começou a focar na realidade e melhorar. Deram como milagre divino quando ela começou a conversar com os pais. O problema é que ela falava de Pietro como se eles pudessem vê-lo e, então, o milagre virou bruxaria. Ela estava com mais de vinte anos quando quase foi queimada pelos próprios pais que acreditavam que ela era bruxa. Pietro foi advertido por se intrometer na história de um humano quase causando sua morte prematura e foi rebaixado. Ele passou pelo treinamento de Victoria novamente e eu fui elevado a anjo da guarda, não precisando mais ser acompanhado em meus deveres. Eu não sei se foi nessa época, mas Pietro começou a mudar. Surgiram o rancor, a tristeza, a vontade de se sobressair a todos, a vingança. Estes foram alguns sentimentos que ele passou a demonstrar e, por isto, perdeu a condição de anjo da guarda.

— Por causa da garota? — Perguntei baixinho, imagens de Pietro cuidando de uma menina doente que depois fora queimada passavam por minha mente.

— Isso... E também porque ele acreditava que, como guardiões, devíamos ajudar também em questões de doenças. Ele passou a discordar em quase todas as aulas, colocando pontos de vista diferentes dos ensinados por Victoria e impostos pelo próprio Deus. — Ele apontou para o céu quando falou.

— Já pensou que ele pode ter se sentido injustiçado? — Perguntei, formando algumas ideias em minha mente.

— Ele fez o que fez, não tem injustiça nas punições.

— Mas, você estava lá também e não o impediu. Ele foi punido e você praticamente ganhou méritos.

Arthur abriu a boca para falar, era nítido que iria se defender, mas então se calou. Os olhos faiscando como se encaixasse peças de um quebra-cabeça. Ele se inclinou para mim e beijou meu rosto, um sorriso triste cruzou seus lábios.

— Nunca pensei nisso. Fomos treinados a não sentir como vocês, Suzie. Um anjo se responsabiliza por seus próprios atos sem esperar que punam outro se este não intervier. Mas, você tem razão, ele pode ter se sentido injustiçado, os sentimentos humanos estavam mais dentro dele do que os de proteção como anjo da guarda.

Sorri contente por ajudar em alguma coisa e por descobrir algo sozinha, por me sentir próxima de Pietro, entendendo um pouco dos seus sentimentos. Notando o rumo que meus pensamentos tomavam, logo desviei, questionando Arthur antes que se entristecesse novamente.

— Então, um anjo da guarda faz o quê?

— Vigiamos para que demônios não perturbem a criança, guerreamos contra essas hostes malignas sempre que é preciso, tudo para que não toquem o humano, não o firam, não façam sua vida sair do rumo que deve seguir. Alguns de nós tem a permissão de mostrar o caminho quando esse pede ajuda em orações, ou quando Deus nos incube disso, mas a maioria só vigia para que tudo fique bem. Geralmente, acompanhamos somente até completarem doze anos, pois são inocentes antes disso, há pureza nas crianças e os demônios sabem que é nessa idade que se forma o caráter de um ser humano. Por isto, tentam, criam problemas e dificuldades que vão tornando o humano mais rude, insensível, descrente à medida que se torna adulto.

— Então, você vê tudo o que acontece, mas não pode intervir?

— Isso. Só em raros casos que temos permissão para fazer alguma coisa.

Ficamos em silêncio por um tempo. Arthur fazia desenhos em meu braço e respirava calmamente como se esperasse alguma pergunta. Respirei fundo e soltei ar antes de formular algo em minha mente.

— Eu acho que também iria querer poder fazer mais.

— Todos queremos, mas seria como se influenciássemos uma decisão. Por exemplo, você ama Pietro... Eu sei que não devia, sei que ele não é bom para você,

mas não posso interferir no seu livre arbítrio. — Fiz uma careta para ele, entendendo. — Uma criança está na escola sendo maltratada pelos amiguinhos, ela sente vontade de socar um deles, eu sei que, se ela fizer isto, eles vão parar, mas, no futuro, ela poderá se tornar um adulto violento. Eu sopro algo como: não faça isso, não é legal. Mas, é a criança que decide se faz ou não.

— Aquele negócio dos desenhos animados de um anjinho e um diabinho no ombro de alguém, então, é real?

— Quase, — ele riu — mas funciona parecido.

Muitas perguntas persistiam, mas não conseguia encaixá-las para expor a Arthur. A maioria tinha a ver com o passado deles e a frase que ele dissera mais cedo de que *elas sempre se apaixonavam por Pietro*. Lembrei-me de fechar minha mente e fiz o exercício que ele me ensinou. Arthur sorriu e beijou minha testa me aconchegando em si. Aproveitei para fechar meus olhos, sentia a tensão por todos os meus músculos, mas não estava fatigada ou com dores, a presença dele me acalmava. De repente, algo se formou e a pergunta saiu numa rajada rápida.

— Desde quando você e Pietro competem entre si?

— O quê? — Ele abriu os olhos e desencostou a cabeça dos travesseiros.

— Você disse que *elas sempre* se apaixonam por ele. Ele está usando lembranças que tenho de você... Para mim, parece pessoal e não acaso.

Os olhos de Arthur me examinaram, talvez ponderando sobre como responder, era óbvio que ele sabia que era pessoal e que estavam competindo, mas pareceu não querer admitir isso. Como não disse nada, eu continuei.

— Você me trouxe para cá para me explicar o que falaria de você no tal local secreto. Acho que já enrolou demais, não? — Sorri, tentando soar leve e engraçada.

— Acho que você deveria descansar, não sei quanto tempo tem que não dormimos.

— Você dorme? — Perguntei.

— Não sinto sono como vocês, mas, às vezes, durmo sim.

— Não mude de assunto! — Lembrei. — O que falaria de você? E desde quando competem?

— Suzanna...

— Tá bom, não quer falar não fala. — Fechei o cenho.

— Desde que nos conhecemos, sentimos uma conexão um com o outro. Isso é natural em qualquer ser celestial, mas a nossa é mais que o natural. É como se tivéssemos um laço maior, como irmãos por exemplo. No começo, era legal, sabíamos sempre onde um e o outro estava, nos considerávamos irmãos. Mas quando ele caiu, todo mundo ficou esperando que eu seguisse o mesmo caminho. As pessoas esperam ainda.

Percebi que ocultou algo, mas fiquei em silêncio. Ele repousou o queixo em

minha cabeça e ficou brincando com uma mecha do meu cabelo sem dizer mais nada. Senti vontade de confortá-lo e rapidamente mudei de posição, ficando de frente para Arthur. A intenção era fazê-lo sentar entre minhas pernas e recostar-se em meu peito, mas fiquei de joelhos de frente para ele, o tronco ereto e o rosto muito próximo ao de Arthur. Os olhos dele estavam cinza como em todos os sonhos que tive sobre o acidente dos meus pais, ele colocou a mão em meu ombro e deslizou pela minha coluna fazendo meu corpo encostar ao dele, um calor passou por meu ventre e se emaranhou no meu estômago. Senti o mesmo perfume que do dia do acidente, capim e chuva e o cheiro vinha de Arthur. Não desviamos o olhar e tentei me mover de novo, mas ele me prendeu com as duas mãos fortes em minha cintura. Minha respiração já estava pesada a esta altura, a lembrança do acidente clareando em minha mente por causa do toque familiar, daqueles olhos e do cheiro.

— Você está bem? — Perguntou, colocando a mão em meu rosto. — Suzanna olha para mim, você está se sentindo bem?

— Era você... — Sussurrei. — E não Pietro.

— Eu o quê? — Ele pareceu confuso.

— Você que me tirou do carro.

— Você já sabia disso... Nós falamos que ele se fez passar por mim.

Ele disse cheio de ternura, a mão repousada em meu rosto.

— Não... Eu achei que essa parte fosse ele. — Toquei o rosto de Arthur, lembrando-me das feições de cada personagem que criei pensando naquela lembrança, nos sonhos incansáveis que eu tinha com aquele par de olhos acinzentados. Arthur fechou os olhos e reclamei, ele os abriu novamente e ficou me olhando confuso. — Mas, era você. Por que você está tão diferente?

Ele riu baixo, um sorriso perfeito crescendo naquele rosto que, há poucos segundos, estava entristecido.

— Não queria que Pietro me reconhecesse, lembra? — Assenti uma vez. — O que você está pensando? — Perguntou.

— Como você é de verdade?

Ele respirou fundo, segurou meu rosto e beijou minha testa.

— Um pouco mais velho.

Foi tudo o que disse.

Afastou-me e saiu da cama, a conexão que senti se desfez de repente e era como se me sentisse vazia e perdida novamente. Sem aquele anjo, sem meus pais e também sem meus avós. Uma tristeza profunda fez meu peito doer e me deitei com o rosto escondido nos travesseiros.

— Algo errado? — Perguntou da janela, sentia seus olhos sobre mim, mas a voz estava fria e distante.

— Por que você foge tanto das respostas? — Minha voz saiu abafada pelo

travesseiro.

Senti a cama balançar e olhei. Arthur estava sentado na beirada me olhando. Ele pegou minha mão e me puxou para ele novamente.

— Porque você já me viu antes.

— Quando?

Ele fez uma careta, fechou os olhos e senti a mão ficando maior sob a minha. Olhei assustada e Arthur estava mudando de forma. O cabelo preto ficando mais curto, rentes à cabeça, os olhos esverdeados no tom cinza de antes, os lábios antes carnudos eram finos e mais largos, o nariz proporcional ao rosto retangular e masculino. Tinha uma barba ralinha espalhada pela face branca, negra como os cabelos e as bochechas avermelhadas. Os ombros que eram largos ficaram menores, o peito desinchou tornando-se um pouco comum e menos de pombo, o abdômen pareceu saltar debaixo da camiseta branca que ele estava usando, desenhando gominhos perfeitos no tecido. Olhei as pernas e a calça ficou um pouco larga, ganhando coxas menos torneadas, mas ainda assim firmes e chamativas. Ele tocou meu queixo, fazendo-me olhá-lo nos olhos. Eu franzi o cenho e Arthur sussurrou enquanto os lábios iam de encontro aos meus.

— Antônio. Seu professor de reforço. — Disse.

— Mas, você não tinha todo esse corpo! — Lembrei-me no ato.

Eu o achava lindo e fora meu primeiro amor. Eu fazia as aulas para poder ver ele de perto. Sempre aparentou ser novo e as pessoas questionavam sua capacidade de ensino, mas foram as aulas dele que me ajudaram a melhorar a escrita e a saber exatamente o que queria ser quando adulta, mas ele havia sumido de repente há alguns anos. Eu havia procurado por ele como uma louca, ninguém sabia onde morava e, na escola, diziam que se mudara para outro país. Meu coração disparou com a lembrança do primeiro amor da minha vida.

— Eu escondia embaixo de camisas horríveis, — ele riu — este sou eu.

Meus olhos lacrimejaram e soquei o ombro dele com raiva.

— Tem ideia de como te procurei? Eu te amava! — Os olhos arderam e as lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto. Não entendi porque eu chorava. Eu era uma criança quando gostei dele e ele adulto, nunca teria me notado.

— Eu... Suzanna... — Ele estava completamente sem ação, segurou meu pulso e com a outra mão começou a limpar minhas lágrimas. — Eu sumi porque não tinha tido sorte em me aproximar. Mandaram-me vigiar e foi o que fiz. Vi que me procurou, vi como chorava querendo me ver. Eu não podia fazer nada.

— Eu chorei por sua causa! — Meus soluços atrapalhavam a fala.

— Eu sei, olha... Desculpe. Seu pai me mandou sumir quando eu contei que estávamos apaixonados e...

— O que meu pai fez?

— Você era uma criança! E eu... Sou adulto, sempre serei adulto. Sempre serei um anjo... Sempre amarei você sem poder te tocar. Sempre, Suzanna!

A dor na voz dele me pegou de surpresa e reparei que ele também estava chorando. Sem pensar em nada, inclinei-me e o beijei.

As mãos de Arthur se enroscaram em meu cabelo enquanto minha língua pedia espaço entre os lábios dele. Ele gemeu e os entreabriu, sentia o gosto salgado das lágrimas misturadas à saliva dele. Encaixei os lábios e procurei pela língua dele, ávida por aquele beijo. Quando elas se roçaram, ele travou, a respiração forte quase asmática, os dedos apertaram meus cabelos e senti que ele estava inclinado a se afastar, ponderando se continuava ou não. Joguei meu corpo contra o dele e nos chocamos, Arthur me segurou e me deitou na cama gentilmente, nossos lábios agora separados. Ele me olhou, colocou o dedo em meus olhos e limpou as lágrimas, fiz o mesmo com ele, reconhecendo naquele rosto uma lembrança de quando a vida parecia mais fácil e só a dor de perder um professor era meu maior problema.

— Não posso te beijar, Suzie... Me perdoe. — Ele suplicou.

— Mas, você quer? — Ele fez que sim e apertou os olhos. — Eu permito que me beije.

Meu coração pareceu nadar em um mar agitado, minhas pernas estavam bambas. Por sorte, estava deitada, minha respiração tão pesada quanto a dele. Arthur sorriu de lado e se inclinou até encostar os lábios nos meus. Deixei a mão rolar até sua nuca e ajudei a colar nossos lábios, minha boca se abrindo e minha língua se projetando para a dele. Ele abriu os lábios e os encaixou nos meus. Com um gemido, a boca sugou a minha e senti meu corpo inteiro estremecer.

Palmas foram ouvidas, mas achei ser parte dos sons celestiais que deveria ouvir ao beijar um anjo, um de verdade e não caído. Arthur passou a língua na minha e eu o puxei para que continuasse e as palmas se tornaram ferozes, uma risada estranha ecoando no fundo. Arthur parou e me olhou assustado, saltou para a parede me encarando com certo horror. Nunca imaginei ser repudiada desta forma, ele parecia sentir nojo de mim. Meus olhos estavam embaçados novamente e, quando comecei a me mover de forma rude, arrumando meus cabelos e a roupa, ele se ajoelhou e começou a vestir minhas sandálias.

— Caramba, porque diz que me ama para ficar assim comigo? Pensei que anjos não pudessem mentir! — Choraminguei.

Ele me olhou com desespero, selou os lábios nos meus fazendo ‘shiuuu’ devagarzinho, as palavras que ouvi foram ditas dentro da minha mente.

Pietro nos achou.

Capítulo 18



— Como ele nos achou? — Exclamei, meus olhos arregalados.

Arthur me olhou enviesado, terminando de arrumar minhas sandálias. Logo, vestiu um tênis que estava embaixo da cama. Seus gestos eram rápidos, não comuns a humanos, se movendo como um vulto de lá para cá, arrumando as coisas e pegando outras. Eu continuava sentada o observando, meu coração disparado enquanto tentava assimilar os segundos que se seguiram depois que ele anunciou a chegada de Pietro. Ele fechou uma janela e, depois, colocou uma madeira na frente da lareira fechando o buraco. Lembrei-me de quando Pietro me orientou a sempre manter as janelas e portas fechadas.

Ele não pode entrar se você fechar tudo? Perguntei em minha mente e vi Arthur confirmar, parecia não ter certeza disso. Ouvi novamente as palmas que antes pensei ser um coro celestial e uma risada fria e cortante passou como um vento fino em meus ouvidos. Estremeci e vi Arthur parar entre o sofá e eu, seus olhos opacos naquele tom verde de quando ele fica preocupado. Abri os lábios para falar enquanto me movia para ir até ele, mas senti de repente o peso de Arthur sobre mim e a mão tampando minha boca.

Fique quieta.

Onde? Onde ele está? Pensei, sabendo que Arthur iria ouvir. Eu devia ter liberado minha mente já que ele conseguia falar dentro dela.

Arthur fez um gesto negativo com a cabeça para que eu ficasse quieta e obedeci. Sentia meu coração disparado e uma vontade louca de correr até o lado de fora para fazer com que Pietro confessasse que era tudo brincadeira. Um nó se formou em minha garganta enquanto imaginava se ele teria visto que beijei Arthur por vontade própria, uma culpa cortante se instalava em meu coração, junto com a raiva. Arthur baixou os olhos que estavam semicerrados, seus lábios numa linha fina. A princípio, pensei que ele estava bravo com a chegada de Pietro, mas havia muito mais escondido naquele olhar, ele parecia desolado. Não tive tempo para analisar ou me desculpar, pois a voz de Pietro rasgou o silêncio como um trovão, me fazendo pular assustada.

— Criança. — Arthur permaneceu sobre mim, saindo lentamente conforme

olhávamos na direção em que Pietro estava. — Realmente, você foi feita para derrubar reis, rainhas e... — Ele pausou, parecendo se divertir com aquelas palavras. — Anjos. — Endureceu o cenho e deu um passo na direção da cama. Ele estava entre a cama e o sofá. Cerca de três passos nos separavam, eu podia sentir o perfume árido que vinha de seu corpo.

— Do que você está falando? — Sibilei entre os dentes, mais por estar tremendo do que por estar nervosa. A presença dele me assustava, mas também trazia lembranças e saudade, uma saudade dolorida. Novamente, Pietro riu e Arthur se levantou, colocando-se entre nós.

— Meu velho amigo finalmente mostrando sua verdadeira face. — Disse, percebendo que Arthur aparentava o meu antigo professor Antônio e depois me olhou. — Sabe o que este beijo *mixuruca* significa para ele? — Pietro questionou-me. O tom ofensivo não deixou sua voz. Eu neguei lentamente, condenando-me por ele ter presenciado o beijo, porém Pietro continuou falando mesmo com os protestos de Arthur. — Que ele finalmente... — fez um gesto teatral de queda, deixando a mão que estava apontada para Arthur cair na lateral de seu corpo e falou num tom dramaticamente teatral. — Caiu.

Estremeci e olhei para as costas de Arthur, ele estava com o tronco rígido, parecia a ponto de voar sobre Pietro.

— Eu fiz isso? — Sussurrei, sentindo nojo de mim mesma. Não podia gostar apenas de um cara? Tinha que gostar de dois e ainda desgraçar um deles?

— Não, Suzanna. — Arthur sussurrou sem me olhar, a voz distante e fria. — Eu quis.

Pietro bateu palmas, o som ricocheteou pelas paredes de madeira da cabana com ecos, dando a impressão de a sala estar repleta de pessoas.

— Ficou tanto tempo lá em cima e se esqueceu de explicar as regras para a menina? — Ele estalou a língua em negativa. — Muito feio. Queria culpá-la, caso não conseguisse aguentar, não foi meu irmão?

— Não houve tempo. — Arthur se calou, ergueu os olhos e avançou na direção de Pietro. — Era isso que você queria? Este era seu plano? Você sabia que eu iria intervir, iria tentar protegê-la de você! — Ele apontava o dedo no rosto de Pietro enquanto avançava. — Você queria que eu caísse!

Pietro riu e não saiu do lugar. Quando percebi que eles iriam brigar, levantei-me e corri até eles, mas me choquei contra algo invisível, a mão de Pietro estava estendida para mim e me senti empurrada até a parede lateral da cama.

— Fique aí! — Ordenou. Nos olhos parecia haver preocupação, mas logo sumiu, dando vazão ao deboche.

Tentei puxar o ar, mas não vinha. Chamei Arthur, que me olhou de lado e empurrou a mão de Pietro com força, o campo invisível se desfez e consegui

respirar, caindo sobre meus joelhos.

— Você é louco? — Questionei. De alguma forma, eu sabia que aquela força vinha de Pietro.

Não houve resposta, os dois se chocaram. Arthur golpeou Pietro no nariz, ouvi o *crac* de ossos se quebrando e me encolhi no vão entre a cama e a parede. Pietro revidou, socando o queixo de Arthur debaixo para cima. Ele rapidamente endireitou o tronco e logo deu outro soco no baço de Pietro que se curvou para frente, levando a mão ao local. Ele riu e girou o corpo, elevando a perna até chutar o rosto de Arthur com um golpe preciso de karatê.

— Você nunca aprende. — Disse Pietro por sobre o fôlego. Arthur cambaleava para perto do sofá e logo se recompôs, uma luz fraca começou a se formar no centro de sua mão e, com um gesto rápido, o raio prateado passou pela lateral do rosto de Pietro, deixando um corte na bochecha direita dele. Se não tivesse desviado, teria acertado o coração do anjo.

— Não! — Gritei assustada.

— Engano seu, eu aprendo rápido! — Arthur lançou outro raio na direção de Pietro.

— Pietro! — Gritei mais uma vez, levando a mão aos lábios. Ele sorriu e fez uma reverência para Arthur, desviando antes de ser atingido.

— É por mim que ela sempre vai chamar. — Disse assim que se ajeitou.

Aquilo cortou meu coração como um golpe. A expressão de Arthur era de pura dor e eu sabia que não era pelos machucados que sangravam em seu rosto. Quis desesperadamente retirar o que eu disse e, na tentativa de fazer algo, levantei-me e corri até eles enquanto falava.

— Eu nunca mais vou chamar por você! Nunca mais, entendeu? — Quase não consegui terminar a frase, aquela força de antes me atingiu no peito e cai de costas contra o piso, não havia ar por mais que eu tentasse respirar.

Ouvi quando Arthur gritou e logo uma luz forte começou a surgir das roupas e do rosto dele. Precisei fechar os olhos e desviar o rosto tamanha intensidade, a cabana logo refletia luz para todos os lados e, mesmo com os olhos fechados, a claridade passou por minhas pálpebras.

Pietro gemeu e me senti liberta daquele campo de força. Respirei desesperada, engatinhando na direção da cama com a mão na garganta como se fosse me ajudar a encontrar oxigênio. Sentia-me cada vez mais fraca, fui me deitando no chão, aflita, buscando ar, estava prestes a desmaiar, mas ainda consegui ouvir um barulho forte como de algo se partindo e logo tudo se silenciou. A escuridão foi se apresentando lentamente.

— Arthur? — Sentei-me sobressaltada, sentia o corpo todo dolorido e uma dor

de cabeça terrível. Olhei em volta me recordando de tudo e me encolhi na cama, procurando por Pietro, mas eu nada via, estava tudo embaçado.

— Aqui. — Arthur sussurrou e logo as mãos estavam segurando as minhas. — Desculpe-me, a sensação ruim passa em alguns minutos. Você está bem?

— Não estou enxergando direito, mas estou bem... E você? — Tateei o braço dele até chegar ao rosto que agora me era muito mais familiar, desenhei a barba mal feita sentindo frio no estômago e medo ao mesmo tempo.

— Logo melhora — disse. — Estou bem. Pietro fugiu.

Respirei fundo, piscando algumas vezes e me sentindo enjoada.

— Desmaiei?

— Por algumas horas. — Afirmou.

Arthur parecia cansado e não disse mais nada, a respiração carregada chegava até meus lábios cada vez que ele soltava o ar. Ele tocou meu rosto com a ponta dos dedos e passou o polegar em meus olhos.

— Você era a luz que eu vi?

— Sim. Um anjo em toda sua glória sempre brilha daquela forma, às vezes mais. Se acontecer de novo, evite olhar porque pode cegar ou matar você. — Explicou.

Eu continuava trêmula e o coração batia tão forte que conseguia senti-lo na garganta. Logo, meus olhos melhoraram e distingi o rosto do anjo cada vez melhor.

— Para onde ele foi? Não é melhor sairmos daqui? — De repente, o medo se instalou em mim, não entendia como podíamos estar no mesmo lugar ainda. Meu corpo começou a tremer visivelmente.

— Ele vai demorar a voltar, peguei-o de surpresa usando minha forma angelical. Da próxima vez, talvez não tenhamos tanta sorte, mas temos algum tempo ainda, talvez dias.

Eu não entendi nada, mas resolvi aceitar o que ele disse, minha cabeça doía e sentia meu corpo mole. Minha visão estava normal de novo e vi que Arthur tinha olheiras profundas e vários cortes no rosto com sangue seco, fora alguns hematomas que estavam escuros e roxos.

— Como ele pôde fazer isso com você?

Fiz Arthur sentar na cama e me levantei, peguei a toalha de rosto que estava pendurada no banheiro, era branca e felpuda. Molhei a ponta e fui até ele me colocando entre suas pernas para limpar as feridas. Ele respondeu sério.

— Ele me socou, mas não foi nada. Ai. — Reclamou fazendo uma careta.

— Tem certeza de que podemos ficar aqui? — Minha mão tremia enquanto limpava outro corte.

— Tenho, mas sairemos assim que me recuperar... Suzie...

Encarei os olhos dele, estavam inexpressivos. Ele tocou minha cintura com

suavidade e me puxou para mais perto, eu sentia um novo tremor, mas não era de medo, ansiedade talvez.

— Pode falar. — Desviei o olhar, agora limpando um corte no canto da boca, o que me fez recordar que o fiz cair com um simples beijo. Apertei os lábios com a lembrança, sentindo a culpa marejar meus olhos.

— Não sou um caído — disse ele, o encarei sem entender. — Veja. — Uma luz fraca começou a brotar no centro das mãos de Arthur que agora estavam estendidas à minha frente, ele fechou as palmas e sorriu de lado. — Pensei muito enquanto você estava desmaiada... E um caído não possui luz alguma.

— Então o... Não... Você ainda é um... — Não conseguia formar a pergunta, respirei fundo e ele beijou meus lábios.

— Não cai. Acho que é preciso mais que um beijo para derrubar um anjo.

Afastei meus lábios dos dele e o encarei, voltando a limpar os machucados que começavam a sumir sozinhos.

— Você se cura sozinho... — Recordei, mas logo emendei o que queria falar. — Então, não vamos mais fazer isto, não quero que caia. Não quero que se torne como ele. Mal. Você não é mal, *Pierre*. — Completei.

Arthur apertou os lábios e segurou meu rosto entre as mãos, não notei que havia lágrimas em meus olhos até ele limpá-las.

— Eu me curo mais rápido do que os humanos. — Explicou com a voz doce, carregada de tristeza e compreensão. — Não faremos mais. — Disse, sem mais nenhuma explicação ou argumento.

Por um momento, ponderei sobre a situação. Eu amava duas pessoas, dois anjos e de formas completamente diferentes. Pietro pela lembrança do que vivemos no jardim vizinho a casa de meus avós, aquele rapaz misterioso que parecia um sonho. Romântico e carinhoso, que deu meu primeiro beijo. Arfei de repente e encarei Arthur, atônita.

— Ele também não podia me beijar, por quê?

Arthur franziu o cenho e logo entendeu a pergunta. Ele me sentou na cama e se levantou, tirando a camiseta suja de sangue e vestindo outra. Tentei não olhar os músculos do braço, do tórax ou do abdômen, era perfeito e desconcertante. Desviei o olhar quando ele sentou ao meu lado quase recuperado dos machucados.

— Ele pode o que ele quiser, ele já caiu...

— Mas, ele disse que não podia me beijar.

Arthur colocou a mão em meu rosto e suspirou.

— Um anjo nunca deve beijar um humano, sobretudo se for seu primeiro beijo. Pietro, apesar de ser um demônio, tem algumas regras próprias que ele segue. Algumas que ele não largou mesmo quando caiu. — Franzi o cenho sem entender e ele continuou. — Ele nunca é o primeiro beijo de uma garota, por mais que ele

queira ficar com ela.

— Mas, ele foi. — Confirmei.

— Ele está agindo diferente desta vez. — A voz de Arthur ganhou um tom sombrio que encerrava o assunto.

Horas mais tarde, depois de nos alimentarmos e dormirmos um pouco, Arthur e eu estávamos a caminho do tal local secreto que ele informou ser um anexo do Segundo Éden. Ele preferiu que andássemos, alegando que usar seus poderes atrairia Pietro. Já estava sentindo dores nas batatas das pernas e caminhava alguns passos atrás dele que avançava pela floresta densa com uma rapidez incomum.

— Suzie, você precisa se lembrar de que é uma nefilim. Você é mais forte do que isso. — Disse irritado.

Era a terceira vez que ele mencionava o fato de eu ser nefilim e ser mais forte.

— Se você souber como faço para as minhas pernas obedecerem, só porque sou a porcaria de uma nefilim, não se esqueça de me avisar. — Alfinetei.

Depois da visita de Pietro e dele quase perder suas asas, notei que Arthur ficava cada vez mais distante, tratando-me com aquela frieza de quando o conheci na escola, o que não me agradava em nada. E, cada vez que ele era rude ou me olhava com raiva, eu me sentia encolhendo, como um estorvo, apenas um peso morto que ele precisava carregar e cuidar para que um demônio não pegasse primeiro. Ele havia me explicado que ser um anjo caído era quase a mesma coisa que ser um demônio, já que ambos obedeciam ao mesmo lado e não seguiam as regras estabelecidas por Deus. Eram maus por natureza, no caso dos caídos, maus por terem cometido algum delito grave que os fizeram cair ou por simplesmente terem escolhido cair. Revelou que, na grande maioria, a queda estava ligada aos sete pecados capitais.

Arthur, como da primeira vez que respondi da mesma forma, ignorou meu mau humor, avançando com um pouco mais de rapidez. Pensei em Pietro e na forma que ele me envolvia e me fazia desejá-lo como se ter meu corpo junto ao dele fosse a coisa mais importante do mundo, apenas a lembrança me fez arder num desejo errado. Senti nojo de mim mesma e afastei as lembranças de quando ele tocou meu seio com uma das mãos e quase me tomou como mulher.

Ouvi a respiração de Arthur se alterar e vi que ele subia em um rochedo. Parecia ter dificuldades e me imaginei tentando fazer o mesmo, mas sabia que com as sandálias brancas que ganhei de Victoria, não conseguiria. A pedra parecia escorregadia e não tinha espaço para apoiar as mãos. Arthur parou onde estava, quase na metade do caminho e saltou para baixo, vindo ao meu encontro. Deu-me as costas e fez um sinal para que eu subisse.

Constrangida, obedeci. Ele firmou minhas pernas em sua cintura e me fez segurar em seu pescoço. Com um salto rápido, ele começou a escalar a parede

rochosa de cerca de dez metros de altura. Eu sentia que a qualquer momento iríamos cair, agarrei-me ao seu pescoço e apertei meus olhos, porém logo abri. A forma como o corpo dele balançava me deixava com náusea e a sensação de queda me apavorava.

Arthur parecia sempre estar preocupado em cuidar de mim, não tentou me tocar da mesma forma que Pietro. Ao contrário, havia um respeito doentio vindo dele. Às vezes que nos beijamos, eu havia dado o primeiro passo e não ele, e, quando o beijo aconteceu de verdade, eu tinha dito que permitia. Será que havia algum pecado capital num amor como este? Não havia luxúria, ou inveja, apenas amor puro e honesto. Suspirei, afastando o pensamento, pois nunca entenderia a cabeça de nenhum deles. Muito menos a minha.

Agarrei-me a ele quando ele se moveu rapidamente, saltando para cima. Estávamos agora em um vasto campo, a grama verde aparada e úmida com gotículas de água como se tivesse chovido recentemente, mas eu sabia que não tinha chovido. O anjo me colocou lentamente no chão, virou-se para mim com uma expressão estranha nos olhos, beijou minha testa e segurou minha mão. Ele tinha que se decidir se ia me tratar mal ou bem. Sem reclamar, entrelacei os dedos aos dele e o segui. Minhas pernas ainda doíam e cheguei a tropeçar, pois não me obedeceram. Ele me apoiou e, com um olhar irritado, colocou-me de pé.

— Desculpe. — Balbuciei.

Ele ignorou, voltando a andar cada vez mais rápido.

Havia outra floresta mais à frente, as árvores unidas, copas altas e enormes, troncos grossos como os da árvore na casa dos meus vizinhos. Conforme avançávamos, conseguia distinguir um caminho entre elas, parecia uma estrada de terra. Outro cheiro me invadiu quando passamos pelas árvores, mas não consegui distinguir, mofo talvez, que fez meus olhos arderem. O caminho não era largo, dava para passar uma pessoa de cada vez. Arthur me deixou às suas costas, precisando assim largar a minha mão. Tentei não parecer uma menininha frágil e assustada, prestando atenção em cada local que ele pisava para não cair ou tropeçar novamente.

Avançávamos com rapidez. Pouco mais de uma hora depois, eu não sentia mais as minhas pernas, nem incomodavam e nem doíam, apenas não as sentia.

— Estamos chegando. — Avisou. Sua voz continuou fria.

— Por que está me tratando assim? — Perguntei pela décima vez desde que saímos da casa dele.

Pensei que seria ignorada novamente, mas Arthur parou de andar e me encarou. Parei também, meu coração disparado de repente pela surpresa, mas firmei meu olhar no dele.

— É assim que devo te tratar. — Deu-me as costas e voltou a avançar pela

floresta.

— *É assim que devo te tratar.* — Imittei atrás dele, fazendo caretas.

Eu sabia que ele tinha ouvido, mas ignorou. Eu preferia o Arthur de antes, não antes na escola, mas o do meio. Argh! O que me beijou. Suspirei, ajeitando meu vestido que já não era mais tão branco, tinha manchas marrons e um rasgo na lateral por causa da queda na casa de Arthur.

— Pietro é mais poderoso que você?

Eu não podia simplesmente ficar em silêncio? Precisava fazer perguntas o tempo todo? Arthur encolheu os ombros e me olhou, não consegui definir se estava irritado ou achando graça.

— Não, ele não é.

— Então porque estamos fugindo dele?

Porque não posso deixa-lo machucar você. Ouvi-o em meus pensamentos, mas, em voz alta, ele disse: — Por que me mandaram te levar ao anexo, é minha obrigação.

— O quê? — Como ele tinha falado em minha mente e respondido ao mesmo tempo? Arthur precisava de um psicólogo com urgência.

— Você ouviu. — Ele disse. Mas, não soube se ele queria dizer sobre o que disse em voz alta ou em minha mente.

Capítulo 19



— Obrigação? Você pode me deixar bem aqui se você quiser, eu te desobriço a fazer qualquer coisa por mim! — Falei.

Estava no meu limite. Não sabia mais o que esperar de Arthur. Eu já me sentia mal o suficiente por ter desencadeado uma briga entre anjos e dois que eram amigos antigamente, não precisava dele me cutucando o tempo todo como se eu fosse a pior pessoa para se estar perto.

Arthur se virou. Um sorriso brincando no canto dos lábios dele, um olhar debochado surgindo em sua expressão. Ele se aproximou e lentamente tocou meu rosto como se calculasse cada um de seus movimentos.

— Suzie, você vai onde *eu* te levar e *sem* reclamar. Vai me obedecer porque se eu te deixar sozinha, você não vai sobreviver por muito tempo. Você não sabe se virar. — A acidez na voz dele me surpreendeu e me vi dando um passo pequeno para trás. Ele envolveu minha cintura e me prendeu ao corpo. — É assim que você gosta não é? Um pouco de corpo a corpo. Assim, você corresponde melhor. — Ele deslizou os lábios pelo meu rosto me fazendo arfar e logo sugou a ponta da minha orelha e soltei um gemido de surpresa. Fiquei furiosa com a insinuação, minhas pernas tremiam, mas tive força para empurrá-lo e ele se afastou sem protestos e resmungou. — Ande.

Foi a única palavra que me disse e logo avançava cada vez mais para dentro da floresta. Eu queria gritar com ele, mostrar que não precisava agir como um idiota para ter a minha atenção, ele já a tinha por ser exatamente o oposto de Pietro. Eu sentia o cansaço e as dores físicas pelos machucados que Pietro me causou quando me lançou contra a parede, misturados à vontade de espernear e chorar.

Devia estar com o rosto vermelho, as bochechas inchadas e os olhos cheios d'água, sabia que estava bicuda, só que me contive e não expressei nenhuma reação ao que ele tinha feito. Momentos depois, senti outro cheiro parecido com suco de uva. Meu estômago também sentiu e seguiu reclamando até chegarmos ao tal anexo. O lugar parecia comum, era outra cabana no meio da floresta, mas estava do outro lado de um portão alto de ferro escuro. O portão estava coberto de musgo e ervas daninhas, o terreno parecia completamente abandonado.

— É aqui? — Duvidei.

Era difícil imaginar que Deus teria um lugar tão maltratado assim aos cuidados do bem, mas o cheiro de suco de uva me fazia lembrar do primeiro milagre de Cristo relatado na Bíblia que fora transformar água em vinho.

Arthur não respondeu, ajoelhou diante do portão, a calça branca que ele usava ficando ainda mais suja agora com a terra vermelha. Ele traçou desenhos no chão e sussurrou algo que não consegui ouvir. O silêncio predominou por mais alguns minutos, o anjo balançou a cabeça, desenhou algo novo que parecia um pássaro, balbuciou e colocou os lábios nos joelhos como se estivesse orando, mas nada aconteceu e eu estava ficando bem impaciente. Tinha andado até aqui, estava totalmente dolorida e chateada para ele ficar orando para um maldito portão abrir.

— Por que não abre?

Arthur virou o rosto e me encarou irritado. Fechei a boca no mesmo segundo. Ele se levantou e olhou em volta, pegou minha mão, fazendo-me andar com ele. Seu punho estava fechado com força e puxei o braço para ele me soltar.

— Suzanna! — Reclamou, mas subitamente parou de andar. À nossa frente, havia uma plantação de uvas roxas e de tamanho médio, mas estava abandonada como o resto do local. Um cacho pendia como se tivesse sido arrancado, mas não o suficiente para se soltar da vinha. Arthur foi até lá, retirou o cacho delicadamente, examinou-o e se voltou para mim com um ar pensativo. Ajoelhou-se no chão e tocou o solo, a água começou a brotar entre a terra e as folhas secas. Ele segurou um punhado na mão e lavou as uvas. Fiquei boquiaberta olhando a cena e, como se não houvesse nada ali, a terra secou. O anjo levantou-se estendendo o cacho de uvas para mim.

— Coma.

— Como você fez aquilo? — Peguei as uvas nas mãos e estavam frescas e parecendo novas, levei uma aos lábios. — Meu Deus! — Exclamei, a uva era a mais deliciosa que já experimentei em toda minha vida, estiquei para ele que negou e voltou a andar.

— A natureza nos obedece, é simples. — Respondeu.

Dei de ombros, entretida com as uvas. Estava faminta e elas me faziam sentir revigorada. Eu sabia que eram apenas uvas, mas ele havia lavado as frutas para mim. Arthur estava cauteloso, mas não com raiva de mim, se não, ele não teria lavado as uvas. Eu acho.

— Este local é sempre assim, meio abandonado? — Perguntei depois de engolir.

— Nunca. A entrada do vinhedo está fechada, não tem como irmos por lá.

— Reparei no portão. — Afirmei.

Arthur não demonstrou interesse no que eu dizia, novamente estávamos à frente

do portão de ferro e ele repetiu o processo de se ajoelhar, desenhar, orar e nada acontecer. Eu me sentei no chão próximo a ele, terminando de degustar aquela maravilha. Quando terminei, ele já havia desenhado uns três pássaros em locais diferentes e o portão continuava intacto. Levantei-me, deixando os galinhos do cacho de uva num amontoado de folhas e caminhei até o portão.

— Porque não abre? — Novamente ele não respondeu, estava concentrado e com a fisionomia preocupada. Usei todas as minhas forças e empurrei o portão que se abriu lentamente, fazendo um som enferrujado que agrediu nossos ouvidos. Dei alguns passos entrando no local, meus pés afundando nas folhas amontoadas e secas. Ouvi Arthur fazer um som de espanto atrás de mim e logo senti as suas mãos segurando minha cintura e me puxando para trás.

— Tem algo errado. — Afirmou quando percebeu que eu estava tentando me soltar. A frase me fez olhar para o portão e ficar quieta.

— O que acha que tem de errado?

— Não devia estar destrancado.

— Estamos no lugar certo?

— Claro que sim. — Falou, sentindo-se insultado — Suzanna, por favor, me obedeça. — Ele me encarou, o olhar acinzentado e visivelmente assustado. Assenti com a cabeça para tranquilizá-lo. — Ninguém a não ser o Anjo Guardião deste Nefilim poderá vê-lo, que ele seja oculto a qualquer ser. — Disse.

— *Meu anjo guardião?* — O olhar dele se tornou inquieto e ele fez que sim.

— Não saia daqui, não respire alto, não se mexa. Se alguém aparecer, *brinque* de estátua. Ninguém além de mim pode ver você, mas, se fizer barulho, poderão ouvi-la. Entendeu, Suzanna?

— Entendi. — Falei o mais baixo que pude. Eu tinha muitas perguntas como sempre, mas estava assustada demais para fazê-las. Como assim, ele conseguia me tornar invisível? Muito esquisito.

— Ótimo. Eu volto. — Prometeu.

— Arthur. — Ele se virou para mim e eu continuei sabendo que ele ouviria meus pensamentos *E se a pessoa vier fingindo ser você? E se não for você?* Lembrei-me de Pietro usar os olhos e algumas características físicas de Arthur para me confundir e, de repente, imaginei que ele pudesse criar uma cópia exata de Arthur para me confundir. Ele respondeu também em minha mente.

Nosso código secreto. Ele estendeu um pequeno girassol

Não sei de onde ele arranjou aquela flor, pois não havia nenhuma por ali, apenas folhas secas, lama e árvores. Segurei a flor pelo caule e levei ao nariz, o perfume era forte e vivo, e me senti menos sozinha com aquele gesto simples.

Não respire alto, eu já volto. Prometeu novamente.

Observei enquanto Arthur se afastava, ele tinha dito que não era mais meu

guardião, mas aquela frase me fez saber que ele mentiu. Só queria entender o motivo para omitir esta informação. Ignorei as questões dentro de mim, pois estava bem no meio do caminho entre o portão e a estrada que saía da floresta, pensei em me mover e ficar mais encostada no muro também coberto de musgo e ervas daninhas, mas estava olhando para Arthur e, de repente, ele sumiu diante dos meus olhos. Se ele podia ficar invisível, com certeza outros anjos ou demônios conseguiriam também, eu podia estar cercada deles agora e nem saber. Minha respiração começou a ficar pesada e apertei meus olhos, concentrando-me no perfume da flor. Lembrei imediatamente de fechar meus pensamentos, pois podia controlar a respiração, não me mover mais e, ainda assim, sabia que não conseguiria parar de pensar e, se tivesse alguém aqui, poderia ser guiado até mim pelos meus pensamentos, ou pior, descobrir que Arthur estava lá dentro totalmente sozinho.

O silêncio começou a me perturbar, meu coração batia forte todas às vezes que o vento levava as folhas secas para longe ou para perto de mim. O lugar parecia um terreno baldio sem qualquer sinal de animais ou humanos, não ouvia pássaros de nenhum tipo também, apenas o farfalhar das árvores e o vento fino que passava por mim. Abracei a mim mesma, tentando ficar o mais imóvel possível, pedindo a Deus que mantivesse Pierre a salvo. Não sabia se ele entenderia se chamasse Arthur de Arthur em minhas orações.

Olhei para a cabana de madeira, estava castigada e com manchas de chuva do lado de fora, a madeira desgastada. Tinha apenas uma janela, mas refletia o céu não deixando enxergar meu anjo dentro da casa. No telhado, a chaminé soltava uma fumaça branca e límpida, o que me fez ter um novo tremor. Se tinha fumaça, é porque havia alguém lá dentro que poderia machucar Arthur.

Meu coração disparou de novo e respirei com calma para fazê-lo bater mais baixo, queria ter alguma forma de avisá-lo, mas eu não podia sair do lugar e uma simples humana não teria muito como ajudar um anjo.

Ao meu redor, procurei por perigos e tudo parecia demasiadamente assustador. Entre as árvores, tinha uma sombra bruxuleante que ia e vinha conforme as nuvens tampavam a claridade do sol e, mais à minha esquerda, um arbusto onde uma pessoa conseguiria se esconder com facilidade. Algo se moveu e preendi o ar, emitindo um gritinho baixo de terror. O vento soprou forte e fez rolar um agrupado de folhas, respirei aliviada me condenando por estar tão assustada, mas um sussurro, que fez minha espinha se arrepiar até o couro cabeludo, me garantindo que eu não estava totalmente maluca.

— Suzanna? — Tapei minha boca para não gritar. — Suzaninha?

A voz era masculina e melodiosa, mas não consegui identificá-la, era quase uma carícia em meus ouvidos me pedindo para me apresentar. Ele chamou de novo, o eco vinha por todos os lados, não tive certeza de para onde deveria olhar. Senti um

novo arrepio e a voz soou leve novamente, um pássaro voou saindo das árvores e pousou sobre o telhado da casa, era preto e assustador. Fiquei olhando o animal, tendo a impressão de que era alguém que me vigiava.

Arthur! Chamei em pensamento, não tinha ideia se ele seria capaz de ouvir com meus pensamentos fechados.

De repente, alguém se materializou a dois passos de mim, o susto me fez recuar um passo e as folhas abaixo dos meus pés chiaram. O homem se virou para onde eu estava. Ele via através de mim, pois apertou os olhos, desconfiado, e inclinou a cabeça para o lado como se examinasse algo.

— Suzanna? — Chamou naquele tom doce e penetrante. Eu nunca o tinha visto, ele era maduro e esguio, traços masculinos muito marcantes que me lembravam do pai de alguém, um homem mais velho e trabalhador, mas eu sabia que era um anjo, as asas estavam encolhidas sobre a jaqueta jeans que ele usava, mas eram num tom marrom avermelhado quase como terra vermelha. Ele vestia jeans surrados e tinha o corpo esculpido e em forma, pois estava sem camiseta por debaixo da jaqueta, exibindo o abdômen perfeito. Ele deu um passo na minha direção e segurei a respiração sem me mover. Ele olhou para baixo, para as folhas e segui o olhar, imaginando se ele podia ver meus pés.

A criatura riu e senti meus ossos tremerem. A risada preencheu o silêncio como se houvesse pelo menos dez homens ali e, de repente, o silêncio prevaleceu novamente como se ele pudesse recolher os sons e guardá-los consigo. Senti meu medo triplicar e tive vontade de gritar por Arthur, mas me mantive quieta.

— Eu sei onde você está nefilim, a proteção do guardião não me cega, mas vou deixar você escolher. — Ele bagunçou seus cabelos loiros e olhou para o alto de forma pensativa. Eu não conseguia tirar os olhos dele, era tão belo quanto Pietro, mas muito mais assustador. — Você pode se entregar e salvar a vida inútil do guardião ou pode vir comigo à força e minhas crianças cuidarão dele.

Crianças? Indaguei em meus pensamentos. Ele continuou após meio minuto.

— Não tem como protegê-lo a não ser desta forma, Nefilim. Venha até mim.

Proteger do quê? Quis perguntar, mas continuei quieta, apenas minhas pernas tremendo pelo nervosismo.

Como se me ouvisse, ele abriu os braços e fez um sinal positivo com o polegar direito. Eu não consegui acreditar no que via. Meninas e garotos que aparentavam cerca de treze anos começaram a se materializar, rostos diversos, loiros, ruivos, negros, índios, crianças de todas as raças, mas que tinham duas coisas em comum: olhos vermelhos como sangue e um sorriso maligno.

Um se materializou quase em cima de mim, tinha a cabeça raspada e estava de costas. Movi-me um milímetro para que ele não se encostasse a mim, mas me arrependi imediatamente, as orelhas eram pontudas e ficaram em pé como se

pudesse ouvir o menor dos sons. Ele girou rapidamente e me encarou, eu sabia que não me via e mesmo assim quis correr. O cheiro do bafo podre fez meu estômago embrulhar e quase devolvi as uvas a terra. O menino passou a língua nos lábios, mantendo o sorriso estranho, mostrando fileira de dentes pontiagudos e esticou o pescoço cheirando o ar.

— Já escolheu, Suzaninha? — O homem manifestou-se, fazendo com que eu desviasse os olhos do menino para ele.

Como ele sabia meu nome e meu apelido? Ponderei por pouco tempo a questão já que o garoto perto de mim deu um passo longo na minha direção, mas ele seguiu em diagonal e não me tocou. O susto me fez puxar o ar e as orelhas pontudas abanaram de novo, um sorriso divertido surgindo nos lábios da criança.

— Algo? — Perguntou o anjo.

O menino sibilou entre os dentes, baba caindo pelo canto do lábio quando ele tentou falar, percebi também que todos tinham uma corcunda alta nas costas e todos possuíam orelhas pontudas como a do que estava perto de mim. O cheiro de podre ficava mais intenso cada vez que eu respirava. Enxofre também estava presente no ar e um calor começava a roçar as solas dos meus pés.

— Oh sim... Sei que ela está aí. — Disse o homem. — Nós sabíamos que eles a mandariam para cá, eles são tão previsíveis.

Ele falava e apontava para o céu.

— Então, viemos antes, matamos o guardião e este território agora é de nosso domínio. — Explicou.

Ele parecia estar ganhando tempo para Arthur sair ou porque não sabia de verdade onde eu estava. Lembrei-me do que Arthur dissera que eu era mais forte por ser Nefilim e que, talvez, tivesse herdado algum poder do meu pai. Condenei-me por não ter aprendido nada sobre minhas possíveis habilidades e nem sobre qual era o poder dele.

O menino transfigurou-se e vi a face que antes era lisa e branca tomar um tom avermelhado de carne sem pele e o cheiro pútrido ficou ainda mais forte. Ele parecia um demônio saído da Bíblia que meus avós sempre liam para mim. Engoli o grito que se formou nos meus lábios quando ele me encarou diretamente nos olhos. Meu coração disparou de tal forma que eu o conseguia ouvir em alto e bom som, aquelas orelhas nojentas se mexeram de novo e o demônio riu.

— Aqui. — Sibilou, cuspiendo saliva quente na minha pele. Passei a mão sobre a pele que estava vermelha como uma queimadura de ferro quente, o menino permaneceu me encarando e o anjo começou a vir na minha direção. Lembrei-me de Arthur mandando eu não me mover, mas o anjo era enorme e parecia poder passar por cima de mim como um trator. Pensei nas vezes em que ele me irritou lembrando-me que eu era mais forte por ser Nefilim e fiz a primeira coisa que passou pela

minha mente.

Orei em pensamento, pedindo para que meus sons e meu cheiro fossem ocultados a qualquer ser exceto para Pierre, meu guardião. Quando abri meus olhos, o anjo havia parado parecendo confuso.

Ele me encarou diretamente nos olhos e gargalhou. A risada reverberou para todos os lados da floresta. O pássaro que estava sobre a casa voou, o som das asas batendo era forte e alto como a risada. Arrepiei-me por completo, tentava pensar em algo para fazer, algo que salvasse Arthur e a mim também. A ave pousou no ombro do anjo e também me encarou, eles pareciam mesmo estar me vendo.

— Arthur não vai sair da cabana — disse o anjo — não vivo.

Abri os lábios para protestar, meus olhos estavam cheios de lágrima, pensei em Pietro e o odiei por estar me fazendo passar por isso, colocando Arthur e a mim em perigo por causa de uma rixa.

— O que quer de mim? — Falei baixo, minha voz estava embargada.

O menino demônio sorriu, os olhos se dilatando, a íris se expandindo quando colocou os olhos em mim de novo.

— Sim... — Sibilou o homem. — Você acertou onde ela estava. — Uma risada demoníaca e baixa saiu da garganta do garoto. — Não, ainda não. — Disse ele e ergueu os olhos até encontrar os meus. — Suzanna, sabe que agora eu posso vê-la, não sabe?

Mordi meu lábio, ele tinha conseguido me enganar. Arthur com certeza ficaria zangado comigo por ter caído nessa.

— O que quer de mim? — Repeti agora com mais firmeza.

— Venha comigo e a levarei até Pietro.

O convite a ver Pietro deixou meu coração miúdo, a imagem dele sendo torturado ou ferido por essas coisas me fez apertar os olhos.

— Você o machucou? — Abri novamente os olhos.

— Claro que não... Mas, isso pode mudar se não vier conosco. — Explicou.

Fiquei confusa. Eles tinham Pietro e provavelmente Arthur também e eu precisava me entregar para salvar a ambos. Mas, por que me queriam? Por que pegariam Pietro se ele está do mesmo lado que eles? Duvidei que o anjo estivesse falando sério sobre machucar Pietro e me neguei.

— Não vou com você.

Ele inclinou a cabeça de lado me examinando.

— Escute.

Um grito de dor soou de dentro da casa. Não distingui se era a voz de Arthur, mas era masculina, fiquei horrorizada e olhei em súplica para o homem a minha frente.

— Pare... Não o machuque, por favor!

O grito foi recolhido do ar como ele fizera antes, como se pudesse roubar todos os sons para si.

— Então venha comigo, Suzanna.

Fiz o que achei que deveria. Corri em direção da casa. Os garotos que agora pareciam um exército de minidemônios sibilaram em uníssono enquanto abriam passagem para mim. Estranhei, mas não parei de correr. O portão de ferro ficando cada vez mais perto.

— Onde pensa que vai? — A ave falou. Uma fumaça preta se erguia onde ela batia as asas bem à minha frente. Eu parei e comecei a correr no sentido contrário, mas não tinha para onde ir, estava cercada pelos garotos. Estanquei e me virei para a ave que agora era um homem alto e negro. Tinha os cabelos raspados rente à cabeça, olhos grandes e totalmente brancos, nariz de batata e lábios inchados, seu corpo musculoso combinando com braços que poderiam facilmente ser maiores que minhas coxas, a mão estava fechada em punho e pendia nas laterais de seu corpo. Estava vestido todo de preto, com camisa de gola alta e mangas compridas, calça social preta e sapatos engraxados. O sorriso dele estava se tornando debochado depois de alguns segundos de análise mútua.

— Meu Deus, você é um urubu? — Perguntei aflita. Eu não estava salva nem de aves.

O sorriso do homem desapareceu, mas o outro riu se divertindo do que falei. O homem negro segurou uma das crianças-demônio, ergueu-a no ar e a lançou contra uma das árvores. Ela gemeu, caindo aos pés da árvore, se contorcendo de dor. Em seguida, desapareceu, deixando um buraco no tronco da árvore. Senti meu coração parar e disparar, ele era mais forte que Pietro e Arthur e poderia machucar Arthur com facilidade.

— Não precisava disso! — Reclamou seu amigo e já não ria mais.

— Não interessa o que sou, venha conosco por bem ou por mal.

Fiquei pensando porque não me pegaram à força, eles estavam em vantagem, com muita vantagem. Olhei na direção da cabana, não tinha nem sinal de Arthur. Olhei para o Urubu, estava assustada, mas não iria me render, não sem saber como estava Arthur.

— Ele está bem? — Apontei para a casa. O Urubu riu e assentiu uma vez. — Quero vê-lo.

— Você não está em condições de exigir nada. — Disse. — Venha logo.

Ele me deu as costas, impaciente.

— Peguem-na. — Disse o anjo.

Quando um dos garotos tentou me pegar, eu saltei. Senti a mão fervendo passar pela minha pele e queimar, mas continuei correndo, rezando para não tropeçar. Minhas pernas me levaram para a cabana. Quando passei pelos portões, senti uma

força estranha me envolvendo e o calor insuportável sumiu, só notei que estava suando e quente quando a brisa me atingiu fazendo minha pele arrepiar. Continuei correndo até que dei de cara com a porta da cabana.

— Arthur! — Tentei abrir, mas estava trancada.

— Ele já se foi Suzanna. — Ouvi a voz do anjo.

Acima da minha cabeça, o Urubu sobrevoava, as asas batiam fortes e com violência, mas o vento não afastava as folhas secas que estavam no cercado ou no chão. Aquilo não parecia fazer sentido, mas não havia tempo para minhas indagações. Segurei o trinco da porta e ela se abriu com violência, um homem alto com barba branca e olhos expressivos me puxou para dentro, batendo-a atrás de mim.

Meu grito ecoou pela cabana, mas não ouvi mais nada, o silêncio era assustador. Desvencilhei-me do estranho, chocando minhas costas contra a parede, ela estava iluminada com velas e um cheiro delicioso de bolo pairava no ar.

— Cadê o Arthur? — Perguntei por sobre a respiração.

— Ele ficará bem.

— Ficar bem? — Avancei sobre o homem o empurrando, ele recuou se defendendo dos meus socos. — O que você fez com ele? Aquelas coisas lá fora vão entrar, eu preciso tirá-lo daqui! Onde ele está? — Gritei. O homem segurou meus pulsos, me prendendo agora contra a parede.

— Quieta! — Ele me levou até o sofá e me fez sentar, não usava de violência, mas de uma autoridade assustadora. — Acalme-se, filha. Arthur foi atacado, mas ficará bem e os de fora não podem entrar aqui.

Ouvi barulho no telhado e me encolhi recordando do Urubu sinistro. Ouvia as telhas sendo removidas e estilhaçadas quando eram jogadas nas laterais da cabana.

— Meu Deus! Meu Deus! — Gemi, abraçando minhas pernas. — Eles vão me pegar!

Aquele homem olhou para o telhado, torceu os lábios e me pegou pelo pulso, colocando-me de pé.

— Venha.

— Eles podem entrar, não é?

Puxei a mão com força e o homem fez que sim, disparando para outro cômodo. Por dentro, ela parecia muito maior do que do lado de fora, mas não parei para analisar, seguindo-o apressadamente.

Capítulo 20



— Eles não podem tocar o solo, é sagrado... Mas, não pensei que estivessem preparados para vir por cima — explicou.

Apertei os lábios, tentando entender a informação. O que ele dizia me fazia lembrar aqueles filmes onde os maus não podem entrar em igrejas ou cemitérios. Mentalmente, perguntei-me se o lugar era sagrado, enquanto o seguia cada vez mais para dentro da casa que era enorme por dentro, completamente diferente do casebre abandonado do lado de fora.

Passamos por um corredor estreito, portas fechadas nos ladeavam, uma seguida da outra, todas iguais, pintadas de branco assim como a parede também. Ele as ignorava correndo e, vez ou outra, olhava para saber se o seguia. Não tinha motivo algum para confiar naquele homem, mas precisava desesperadamente saber de Arthur e ele era minha única opção. Seus passos pareciam não tocar o piso de madeira enquanto os meus ecoavam com pisadas duras contra o assoalho.

— Onde está Pierre? — Perguntei sem fôlego.

— Iremos até ele, senhorita Suzanna. Por favor, silencie-se.

A voz dele estava firme como se não estivesse correndo e num tom que colocava um ponto final às minhas perguntas. Queria saber quem era ele ou se era o tal guardião que disseram ter matado, mas não perguntei. Entramos em um quarto escuro no final do corredor, uma luz amarelada iluminava uma cama e um balde com água que estava ao lado. Pierre estava deitado nela, os olhos fechados, parecia perfeitamente bem a não ser pela respiração carregada e pela palidez mórbida de seu rosto. Corri até ele, segurando-lhe a mão e ajoelhando ao lado da cama.

— Arthur! O que aconteceu? — Perguntei com a voz trêmula.

O homem rodeou a cama, deu um tapinha no rosto dele e começou a puxá-lo, apoiando-o em seus ombros.

— Anjo, precisamos deixar o abrigo, levante-se! Esforce-se, Anjo! — Ordenou.

Pierre abriu os olhos e piscou duas vezes, seus lábios entreabertos e brancos. O homem de barba branca ergueu-o com facilidade, apoiou o tronco ao dele e começou a andar para fora do quarto, arrastando Arthur ao seu lado.

— O que ele tem?

— Foi atacado, mas logo ficará saudável.

— Atacado por quem?

— Não fale, *eles* podem ouvir — disse taxativo.

Saímos pela mesma porta que adentramos, mas o corredor parecia diferente, tinha uma luz mais fraca e amarelada como se estivesse iluminado por velas, havia quadros nas paredes que antes eram lisas e, agora, não encontrei nenhuma porta. Franzi o cenho sem entender e já ia perguntar algo quando o homem me olhou, com expressão dura como se soubesse que eu iria questioná-lo. Fiz sinal de zíper nos lábios e ele continuou seu caminho.

Arthur começava a pisar ainda titubeante, mas pelo menos estava respondendo e não sendo arrastado. Eu estava preocupada com os sons que vinham acima de nós de telhas arrastadas e o *crac* do material se despedaçando. Conseguia imaginar aquele *urubu* ajoelhado sobre elas e lançando-as para longe da casa.

O que era aquela coisa? Arrepiei-me por completo ao recordar dos olhos totalmente brancos e das crianças que viraram demônios de repente. Lembrei-me de quando estava no Segundo Éden e a garotinha explicou sobre a ilusão que fez imitando uma criança para que eu a recebesse bem. Pelo visto os demônios também podiam camuflar sua fisionomia. Não era nada agradável saber disso, um deles podia ser qualquer pessoa que eu conhecesse, começava a não saber em quem confiar. Um grito, seguido de uma risada sinistra, ecoou dentro da casa, despertando-me dos pensamentos. O senhor de barba branca me olhou assustado, tocou minhas costas e guiou-me para correr na frente dele.

— Suzie... — Balbuciou Arthur quando me viu.

Meu coração disparou esperançoso e sorri para ele, abri a boca para falar, mas o homem fez sinal para que eu seguisse em frente e ficasse quieta. Continuei apressada, o corredor parecia nunca ter fim. Ouvimos outro grito, agora mais agudo e infantil, a risada seguiu o grito e estava mais perto de nós. Quis perguntar o que era aquilo, mas ele não iria responder, então, preferi tentar ficar quieta, pois com a minha respiração, as passadas fortes e o coração disparado não me faziam silenciosa o suficiente.

Avistei uma luz mais forte no final do corredor, mas não houve tempo de parar. Quando percebi, estava passando pela porta para o lado de fora. Comecei a cair em queda livre, não havia mais casa, apenas um abismo abaixo de mim. Um grito agudo irrompeu por meus lábios e bestamente, chacoalhei os braços tentando me segurar em alguma coisa. Meus cabelos ricocheteavam meu rosto por causa do vento forte, meu vestido balançava e meu corpo estava solto no ar como se eu fosse uma boneca de pano. Gritei, mas a voz não saiu desta vez. O vento estava me sufocando. Quando meus olhos se acostumaram à luz, me vi sobre um borrão azul, eu estava caindo, caindo cada vez mais rápido.

Tentei me segurar em algo, mas não tinha no que me segurar, era apenas céu e o chão abaixo de mim. No desespero, chacoalhei meu corpo que ficou mais pesado deixando a queda mais densa, grunhi assustada, sentia as lágrimas correndo pelo meu rosto e se espalhando por minha pele por causa da força do vento. Algo quente me agarrou pela cintura e bruscamente parei de cair, minha costela estralou, um espasmo de dor varreu todo meu corpo acompanhado de um gemido alto. Meus soluços ficaram mais fortes e me agarrei a quem me segurava, trêmula e completamente assustada. O som das asas batendo me fez lembrar de quando Arthur me carregou no colo sobre as nuvens, mas também me lembrou das asas do *urubu* na frente da cabana. Abri meus olhos para ver quem tinha me apanhado no ar e soltei um grito, aqueles olhos brancos estavam sobre meu rosto, um sorriso brincando no canto dos lábios do homem. As asas eram grandes e negras como ônix.

Empurrei-o com todas as forças, mas algo se chocou contra nós e ele me soltou, proferindo um palavrão que se espalhou ao meu redor. Agora, caía de novo, mas desta vez de costas, o céu acima de mim ficando cada vez mais distante. Meus gritos saíam sem controle junto com as lágrimas que se espalhavam no ar. Mesmo com o medo me sufocando, consegui ver três formas acima de mim, pareciam lutar entre si. Uma era negra que acreditei ser o homem urubu que voava para longe e avançava para cima das outras duas se chocando com eles, estes rolavam para o lado. Tinham asas e vestes brancas, um deles formou uma bola prateada e lançou contra o Urubu. Piscando várias vezes, notei que era Arthur, ele estava recuperado e lutando. Gritei em desespero e alívio, mas as palavras saíram atropeladas por não ter controle algum do meu corpo em queda. O som do vento agredia meus ouvidos e estava me sentindo a ponto de desmaiar, o chão parecia nunca chegar e, por um segundo, eu quis acabar logo com o desespero de estar caindo para a morte e morrer.

— Suzanna! — Ouvi um sussurro desesperado e mãos firmes me seguraram, o perfume era árido e o corpo que me apoiou era macio e quente, muito melhor do que o ar raspando em minha pele. Abri meus olhos, mas não enxerguei nada, apenas o vulto que fez a queda parar. Pensei em me desvencilhar, mas a sensação de estar estável no ar era melhor do que a de cair, mesmo com a dor aguda que atingia minhas costelas por onde ele estava me segurando. — Suzie, você está bem? Suzanna!

O desespero dele me fez abrir os olhos novamente, mas as lágrimas não me deixavam enxergar. Estava amolecida naqueles braços e, nem que quisesse, conseguiria me soltar deles. Senti lábios em meus olhos com beijos úmidos, franzi o cenho, imaginando ser Arthur. A boca do homem desceu pelo meu rosto e capturou meus lábios demonstrando um desespero genuíno.

— Fale comigo. — Implorou. Senti que me deitavam no chão que era gélido e úmido em contato com a minha pele. A mão daquele que me salvou afastava os

cabelos do meu rosto e me deixou apoiada em suas pernas. Som como de água corrente assobiava em meus ouvidos.

— Quem... Quem é? — Minha voz saiu áspera e sussurrada.

— Não importa... Não importa. Shiuu, você ficará bem. — Os lábios capturaram novamente os meus e, desta vez, retribui ao beijo com gentileza e sem muita noção do que fazia. — Preciso ajudá-los, não saia daqui, Suzanna. Prometa.

— Não conseguiria sair. — Ri sem humor, a voz grogue. Senti o vento passar por meu rosto e ouvi o som de asas novamente, consegui focar meus olhos apenas no conjunto de quatro asas que batiam em sincronia, tão negras quanto às do urubu. Gemi pedindo socorro, estava me sentindo histérica e confusa. Aquele ser tinha me ajudado ou me colocado em uma nova armadilha? Com todas as minhas forças, sentei-me onde estava. Tudo rodava e precisei esperar alguns minutos até me estabilizar.

Quando meus olhos entraram em foco, percebi o que estava fazendo minha pele arder, eu estava deitada em uma rocha, a água corrente de uma represa batia contra ela e respingava em minha pele fazendo arder os cortes que estavam sangrando. Olhei em volta e estava completamente sozinha, no final de um penhasco. O sol baixo possivelmente se pondo. Procurei no céu algum sinal da briga que vi enquanto estava caindo, mas não havia nada lá além de nuvens e da lua que começava a aparecer. Tentei ficar em pé, mas minhas pernas vacilaram. Um par de mãos quentes me segurou antes que eu escorregasse e instintivamente recuei.

— Ei, calma, não vou machucar você. — A voz era masculina, o garoto à minha frente devia ter a minha idade e estava vestindo um bermudão preto, os cabelos queimados do sol eram num dourado escuro, a pele do rosto estava morena e dos ombros também e ele tinha um sorriso perfeito nos lábios. — Você está bem? Precisa de alguma coisa?

— Eu... Onde eu estou? — Perguntei desconfiada, ele poderia ser algum daqueles demônios nojentos.

— Está no acampamento — ele disse divertido — está drogada, paulista? — Brincou usando seu sotaque carioca e, quando viu que não achei graça, aproximou-se com as mãos estendidas. — Alguém te machucou? Eu não notei você por aqui antes. — Perguntou como se só agora percebesse que minhas roupas estavam rasgadas e eu estava machucada.

— Como eu vim parar aqui? — Perguntei a mim mesma.

Minutos atrás, eu estava dentro de uma casa na floresta e, agora, abaixo de um penhasco enorme. Olhei para cima, imaginando onde estaria a cabana e, aparentemente no alto do penhasco havia apenas árvores.

— Você está com amnésia? — Ele estava tirando um celular de dentro do short. Em alerta, eu passei por ele como se tudo estivesse perfeitamente bem.

— Não, não... Estou acampando em outro lugar, com... Meus avós... Eu devo ter adormecido. Er... Obrigada pela preocupação.

Escorreguei na pedra lisa e logo recuperei o equilíbrio. O garoto ficou lá, parado, apenas olhando eu me afastar. Se ele ligasse para polícia, eu nunca saberia explicar como vim parar aqui sem um guia e não creio que aceitariam que era coisa de anjos.

Depois de estar razoavelmente fora da visão dele, sentei-me na grama que rodeava a cachoeira onde eu tinha aparecido e descobri, depois de analisar muito, que a água que batia contra a rocha era da queda d'água. Fiquei olhando a água límpida, não conseguiria dar mais nenhum passo com as dores que passavam como choques por minhas pernas e eu precisava descobrir primeiro para onde ir. Olhei o céu, agora pontilhado de pequenas estrelas, a lua estava escondida atrás de nuvens escuras, mas não havia nada de diferente, nenhum anjo brigando com outro, apenas relâmpagos ao longe que indicavam que chovia em algum outro lugar.

Encolhi-me, sentindo o vento contra minha pele, não podia ficar sentada sem fazer nada, Arthur estava em perigo e eu não fazia ideia do que fazer.

— Ei. — Ouvi atrás de mim e saltei, colocando-me em pés enquanto girava para olhar quem era.

O loiro estava trocado, usava uma bermuda laranja, estava sem camisa e de chinelos, o cabelo molhado e despenteado. Olhava-me expressivo e preocupado, mas não fez nenhuma menção de se aproximar de mim.

— Oi. — Respondi desconfiada.

— Precisa de ajuda? Eu percebi que não ligou para ninguém e nem saiu daqui. Está perdida?

Neguei todas as perguntas, precisava pensar no que fazer ou falar para não parecer louca.

— Estou bem, obrigada. É que estou esperando meu... Namorado.

Ele me examinou, sabia o que ele via: uma garota cheia de arranhões, suja, o vestido em frangalhos, descabelada e descalça. Não era bem alguém que estaria à espera do namorado.

— Se não pode falar o que é, eu entendo. Eu moro em um lugar bem sinistro, mas, se quiser ajuda, eu estarei naquela fogueira. — Apontou para uma fogueira entre várias barracas próximas da cachoeira, havia mais pessoas com ele, bebendo, rindo e um grupo tocando pagode.

— Ok, obrigada.

— Qual é o seu nome? — Ele perguntou e eu engoli em seco.

— Veronique. — Menti, dando o primeiro nome que me veio à mente, o nome da mulher da história inacabada que Pietro havia me contado.

Um sorriso se abriu nos lábios dele, que passou os dedos abertos pelos cabelos

e piscou.

— Sei... — Desacreditou. — Bem, Veronique, meu nome é Paulo, sou do Rio de Janeiro, mas conheço bem isso aqui, se precisar de ajuda é só me chamar. — Ele se afastou e eu fiquei observando até ele se sentar entre os amigos e logo se esquecer de mim.

A noite estava pesada e nuvens negras cobriam o céu, anunciando a chuva que estava por vir. Eu queria acreditar que Pierre apareceria a qualquer momento, mas, ao mesmo tempo, não conseguia confiar muito nisso e precisava encontrar uma solução rápida para a minha situação.

Mentalmente, fiz uma oração, eu não me lembrava de ter orado para valer antes, mas, como vira Arthur fazer, decidi fazer também. Pedi que ele estivesse a salvo, pedi que Pietro também estivesse a salvo e que o socorro viesse até mim na forma de alguém que eu pudesse confiar. Peguei-me pedindo para descobrir meus poderes e uma forma de acabar com a briga entre Pierre e Pietro, pois, no fundo, tudo isso parecia algo pessoal entre eles e não muito a ver comigo. Aproximei-me do grupo, pois seria melhor ter pessoas por perto para pedir socorro do que ficar isolada, caso algum ser aparecesse de repente. Sentei-me de frente para a cachoeira e esperei pelo milagre que pedi, mas nada aconteceu e as dores agora se espalhavam pela minha coluna e cabeça, a fome fazendo meu estômago resmungar alto. Encolhi-me, abraçando minhas pernas e logo chorava feito uma criança abandonada. Comecei a recordar novamente do último dia com meus pais.

— Eu os vi juntos! Não foi alguém que me disse, eu vi!

— Meu pai gritava dentro do carro e, quando viu que despertei, abaixou o tom de voz. Devíamos estar a horas naquele trânsito.

Ele fez carinho em meus cabelos e piscou para mim com um sorriso nebuloso.

Abri meus olhos, enxugando as lágrimas na barra do vestido e respirei fundo, pensando no que meu pai teria visto. Quem estava junto com quem?

— Suzanna? — Ouvi atrás de mim e olhei o carioca em pé, ele se sentou ao meu lado com alguns palmos de distância.

— Você deve estar com fome. — Estendeu-me uma água de coco que não consegui negar, estava fresquinha e logo que peguei levei o canudinho aos lábios saboreando o líquido em goles longos. — Pensei mesmo que estivesse. Eu sei que não quer minha ajuda, afinal sou um estranho, mas acho que seu namorado te deu o *bolo*. — Eu olhei para ele, meus ombros se encolheram e lágrimas brotaram em meus olhos quando pensei em Arthur e em Pietro.

— Eu acho que machucaram eles. — Sussurrei, voltando a beber a água de coco.

— Machucaram você também? — Ele perguntou, não percebendo que falei no plural. Fiz que sim e depois que não, e ele ficou confuso. Logo, neguei, engolindo a bebida.

— Não... Eu... Acordei aqui, não lembro o que aconteceu direito. — Falei, eu não era boa com mentiras.

— Quer que eu a leve para os seus avós? Sabe onde está a barraca?

— Não sei. — Murmurei, era melhor não saber do que dizer que não havia acampamento algum e que eu deveria estar no anexo do Segundo Éden.

— Quer me contar o que aconteceu?

Ele pegou o coco, agora vazio, e o partiu no meio com facilidade, usando as próprias mãos, tirou a fruta e me deu alguns pedacinhos que mastiguei agradecida.

— Eu não sei direito. — Enrubesci, eu não sabia quem me ajudou, sabia apenas que as asas eram negras, porém não podia crer que o *urubu* me beijaria com aquela ternura que o estranho fez. Suspirei, encolhendo-me novamente.

— Ei, ei, não se preocupe, Suzaninha. Não tem problema não se lembrar. — Ele estendeu outro pedaço de coco que mastiguei e logo parei bruscamente.

— Do que me chamou? — Levantei-me, começando a me afastar dele. — Eu disse que me chamo Veronique.

O garoto fez uma careta, deixando transparecer em seu rosto que não percebeu que trocou os nomes, sorriu de lado, levantando-se e avançando para perto de mim com uma velocidade incomum, segurando meus pulsos sem empregar muita força, seu rosto quase colado ao meu. Cochichou, fazendo-me sentir o aroma ácido que me era muito familiar.

— Fiquei lisonjeado quando usou o nome que dei a você naquela história.

— Pietro? — Minha voz saiu trêmula. O loiro a minha frente se transformou-se no moreno de olhos cinza que eu amava.

— Surpresa! — Seu semblante tornou-se duro e me senti sugada para dentro de uma neblina densa, a mesma que me cercava sempre em meus pesadelos.

— Por que está fazendo isso? — Perguntei, sentindo o tremor da minha voz e do meu corpo.

— Perguntas, perguntas, perguntas! — Cantarolou de forma debochada.

Meu rosto estava forçadamente repousado no peito dele e nós girávamos em círculos, sentia-me dentro de um redemoinho escuro, o som e as cores me lembravam de asas negras batendo com voracidade. Talvez quando vi quatro asas se afastando de mim, tivesse sido isso.

Tentei me desvencilhar e o aperto dele foi mais firme me fazendo gemer, a costela machucada latejou abaixo da minha pele. Cravei as unhas no braço de Pietro que reclamou irritado, fazendo a escuridão em volta de nós se intensificar e me sugar para ela.

Pelos olhos de Arthur

Quando entrei na cabana deixando Suzanna sozinha do lado de fora, eu já sabia o que poderia me esperar lá dentro, era comum encontrar aquele refúgio parecendo abandonado. Afinal, era para não atrair estranhos, mas notei ser uma armadilha assim que vi o portão destrancado e isto me deixou alerta, pois o guardião do local não era descuidado. Quando adentrei os portões, senti a presença forte do outro anjo, o local ainda era seguro para mim, mas consegui sentir a diferença de temperatura e dos aromas que circundavam a floresta fora da proteção do solo sagrado. Quando tentei voltar para proteger Suzanna, fui sugado para o alto e, antes que pudesse me defender, fui atingido na cabeça. Despertei quando estávamos saindo da casa para o penhasco atrás dela. Por causa da pressa, não houve tempo de alertar que aquela saída era apenas para anjos. O choque da queda me fez despertar completamente e notei meu amigo Natanael tentando voar e me salvar. Recuperei-me quase que imediatamente, mas logo fomos atingidos pelos homens de Pietro.

Não reconheci de imediato, mas o homem negro que nos atacava era Havi, um Nefilim que fora recrutado quando adulto, já possuía alguns poderes e adquirira outros com o passar dos anos, podendo se transformar em qualquer ave que escolhesse. Devido sua característica, possuía também asas negras perambulando entre as formas de humano e águia quando desejava. Humanos o descreveriam como um espectro, já que aparece como uma fumaça quando muda de forma. Ele foi um dos protegidos de Pietro que escolheu o lado ruim e, quando Pietro caiu, tornou-se seguidor dele, como outros como ele.

Havi avançou para pegar Suzanna que caía em queda livre, Natanael se chocou com ele, tentando pegar a menina antes, mas o demônio era poderoso e revidou nos atingindo com força brutal. Atingi-o com um raio, mas, como estava fraco, não tive nenhum sucesso. Suzanna continuava caindo e, todas às vezes que tentei alcançá-la, fui barrado. Para meu alívio e também desespero, consegui ver quando um vulto a levou em segurança para o final do penhasco. Não o reconheci por causa da neblina que o cercava.

A luta continuou, mais anjos caídos vieram em defesa de Havi e não enxerguei o que estava acontecendo com Suzanna, pois precisava defender a mim e a Natanael. O céu escurecia aos poucos, iluminando-se quando atingia algum dos anjos com o raio que criava, dois deles fugiram e um terceiro voou até mim, acertando-me no peito. Desprevenido ao tentar me recuperar, fui atingido por Havi com suas garras de águia afiadas que feriu minhas asas. Despenquei contra o penhasco, rolando para baixo junto a um conjunto de pedras. A queda era gelada e cortante e minhas asas

não respondiam. Senti quando meu corpo se chocou contra as pedras pontudas e percebi-me perdendo os sentidos, não antes de ver o vulto negro chegar até mim, seus olhos eram cinza e sombrios.

— Suzanna... — Sussurrei.

— Sempre previsível, meu irmão.

Pelos olhos de Suzanna

— Não! Não por favor, não! — Gritei, quando Pietro me jogou na direção do *urubu* que me segurou pelos braços, sobrevoando agora as rochas onde Arthur tinha caído. Ele parecia a ponto de pisotear o anjo quando gritei — P, não, por favor, não o machuque! — Implorei.

A sensação nauseante e de desmaio de ficar girando dentro daquela névoa escura que Pietro tinha em volta de si começava a se dissipar e o desespero de ter visto Arthur naquelas rochas pontiagudas, tomava lugar dentro de mim.

— Ora Suzanna, vejo que está caidinha pelo anjo bonzinho. — Algo brilhou no olhar de Pietro, não soube definir se era ciúme ou surpresa. — Pensei que me amasse.

Engoli antes da frase “e eu amo!” sair da minha boca. Eu o amava e o odiava ao mesmo tempo. Minha vida havia se tornado uma bagunça depois da aparição dele.

— O que você quer de mim? — Choraminguei, as mãos do *urubu* queimavam minha pele.

Ele se virou para um anjo que se mantinha no alto com uma névoa parecida com a que Pietro usava. Tinha um riso preso nos lábios. O anjo estava parado próximo de nós com o miniexército de crianças-demônio enfileiradas atrás dele. Pietro disse algo a ele que assentiu. Os demônios, que agora pareciam crianças, foram até Arthur tirando-o das pedras e carregando-o para a beirada do lago.

— Não toquem nele! — Gritei me debatendo. O *urubu* apertou com mais força meus braços. Pietro coçou a barba malfeita me examinando, depois flutuou até nós com a ajuda da neblina que o cercava. A visão dela fazia meus pesadelos parecerem mais reais e minha pele se arrepiar por completo. Ele tocou meu rosto com a ponta dos dedos e os deslizou até tocar meu pescoço, não desviei o olhar mesmo que meus olhos estivessem cheios d’água por ele ter me enganado e por eu ainda sentir algo com ele me tocando. Condenei-me por desejar que o toque se prolongasse e por esquecer-me de Arthur pelos breves segundos que se passaram.

— Ela ainda será útil. — Refletiu e aproximou-se, capturando meus lábios num

beijo roubado, a forma com que fez me lembrou de quem me salvou da queda e ele pareceu notar que lembrei. — Eu ainda precisava de você, sou filho do pai da mentira. — Falou amargo, referindo-se ao próprio Diabo. Meu corpo todo estremeceu e não contive as lágrimas.

— O que quer de mim? — Sussurrei.

— Hum... — Cantarolou. — Sua alma.

Capítulo 21



Arregalei os olhos com a menção sobre minha alma, trêmula mesmo com o toque quente do *urubu* ao me segurar. Quando questionei, minha voz saiu alguns tons acima do natural.

— Minha *o quê?*

Pietro continuou me encarando, seus lábios tão próximos que me forcei a não reagir, estava assustada e atraída, meu corpo não respondendo da forma que deveria. Arrepiei-me inteira quando ele resolveu falar.

— Alma. — Ele pausou e sorrindo cinicamente soletrou letra por letra com os olhos fixos em meus lábios — A-L-M-A. Alma.

— E para que você quer minha alma?

Ele inclinou o rosto para a direita me examinando, iniciou um sorriso languido, enquanto traçava meu rosto com a ponta quente de seus dedos. Recuei amedrontada.

— Você não sabe mesmo, não é? — Fiz que não. Então ele se aproximou mais, ergueu meu queixo até nossos lábios se tocarem e soprou as palavras em meus lábios como se quisesse me provocar. — Sua alma, pura e imaculada... Ou *quase*.

Riu deslizando a mão do meu pescoço por meu ombro, descendo pela lateral do meu corpo, deixando os dedos roçarem meu seio sobre o vestido. Irritei-me comigo mesma quando percebi que ainda reagia aquele toque e que o desejava também. Depois de tanto que passei, depois de ver que ele não era o mocinho da história, ainda assim sentia algo por ele. Meus olhos lacrimejaram e senti o estômago embrulhado de raiva. Percebendo minha reação, Pietro pareceu satisfeito, afastou-se deixando-me nas mãos do Urubu e voltou sua atenção para os demônios que cuidavam das asas de Arthur.

Aspirei o ar com dificuldade, estava mais frio com a ausência de Pietro, o que ajudou a diminuir o embrulho em meu estômago. Queria gritar, queria fazer alguma coisa para sairmos desta situação, mas apenas o segui com o olhar, pensando na frase que ele disse sobre querer apenas minha alma, pura e imaculada. Comecei a me imaginar no inferno e um arrepio passou pelo meu corpo fazendo-me estremecer de medo. O homem atrás de mim me prendeu ainda mais e me girou para ficar de frente ao exército de crianças-demônio. Observei quando uma delas moveu a asa de

Arthur e este se contorceu de dor, estava todo ensanguentado e, de onde eu o via, parecia ter fraturas nas pernas e braço. Gemi, desviando o olhar para a cachoeira, ao mesmo tempo em que tentava evitar os pensamentos sobre ir para o inferno com Pietro.

— Não o machuque, por favor! — Implorei. O urubu segurou meu queixo puxando com força para que voltasse a olhar. Ao abrir meus olhos, percebi que Pietro tinha um sorriso brincalhão nos lábios, quase doentio, o olhar dele permanecia sobre Arthur. — Ele pode morrer? — Perguntei baixinho.

Pietro não respondeu, estendeu a mão na direção de Arthur fazendo com que se contorcesse de dor. Imaginei que era o responsável e sem pensar me joguei para frente, na direção dele, mas o *urubu* me puxou de volta, gargalhando em minhas costas. O cheiro podre e de enxofre embrulharam o meu estômago mais uma vez.

— Morrer? Sim, ele pode morrer. — Respondeu Pietro sem se afetar com a minha tentativa de atacá-lo. — É difícil, mas não é impossível. — Ouvi outro grito de dor vindo de Arthur e fiz uma careta, Pietro continuou a falar em um tom divertido. — Mas, antes de morrer eles sentem dor, Suzaninha, muita, muiiitaa dor. — Arrastou as palavras, deliciando-se com elas.

— Para, por favor! — Implorei novamente.

— Por quê? Você vai me dar o que eu quero?

Como não respondi, ele fez um sinal positivo com a cabeça, as crianças-demônio começaram a chutar Arthur que gritava e gemia de dor. Ele parecia beirar a inconsciência, os olhos se abriam e fechavam conforme os chutes continuavam.

— Para! — Gritei. — Para! Por Deus, Pietro! — Minhas lágrimas embaçaram meus olhos e deixaram minha voz embargada. — Para...

Ele riu alto, jogando a cabeça para trás. Retirou algo do bolso que não consegui ver o que era e ergueu o braço, ameaçando jogar na direção de Arthur. Eu não precisava descobrir se aquilo era ruim, apenas fazer algo. Desvencilhei-me do meu carcereiro e me joguei contra o corpo de Pietro. Ambos rolamos para a grama, a névoa que o prendia no alto se desfez e caímos nos debatendo um contra o outro. Tentei arranhar o rosto dele e chutá-lo, mas não tive sucesso. Quando paramos de rolar, ele ficou sentado sobre minha barriga, segurando meus pulsos acima de minha cabeça, seu rosto estava contorcido numa máscara de ódio. Os olhos, antes cinza, estavam vermelhos como sangue. Ele aproximou o rosto do meu, cuspiendo as palavras com ódio.

— Apaixonou-se por ele não foi, Suzanna?

Apertei meus olhos, o calor do hálito e da pele dele eram como de um forno muito potente, aceso, nunca havia sentido ele quente desta forma. Movimentei-me, tentando sair debaixo dele, mas este firmou o corpo contra o meu com mais força. Abri meus olhos e consegui captar algo no olhar dele que me deixou confusa,

parecia tristeza, mas se dissipou no segundo seguinte.

— Responda! — Exigiu.

— Não importa! Solta ele! — Gritei de volta, debatendo-me para me soltar.

— Responda ou eu juro que mato ele — ameaçou.

— Não... S-sei. — Sussurrei, era difícil admitir que amava a ambos, porém de formas completamente diferentes. Pietro levantou-me pelos pulsos, levando-me até onde Arthur estava deitado.

— Vejo que suas tentativas foram vãs, meu irmão. — Disse, cutucando a asa de Arthur com o pé. — No fim, ela se apaixonou por você, exatamente o que você *não* queria que acontecesse.

Olhei nos olhos de Pietro, meus lábios estavam entreabertos com a surpresa daquela revelação, as perguntas me rondavam, mas o choque de Arthur não querer que eu o amasse me deixaram sem palavras.

— Cale a boca. — Gemeu Arthur, ele fazia um esforço enorme para se sentar.

— Ele não te contou porque deixou de ser o *seu* guardião? — Questionou Pietro que colocou o pé no peito de Arthur e o empurrou, fazendo com que deitasse de novo, o som do baque das costas dele contra o chão me fizeram grunhir em reprovação.

— Cale a boca! — Repetiu Arthur.

— Eu falei para você que não há como fugir da sua sina, você pode passar séculos acreditando que está certo, mas, quando uma pedrinha cruza o seu caminho, tudo muda. — Pelo olhar que Pietro me lançou, entendi que eu era a tal pedrinha. Soltei-me dele, ajoelhei na grama, tocando o rosto de Arthur e olhei para Pietro implorando ajuda. Arthur estava suando frio e havia muito sangue nele, nas roupas e na grama.

— Ele precisa de um médico. — Implorei.

— Não seja tola, menina! Um anjo não vai ao médico! — Ralhou. O divertimento já não estava mais em sua voz ou em seu rosto.

— Então, faça alguma coisa! — Gritei.

Arthur abriu os olhos, estavam acinzentados como no dia em que ele me salvou da explosão. Segurou minha mão e parecia usar todas as forças de seu corpo para apertá-la. Inclinei-me para ele, percebendo que tentava falar, e coloquei a orelha em seu lábio, ele sussurrava com a respiração alterada.

— Vá embora, encontre ajuda e não volte para cá! E não acredite em nada do que ele disser...

— Nem que você a deixou sozinha quando seus pais morreram porque é um anjo *covardão*? — Interrompeu Pietro, ele estava acima de nós, a névoa que antes o fazia flutuar estava de volta, ele estava bem no alto, os braços estendidos, fazendo esta névoa nos cercar.

— Saia daqui. — Arthur tossiu as palavras e sentou resmungando. — Vai, corre!

Mas, eu não conseguia me mover, estava paralisada vendo a dor dele, confusa com as palavras de Pietro. Não queria deixá-lo sozinho com aquele exército de demônios, pois, se mal conseguia falar, eles o matariam com toda certeza.

— Não vou te deixar sozinho. Eles vão te matar! — Sussurrei.

— Vai logo, garota! — Ele se levantou, a asa se estendeu, um dos lados estava com várias penas quebradas e esmagadas, o outro tinha penas escurecidas e faltando. Gemi quando vi aquilo, havia sangue dele em quase toda a sua roupa, corpo e asas.

— Não vou! — Levantei-me também, colocando as mãos em punho. — Se sou filha de anjo, alguma utilidade eu tenho.

Dei as costas para Arthur, preparando-me para lutar, lembrando-me de quando movi um móvel com a minha mente e sem saber que eu o fiz. Eu podia fazer algo, podia tentar. Arthur pareceu desistir e me deu as costas também, ouvi a voz dele sair para o alto e estava mais potente que da última vez que falou.

— Covarde! Tire-a daqui e acertamos nossa dívida.

— Não vale! — Olhei para ele, revoltada.

Pietro gargalhou e senti os demônios se aproximarem, o cheiro e o calor chegando primeiro.

— Você acha mesmo que vou libertar sua amada? — Ele sussurrou algo mais baixo e as crianças-demônio puxaram-me afastando-me de Arthur, outras cercaram-no com a ajuda do Urubu.

— Não! Pietro, não o machuque! — Tentei me soltar das crianças e voltar para a posição que eu estava, mas elas eram muito fortes e estavam fervendo, era difícil tocá-las para passar por elas.

Você foi salva do fogo. Ouvi um sussurro em minha mente, a voz era a que me lembrava de meus sonhos.

Por um breve momento, pareci me desligar de tudo o que estava em volta de nós, senti meus pés arderem como se eu pisasse em uma fogueira e o calor começou a subir por minhas pernas, joelhos, tronco e se intensificou quando chegou ao coração. Gemi, levando a mão ao peito e senti que um dos *demoninhos* veio junto se pendurando em meu braço. Ele arregalou os olhos pela minha força repentina e isto também me surpreendeu. Me vi ali novamente, o calor me rondando ainda e ficando mais forte, imaginei que fosse por eu estar cercada por aquelas crianças. Joguei o braço para frente e o *demoninho* pendurado voou para longe, caindo sobre alguns outros. Aproveitei dessa adrenalina súbita e comecei a lutar com eles, jogando-os longe. Ouvia acima de minha cabeça uma luta, o tilintar de aço ecoava pelo vale onde estávamos, arrisquei olhar uma vez e Arthur e Pietro lutavam com espadas, era

difícil não notar que Pietro estava ganhando.

Um dos demônios acertou-me no estômago, o Urubu me segurou novamente, rindo malicioso em meu ouvido.

— Fica gostosa lutando. — Ele encostou o corpo atrás do meu e senti que a malícia não estava apenas na voz. Fiquei enojada no mesmo instante e tentei me desvencilhar, mas a força havia deixado meu corpo e o calor também, restando apenas aquele que vinha do corpo do demônio. Precisava descobrir como fazia isso funcionar. Suspirei irritada.

— Solte-me! — Ordenei.

Mas, ele me apertou ainda mais, rindo, ergueu meu queixo e me fez assistir a luta. Vi Pietro acertando a lateral de Arthur com a espada e respingos de sangue se espalharam pela grama. Grunhi desviando o olhar.

— Não é possível que não tenha ninguém para nos ajudar, meu Deus! — Gemi, apertando bem meus olhos que percebi estarem banhados por lágrimas.

O Urubu riu alto, segurou meus pulsos me puxando para longe daquela briga, tentei lutar, mas logo desisti, o certo seria fazer o que Pietro pediu. Assim, ninguém se machucaria por minha causa.

Pietro desferiu outro golpe na lateral de Arthur e ele despencou. De onde eu estava, parecia morto. Gritei e tentei correr em sua direção, mas Pietro estava barrando minha passagem, tinha no rosto vários cortes e no tronco outros mais que sangravam abertamente, mas não parecia sentir dor alguma. Ele fez sinal para me soltarem e estendeu a mão para mim.

— Decidiu? — Fiz que sim, mas não me movi para pegar a mão dele. — Então, venha comigo.

Olhei para além dele, tentando enxergar Arthur, mas não conseguia vê-lo. Pietro continuava com a mão estendida, esperando por mim e parecia cada vez mais irritado.

— Ele está bem? — Sussurrei.

— Ainda está.

— Deixe-o ir e eu vou com você — afirmei.

Pietro fez sinal para que o urubu e seus demônios fossem embora. Logo, estávamos apenas nós três naquele lugar misterioso. Não me movi, esperando que ele promettesse não machucar Arthur.

— Ele ficará bem, venha.

Estendi a mão segurando a de Pietro, senti meu estômago gelar com o toque, o medo me deixando novamente nauseada, porém, desta vez, estava decidida sobre o que deveria fazer, encarei-o com meu queixo erguido.

— Prometa! — Proferi.

— Ele ficará bem, eu prometo, Suzanna.

Arthur gritou, mas as palavras não eram claras. Quando o olhei, percebi que protestava contra minha escolha, porém parecia bem, apesar dos machucados. Engoli o choro, percebendo só então que sentiria mais falta dele do que imaginava.

Eu te amo. Balbuciei e, ao mesmo tempo, disse em sua mente, voltei-me para o caminho sem saber se ele teria ouvido. Minutos depois, fechei minha mente para que Pietro não pudesse alcançá-la. Esperei o máximo que achei ser prudente para ouvir Arthur dizer o mesmo, mas não aconteceu e me deixei afundar na amargura que seria minha vida agora.

Horas e mais horas haviam se passado e não parávamos de andar. Pietro estava agora rindo, divertindo-se com os arbustos que eu não conseguia pular. Hora ou outra, soltava alguma frase, dizendo que ele havia conseguido o que queria pela ajuda de Arthur, o próprio que tentou evitar. Tive vontade de conversar com ele, mas estava chateada, a luta de espadas tilintava em minha mente, os gritos de dor do anjo e a ausência de ajuda para os “mocinhos” deixaram-me intrigada também. Como podia surgir um monte de *demoninhos* para ajudar Pietro e nenhum anjo para socorrer a mim e a Arthur? Era injusto, mas agora não tinha muito a ser feito, apenas aceitar que meu destino havia sido escolhido por mim mesma. Talvez, eu devesse ter morrido no acidente de carro e isto só adiou meu encontro com o inferno.

— No que pensa?

— Não interessa — respondi.

— Aquele vadio não devia ter te ensinado a fechar a mente. Diga-me, o que está pensando?

— Está curioso? — Sorri para ele em deboche. — Pois, nunca vai saber.

— Ah vou, ou eu mando todos os nossos amiguinhos caça-lo e trazer as asas dele para você.

Assim que Pietro proferiu a frase todas as crianças-demônio apareceram ao nosso redor. Eles não tinham nos deixado como eu pensara até então.

— O que eles fazem aqui?

— Achou mesmo que tinham ido? — Ele riu. — Você precisa aprender tanto, Suzaninha. — Sussurrou e logo voltou a me puxar.

Acompanhei-o, imaginando que ele tinha se esquecido dos meus pensamentos, o que era bom. Olhei ao nosso redor e ainda estávamos numa floresta, mas agora parecia pastosa, com barro molhado embaixo dos meus pés, névoa acima de nós, poucos raios de sol iluminando o caminho, tudo num tom marrom escuro e pouco verde. Respirei fundo sentindo as narinas arderem com o cheiro das árvores, um misto de vida e mofo. Minha pele constantemente se arrepiava e não era de frio, mas de medo, parecíamos estar descendo cada vez mais.

— Pietro... — Olhei para ele com o canto de meus olhos e, quando me olhou com aquele sorrisinho, continuei. — Para onde está me levando?

— Estamos chegando. E você não me disse no que está pensando. — Lembrou.

— Nisso, para onde estamos indo. — Desviei o olhar do dele, fingindo ser a mais pura verdade. Pietro puxou-me para ele e me abraçou pela cintura enquanto andávamos, o gesto me fez lembrar o garoto por quem me apaixonei e que parecia sempre educado, a melhor escolha para uma garota. Suspirei, sentindo os olhos marejarem e, percebendo, ele me amparou em seu peito, andando mais devagar.

— Suzanna, não vou te levar para o Lago ainda, não tenha medo. Primeiro, preciso conversar com você, cuidar e te ensinar algumas coisas.

— Tipo o quê?

— Deixar que apenas eu escute o que pensa, fazer isso sem abrir a mente para todo mundo.

Olhei-o com esperança, esse truque me ajudaria a tentar contato com o Arthur. Ele continuou falando sem perceber o que eu pensava.

— Imagine a pessoa com quem quer falar e imagine-se entrando na mente dela, é simples e com o tempo fará isso sem perceber. Quando estiver lá dentro, você sentirá um calor na ponta dos dedos como se estivesse envolvida realmente em alguma coisa. Ao sentir isso, você estará conversando por telepatia e só aquela pessoa conseguirá ouvir.

Quando explicou, percebi que Arthur havia me ensinado como abrir meus pensamentos apenas para ele, eu que não tinha prestado muita atenção aos detalhes, porém fingi ainda não saber para que não tivesse problemas com Pietro naquele momento.

— Como posso ter certeza?

— Faça um teste. — Disse ele.

Olhei para o *urubu* que estava alguns passos atrás de nós e o chamei com o dedo. Ele veio depois que Pietro confirmou com a cabeça. Parei de andar, concentrei-me na mente do urubu e pensei: *Qual seu nome?*

— Havi — Disse em voz alta.

Olhei para Pietro que parecia curioso, então decidi fazer outro teste. Pensei na mente de Havi, concentrando-me para que somente ele escutasse o que eu tinha a dizer, senti o calor na ponta de meus dedos e um pequeno formigamento, então pronunciei: *Pietro vai te matar e a todas as crianças depois que vocês o ajudarem a me levar para longe daquele anjo.*

Havi semicerrou os olhos e encarou a Pietro que não parecia ter ouvido o que eu disse. Logo depois, ouvi uma voz forte dentro de minha cabeça, cambaleei com o susto:

É por isso que pretendo te matar antes de chegarmos.

Arregalei meus olhos e olhei para Pietro assustada, corri para os braços dele que me ampararam de imediato.

— O que falaram? — Perguntou e parecia sincero.

— Você não ouviu?

Pietro fez que não e sorriu para mim.

— Significa que você conseguiu. — Ele se inclinou e beijou meus lábios, o gesto foi tão inesperado que me afastei bruscamente, sentindo nojo, ódio, raiva, inúmeros sentimentos ao mesmo tempo.

— Como pode achar que depois de tudo o que você fez eu ainda sinta alguma coisa por você? — Esbravejei com os braços abertos em questionamento. — Como? A princípio ele pareceu assustado, mas logo se recompôs.

— Eu posso tirar uma casquinha se eu quiser. — Riu. — Venha.

Deu as costas para mim, retomando o caminho para qual fosse o lugar que estávamos indo.

Desculpe-me pelo beijo. A voz de Pietro soou em minha mente, ele parecia amargurado.

— Não mesmo. — Respondi em voz alta e, pela reação de Havi que estava ao meu lado, ele não tinha ouvido o que Pietro me disse. Talvez, o que ele me ensinou fosse útil mesmo.

Uma ideia começava a surgir em minha cabeça, mas não sabia se daria certo. Por isto, decidi fazer alguns testes durante o caminho. Encarei um dos demoninhos perto de mim, procurei perto dele por um que parecesse uma menina e tentei projetar minha voz até a mente dele, porém fingindo que era ela. Na minha cabeça eu era uma demoninha sedutora que queria muito me atracar com ele.

Já pensou em ficarmos para trás? Imaginei minha voz saindo mais afinada que o normal e num tom sedutor que eu nunca usara

O demônio que eu estava pensando parou de andar e se virou para trás, exatamente onde me imaginei e onde estava o que parecia uma versão feminina daquelas crianças esquisitas. Ninguém mais pareceu perceber a movimentação dele e eles ficaram para trás como sugeri, talvez eu tivesse sido um cupido sem querer. Ri abafado, abaixando minha cabeça para olhar meus pés que estavam nojentos e sujos de barro. Queria muito ir ao banheiro e também tomar um banho. Pietro que ainda caminhava à minha frente começou a diminuir os passos, até que ficamos lado a lado.

— Tive meus motivos. — Sussurrou.

— Pode falar o que quiser, eu nunca mais vou acreditar em você.

— Nem se eu disser que estou te levando para os seus pais?

Não pensei em nada, apenas me virei para ele furiosa, meu braço foi junto e desferi um tapa na face direita de Pietro, usando toda minha força. Ele cambaleou e caiu sentado no meio das folhas e do barro, os olhos arregalados e com a mão no rosto

— Pode mentir, pode me bater, pode machucar pessoas que eu amo, mas não fala dos meus pais! — Gritei.

— Como você...? — Ele estava assustado, parecia um filhote acuado ali no chão. Então, se levantou sob o olhar de Havi e de todos nós e, enquanto arrumava suas roupas, se aproximou de mim. — Eles não morreram.

Ameacei lhe esbofetear novamente, mas desta vez ele segurou meu braço e me prendeu a si.

— Quando eu disse que seu pai não queria Arthur perto de você, eu não estava mentindo. Ele mandou que eu a resgatasse.

— Não acredito em você.

— Mas, também não duvida.

Me deixou ali, parada no meio da floresta, perdida em pensamentos e voltou a gritar com os outros, ordenando que andassem. Um tempo depois, corri até eles, ficando alguns passos atrás, desacreditada, mas, ao mesmo tempo, com um comichão no estômago.

Meus pais estariam mesmo vivos?

Capítulo 22



Pietro sabia muito bem como me calar ou como me fazer obedecer porque, mesmo desacreditando que meu pai pudesse ter algo a ver com ele, eu não conseguia acreditar que tudo era mentira, precisava ver com meus próprios olhos o que pretendia e se meus pais estavam mesmo vivos.

A cada passo que dávamos, a floresta ficava mais escura, talvez pelo dia que estava chegando ao fim ou porque as árvores pareciam mais altas, mais amedrontadoras. Queria correr dali, mas a verdade é que precisava acompanhá-lo, pois sozinha eu tinha certeza de que já teria me perdido. Alguns raios de sol passavam pela copa das árvores, deixando-me enxergar o caminho que deixara de ser lamacento, o chão era de terra e grama, algumas flores pequenas das quais não dava para desviar e muitas pedras, de todos os tipos e tamanhos. Eu titubeava quase sempre, pois estavam escorregadias e descíamos algo como um barranco. Por isto, Pietro passava a maior parte do tempo rindo e amparando-me para que não caísse. Estava faminta, exausta, suja e louca para ir ao banheiro, mas com receio de pedir, pois, só de imaginar aquelas criancinhas olhando, a vontade ia embora.

— Estou com fome — murmurei, a frase me escapou.

Pietro me ajudou a descer mais uma das pedras, mas parou na minha frente, pensativo, repousando a mão quente em meu abdômen. Parecia que só então se recordava de que precisávamos nos alimentar e, pelas minhas contas, estávamos andando a mais de dez horas sem parar e eu me lembrava de ter comido uma pera na casa de Arthur e nada mais.

— Esqueço-me que *vocês* comem.

Olhei para ele incrédula. Não havia sarcasmo em sua voz, apenas lembrança, mas a frase me abalou por me fazer recordar que ele não era como eu, nem ele nem Arthur e eu tinha de me lembrar disso, me lembrar de que estava em perigo, que este não era só um dia incomum.

— Sim, ao menos *eu* como. — Proferi, tentando parecer calma, mas sentia o acúmulo de lágrimas em meus olhos e um medo agudo cutucando meu peito.

Respirei bem fundo, desviando minha atenção para a copa das árvores. Nenhum fruto, apenas folhas amarronzadas e algumas mais escuras. Soltei-me de Pietro e

voltei a descer pelas pedras, me segurando em algumas raízes que escapavam do solo.

Não ouvi ninguém me seguindo. Então ao chegar à terra plana, olhei para cima; notei que somente as criancinhas desciam o barranco. Imaginei que, sem precisar me ajudar, o anjo daria um jeito mais fácil de chegar aqui embaixo. Virei-me para observar onde estávamos, parecia que a floresta estava finalmente no fim, os raios de sol mais fortes e eu ouvia o som baixo de pássaros piando, de água que me lembrava da cachoeira que deixamos para trás. Andando um pouco mais, avistei uma praia, parecia limpa e deserta. Corri até que o sol tocasse minha pele, olhei para cima e fechei meus olhos, agraciada com o calor que me dava, pois estava com frio também.

— Havi, pegue dois peixes e asse-os. — Ouvi Pietro atrás de mim, me encolhi toda e o olhei. Sentia-me tão indefesa que uma forte vontade de chorar me abateu.

Você é forte, filha. Você pode ir mais alto.

Às vezes, quando me sentia assim quase a ponto de desabar, lembrava-me do meu pai dizendo essa frase. Eu tinha caído do balanço na escola e não queria mais brincar, então ele me explicou que eu tinha de tentar, que quanto mais forte fosse, mais alto conseguiria ir. Ensinou-me a usar a força do meu corpo para ir mais alto e depois me explicou que a vida era igual àquele balanço, podia me puxar para trás, mas com um impulso meu, eu iria para a frente e ainda mais alto. Senti essa lembrança me dar mais força, andei até Pietro que me olhava estranho e o abracei sem pensar em nada, deixei meu rosto repousado naquele peito quente, ouvindo a respiração controlada dele.

— Acredita em mim? — Seus dedos enroscaram entre meus cabelos e, quando ele deslizou, estavam tão embaraçados que senti puxar minha cabeça um pouco para trás, mas não reclamei.

— Não acredito e nem desacredito. — Afirmei.

Ele respirou fundo, levou as mãos em minha cintura e me apertou contra seu corpo, eu sentia falta desse calor, de senti-lo como homem e por mais que me autoalertasse para afastar-me era impossível fazer quando ele parecia apenas querer cuidar de mim. Suspirei, soltando de leve o ar que bateu contra o peito de Pietro, as mãos dele tremeram em minha cintura. Pensei que talvez ele não tivesse mentido sobre o que sentia por mim e isso me deixou minimamente aliviada. Fiquei quietinha até que ouvimos Havi nos chamar, ele estava com uma panela na mão que soltava vapor e fazia sinal para irmos até lá. Foi só então que reparei em uma casa na praia.

A casa parecia recém-construída, térrea, com vidraças em toda a lateral que permitiam enxergar dentro onde não havia reflexo do sol se pondo. Via a cozinha que estava vazia, parte da sala também era visível e o reflexo da praia mostrava que não havia sinal das crianças-demônio em lugar algum. Isso me fez sorrir, não gostava

delas por perto. Pietro levou-me até a cozinha, o cheiro do peixe cozido fez meu estômago reclamar. Havi sorriu para mim pela primeira vez e me serviu. Havia também uma taça com água gelada sobre a mesa. Enquanto lavava minha mão e o rosto na pia da cozinha, reparei que havia poucos móveis, a casa parecia em construção.

A geladeira, o fogão e o micro-ondas brancos e novíssimos ficavam à minha direita na parede da porta de saída para a praia, a mesa quadrada no centro parecia improvisada, feita de madeira e com as pernas enferrujadas, o piso estava sujo de cimento – o que me deu certeza de que estava em construção – e era negro como os cabelos de Arthur. Lembrar-me dele me fez respirar fundo. Olhei para a torneira que parara de jorrar água por ser daquelas sensoriais. Depois de enxugar o rosto e as mãos em uma toalha que Pietro me entregou, sentei e comecei a comer, o peixe estava delicioso, lembrava-me os cozidos de minha mãe.

Devorei em poucos minutos e sorvi a água com gula em um gole só. Havi perguntou se eu queria mais e me serviu o segundo peixe. Quando estava quase na metade, lembrei-me de ser educada, olhei para os homens sentados a minha frente e ofereci do assado.

— Não, obrigado. — Responderam em coro.

Havi levantou-se, indo para fora da casa. Através da vidraça, vi que ele se transformou naquele urubu horrendo e sumiu entre as nuvens, suspirei e encarei Pietro. Parecíamos sozinhos.

— Era para cá que queria me trazer?

Ele fez que sim, apontou para o meu prato, mandando-me continuar comendo. Esta ordem eu obedecia com muito prazer. Percebi que, enquanto eu comia, ele me observava inquieto, parecia querer falar algo. Encarei-o e, depois de engolir a última garfada, indaguei.

— O que foi?

— Você é forte Suzanna, porque se faz tão frágil?

Franzi a testa sem entender a pergunta. Eu não me sentia forte, mas indefesa, não tinha ideia de como estava viva ainda.

— Não sou forte.

Ele não falou nada, levantou-se e saiu. Pretendia segui-lo, mas resolvi levar a louça para a pia; queria fugir, mas não tinha para onde. Virei-me para a cozinha, encostando a lombar na quina da pia que estava molhada, mas não me importei, precisava mesmo de um banho e um pouco de água não faria mal. Ouvi passos e sabia que era ele retornando. Esperei, olhando para a entrada da cozinha onde ele apareceria.

— Vamos dormir um pouco e mais tarde começo seu treinamento.

— Que treinamento?

— Vamos Suzanna, não pergunte.

— Sabia que Arthur também queria me treinar? — Perguntei, acompanhando-o para os fundos da casa onde ficavam os quartos que eram três, dois estavam trancados e o último aberto, o corredor por onde passávamos era estreito e com suas paredes recém-pintadas de branco.

O quarto onde ele me levou estava pronto, o piso num tom cinza-escuro e móveis marfim, com a cama de casal encostada na parede oposta à entrada do quarto, o armário de quatro portas ao meu lado direito. Não tinha escrivaninha e nem sinal de algum computador, também nenhuma decoração. Suspirei, recolhendo a toalha e a muda de roupa que estavam sobre a cama e fui para o banheiro que ficava em frente ao pé da cama.

— Arthur quer te ensinar a ser como ele, com seus poderes limitados. Eu quero te ensinar a usá-los plenamente.

— Por que ele limitaria os poderes dele e os meus? — Encostei-me ao batente da porta e encarei Pietro.

— Porque ele acha que é o certo. Tome seu banho e depois conversamos.

— Depois você não vai conversar. — Retruquei.

Ele sorriu aquele sorriso torto de antes, de quando só pensava que ele era meu possível futuro namorado. Meu coração me denunciou batendo tão forte que qualquer um a mais de dois metros ouviria. Mordi meu lábio, desviando meu olhar para o chão.

— Eu não sei o motivo de querer te ensinar, você não precisa saber. — Ele engasgou como se tivesse falado demais, resmungou algo e me encarou. — Tome seu banho, sem perguntas.

O anjo saiu do quarto, fechando a porta atrás de si. Vi-me sozinha e com um enorme ponto de interrogação na cabeça. Até agora, não conseguia ligar ponto algum, eles pareciam escolher quando parar de me dar informações. O que mais me intrigava nisso tudo era passar por tanta coisa e, mesmo assim, não estar apavorada como deveria. Por que eu tinha visto uma luta entre eles e estava calma? Talvez, eu realmente fosse estranha como meus avós diziam.

Entreí no banho depois de retirar o vestido que estava grudando na minha pele. A água quente fez os machucados arderem, mas a sensação ainda assim era boa; deixei correr desde a minha cabeça até os pés por um bom tempo, tentando pensar em tudo o que vi e ouvi nesses dias. Pietro nem sempre parecia ruim, mas Arthur sim e, de repente, trocaram de posição. Arthur mudou até a aparência, mas pelo que entendo Pietro também deveria ter mudado se ele se passava por Pierre que é Arthur. Mas ele continuava o mesmo com aqueles olhos cinza que me davam calafrios.

Arthur tentou me alertar quanto a Pietro e nunca avançou sinal algum comigo, já

Pietro quase me fez querer perder a virgindade e, por isto ele não poderia mesmo ser o anjo bonzinho da história. E eu? Ainda não descobri o motivo de eles brigarem tanto. Um me levou para o céu, mas não era o céu, o outro achei que me levaria ao inferno, mas me trouxe para cá. Pelo visto, meu pai confiou coisas diferentes a ambos ou eles não sabem o que estão fazendo.

Bufei. Não chegaria a lugar algum tentando entendê-los, precisava me lembrar se meus avós me deixaram alguma pista, já que talvez soubessem da verdade. Terminado o banho, vesti a bermuda jeans e a camiseta branca que peguei na cama, havia uma troca íntima e meias também. Quando voltei ao quarto, encontrei um *allstar* branco e preto que era o meu número. Calcei-os.

De frente para o espelho do banheiro, arrumei meus cabelos e vi como estava diferente da última vez que tinha encarado meu reflexo. Os fios estavam mais claros e mais compridos, meus olhos castanho-claros pareciam num tom verde-mar, mas não sabia se era impressão minha; nas minhas bochechas, algumas sardas destacadas pelo contato direto com o sol, minha pele estava queimada e arranhada em muitos locais, porém me sentia mais bonita que da última vez.

Sai da frente do espelho e fui para o quarto, o movimento rápido me fez cambalear, sentei-me na cama recordando do problema de labirintite. Como não tinha me sentido assim na floresta com aquelas descidas todas? Fechei meus olhos, esperando a tontura passar e me levantei bem devagar, indo pelo caminho inverso até a cozinha.

Encontrei Pietro observando o mar do lado de fora, sai pela porta da cozinha e caminhei devagar até ele. Se eu não soubesse a verdade, pensaria que éramos apenas um casal comum tirando férias. Antes de me aproximar muito, ele estendeu a mão sem nem mesmo me olhar. Segurei a mão estendida e deixei que me abraçasse, ignorando os protestos de cuidado em minha mente.

— Está cheirosa. — Observou depois de passar o nariz entre os fios molhados de meus cabelos.

— Obrigada. Você já tomou banho! — Afirmiei, percebendo que ele estava com um conjunto branco, a calça de sarja, camiseta de algodão e chinelo havaianas.

— Sim, tomei. Precisávamos. — Ele riu sem desviar os olhos do mar. — Sei que quer respostas Suzanna e eu não entendo o motivo porque quero dá-las a você.

Ele falava em um tom baixo, parecia perdido em suas próprias indagações. Fiquei calada esperando que continuasse.

— Seu avô paterno era um Nefilim e sua avó também. Eles não souberam disso até que seu pai completou dezoito anos e os procuramos. Não eram poderosos o suficiente para necessitarem saber de sua origem nefilim. — Ele respirou, levou a mão ao queixo, coçou a pele lisa, suspirou colocando a mão em meu rosto e voltou a falar. — O fato é que você é a terceira geração de uma linhagem quase pura.

— Meu avô me disse isso...

— Ele disse que, algumas vezes, conseguimos descobrir as habilidades que os Nefilins terão enquanto ainda são crianças?

Confirmei lentamente, um pouco confusa, fazendo sinal para ele continuar.

— Você tem muito pouco do sangue humano dentro de você. Já percebeu que não consegue dormir? — Fiz que sim e ele sorriu. — Percebeu que é criativa? Que tem facilidade com qualquer coisa, principalmente histórias e música? — Continuei olhando para ele. — Notou que parece mais adulta do que as outras meninas da sua idade ou que, quando está nervosa, a natureza é o único local que te acalma?

— Isso é muito comum... Não significa nada.

— Significa muito — retrucou e me fez olhá-lo. — Você já ouviu sussurros ou sentiu presenças e não tinha ninguém por perto? Já tocou melodias que ouviu uma única vez e não teve dificuldade em se lembrar?

— Humrum... Mas o que tem a ver com você me sequestrar e me trazer para cá?

— Desta vez, você escolheu vir. — Respondeu seco. — Seu pai possuía poderes de um anjo adulto e tínhamos receio que ele tivesse adquirido também outra condição que é uma das que diferencia nefilins de anjos

— Qual é?

— A imortalidade, Suzanna. Os nefilins podem viver por séculos, mas eles envelhecem. Anjos não, eles atingem a fase adulta em um ano ou dois de existência e assim permanecem.

Suspirei, estava entendendo o que ele me expunha, mas não o motivo de ter me trazido para este lugar.

— Por isso o mataram, para ver se ele podia morrer?

— Em parte... Mas, foi realmente um acidente. — Respondeu.

— E ele morreu mesmo. — Afirmiei, encarando os olhos dele.

— Outra característica é a percepção mais aguçada, mas seu pai conseguia ter premonições.

— Você não me respondeu.

— Eu já disse que ele está vivo. — Soltou áspero, me fitando. — Seu pai é perceptivo, consegue saber quando algo vai acontecer e, algumas vezes, prevê o futuro.

— E onde ele está?

— Tudo a seu tempo.

— Quero saber onde ele está. Por que não me diz logo e acaba com isso?

— Porque não é a hora ainda.

Sentei-me na areia, a noite já havia caído, mas a lua deixava tudo claro, a água do mar num tom azul-escuro e prateado... Lindo, se fôssemos mesmo um casal em

férias.

— E quando será a hora?

— Em breve. — Ele sentou-se ao meu lado, virado para mim. — Seu pai viu que Pierre se apaixonaria por você.

— E daí ele se apaixonar por mim? Não explica o porquê disso tudo.

— Pierre é um anjo de luz, você uma nefilim com muito pouco de sangue humano, a quarta geração pode ser quase pura se o seu parceiro possuir também sangue descendência angelical. Seu filho pode ser tão poderoso quanto um anjo, mas viver entre os humanos, isto seria desastroso aos olhos Dele. — Ele olhou para o céu ao dizer.

— Desastroso, por quê?

— Imagine um homem tão poderoso e indestrutível vivendo entre vocês, ele pode se curar, pode prever acidentes, pode viver mais que qualquer humano... Ele pode se sentir como um deus.

— Vai da criação que essa pessoa tiver. Se Pierre é um anjo bom e meus pais me educaram direito, nosso filho não seria um problema. — Falei baixo, aborrecida que decidiram matar meus pais e mudar minha vida por causa de uma premonição que poderia nem se cumprir.

— Entende porque seu pai me pediu para intervir? Ele queria Pierre longe de você.

— Não sei... Tem muitas lacunas em tudo o que me disseram até agora.

— Exemplifique uma.

Pensei um pouco antes de formular a pergunta, queria que Pietro não tivesse como escapar da resposta. Cruzei minhas pernas em forma de borboleta e fiquei traçando desenhos na areia.

— Poderiam, ao invés de matar um homem, ter pedido apenas para que, quando eu entendesse, fosse me dito para não aceitar ficar com nenhum anjo ou nefilim.

— Acha que é possível parar alguém quando está apaixonado? É difícil separar humanos, imagine um anjo!

— Mas, não precisava ter matado meus pais. — Estava nervosa, minha vontade era sair dali, mas eu precisava de respostas, por isso mantive a calma e a frieza e permaneci sentada olhando para a areia.

— Uma perda justifica a salvação de milhares. — Disse.

— Explica.

— Às vezes é necessário um sacrifício pelo bem de todos.

— O sacrifício era meu pai? Ele não estava vivo?

Pietro não respondeu, mas era nítido em seu olhar que ele queria me dizer, porém o lampejo que vi em seus olhos sumiu quando ouvimos o barulho de asas batendo forte acima de nossas cabeças. O anjo se levantou de súbito, erguendo-me

junto com ele.

— Não, o sacrifício não é seu pai. — Disse baixinho, olhando para cima.

Havi se transformou em homem assim que as patas do urubu atingiram a areia, ele tinha os olhos vermelhos como sangue e estava carrancudo encarando Pietro. O anjo me soltou assim que ele começou a vir na nossa direção, pareciam estar conversando mentalmente por causa das expressões nervosas e do movimento dos lábios. Ele andou até mim e, meio segundo depois, me arrastava pelo pulso até a casa. Pietro não se manifestou, por isso fui com ele sem reclamar, devia ser alguma ordem que ele lhe dera.

— Ele fala demais. — Resmungou Havi.

As mãos do urubu estavam fervendo tanto que, quando me largou no quarto, vi que minha pele estava vermelha onde ele segurou, gemi tanto pela ardência como por ouvir a porta sendo trancada pelo lado de fora.

— Eiii!! — Gritei, dando um tapa na porta, mas não tive resposta em nenhuma das doze vezes que fiz isso.

Chamei por Pietro, por Arthur, por Havi, mas o silêncio foi minha única resposta. Como a queimadura ardia muito, fui até o banheiro procurar algo para aliviar, achei um creme de corpo com cheiro de morango, o mesmo que usava na casa de meus pais, o que era estranho, mas usei para passar no local da queimadura.

Voltei para o quarto e chamei por eles mais uma vez. Estava agitada com a certeza de que algo estava errado. Por que Havi olharia daquele jeito para Pietro e por que me trancaria aqui se eu estava colaborando?

Deitei-me na cama, observando as paredes brancas e o armário marfim, pensando nas coisas que Pietro me disse na praia. Ele estava como quando o conheci, um rapaz misterioso, charmoso e normal. Só de me lembrar, meu estomago ficou agitado e, pela primeira vez, deixei as lágrimas rolares pelo meu rosto por ele não ser o que pensei, um possível namorado muito gostoso e nada sinistro.

Assim adormeci, com a cabeça cheia de informações, mas nenhuma conclusão certa. De que sacrifício ele estaria falando então? Por que era frio e agora quente? Será que era outra ilusão?

Capítulo 23



Acordei assustada, meu coração batendo tão forte que me deixou surda por um breve segundo. Do lado de fora do quarto, ouvi vozes de dois homens discutindo. Um parecia Pietro, mas o outro falava baixo e eu não consegui reconhecer. Fui até a janela de madeira que estava fechada pelo lado de fora, as paredes não eram de vidro como na cozinha, talvez, para que houvesse alguma privacidade. Encostei a orelha na janela e tentei respirar o mais baixo que consegui para ouvir melhor.

— *O seu dever era apenas seduzir uma garotinha. Qual dificuldade encontrou nesta tarefa?* — O homem falava arrastado e me deixou toda arrepiada com o tom irritado que usou. Meus olhos estavam arregalados por pensar que quem falava dirigia-se a Pietro e falava sobre mim.

— *Nenhuma, meu senhor. Fiz o que me pediu, tenha paciência que tudo dará certo no final.* — Pietro argumentou, mas não parecia estar certo do que falava.

— *Não sou e nem preciso ser paciente. Dou-lhe mais três dias e três noites ou mandarei outro em seu lugar. A menina completará dezoito anos em pouco tempo, pare de brincar de casinha.*

— *Sim senhor, não precisará me substituir.*

— *Insistiu tanto que fosse você. Estou decepcionado.*

— *Senhor, não ficará decepcionado por muito tempo.*

Fez-se silêncio por um tempo interminável, então, ouvi o homem falar novamente.

— *Nos entendemos?*

— *Sim.*

Um barulho forte se fez do lado de fora e um clarão atingiu a janela. Sentia meu coração e a respiração agitados. Corri para a cama e me deitei o mais silenciosamente que consegui, provavelmente receberia a visita de Pietro em breve. Queria saber quem falou com ele e porque ele deveria me seduzir. A informação me fez ter certeza de que tudo não passou de fingimento — os cuidados, a sedução, a impressão de que ele realmente me amava.

Meus olhos lacrimejaram e sequei a lágrima que escapou no lençol com o qual me cobria. Estava com medo, pois, se Pietro fosse substituído, talvez o urubu

tivesse de fazer o que ele não conseguiu. Arrepiei-me por completo com a lembrança dele me abraçando por trás horas mais cedo.

Que fosse Pietro então e que alguém viesse me ajudar antes do final dos três dias, pedi como uma pequena prece.

A porta se abriu e uma luz amarelada clareou até a metade da cama onde estava deitada. O anjo parou entre o batente e a entrada do quarto, observando-me dormir, eu estava decidida a fingir que não tinha ouvido nada, por isso deixei escapar um suspiro pesado de quem ainda não acordou. Ele deixou no chão, ao lado da cama, uma bandeja com o desjejum, o cheiro forte de café preto fez meu estômago roncar e, pelo adocicado misturado ao perfume do café, soube que também haviam frutas na bandeja.

Pietro tocou meus cabelos que estavam espalhados sobre o travesseiro e senti seus lábios roçarem bem próximo de meu pescoço. A verdade é que, sendo mentira ou não, eu ainda respondia aos seus toques e senti-lo tão próximo e carinhoso fazia-me acreditar que não era fingimento. A lágrima me escapou de novo e segurei o bolo que se formou em minha garganta. Se chorasse ele iria querer saber do motivo e eu não era muito boa com mentiras.

— Eu te amo. — Sussurrou. Senti a cama se mover, era ele se levantando para sair do quarto.

Mentiroso! Pensei com raiva, fechando minhas mãos em punho debaixo do lençol.

Ele parou de andar e senti que me observava sobre a cama. Permaneci imóvel, tentando me controlar por causa do medo. Se ele soubesse que ouvi a conversa, o homem que o visitou saberia também e, se era ruim com Pietro, muito pior com um desconhecido.

Ele permaneceu no lugar observando-me. Ouvi a porta se fechando, mas sentia ainda a presença dele no quarto. Aos poucos, relaxei e soltei novos sons de sono profundo, mas ele não saiu, se sentou no chão e encostou a cabeça na cama. Não sei quanto tempo passou, mas meu braço ficou dormente por permanecer na mesma posição. Virei-me de costas para a parede, joguei o braço para fora da cama e este atingiu o ombro de Pietro. Inquieta, fiquei de bruços e esparramada sobre o colchão.

— Quem vai desistir primeiro? — Ele segurou minha mão e a levou aos lábios enquanto falava. Dei um pulo com um susto genuíno, não esperava que ele fizesse algo. — Te assustei? — Questionou, falando no mesmo tom baixo.

— O que faz aí? — Murmurei sonolenta, esfregando os olhos com a mão livre.

Ele não respondeu, levantou-se segurando ainda minha mão e me fazendo ficar de lado na cama. Logo, senti seu peso abaixar o colchão e seu corpo estava junto do meu, daquele jeito gostoso que só ele consegue ficar, com cada mínimo pedaço dele milimetricamente encaixado a mim. Pietro nos cobriu novamente, olhei para a porta.

Estava fechada, provavelmente trancada. Uma das mãos do anjo repousou em minhas costas, a outra ajeitava o meu corpo ao dele, percebi o cuidado com que se movia e logo colocou meu rosto em seu peito, minha coluna espremida contra a parede fria e o corpo dele pressionando o meu.

— Não consegue dormir? — Disse, deslizando a mão pelo meu braço e emaranhando os dedos em meus cabelos, fazendo carinho.

— Acho que dormi. — Retruquei, a razão mandava que o empurrasse, mas nada fiz confusa demais com meus próprios sentimentos.

— Não acredito que tenha dormido. — Ele ainda usava um tom baixo, o carinho e a voz me embalavam e como fingia estar sonolenta acabei por sentir meu corpo pesado com sono.

— Dormi sim, não tinha outra coisa para fazer aqui. — Retruquei novamente. — Por que Havi me trancou aqui e brigou com você?

— Ele acha que perdi o foco. — A mão de Pietro estava atrás de minha coxa e tocando a parte interna ele posicionou minha perna sobre a dele e, com um impulso forte, pressionou o quadril ao meu, fazendo-me soltar um resmungo de espanto.

— Para com isso! — Pedi, sentindo o movimento rotatório que ele fazia, fiquei agitada porque queria retribuir aquilo, queria muito retribuir.

— Por quê? — O hálito quente bateu contra o meu rosto quando falou e percebi que eu estava com a face erguida para ele.

Pressionei minhas costas na parede, buscando coerência e respondi baixo, encostando o rosto no peito dele novamente.

— Porque eu quero que pare. — Não parecia decidida e ele provavelmente notou, pois aumentou a pressão, sentia-o enrijecendo entre minhas pernas algo indescritivelmente delicioso.

— Não, você não quer. — Ele virou meu rosto, utilizando a boca para empurrar meu queixo para o lado, virei sem impor nenhuma resistência. Então, ele começou a cheirar minha pele e dar beijos com os lábios molhados.

— Quero sim. — Estava com meus dedos segurando com força a camiseta dele, e puxei para mim quando deu um chupão mais forte em meu pescoço.

— Quer? — Ele riu com a minha reação, colocou a mão por baixo da minha blusinha e escalou minhas costelas até tocar meu seio por baixo do lingerie. Gemi, era impossível não fazer. Meus mamilos enrijeceram e pressionei meu quadril ao dele também fazendo-o prender o fôlego. — Acho que não. — Ele subiu minha blusinha e se escondeu embaixo do lençol.

Eu não me lembrava mais do que tínhamos falado antes, ele estava me tocando e me queria de novo, era tudo o que me importava. Quando a língua atingiu o bico do meu seio, senti meu corpo inteiro estremecer e puxei seus cabelos com certa força, ele riu embaixo do lençol e ri com ele, empurrando de volta seu rosto para

minha pele.

Cheio de vontade, mas cauteloso, o anjo abocanhou meu seio, a mão pressionando a pele, fazendo com que quase todo coubesse dentro de sua boca, ele dava chupões fortes, puxando entre os dentes para depois aliviar a ardência com a língua cobrindo meu biquinho. Minha respiração estava descontrolada, tanto pelo ato como pelo nervosismo de não querer aquilo antes da hora e, ao mesmo tempo, desejar que não parasse. Havia sido criada com a ideia de ter minha primeira vez na noite de núpcias, agora minha luta era entre seguir meus princípios ou deixar só mais um pouquinho.

Com um movimento rápido, ele levantou meu sutiã, fazendo meus seios escaparem por baixo, enquanto com uma mão pressionava meu outro seio, a boca chupava o livre, o quadril dele contra o meu com movimentos mais precisos, só faltava estarmos nus porque eu sentia tudo como se estivéssemos.

Tirei minha mão dos cabelos dele, levando até a cintura de Pietro, com o dedo preso no cós, puxei-o com força contra mim, ouvi-o gemer e rir. Solto meu seio e deslizou a mão por minha barriga chegando até a parte interna de minha calcinha, fiquei tensa, retesando meu corpo e soltando a calça dele, com delicadeza o empurrei, murmurando ao mesmo tempo em que ia com meus lábios até os dele.

— Não, agora não, meu amor.

— Amor? — Ele engasgou, não sentia mais as mãos sobre mim.

Ele respirou fundo e me apertou contra ele diferente, sem a malícia de antes e percebi que tremia.

— Pietro, você me confunde. — Sussurrei.

Apressadamente, ajeitei meu sutiã e saí da cama, sentindo o vento frio arrepiar minha pele. Não ouvi o que ele disse, tranquei-me no banheiro e abri a torneira do chuveiro, deixando o som abafar os protestos dele.

Por que ele sempre conseguia me fazer perder a razão? E, por Deus, por que eu não sentia medo na situação em que me encontrava? Era no mínimo bizarro! Qualquer garota estaria morrendo de medo de ser estuprada, sendo ele um anjo ou não.

Ser arrastada por aí por uma pessoa que literalmente quer te levar para o inferno é de dar medo. Tirei toda a minha roupa debaixo da água que estava morna e me deixei despertar de vez. Precisava de alguma realidade, eu me sentia dentro de um sonho onde não conseguia acordar e nem assimilar mais nada. Forcei-me a pensar nos meus avós, nos pesadelos que tinha desde a morte de meus pais, em Bruna, no gatinho dela e em Arthur, o da escola e não o que parecia mais adulto agora. Banhei-me sem pressa, passando as imagens em minha mente uma a uma. A rosa que Pietro deixou em minha cama, ou antes, quando ele entrou na saleta de música me ouvindo tocar.

O passeio que fizemos no Museu e no restaurante que fui com Arthur e dançamos. Poucos dias se passaram desde esses acontecimentos e tudo parecia distante. Meu corpo ardia pelas feridas que ganhei durante os dois últimos dias na floresta, mas deixei arder, isso me trazia conforto por estar viva e ainda ser humana de algum modo.

— Suzanna. — A voz feminina era tão forte que passou pelo som do chuveiro. Gemi baixo, sentindo pela primeira vez medo de atender o chamado. — Suzanna. — Chamou novamente meio minuto depois.

As lembranças se foram dando lugar à realidade pura e concreta, eu estava no meio do nada com a minha sentença traçada, pois não tinha outra saída, eu tinha escolhido seguir a Pietro para salvar Arthur.

Fechei a torneira com pressa e passei a me enxugar e vestir as mesmas roupas com que dormi. Via a sombra de alguém parado atrás da porta e, como não havia mulheres conosco — exceto pelas crianças-demônio — me apavorei um pouco mais, imaginando que o homem misterioso teria resolvido antecipar a substituição de Pietro.

— Já vou. — Resolvi responder quando ouvi que ela puxou o ar do outro lado, provavelmente para me chamar novamente.

— Agora.

Agora? Pensei comigo mesma.

A ordem me lembrava de minha vó me mandando sair do banho por demorar demais. Penteei meus cabelos com a ponta dos dedos, e como já tinha escovado meus dentes, abri a porta. Uma loira de lábios carnudos e rosados estava com os braços cruzados encostada na parede da cama e me olhou de cima a baixo piscando uma vez seus olhos azuis. Ela desencostou da parede e começou a andar para fora do quarto.

— Venha comigo.

Olhei em volta e não havia sinal de Pietro, mas sentia o olhar dela sobre mim, mesmo de costas. Vesti o tênis que estava na beira da cama como por mágica e corri para alcançá-la, a mulher já estava entrando na cozinha. A loira usava um jeans escuro, saltos e uma camisa branca por cima, com babados na gola. O corpo esculpido lembrava-me a boneca Barbie, o cabelo com as pontas cacheadas batendo na altura do quadril.

— Quem é você? — Perguntei.

Avistei Pietro na praia, estava sentado na areia olhando na direção do mar. O sol fazia a pele dele ficar dourada com os reflexos e me senti aliviada por ele estar por ali ainda.

— Meu nome é Demétria.

Ela puxou uma cadeira, apontando para que eu me sentasse. Obedeci, pois não

sentia mais o medo de antes. Pietro agora estava olhando em nossa direção, a cadeira onde me sentei ficava virada para a praia. Sem desviar o olhar, questionei.

— Você é amiga do Pietro?

— Não muito, mas ele não sabe que estou aqui. — Ergui meus olhos assustada, ela sorria e os olhos azuis pareciam estar da cor do oceano atrás dela. — Ele acha que você o rejeitou e acha que estão sozinhos. E provavelmente não percebeu que você está conversando com alguém invisível, por isso ocupe-se de algo.

— Quem é você? — Perguntei, agora me levantando e andando para trás assustada.

— Sou um anjo também, faço parte do exército celestial. Você pediu ajuda e aqui estou.

— Pedi ajuda há um dia!

— Não consegui chegar antes, pois tive algumas dificuldades no meio do caminho.

— Você é o que?

Senti as costas na parede da cozinha e arrastei o corpo até sentir o batente da porta que dava para a sala.

— Suzanna, não corra. Ele não pode me enxergar e nem me ouvir porque sou uma categoria de anjo mais poderosa e você está segura comigo.

— Ah! Anram. — Sai pela porta e comecei a correr pela casa, tentando encontrar outra saída para a praia, eu via pela vidraça da sala que Pietro estava em pé agora, observando-me com um pouco de espanto. Quando fui erguer a mão para chamá-lo, Demétria me segurou.

— Sou amiga de Pierre, se isso te acalma.

— Não acredito em você.

— Prefere a morte eterna?

Virei-me para ela, percebendo que não empunha qualquer força para me manter cativa, ela era morna e cheirava a algodão doce.

— Morte eterna?

— Ele te falou do sacrifício? — Fiz que sim, a mulher me pegou pela mão, fazendo-me voltar para a cozinha. — Procure algo para comer, ele vai achar que está com fome.

Olhei por sobre o ombro e Pietro estava voltando para a casa, por isso me virei para a mulher e não obedeci.

— Que sacrifício? — Cruzei os braços, mas algo invisível parecia mover meus braços e meu corpo, me senti empurrada para a geladeira, meus braços esticaram, a mão envolveu a porta, abrindo-a. Logo, estava com uma maçã na mão, levando até a boca.

— Morda. — A mulher disse no segundo em que Pietro entrou na cozinha.

Foi o que fiz, pois minha própria mão empurrava a fruta contra meus lábios.

— Você está bem? — Ele perguntou, estava parado ao lado dela, mas parecia nem a ter notado.

Quando fui responder que não, minha cabeça se moveu sozinha fazendo que sim. Odiava ser manipulada desta forma e olhei furiosa para a mulher que parecia se divertir com a situação.

Ele foi até a geladeira, retirou uma panela com leite e colocou no fogão para esquentar, depois se voltou para mim de novo.

— Desculpe por antes. Às vezes, é difícil negar minha natureza.

— Sei. — A mulher murmurou. Olhei para Pietro, mas ele nem se manifestou.

— Eu não te entendo. — Sussurrei, dando outra mordida obrigatória na maçã.

— O que não entende?

Gesticulei, pois era a única coisa que me restava fazer, tentando apontar para o quadril dele, para mim, mostrando meu corpo. Queria dizer que não entendia o porquê dele tentar me fazer mulher, queria saber se ele me desejava mesmo ou se era apenas cena.

A mulher riu, levantou-se da bancada onde tinha se sentado e foi até mim, moveu minha mão até que eu deixasse a maçã pela metade sobre a mesa e começou a falar em minha mente:

— *“Porque você me seduz se não é o que quer? Você me deseja mesmo ou faz parte da farsa, Pietro? O que você quer realmente de mim?”*

Enquanto ela falava, ouvi minha própria boca fazendo as perguntas no mesmo tom ríspido que ela fez em minha mente. Era surpreendente que ela soubesse formular as perguntas por mim. Ele titubeou, mas não desviou o olhar do meu, desligou o fogo, serviu-se de um copo de leite morno e, enquanto bebericava, parecia pensar na resposta. Demétria falou novamente:

— *“Não quero que pense na melhor resposta, quero a verdade. Será que pode se lembrar de quando era um anjo e não podia mentir e fazer isso, por mim?”*

Novamente me ouvi falando o que ela disse em minha cabeça, não gostava da sensação, mas a verdade é que era exatamente o que eu perguntaria. Pietro se mexeu incomodado, colocou o copo sobre a mesa e fez um sinal para sairmos.

— Vamos andar um pouco, falo melhor andando.

Esperei ele se levantar e olhei para Demétria, esperando alguma reação, ela apenas abanou a mão me mandando segui-lo. Eu devia pensar melhor em quem confiar, isso sim.

— Quer andar para achar as respostas? Estou cansada de enrolação, P.

— Não, eu te trouxe para cá para ganhar tempo, mas nos encontraram.

— Como assim? — Senti o cheiro forte da maré e a areia macia embaixo dos meus pés, começamos a andar próximo do mar, mas eu estava um pouco mais

afastada para não molhar o tênis.

O céu estava azul claro pela posição em que o sol batia contra as rochas mais à nossa frente, provavelmente passava das dez da manhã.

— Bom, eu sou um anjo caído, minha função depois que caí é marcar almas para o inferno. Como faço isto? Usando dos pecados capitais. Geralmente, aproveito um sentimento da própria pessoa e a faço querer mais; se é poder, faço buscar por mais ambição, até que a pessoa se torna gananciosa, ligada ao dinheiro, ao material. Se quiser prazer, instigo a luxúria. Qualquer mulher, humana ou não, sempre me deseja no segundo que chego perto dela.

— Agora entendi. — Suspirei, lembrando-me de como me sinto perto dele.

— Mas, há uma diferença entre pecar e ser marcado.

Demétria estava ao lado dele, prestando atenção ao que dizia e, quando pronunciou essa frase, ela ergueu uma das sobrancelhas como se estivesse surpresa.

— Qual diferença? — Perguntei, mas observando a reação dela ao que ele iria dizer.

— Eu te provoquei e, por um momento, você quis que eu continuasse. Se quisesse teria caído na minha armadilha, mas não estaria marcada para o inferno, apenas com uma mancha na sua pureza. — Franzi a testa sem entender nada e ele continuou. Demétria estava quase se encostando a ele de tão compenetrada. — Para ser marcado, o primeiro passo deve ser do humano, ele deve fazer o ato acontecer e não ser levado a ele. Por exemplo, você partir para cima de mim, querendo que eu a faça mulher, mas não eu começar um jogo de sedução e te fazer responder a mim. Vê a diferença?

Fiz que não e Demétria começou a rir. Ria tão alto que achei que Pietro fosse ouvi-la.

— Se eu fizer você transar comigo, eu estou marcada para o inferno, mas, se você que fizer eu querer transar com você, só cometi um pecadinho? — Ouvi a mim mesma dizendo, só de usar a palavra com t duas vezes senti minha bochecha esquentar, sabia que estava vermelha feito pimentão.

— Você entendeu. — Ele também estava surpreso com o vocabulário, mas sorriu por compreendê-lo. Lancei um olhar enviesado para a anja, falar por mim estava me irritando demais. — Mas perceba, o único ato que cometeu foi quase me roubar aquele selinho na Mansão da família Santos. Você nem percebe como é inocente.

Ele suspirou e olhou para a areia pensativo.

— Isso é bom ou ruim?

Ele sorriu e me olhou de lado, esticou a mão entrelaçando os dedos aos meus e, por um momento, tudo a minha volta parou de existir. Os olhos dele estavam vivos como duas chamas bruxuleantes, os lábios rosados e com um sorriso terno, sem

malícia. Ele suspirou novamente, parando de andar.

— Você tem essa pureza bonita dentro de você, eu precisava mudar você, fazer com que pecasse, pois um pecado faria você tomar atitude na próxima vez, mas não pude. Não posso. E não entendo por que.

Porque me ama. Pensei comigo mesma. Meus olhos estavam marejados, mas o momento se quebrou quando senti uma lufada de ar quente contra meu peito e fui jogada para longe de Pietro. Gemi quando bati de lado contra a areia da praia, minha pele ralando enquanto era arrastada um pouco mais para o mar por uma força que era invisível para mim. Pietro estava estático perdido, olhava para o nada e na minha direção, mas parecia não conseguir sair do lugar.

— Não seja tola, ele não te ama. Está usando isso para te confundir e te fazer transar com ele. Menina burra. — A voz veio de todos os lados, era quente e sombria.

Pietro gritou meu nome e foi suspenso no ar pela mesma força invisível. Por algum motivo, eu acreditava que era Demétria e que ela talvez não fosse o anjo celestial que me disse antes.

Capítulo 24



Levantei-me mesmo com várias partes do meu corpo latejando de dor e enfrentei aquela parede invisível que me empurrava de volta. Pietro estava me encarando assustado, parecia apenas um homem acuado e não o anjo poderoso que eu sabia que ele era. Estava erguido com as pernas balançando no alto. Avancei na direção dele, pois uma certeza gritava dentro de mim de que eu poderia fazer algo e parar de ficar a mercê da vontade de anjos lunáticos.

Senti o calor interno remexendo meu estômago, era como se o medo, a raiva e todos os sentimentos que guardei nos últimos dias se encontrassem de uma só vez, a fúria estava em meu olhar, no maxilar trincado e nas mãos em punho. Dei um passo, decidida, e mais outro, o calor aumentando em meu ventre. Pietro foi lançado longe e, quando tocou o chão, virou-se, cobrindo os olhos com as mãos, agachando-se acuado na areia. Dei um impulso, a força me espremeu de todos os lados e gritei, um vapor quente saiu de minha garganta junto com o grito.

— Solte-me! — Abri os braços com força e voltei a sentir o ar frio que vinha do mar, o cheiro e a ouvir a maré, sabia que estava liberta.

Corri até Pietro que se afastou, arrastando o corpo pela areia, estendendo a mão me fazendo recuar. As palavras dele saíram baixas e inseguras, mas consegui entender cada uma delas.

— Você não pode se aproximar agora, vai me matar.

Parei e me afastei o mais longe que consegui, confusa. Não tive tempo de perguntar o motivo, pois ouvi um ruído forte. O que quer que fosse voltou a erguer Pietro no alto bem acima da minha cabeça. Eu não o enxergava, via somente Pietro com os braços e pernas esticados e seu rosto contorcido de dor, algo dentro de mim mandou que confiasse em meus instintos, então parei de tentar descobrir o que fazer e apenas agi.

Lancei para o alto uma boa quantidade de areia da praia. Ao voltar, ela moldou-se à figura que estava invisível e pude enxergar quem erguia Pietro. Não parecia humano, mas tinha uma cabeça, ombros largos, duas pernas e estava a alguns passos de distância. Corri jogando meu corpo contra aquela coisa, senti o choque do frio com meu corpo quente e uma eletricidade forte me estremeceu, fui lançada para trás

novamente. Aquela coisa caiu para o lado oposto, levantei-me rápido e corri na sua direção, parecia um anjo, agora podia vê-lo, estava com as asas cinza abertas, no rosto um sorriso desafiador. Erguia-se também e corria de encontro a mim.

Meus pés pareciam não tocar o chão, percebi que minhas mãos queimavam e algo brilhava em torno delas. A adrenalina me fazia tremer inteira. Enquanto nos aproximávamos, percebi o espanto nos olhos de Pietro. Então, me lancei imaginando que meu punho se chocaria com a boca do estômago dele.

— O que quer de mim? — Gritei ao mesmo tempo em que ele recuou, levando as mãos ao local que o acertei.

Ele me olhou visivelmente surpreso, eu também estava conseguindo agredi-lo.

— Ela não sabe? — O anjo recuperou-se tão rápido quanto um suspiro, rindo alto e fazendo minha pele se ouriçar arrepiada.

— De novo isso? Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe! — Falei entre dentes, chocando-me contra ele novamente. O anjo nem se moveu desta vez, segurou meus ombros e, com um gesto simples, me jogou para trás.

Ardeu, ardeu muito! A areia pareceu entrar na minha pele, minhas costas ficaram dormentes e latejando, uma dor profunda me fez gemer e perder a força para me levantar.

— Tola — foi só o que disse.

Pietro não se movia, parecia impelido, olhava aquele anjo de perto, mas nada fazia, seus olhos opacos como se não vissem nada além do anjo.

De repente, senti um novo choque, mas dessa vez a sensação não foi ruim. Ouvi a voz de Arthur como um prelúdio, o céu ficou negro como se um enxame de gafanhotos viesse em nossa direção, mas a negritude se iluminava conforme chegava mais perto, o anjo que me atacara estava assustado. Pisquei algumas vezes e ele estava com o rosto a centímetros do meu, mostrando os dentes num sorriso sarcástico.

— O que viu? Diga-me.

— O que eu vi? — Confusa, olhei para além dele e as nuvens estavam claras novamente. Levei uma bofetada no rosto e meus olhos arderam no mesmo segundo, de raiva e surpresa, nunca tinha levado um tapa no rosto e, para mim, era a pior humilhação que um ser humano poderia vivenciar. Levantei-me, pois estava ajoelhada na areia, encarei o anjo me perguntando por onde andava Demétria e quem era este à minha frente, ergui o queixo enfrentando-o, mas nada disse esperando um novo tapa.

— Acha mesmo que pode me enfrentar?

— Eu *sei* que posso. — Blefei.

Ele ergueu uma das sobrancelhas, negou com a cabeça enquanto fazia um som negativo com a língua.

— O que você viu?

— Um anjo esquisito. — Desdenhei.

Estava realmente confusa com a pergunta, mas, antes de levar outro tapa, recuei um passo. Ele sorriu de lado, avançando dois passos para mais perto e segurou-me pelo queixo com força. Tentei me desvencilhar, mas não conseguia alcançá-lo ou empurrá-lo. Reclamei, puxando meu rosto de sua mão e impulsionando o corpo para trás, mas ele era muito mais forte.

Feche sua mente. Um sussurro preencheu minha mente e, no mesmo segundo, me lembrei de como fechar, da forma com que Arthur me ensinou. Não reconheci a voz, pensaria nisso mais tarde quando tivesse tempo. Eu me lembrava de todo momento precisar fechar meus pensamentos, como eu os abriria então?

Suspirei irritada, mas logo imaginei uma casa e todas as janelas e portas sendo fechadas por mim. O anjo riu, olhou em volta como que procurando por alguém e me soltou com um empurrão. Cai de bunda na areia, ao menos desta vez apenas o cóccix foi afetado. Novamente, vi atrás dele uma nuvem escura que se aproximava. Desta vez, o som acompanhava aquela nuvem, um som forte como se vários aviões nos sobrevoassem, alguém me segurou pelo pulso, puxando-me para trás, para junto da floresta que margeia a praia. Não precisei olhar para saber que era Demétria, o cheiro de algodão doce a denunciou.

— Fique aqui. — Sussurrou e desapareceu novamente. Encolhi-me perto da árvore, porém com o olhar atento na praia à procura de Pietro, Demétria e do anjo de asas cinza. Os três estavam se encarando a alguns passos de mim, pareciam dialogar, mas não conseguia ouvir. O zumbido ficava mais forte e, quando olhei para cima, vi que a nuvem era um exército de anjos, todos com asas muito brancas e o corpo com um brilho envolvendo-o.

Olhei para os três na praia, mas eles não pareciam vê-los. Um vulto escuro chamou minha atenção, virei-me na direção e vi as crianças-demônio saindo de trás da casa, vindo pelas laterais, o Urubu estava mais atrás comandando uma pequena multidão de demônios adultos. Arfei e me encolhi para junto da árvore, o cheiro de enxofre e morte antecipava a chegada deles, ardia tanto que meus olhos estavam lacrimejando. E, novamente, os três discutiam no meio disso tudo e pareciam não ver nada. Havi estava rindo, suas asas negras abertas, movendo-se lentamente como uma dança, os outros atrás dele não possuíam asas, mas o corpo avermelhado, na testa dois pequenos chifres, rostos perfeitos como de modelos, as mulheres com um rabo longo e pontudo balançando no ar, tão sensual quanto o andar delas, senti vontade de me aproximar e tocá-las, tamanha beleza. Pareciam nus, pois não via nenhuma roupa comum sobre eles, porém seu sexo não estava visível, era como se usassem um macacão de tecido bem rente e no mesmo tom de pele.

O anjo com asas cinza foi o primeiro a me notar encolhida na árvore, fez um

sinal me chamando para ir até eles. Percebi que Demétria negava com a cabeça, talvez pedindo que não o obedecesse. Fiquei no mesmo lugar, não queria estar no meio do exército de anjos e demônios que se aproximava. Um vento forte transpassou meu corpo, arrepiando-me inteira e tomou forma humana.

— O que você viu? — Era o anjo, estava de pé à minha frente em um piscar de olhos. Gemi pelo susto, apoiando-me na árvore.

— Do que você está falando? — Questionei quando vi que ele não iria desistir de ter uma resposta.

Então, além dele algo chamou minha atenção. Havi apontava atrás da casa onde antes eu o vira sair, o sol começava a se pôr e um tom alaranjado misturava-se ao da pele negra do demônio. Franzi o cenho, pois não tinham recuado, era como um *déjà vu*, porém muito pior. A quantidade de demônios que o seguia estava triplicada, as crianças pareciam eufóricas, saltando e com pequenas adagas em suas mãos. Arthur estava com ele, empurravam-no, suas mãos presas atrás das costas e as asas escondidas, parecendo um homem comum. De onde eu estava, não conseguia ver se as manchas escuras em seu peito e ombros era sujeira ou sangue. Arfei e me impulsionei para frente para ir até ele, mas não consegui, o anjo de asas cinza segurava-me pelo pulso e erguia-me no alto.

— Menina, seria mais fácil me dizer logo do que eu ter de arrancar a informação de você.

Ao terminar de falar, ele largou meu pulso e despenquei no chão batendo a lateral da coxa esquerda numa pedra e o cotovelo na árvore, engoli o gemido de dor, não queria parecer mais fraca para Arthur. Levantei-me, apoiando a mão no tronco da árvore, encarando o anjo e, então, percebi que não havia mais ninguém naquela praia. Olhei ao redor, estranhando o silêncio, o sol estava alto no céu, gaivotas nos sobrevoavam, Demétria e Pietro discutiam em tom baixo no meio do caminho entre mim e o mar e Arthur, Havi ou os demônios tinham desaparecido.

Seu pai viu Pierre se apaixonando por você. Lembrei-me das palavras de Pietro e em meu semblante estava nítido a minha certeza agora.

— Entendeu minha pergunta ou terei de repetir?

— Por que eles não fazem nada? Você fez um feitiço ou algo assim? — Desconversei. O anjo olhou na direção da praia e voltou a olhar para mim, estava sorrindo agora, seu semblante orgulhoso de si mesmo.

— Sou bem persuasivo quando quero.

Inclinei a cabeça de lado, assentindo algumas vezes, pensava numa mentira para contar quando ele se lembrasse da pergunta, suspirei e olhei novamente na direção da casa, nem sinal de Havi e nenhum dos demônios

— Percebi o que é. É um anjo ou um demônio?

— Ambos, me chamam de Persus porque gosto de história grega.

Assenti novamente, Persus parecia ter se lembrado. Então, antes que perguntasse, encarei-o como notei Pietro encarar antes, com admiração e os lábios entreabertos parecendo em transe.

— Alguns demônios vinham de trás da casa e derrotaram Pietro e Demétria. — Parte era verdade, mas ele não precisava saber que um exército de anjos viria também.

— Quando? — Ele me segurou pelo braço, apertando com tanta força que quase desfiz a face de admiração por uma de dor.

— Depois do anoitecer. — Menti.

Evitei piscar, respirar, focando apenas nos olhos esverdeados do anjo. Ele sorriu vitorioso e me soltou, deu-me as costas indo até os outros dois. Conversou algo que não pude ouvir e desapareceu como névoa. Em segundos, Pietro estava ao meu lado, recuperado.

— Você está bem? O que contou a ele?

— Estou bem, o que contei a quem? — Achei melhor fingir, não sabia se Persus estava escondido para me ouvir dizendo que menti.

— A Persus. O que contou? — Dessa vez, foi Demétria quem me questionou.

— Contei que ao anoitecer virão de trás da casa alguns demônios e que eles vão derrotar vocês. Pietro ficou pensativo, olhando-me sem expressão alguma, olhou para o céu e me pegou no colo, indo para a casa. Deitei a cabeça em seu ombro, estava dolorida em várias partes e sentia os cortes em minhas costas ardendo onde o braço dele encostava. Sabia que não era hora de mostrar desconfiança, por isso fechei meus olhos.

— O que ele disse a vocês? — Questionei, falando baixo.

— Que você agora sabe. — Pietro respondeu, entrava na casa comigo no colo e Demétria atrás dele.

— Sei do quê? E por que eu não podia me aproximar antes?

— Antes quando?

— Quando eu estava brigando com o Persus... Para onde ele foi? Não devíamos fugir?

— Ele foi avisar nosso... Chefe, que você descobriu seu dom... E você é metade anjo Suzie. Quando usa seus poderes, você pode brilhar como eles e isto pode matar alguém como eu. — Respondeu, parecendo exausto. Eu tinha muitas perguntas, mas a dor não estava me deixando formular nenhuma. — Então, você entendeu qual é o seu dom, Suzie. — Ele sussurrou, sentou-me no sofá e saiu para a cozinha. De onde eu estava, percebi que ele fervia água, pegava alguns panos e um kit de primeiros socorros.

— Acho que sim... Eu vejo o futuro. — A resposta tinha um tom de dúvida, eu queria entender também.

— Sim... Seu pai também via, mas não era algo controlado que ele pudesse escolher o que ver. As imagens apareciam e iam embora e ele também não tinha como saber quando aconteceria.

— E eu herdei o dom dele. — Novamente o tom era de dúvida.

— Acreditamos que sim.

— Ele possuía mais dons?

Demétria e Pietro se entreolharam, mas não responderam. Ela me fez deitar de bruços, rasgou minha camiseta e começou a limpar os cortes, doeu tanto que não consegui questionar mais nada, apenas apertei os dedos na lateral do sofá, controlando os gemidos que escapavam entre meus dentes. Pietro estava em pé, andando de um lado para o outro, agitando os braços como se falando consigo mesmo. Os cortes em seu rosto e braços desaparecendo sozinhos. Quis perguntar se ele não podia me curar com seus poderes.

— Vai doer um pouco.

A mulher avisou e senti algo sendo arrancado da lateral do meu quadril. Então, tudo escureceu por um momento. Quando voltei a abrir os olhos, estava no quarto, de bruços, sentia um lençol fino sobre meu corpo, mas não me mexi para olhar, minha pele estava latejando e o lençol dava a sensação de areia sobre ela.

Olhei para a janela e ainda era dia, provavelmente tinha desmaiado com a dor. Eu não sabia que tinha me machucado tanto até sentir tudo que arrancaram de minhas costas. O quarto cheirava a remédio e bolo, o que me embrulhou o estomago me fazendo golphar, mas somente o barulho, não tinha nada em meu estomago.

— Suzanna? — A voz de Pietro pareceu cansada. Em um segundo, ele estava ajoelhado ao lado da cama com a mão em meu rosto e aqueles olhos cinza preocupados bem perto de mim. Suspirei, era difícil controlar minhas emoções, queria apenas ser uma garota normal para escolher um cara normal por quem me apaixonar.

— O que aconteceu? — Minha voz estava áspera, rouca.

— Você desmaiou. — Pietro encostou os lábios nos meus, capturando-os e sugando com delicadeza, suspirou e deu um selinho no mesmo lugar.

Fiquei sem ação e todas as perguntas se embaralharam na minha cabeça. Ele tinha me beijado como um garoto comum faria, como um namorado preocupado. Levei a mão ao rosto dele, acariciando.

— Você se lembra de como se machucou?

Fiz que sim, mas então percebi que não me lembrava, sabia apenas que alguém cuidou de mim, tirando pedrinhas de minhas costas e que a dor era insuportável. Então, Pietro sorriu e continuou.

— Você caiu. Lembra-se de quem eu sou?

— Pietro, meu anjo. — Sussurrei.

Ele apertou os lábios em desgosto, passou a mão no meu rosto e se levantou.

— Como você se machucou?

— Não força, Pietro. — A voz feminina rasgou o silêncio do ambiente. Apertei os olhos sentindo a agressão em meus ouvidos. Em seguida, ela falou novamente, mais baixo. — Como está se sentindo, Suzanna?

Olhei na direção de onde vinha a voz e *flashes* da mulher limpando meus machucados passaram em minha mente. Senti uma náusea tão forte que precisei me sentar mesmo com a dor forte em minhas costas quando me movi. Estava ofegante, apoiando as mãos na cama e com meu corpo pendendo para frente.

— Obrigada por me ajudar, acho que me sinto péssima. — Respondi em sussurro. Até para falar, doía.

— Depois que se recuperar, levaremos você para casa.

Casa... A palavra me remeteu a casa de meus avós, quase não me lembrava da última vez que estive lá. Os últimos acontecimentos ficaram nítidos de repente e me lembrei de onde estávamos e como tudo aconteceu. Ergui meus olhos, buscando o olhar de Pietro, ele parecia inteiro, lindo como sempre foi, mas cansado. Demétria não estava diferente e ainda não conseguia saber se ela era uma aliada ou não.

— Os demônios atacaram? — Perguntei baixo, confusa.

— Que demônios? — Perguntou ela.

— Os demônios que vi que estavam chegando aqui.

— Ninguém nos atacou além de Persus. — Respondeu Pietro.

— Mas vão, não vão? Agora que todo mundo deve saber que tenho os mesmos dons do meu pai.

Pietro fez que sim, levantou-se e saiu do quarto. Demétria o seguiu, soltando um suspiro forte, estava chateada. Quando fiquei sozinha novamente, desejei que Arthur estivesse comigo. Assim talvez, alguma coisa fizesse sentido. Imaginava tantas respostas para a loucura desses dias! Posso prever o futuro, mas me sentia sozinha e em perigo. Estava em alerta, mais ainda, eles pareciam me manter distraída para algo maior. Assim que esse pensamento se formou, tive a certeza de que era isso, eu estava em cativeiro e achando que estavam cuidando de mim. Provavelmente era isso, tinha que ser isso, afinal agora estávamos os três em perigo. Logo, um bando de anjos e demônios estaria aqui.

Senti lágrimas em meus olhos, mas prometi a mim mesma que não iria chorar, precisava ser forte como fui com Persus.

Algum tempo havia se passado e parecíamos ter criado uma rotina. De manhã, Demétria me vigiava para tomar banho e havia conseguido roupas que me serviam para que não ficasse sempre com as mesmas. Depois do banho, me levava até a cozinha para o café da manhã. Não sei em qual horário trabalhavam na casa, mas todos os dias algo da reforma parecia pronto. Para mim, era um alerta de que

peessoas visitavam a casa em momentos que eu dormia. Depois do café, Pietro levava-me para a praia, caminhávamos e notei que ele sempre fazia algo para que eu usasse meus novos poderes. Num desses dias, descobri que tenho alguma afinidade com os elementos. Ele me queimou e eu joguei um bocado de água do mar nele, foi como se eu fizesse a onda flutuar no ar e cair em Pietro. Depois disto, ele começou a testar outros elementos, fogo, ar, terra. Então, levava-me para almoçar. Quase sempre peixe e Demétria nunca estava conosco. Havi apareceu apenas uma vez, conversou afastado com Pietro e saiu voando na sua forma de urubu. Eu estava esperando por novas visões ou pela que vi dias atrás, mas tudo estava normal, nem um vento mais frio ou alguma movimentação estranha, talvez tenha sido apenas minha imaginação.

Os machucados já estavam quase cicatrizados, porém Pietro insistia para que me deitasse à tarde, quase sempre dormia de imediato o que me fazia acreditar que tinha alguma droga no meu suco. Quando o sol se punha, ele me chamava para o jantar, conversávamos um pouco, quase sempre sobre banalidades e ele me mandava dormir novamente.

Hoje, porém, sentia algo diferente, como um prelúdio no ar. As ondas estavam mais agitadas e o céu acinzentado, mas sem nuvens pesadas, sem nenhum indicio de chuva. Estava acordada há quase uma hora e ninguém havia destrancado o quarto e do outro lado, tudo estava silencioso. Era provável que saíram e me esqueceram. Levantei-me já cansada de esperar e fui tomar meu banho, a água estava fria, mas não reclamei, não tinha para quem reclamar. Vesti um *short* jeans, camiseta branca com gola V, meias brancas na altura do calcanhar e o tênis. Deixei meu cabelo trançado para trás e me demorei no espelho, observando os hematomas no rosto, na costela e nas costas que agora estavam bem mais claros, já sumindo.

Fiquei em silêncio por alguns minutos para ter certeza de que estava sozinha, puxei um fio de linha solto na camiseta de dormir e coloquei junto com os outros numa fenda da parede bem próximo da pia. Estava usando as linhas para contar quantos dias estava em cativeiro. Retirei todas e contei, sabia de cabeça, mas gostava de contar para manter minha mente ativa. Quinze fios de linha. Quinze dias mais uns três de viagem são dezoito dias desaparecida. Talvez, meus avós ou até a Bruna tenham dado por minha falta e acionado a polícia, esta era uma das minhas esperanças.

— Suzanna? — Demétria chamou dentro do quarto, coloquei as linhas na fenda da parede e abri a porta. Ela estava horrível, os olhos fundos e arroxeados em volta, os cabelos desgrehados e o lábio cortado com um fio de sangue seco no canto esquerdo. Arfei preocupada e ela recuou.

— O que houve?

— Encontraram-nos. Teremos de ir para outro abrigo. Que bom que está pronta,

pegue suas coisas que estamos partindo.

— Para onde? E estamos fugindo de quem? — Questionei sem sair do lugar.

Pelos olhos de Arthur

Não sei mais onde procurar, Vic! Estávamos andando em círculos, haviam cuidado de mim, porém minhas asas não tinham se recuperado por completo. Por isto, tinha pedido ajuda, mas a única que me atendeu foi Victoria. Estávamos conversando por telepatia enquanto ela procurava do alto e eu em terra. Afastei algumas folhas e galhos, avançando entre as árvores. Vic desceu, pousando ao meu lado e guardando suas asas.

— Acalme-se. Se os boatos forem verdade, Pietro também a está protegendo.

Alguns anjos nos haviam relatado que o inferno também os procurava, pois Pietro deveria ter levado a menina para lá e, no entanto, não tinha chegado ainda, mas todos sabiam que ele estava vivo, ele havia deixado rastros.

— Precisamos encontrá-la. — Sussurrei, estava exausto e sem esperanças.

Foi o momento em que ouvimos um som forte como de um trovão e um alerta. Havia chegado a hora de enfrentarmos nossos inimigos em resgate da Nefilim. Deus sempre soube onde ela esteve, mas era como sabíamos: Ele só age no momento certo. Vi duas colunas como de fogo flamejante. Entre elas, uma espécie de portal e, além dele, podia ver uma casa em vidro na ponta de uma ilha. Estava protegida por magia como um campo magnético envolvendo-a e, talvez por isto, tenha chegado perto, mas não tenha sentido a presença de nenhum deles, nem Pietro, nem Suzanna e nem os demônios que o ajudavam.

Ouvimos as instruções. Eu sabia que Victória estava vendo o mesmo que eu e talvez mais por ser minha superior direta, mas isso não era importante. Dentro da casa, nos foi mostrado nossos inimigos: Pietro, Demétria e Suzanna. Eu estava sendo convocado a matá-los.

Capítulo 25



Depois da visão coletiva, perdi as forças nas pernas e cai de joelhos sobre a terra, as mãos no rosto e no peito um desespero cortante. Não encontrava nem a voz para pedir socorro. Victoria tocou minha nuca e senti o corpo quente envolvendo o meu em um abraço protetor, resmunguei baixo desesperado.

— Não posso matá-la! Não podem matá-la! Isso era para ser um resgate!

— Acalme-se! Vamos tirá-la de lá a tempo. Venha, recupere-se. Preciso que você esteja pronto, Pierre.

Enquanto falava, Victoria erguia-me, tirando folhas secas e a sujeira de minha roupa. Senti minhas forças revigorarem e sabia que ela havia usado seus poderes para me curar, ela pôde usá-los, pois fomos convocados pelo Supremo.

— Ele a mostrou como um demônio! Você viu! — Minha voz saiu alguns tons acima do normal, minhas mãos agora estavam em punho e uma raiva brutal me fazia respirar ofegante.

— Pierre! — A mulher gritou, fazendo-me olhá-la nos olhos. — Quando ela escolheu ir com ele, tornou-se uma deles, não se esqueça.

— Mas, ela não é! Ela queria me salvar... — Mas, eu não tinha tanta certeza do motivo de Suzanna ter me deixado naquele penhasco. Assim que se decidiu por Pietro, uma música com tambores ressoou em meus ouvidos, era o anúncio da escolha de um Nefilim.

Enquanto voávamos na direção da praia, pensei no que Suzanna fez. Ela, talvez, não soubesse que apenas segui-lo a tinha marcado como sendo do inferno e, até o alerta de Vic, eu não tinha me dado conta disto. O ar entrava com dificuldade em meus pulmões, estava voando o mais rápido que podia, queria chegar antes de todos para tentar resgatá-la antes de a matarem.

Pelos olhos de Suzanna

Pietro havia amarrado meus pulsos e estava me carregando no ombro direito como se eu fosse uma prisioneira, tudo porque eu me recusei a sair da casa. Algo me dizia que a apreensão deles era porque Arthur havia me encontrado. Estavam

andando a cerca de vinte minutos, retornando pelo mesmo caminho lamacento que viemos. Demétria parecia concentrada em algo além do caminho, seus olhos num tom profundo de azul-escuro. Contava bolinhas em uma espécie de colar, as bolinhas vermelhas refletiam a luz do sol com faixas avermelhadas para todos os lados. Ela respirou fundo e encarou Pietro, seus lábios estavam brancos e o rosto assustado.

— Encontraram-nos.

— Tem certeza? — Ele questionou, parando de andar.

— Ainda sou um anjo, ainda recebo os anúncios. Mas, vi pouco, mostraram três pessoas na casa.

Ela voltou a andar, contando as bolinhas e resmungando mais alto o que parecia uma prece.

— Eu, você e Suzanna. — Pietro afirmou, mas Demétria negou com a cabeça, parecendo mais aflita.

— Outra pessoa, não pode ser eu, não pode ser...

— O que está acontecendo? — Perguntei, sentindo a voz falhar pelo balanço do ritmo de Pietro que voltara a caminhar, agora com mais precisão.

— Os anjos encontraram a casa e, se eles a encontraram, os demônios também encontrarão.

Abri um sorriso de vitória que logo se perdeu quando vi o olhar de Demétria encontrando o meu, ela sussurrou em minha mente como um alerta.

Mostraram-nos como inimigas, Suzanna. Ninguém está vindo para nos ajudar.

— Como? — Meu espanto assustou até Pietro, que me colocou no chão, me encarando.

— Eu não tenho tempo para isso. Qualquer outro nefilim da sua idade já saberia o que está acontecendo, seu pai foi infeliz em tentar te afastar desse mundo. Sem perguntas, vamos andando.

O tom de Pietro estava autoritário e mais irritado do que estava acostumada, mas não foi isto que fez os meus olhos lacrimejarem, mas a certeza de que papai e mamãe morreram por tentar me proteger, a certeza de que eu poderia estar com eles hoje se tivessem deixado seguir meu destino. Talvez, entendesse tudo isso e não estaria me sentindo uma menina indefesa no meio do mato.

— Não tão indefesa... — Falou Demétria com voz audível. Olhamos para ela que continuou — Você pode ver se eles chegarem perto demais de nós.

— Não sei controlar esse dom. — Lembrei.

— Não importa, você vai ver.

Calei-me. Provavelmente, ela tinha razão e eu realmente não sabia de nada sobre esse mundo. Segui Pietro em silêncio, ele me puxava pela fita adesiva com que envolveu meus pulsos, estava sendo cada vez mais grosseiro não me lembrando em nada o que conheci a cerca de um mês.

Queria fechar minha mente para que nenhum deles pudesse ouvi-la, mas tinha esperança de que Arthur aparecesse e me resgatasse. Não sei por quanto tempo caminhamos, mas o cheiro modificou, era uma leve mistura de incenso com enxofre, o perfume me fez espirrar algumas vezes. Mais a frente, havia um clarão, talvez uma clareira sem tantas árvores e era para lá que Pietro nos direcionava. O calor que subia abaixo dos meus pés ficava mais intenso na medida em que avançávamos. Comecei a me sentir pesada, o coração disparou e um bolo se formou em minha garganta, estava com muito medo. Notei que, desde que começaram os “passeios” nesta floresta, não tinha me deparado com nenhum outro ser vivo, nem insetos, nem animais a não ser os peixes que pescaram no mar. Pensei que talvez estivesse em algum lugar paralelo a terra, sendo realmente levada para o inferno.

Balancei a cabeça afastando o pensamento fantasioso, sentindo calafrios arrepiarem minha pele apesar do calor. O anjo largou-me e avançou para dentro da clareira, sumindo de minha vista. Estanquei no lugar e olhei para Demétria que estava parada com o mesmo semblante assustado.

— Cadê ele? — Sussurrei.

Ela deu de ombros, olhou em volta e avançou para dentro daquela luz. O cheiro de enxofre era mais forte que em qualquer outro lugar que fomos. Imaginei um portal, um campo de força, todos os filmes fantasiosos e os livros que escrevi vieram em minha mente no segundo em que hesitei entrar. Parecia um portal para o inferno, senti o ímpeto de voltar correndo para dentro da floresta.

Dei alguns passos para longe, erguendo a cabeça para o véu claro à minha frente. Subia desde a copa das árvores descendo até a terra, parecendo penetrar nela, mas não era algo que pudesse pegar com as mãos, parecia apenas luz, porém não enxergava nada do lado de dentro.

— Não seja medrosa. — Ordenei a mim mesma, recuando mais um passo ao invés de entrar.

O som do meu coração disparado foi encoberto pelo barulho de asas batendo com violência atrás de mim. Várias delas, dando a impressão de que um grupo de pássaros vinha na minha direção. Arfei e abaixei. O vento levou meus cabelos para frente e vi vários pares de pés descalços pousando ao meu redor. Imediatamente, recordei-me de que Demétria estava errada, não os vi antes de chegarem. Ajeitei os cabelos e cuidadosamente ergui os olhos, procurando naqueles rostos reluzentes apenas o de Arthur, mas não estava entre eles.

Sentia meu coração num tamborilar frenético, minhas mãos estavam suadas e os olhos arregalados, o rosto deles não parecia amigável, mas destinados. Eram cinco. Asas brancas e longas, apenas um par. Vestiam jeans rasgados e regata branca. Um dos anjos era negro e os outros quatro loiros de olhos claros, podiam se passar pelo mesmo anjo se quisessem, tamanha a semelhança. O que parecia ser o líder deles,

veio na minha direção enquanto pronunciava algumas palavras.

— Não vai fugir também, demônio? — Havia ironia em seu tom de voz e um sorriso divertido no canto dos lábios. Apertei os olhos com a palavra com que me chamou, meus lábios estavam secos e sabia que a voz sairia quebrada. Neguei com a cabeça, tanto o adjetivo usado quanto a pergunta. Outro loiro avançou também, ficando a três ou quatro passos de mim.

— Vamos levá-la, sem conversas.

O que falou antes assentiu e todos vieram ao mesmo tempo, com as mãos estendidas para me pegar. Assustei-me, encolhendo, protegendo a cabeça com as mãos enquanto deixava escapar um grito assustado.

— Não! Arthur!

O barulho das folhas sendo pisadas cessou e, quando olhei, os cinco me encaravam confusos.

— Saiam de perto dela!

A voz de Arthur soou forte entre as árvores. Os cinco olharam na direção da voz. Mantive-me no lugar, pois não queria criar mais confusão. O alívio fez lágrimas descenderem soltas por meus olhos. Ouvia meu próprio resmungo, o choro vindo da minha garganta. Chamei por Arthur tantas vezes em meus pensamentos nas últimas semanas que o ouvir agora, no momento em que mais precisava, desarmou-me totalmente, queria me erguer e me jogar em seus braços para nunca mais sair.

— Pierre? — Um dos anjos pronunciou.

Ouvi outros deles pousando em minha volta, queria me erguer e olhar, mas estava com tanto medo que não poderia me mover nem que tentasse.

— Victória.

Houve cumprimentos, mas a animosidade parecia palpável, senti o calor de Arthur mais perto de mim e ergui os olhos na direção dele, a face do anjo estava endurecida e ele não me olhou de volta.

— Eu mesmo a levarei. — Anunciou. Ele segurou meu braço, colocando-me de pé. — Não resista ou será pior.

Encarei-o sem entender, mas obedeci. Em poucos segundos, ele me carregava acima das árvores, mas, desta vez, a situação era tensa tanto para mim quanto para ele. Algo me dizia que ele não apareceu para me ajudar.

Talvez, Arthur não gostasse, mas aninhei o rosto em seu pescoço, precisava sentir o cheiro dele novamente e a segurança que me dava, por mais que sentisse que ele não estava mais na condição de meu guardião. Ele suspirou de leve e, se não tivesse prestado muita atenção, não teria notado. As mãos apertaram meu corpo contra o peito quente dele e, por um momento, senti sua aflição, mas o momento logo se perdeu, ele afrouxou as mãos e empurrou meu rosto com o queixo, olhando sempre para o horizonte enquanto voava.

Arrisquei olhar sobre o ombro dele, éramos escoltados por cerca de quinze anjos e Victoria. Nossos olhares se encontraram e ela sorriu, mas não havia esperança naquele sorriso, apenas compaixão. Novamente, meu coração disparou, tinha me livrado de Pietro e talvez de cair no inferno se entrasse naquela luz esquisita, mas não me sentia segura, não mais.

Suzanna? A voz de Pietro estava em minha mente, arfei e me encolhi nos braços de Arthur. Por um momento, ele me encarou atônito, franzindo a testa em questionamento.

— Pietro. — Sussurrei, encarando-o.

— Onde ele está? — Seu tom era afiado.

— Entrou naquela luz da floresta.

Não entendi porque não tinha me perguntado sobre ele antes. Arthur fez um sinal e cinco dos anjos que nos seguiam — os mesmos que me cercaram primeiro — saíram da formação e sumiram entre as nuvens, imaginei que fossem atrás do anjo caído.

Onde você está? Novamente Pietro adentrou minha mente. *Você fugiu de mim, Suzanna?* A voz dele tornou-se afiada.

Olhei para Arthur e deixei minha mente aberta para que ele nos ouvisse caso estivesse prestando atenção. Estava tensa e o vento batendo em meu rosto não me deixava concentrar em Pietro, nem o medo que estava me deixando cada segundo mais trêmula. Respirei fundo duas vezes, apertei os olhos, voltando a recostar no peito de Arthur e pensei em Pietro.

Fugi e Arthur me encontrou! Avisei. Estava furiosa com ele, minhas mãos continuavam amarradas com fita isolante, era difícil esquecer a grosseria das últimas horas e todo o ocorrido durante essas semanas.

Houve como um estalo imperceptível e não estava mais ligada a ele. Os ombros de Arthur estavam tensos, acreditei que tivesse ouvido minha conversa com Pietro. Pensei em conversar, explicar porque fugi, mas um trovão forte chamou minha atenção. Olhamos na direção do som e uma luz prateada piscava entre as nuvens, assemelhando-se a vários raios. O anjo suspirou e voou naquela direção. Quando entramos na nuvem, um vento muito frio arrepiou minha pele.

— Feche os olhos e não os abra até que eu mande. — Arthur informou.

Obedeci e, para que ele tivesse certeza disto, escondi o rosto em seu peito. Poucos segundos se passaram até que o balanço cessou, estávamos em terra firme. Ele me colocou no chão e fiquei em pé, segurando-me em seus braços, tentei não abrir os olhos, mas o fiz para encontrar equilíbrio. Reconheci logo o lugar em que estávamos, era o Segundo Éden, o local onde Arthur me levou quando me tirou de Pietro pela primeira vez. Fechei meus olhos antes que ele notasse.

Senti duas mãos me segurarem os braços, um de cada lado, não eram as mãos

de Arthur, eram mais ásperas e possessivas. Fiquei submissa, pois era a única coisa que eu poderia fazer. Se não confiasse em Arthur e Victória, eu perderia qualquer esperança de voltar a ver meus avós um dia.

— Pode abrir os olhos, Suzanna.

Suspirei. Arthur parecia exausto, apesar dos cortes e hematomas que eu imaginava que ele teria não estarem ali. Os cabelos bagunçados, os lábios repuxados para o lado direito onde ele pressionava mais o maxilar. Percebi a tensão. No olhar, havia um misto de alívio e dor que não conseguia entender. Ele desviou o olhar do meu, encarando os que me seguravam, o olhar se tornando frio e autoritário. Não precisou dizer nada para que eles me soltassem. O tom de voz foi decisivo.

— Vic, cuide dela que a levaremos para o julgamento mais tarde. Eu e você.

Arregalei meus olhos, encarando Arthur.

— Julgamento?

— Leve-a. — Os dois anjos que tinham me segurado assentiram e se afastaram, mas notei os lábios dele se movendo. Victória e ele se encaravam e sem som algum ele balbuciou para ela. — Por favor...

Acompanhei-a sem protestos. Meus olhos estavam cheios de lágrimas novamente, não pensei no meu problema, nos acontecimentos dos últimos dias, nas milhares de dúvidas que ainda martelavam em minha mente, nem na vida bizarra que vivi nessas semanas que antecederam aos meus dezoito anos. Pensei em Arthur, ou melhor, em Pierre. A postura que estava tomando, sendo tão duro, tão frio, não me lembrava de Arthur, o colega de classe que, por acaso, também era um anjo, mas se assemelhava a um líder, alguém que precisa tomar decisões, independente de quem seja o culpado, que no caso parecia eu.

Quando estávamos longe do tumulto, Victoria aliviou a pressão que impunha em meu braço, mas não soltou. Continuava me guiando pela rua, as mesmas casinhas brancas me rodeavam, a grama verde, as pessoas alegres treinando seus dons para usá-los mais tarde, anjos, crianças, nefilins. Eu sabia que todos esses seres me cercavam, mas, desta vez, não tive curiosidade alguma em olhar ou fazer perguntas. Funguei baixinho, erguendo as duas mãos para limpar as lágrimas, voltando as mãos para frente como estavam antes.

— Quem te amarrou? — Victoria sussurrou, deslizando os dedos até a fita isolante.

— Pietro. — Pigarreei, pois a voz falhou, mas não precisei repetir, ela assentiu.

— Por que ele fez isso?

— Porque eu queria esperar o Arthur.

Estava olhando para o chão para não tropeçar, pois a rua agora era feita em paralelepípedos e ficava mais estreita conforme avançávamos, as casas estavam mais próximas umas das outras e eram mais altas, fazendo sombra.

— Esperar Arthur para quê? Não quer me contar tudo o que aconteceu, Suzanna?

Ergui meus olhos e concordei, ela me fez sinal para esperar. Caminhamos cerca de quinze metros, parando à frente de um muro bege com um portão de madeira, ela o abriu e me levou para dentro. Atrás do muro, havia uma casa de tamanho médio, pintura bege, janelas fechadas, porta de madeira fechada. Victoria sussurrou algo e ouvi a tranca abrir. Olhei-a admirada. Se eu pudesse fazer essas coisas, viveria entrando no Museu sem precisar da ajuda de Pietro.

Ela fez sinal e entrei primeiro. Por dentro, era diferente da primeira casa que vi. Havia uma cozinha com um fogão, geladeira, uma mesa, uma sala de estar com um sofá de quatro lugares, uma estante com livros e uma TV que me perguntei se funcionava ali, no Segundo Éden. Passamos pelo piso frio branco até chegarmos num corredor pequeno, onde havia três portas. Do lado esquerdo, um quarto com cama de casal e armário, parecia estar ocupado por alguém, pois tinham livros espalhados pela cama e algumas roupas no chão.

— Sou um pouco bagunceira. — Anunciou ela e eu sorri, entendendo que estávamos em sua casa.

A segunda porta era um banheiro, todo em ladrilho branco, porcelana branca e tinha um boxe com chuveiro. Senti meu corpo coçar e uma vontade imensa de entrar embaixo dele para me lavar, nem imaginava como estava minha aparência. A loira chamou minha atenção para a porta ao lado direito do corredor. Era um quarto, com cama de casal também, mas mais arrumado. A colcha branca estava esticada sobre a cama e o armário com uma das portas abertas e vazio. Tinha uma escrivaninha encostada na parede da porta com dois livros, papeis e canetas sobre ela, mas não havia nenhuma janela em nenhuma das paredes.

— Não preciso explicar qual é a sua situação, preciso?

Mordi meu lábio com um pouco de força, sentindo as lágrimas voltando aos olhos.

— Precisa...

Ela assentiu e me levou para a sala, apontando para o sofá. Sentei-me em silêncio, colocando as mãos sobre o colo. Minhas pernas estavam pretas de sujeira, o tênis lamacento e minhas mãos escuras também. Não quis nem pensar no meu cabelo, tinha coisas mais importantes em mente que minha aparência. Victoria trouxe uma tesoura, mas antes de cortar a fita, encarou-me.

— Não fuja.

— Não vou fugir. — Garanti.

Após retirar a fita de meu pulso, senti as mãos formigando e fiquei massageando-as com os dedos para aliviar a dormência e para circular o sangue. A mulher sentou-se na mesinha à minha frente. Eu sabia que deveria falar agora.

— Depois que saímos daqui, o Pietro nos encontrou, ele tentou matar o Arthur e... Ele ficou bem machucado, achei que tivesse morrido...

— O que aconteceu depois que você abandonou o Arthur e seguiu Pietro? Balancei a cabeça, negando tê-lo abandonado.

— Eu não abandonei ele! — Gaguejei, respirei fundo e decidi continuar. — Pietro disse que eu tinha de ir com ele, se não ele iria matar o Arthur. Matar! — Sussurrei a última palavra para que ela entendesse o significado para mim.

— Sei... E então? — Ela gesticulou para que continuasse, parecia descrente.

— Andamos por horas por uma floresta até chegarmos a uma praia. Lá, Pietro me deixava ficar num quarto e me ensinou algumas coisas... Tivemos a visita de um demônio que tentou matar o Pietro e a Demétria...

— Que demônio?

— Eu... Eu não me lembro do nome dele... Mas, ele conseguia dominar os dois, usá-los, eu... Ai meu Deus, eu não lembro. — Coloquei as mãos no rosto, sentindo as lágrimas surgirem. Imediatamente, Victoria me abraçou.

— Calma criança... Era Persus?

Soltei o ar com uma lufada forte.

— Isso, Persus... Ele queria saber do meu dom.

Ela me soltou e me encarou.

— Que dom?

— Eu tenho visões de coisas que vão acontecer... Eu sinto coisas estranhas quando estou nervosa e consigo manipular os elementos.

Victoria sorriu, passou o polegar em meu rosto e levantou-se de súbito, tomando uma postura rígida e séria.

— Entre.

Olhei para a porta e vi Arthur entrando na casa. Ele me olhou por cima e desviou para falar com Victoria.

— Ela não está pronta.

— Ainda não. O julgamento será hoje? — Questionou. Arthur piscou um pouco confuso, mas não respondeu, virou-se para mim.

— Suzanna, no armário tem roupas, vá tomar um banho que eu e Victoria precisamos conversar.

— Posso falar com você antes?

Antes que ele respondesse, Victoria falou.

— Pode. Leve-a até o quarto e mostre onde estão as coisas, Pierre. Espero você aqui, vou preparar um chá.

Pierre estava tão surpreso quanto eu pela reação de Victoria. Levantei-me sem esperar uma resposta, fui para o quarto como ela indicou, entrei e fiquei em pé em frente ao armário esperando por ele. Não sei se foi proposital ou não, mas, ao entrar,

Arthur fechou a porta e ficamos sozinhos. Sem pensar, corri para ele e me lancei em seus braços. Ele me segurou antes que eu caísse e me apertou contra seu corpo com tanta força que as lágrimas saiam sufocadas.

— Achei que você tinha morrido! — Choraminguei, afundando o rosto na curva do pescoço dele.

— Achei que era o que você queria. — Disse amargo.

— Você não pode acreditar no absurdo que acabou de dizer, Arthur! — Resmunguei.

As mãos dele foram para meus cabelos, ele emaranhou os dedos nos fios, fazendo uma leve pressão. O carinho desencadeou novos soluços.

— Eu não sei em que acreditar, Suzanna.

— Em mim — sussurrei.

— Mas...

— Eu sabia que você ia me achar. — Ele me apertou mais uma vez, mas então me levou até a cama e me fez sentar na beirada.

— Pietro e os outros estão esperando seu julgamento, eles estarão lá para reclamar o direito sobre você. — Enquanto falava, ele retirava uma toalha azul do armário e um vestido branco igual ao primeiro que usei aqui, notei que havia um par de sandálias no armário também. Segurei tudo, ouvindo o que ele tinha a dizer.

— Você é um deles agora, Suzanna.

— Como assim? — Sussurrei aflita.

— Você escolheu ir com ele, escolheu ser como Havi, um nefilim servindo ao inferno. Logo, você será imortal como nós, terá suas funções, seremos inimigos.

Ele colocou as sandálias sobre a toalha e me entregou tudo.

— Não sou um demônio. — Gemi.

— É, no momento em que aceitou ir com ele, tornou-se um.

— Não pode ser, Arthur! Eu não queria ir, eu fui para ele não te matar! — Solucei, as lágrimas voltaram a rolar e percebi o quanto ele estava perturbado por me dar essa notícia. — Nada faz sentido! Nada!

Ele segurou meu rosto, fazendo-me encará-lo, a frieza retornando aos olhos dele.

— Eu não acredito em você. Eu vi como você o deseja, ouvi quantas vezes gemeu dormindo, chamando por ele, eu sei que ama o Pietro. Sua escolha foi seguir o anjo que amava. Agora vá, apronte-se. Daqui a meia hora, levarei você para o julgamento.

E saiu, deixando-me boquiaberta, confusa e com o peito queimando de raiva. Victoria entrou pouco tempo depois, assustada.

— Sinto muito Suzanna, eu vou tentar te explicar tudo. Tome seu banho e vá para a cozinha depois.

Ela saiu novamente.

O banho foi rápido porque cada local que a água atingia ardia e eu queria logo entender as palavras de Arthur. Não me sentia mais segura, não sentia mais nada, só um torpor que me fez agir no automático até chegar à cozinha, cheirosa e arrumada.

— Parece outra menina. Precisa de curativos? — Ela questionou, colocando na mesa um prato com arroz, feijão e bife. Esperei que ela assentisse e sentei-me à mesa, devorando o alimento, tentando ao máximo não parecer um mendigo faminto. Neguei sobre os curativos.

— Alguém precisa me explicar as coisas... Eu sinto que sou a nefilim mais burra da face da Terra! — Reclamei entre uma garfada e outra.

Ela sentou-se com uma xícara entre as mãos.

— Um nefilim tem três opções na vida, uma é viver como humano e ser mortal, sem poderes, sem contato conosco. A segunda é se tornar um anjo guardião. Se tiver dons, ele os usará em benefício da humanidade. E a terceira é se tornar um demônio ou anjo caído. Isso o torna imortal, seus dons geralmente se intensificam e nefilins costumam ganhar alguma autoridade, mas não possuem escolhas, devem seguir o que Lúcifer e seus anjos decidirem, senão será jogado no Lago de Fogo junto com as almas perdidas... Mas, eles não costumam dar as opções, apenas fazem o nefilim tomar uma decisão sem que saiba que a tomou.

Assenti. Entendo um pouco do que Arthur quis dizer no quarto. Victoria continuou a explicação.

— A maioria tem acompanhamento quando podem possuir algum dom, mas os pais têm o livre arbítrio, por um deles sempre ser humano. Eles decidem se querem criar o filho sabendo de suas origens ou não. Seus pais não queriam e, por este motivo, seus avós não puderam contar, prevalecendo a vontade de sua mãe.

— Continuo confusa...

— Quando seguiu Pietro, aceitando ir com ele, você deve ter falado algo que confirmou que você iria com ele por vontade própria. Isto marcou sua alma como pertencente ao inferno.

— Tem como reverter? Eu não fui porque quis, eu não tive escolha! Não é justo!

— Eles não jogam limpo. No inferno, nada é justo, criança. — Ela suspirou, olhou para a porta atrás de mim e continuou. Parecia apressada. — Talvez, não tenha volta.

A porta se abriu e dois anjos me tiraram da cadeira com um pouco de brutalidade. Larguei a comida e, sem questionar, os segui, sentindo a presença de Victoria sumir até ficar nula. Eu podia senti-los quando estavam para chegar. Senti Arthur, senti Victoria, senti cada um deles... Ela provavelmente estava certa, eu fico quente quando estou irritada e tenho mais poderes. Era um demônio agora.

Os anjos levaram-me até Arthur que me esperava em frente a uma casa pequena, escura e com uma pequena janela à direita. Sem dizer nada, ele me pegou pelo braço e me colocou lá dentro. Era escuro, assemelhando-se a uma cela de prisão, porém sem as grades. Uma cama de solteiro estava no canto da parede ao fundo, um fogão de duas bocas, uma mesa e alimento para ser cozido sobre ela, não encontrei panelas na primeira olhada que dei, estava mais assustada que de início. Encarei-o pedindo socorro, mas ele estava com aquele olhar frio e distante, que me fez estremecer por dentro. Meu Arthur parecia não existir mais, apenas o anjo Pierre e seus deveres.

— Vigiem a prisioneira e, se tentar escapar, matem-na e a todos que quiserem ajudá-la.

— Arthur! — Gritei, mas a porta foi trancada.

Sentei onde estava no piso frio. Eu era apenas o demônio para ele, um ser das profundezas, repugnante.

O inimigo.

Alguém que ele queria matar.

Conheça as primeiras páginas do próximo volume da série:

Sonhos

Série Nefilins – Livro 2

Mari Scotti

Capítulo 1



As últimas semanas de minha adolescência foram recheadas de surpresas, em sua maioria, muito desagradáveis. Não havia dado meu primeiro beijo ainda – e já tinha quase dezoito anos! – contudo nestes poucos dias, fui beijada por dois caras e ambos declararam ser apaixonados por mim, ou melhor, acreditei que fossem.

Não pense em dois rapazes lindos brigando pelo meu coração, pois a realidade não é tão romântica assim, o problema é que eles são anjos – um caído e um não –, que querem me fazer escolher entre o céu e o inferno. Se eu soubesse que tinha apenas que fazer essa escolha, teria escolhido o Céu sem nem piscar os olhos, porém isto estava implícito e eu escolhi justamente o que me levaria diretamente ao Inferno.

Agora, estou aqui, no Céu eu acho, esperando ser julgada pelo anjo que eu tentei proteger. Optei por Pietro para que ele não matasse Arthur ou Pierre – o nome pelo qual ele exige ser chamado aqui – e esperava que entendessem minha escolha. O problema é que, toda vez que abro a boca, uma enxurrada de imagens, com cenas contraditórias à minha tentativa heróica de salvar um anjo, são projetadas em uma tela que mais parece uma nuvem em 3D.

É constrangedor.

Minha cela não é muito aconchegante. É iluminada apenas por uma fresta de sol que entra por uma pequena abertura na porta, mantendo o quarto sempre claro. E esta claridade constante não me permite ter um momento da solidão de que preciso. Aqui é sempre dia, mas é fácil perceber as horas passando, pois a luz se modifica, apesar de nunca perder o brilho total. Em poucos dias, já me acostumei ao tempo, ao calor úmido, à brisa leve e à iluminação. Estamos no Segundo Éden, mas acho que é o Céu, talvez não onde Deus e Jesus morem, mas ainda assim acredito ser o Céu.

Sou vigiada constantemente e, mesmo quando as Sentinelas estão longe, sinto seus olhares esmagadores sobre mim. É difícil me acostumar à reclusão a que fui submetida, à falta dos livros, das pessoas, da internet e principalmente ao modo como o Arthur passou a me tratar, ou melhor, Pierre.

Há três dias, não recebo visitas, os vejo na sala do julgamento e depois sou escoltada de volta ao meu alojamento. Tiraram meu suprimento de comida, então preciso esperar que tragam minhas refeições.

Arthur tem agido de modo estranho; não me encara e, se percebe que o estou olhando, aperta os punhos e trinca o maxilar, enquanto se distancia o máximo

que pode, como se eu fosse um repelente natural de anjos magoados. Tudo porque o deixei sozinho, à beira da morte, depois que Havi, Pietro e algumas crianças-demônio o jogaram sobre rochas pontudas e o chutaram até eu não aguentar mais ver e aceitar seguir o anjo caído em troca de pouparem a vida dele.

Este é exatamente o ponto que ele não entende, pois acha que segui Pietro por amor. Até tentei contatá-lo naquele lugar, mas devia estar tão chateado que não me ouviu.

— Senhorita Monteiro? – A voz do juiz me tirou dos meus pensamentos.

Ergui meu olhar para o dele, sentindo as bochechas esquentando e sorri afetado.

— Desculpe, o senhor perguntou algo?

Estávamos no salão do Juízo. Atrás de mim, alguns anjos, anjos caídos e demônios de ambos os sexos. Descobri depois do segundo dia de discussões que eles são os mais experientes, analisam os passos do Nefilin infrator para decidir seu fim. Pierre está entre os anjos; é o mais sério do grupo e o que mais retruca minhas respostas.

Estamos atrás de uma mesa em forma de lua crescente. Os anjos que me defendem estão sentados ao meu lado: Victória e Sophia, que conheci na primeira vez em que estive no Segundo Éden. Os que me acusam do lado oposto. Atrás de nós, há uma bancada de cada lado. À direita, doze anjos do céu, que analisam, discutem e decidem como aceitar minhas respostas. Até agora, a maioria delas foi contestada. Eles se sentam em um lugar de destaque, alto e feito de madeira como em um júri na Terra. À esquerda, mais doze pessoas, seis anjos caídos e seis demônios. Havi e Pietro estão entre eles. Achei ter reconhecido Persus também, mas não podia encará-los por muito tempo, pois Victoria sempre me fazia olhar para frente.

O Juiz fica em uma mesa simples, no centro dessa meia-lua, anotando tudo o que falamos, todas as informações passadas, contestações e afirmações de cada grupo de anjos e demônios. Não diz nada a meu favor, apenas acrescenta novos fatos e perguntas. Quem fala mais é Victória, que está em minha defesa, e Haddes que é meu acusador; o nome é apenas em homenagem ao seu senhor, o próprio Diabo. Atrás do Juiz, há um trono vazio e, acima, fica essa tela, que mais parece uma nuvem em 3D, mostrando todas as minhas falhas dos últimos dezessete anos de existência.

O bom é que finalmente aprendi a bloquear meus pensamentos e somente os meus atos são analisados e não cada pensamento inútil que eu tenho todos os segundos desde que cheguei. Pensar no Juiz me faz lembrar que ele ainda está falando comigo. Suspirei, levando toda a minha atenção ao que ele dizia.

— Então, posso chamar a testemunha ou a defesa se opõe? – Ele terminava

de falar.

Encarei Victória ao meu lado, um sorriso formal estava em seus lábios e eu sabia que isso significava encrenca.

— Não nos opomos. – Disse ela.

— Guardião Pierre, por favor, compareça ao banco das testemunhas.

Só a menção do nome dele deixou meu estômago revirado. Houve um burburinho, mas aguentei firmemente e não olhei na direção que eu sabia que ele viria. Um tempo depois, Pierre passou por mim, direcionando-se a uma cadeira reservada ao lado da mesa do juiz.

Pierre estava magnífico! Seus cabelos ajeitados para trás, deixando pontas para fora por ter crescido um pouco mais, seus olhos sombrios, no tom acinzentado que me lembra do dia em que ele me salvou do acidente. Estava todo de branco, como era costume dos anjos aqui no Segundo Éden, a camisa de mangas longas e com três botões abertos, deixando seu peito pálido à vista. Seu perfume almiscarado impregnou todo o ambiente, fazendo-me estremecer. Soltei um suspiro involuntário, incapaz de desviar os olhos dele.

Ao se acomodar, o Juiz se aproximou, observando-o. Em seguida, aumentou o tom de voz para que todos escutassem.

— Guardião Pierre, faça um breve relato dos acontecimentos que antecederam a escolha da senhorita Monteiro em seguir o anjo caído Pietro.

Ele estava sentado, entrelaçou os dedos na frente do corpo antes de começar a falar. Olhava para frente com um ar sério e nada amigável.

— Tudo bem, senhor. Recebi ordens diretas da senhora Victória para levar a Nefilin ao abrigo sul, junto às videiras, porém ao chegarmos, averigui que as trancas do portão estavam abertas. Alguém as havia descoberto e, pela desarmonia dos elementos, percebi que não fora por um ser amigável. Oculte a garota dando ordens claras para que não se movesse e adentrei o abrigo. Mal pisei na casa, fui atacado e, infelizmente, não sei dizer por quem ou o quê. – Pierre olhou diretamente para a direção onde estava Pietro, entre os demônios. Meu estômago gelou, pois eu não sabia o que de fato havia acontecido com ele. – Não estou certo do que ocorreu depois. Quando voltei a mim, estávamos despencando para o penhasco. A Nefilin em queda livre, enquanto eu e o guardião do abrigo tentávamos nos livrar do ataque de Pietro e do demônio que o acompanhava. – Ele apontou para a plateia e vi que era para Havi.

— Que conste nos altos que a testemunha apontou para o demônio Havi, presente na tribuna. – Disse o Juiz e meus ossos petrificaram de medo.

Pierre continuou como se não tivesse sido interrompido.

— Não consegui salvar o guardião e nem a menina. – Ele piscou, apertou bem os lábios e se corrigiu. – A Nefilin. Fui derrubado entre as rochas e fiquei

semiconsciente, sendo pisoteado, ameaçado e humilhado, enquanto ela assistia a tudo e os amigos de Pietro também. — Havia uma pontada de mágoa na voz dele que me fez sentir vontade de protestar e dizer que não fiquei assistindo, que tentei ajudá-lo. — Quando de fato meus sentidos voltaram, ela se afastava com ele, mesmo depois de ouvir da minha boca que não deveria ir.

— Vocês lutaram antes de ela seguir Pietro. — Victoria estava em pé, andando na direção de Pierre. Ele a encarou desafiador. — A senhorita Monteiro tentou protegê-lo, mesmo o senhor a mandou ir embora. Está correto?

Pierre apertou os lábios e, em seus olhos, eu vi a luta que ele fazia para se lembrar; fiquei surpresa ao saber que anjos se feriam ao ponto de esquecer o que fizeram, os acontecimentos e até quem estava ao seu lado. Observei atentamente cada músculo dele se movendo, a respiração, os olhos inquietos, até que se encontraram com os meus e ele parou de se mover, o cinzento nublado se tornou brilhoso.

— Sim, está correto. Eu mandei que ela me deixasse lá. — Confessou e, então, desviou o olhar do meu, parecendo adquirir novamente um ar colérico quando continuou. — Mande-a fugir e não se juntar a ele. — Apontou para Pietro.

— A questão foi apenas sim ou não. — Victoria encarou o Juiz. — Sem mais perguntas. — Finalizou, voltando a sentar.

Encostei-me a seu braço e me inclinei para ela, inquieta.

— Ele vai se prejudicar? — Sussurrei.

— Não. — Ela afagou minha mão e suspirei aliviada, sentando ereta novamente.

O Juiz estava perto de Pierre de novo. Acionou um botão que acendeu a tela estranha à esquerda da sala. A nuvem em 3D começou a passar mais um filme de semanas atrás.

— *Não o machuque, por favor!* — Ouvi minha voz surgindo da tela e imediatamente as lembranças junto com ela. Havi me obrigando a olhar para Arthur, sendo castigado pelas crianças-demônio, enquanto Pietro se divertia com a cena. — *Ele pode morrer?*

Apertei os olhos, sentindo a agonia que vivi naquele momento. Pietro usava algum artifício ou dom para machucar Arthur, que se contorcia junto às pedras, beirando a inconsciência. Por curiosidade, olhei para ele, que estava com os olhos fixos na tela.

— *Morrer? Sim, ele pode morrer.* — Respondeu Pietro. Eu me lembrava de ter tentado atacá-lo, mas a imagem não apareceu na nuvem. — *É difícil, mas não impossível.* — Outro grito de dor saiu dos lábios de Arthur e a imagem foi para ele. Estava se contorcendo, o rosto salpicado por seu sangue e retorcido de dor. Quase gritei naquela sala para pararem as imagens. Pietro continuou falando. — *Mas, antes*

de morrer eles sentem dor, Suzaninha, m-u-i-t-a dor. – Pietro enfatizou a palavra *muita* para ter certeza de que eu havia entendido o recado, e eu entendi.

— *Pare, por favor!*

Apesar de ser um filme, eu estava agoniada no meu lugar, observando as reações de Pierre àquelas imagens. Parecia que ele as estava vendo pela primeira vez. Estava enojado e algumas vezes encarou Pietro num misto de surpresa e ódio, que eu esperava não inflamar ainda mais. Não sabia ao certo se esse tipo de raiva o mandaria para o Inferno junto comigo e Pietro.

O anjo caído estava me olhando na tela, parecia ponderar uma pergunta. Tinha um riso divertido no canto dos lábios, que sumiu quando o meu *eu* na imagem o encarou.

— *Por quê? Você vai me dar o que eu quero?*

Por causa do meu silêncio ele mandou as crianças chutarem Arthur. Os olhos dele estavam se apagando, como se estivesse a ponto de morrer. Apertei as mãos na mesa, grunhindo. Victória segurou em meu pulso e falou num tom firme, perto do meu ouvido.

— Suzanna... Você está aqui, no Segundo Éden, aquilo já aconteceu, já passou.

— Desculpe... Foi tão... Horrível. – Afundei na cadeira.

Aos soluços, minha imagem pedia que Pietro parasse de torturar Arthur e ele se divertia com meu desespero. Observei-o colocar a mão no bolso, mostrá-la vazia para Havi e, em seguida, fingir que iria jogar algo em Pierre. Abri os lábios, surpreendida. Ele tinha me enganado, não havia nada em sua mão que pudesse matar o meu anjo. Gemi frustrada, sentindo ainda mais desprezo por Pietro. A cada audiência e a cada dia, eu conseguia enxergar o quanto fui infantil e tola, caindo direitinho em suas armadilhas.

Lutamos na grama. A névoa preta que vinha dele, de longe, parecia com asas negras, penas grossas e brilhantes. Quis perguntar se eram mesmo asas, mas Victória também estava atenta à tela, todos estavam.

Pierre me olhou por um momento, surpreso com a minha tentativa idiota de machucar Pietro. Pensei ter lido em seus lábios algo como “criança tola”, mas preferi ignorar. Até o salvando, ele me desprezava agora. Suspirei esperando as imagens sumirem e o Juiz retomar o julgamento.

— *Se apaixonou por ele, não foi, Suzanna?*

Meu estômago gelou ao ouvir aquela pergunta de novo e meus olhos voaram na direção de Pierre; ele parecia pálido. Não vi o que acontecia na imagem. Apenas Arthur, com as mãos ainda na frente do corpo, porém apertadas, como se também se segurasse para assistir a cada cena.

— *Responda!* – Exigiu Pietro.

— *Não importa! Solta ele!* – Gritei de volta. Olhei na tela para ver o quanto o olhar de Pietro estava irritado; as íris naquele tom vermelho sangue dos meus pesadelos.

— *Responda ou eu juro que o mato.*

Cortaram a imagem e de repente eu estava ajoelhada diante de Pierre, aos prantos. Ele sussurrava algo.

— *Vá embora, encontre ajuda e não volte para cá! E não acredite em nada do que ele disser...*

— *Nem que você a deixou sozinho quando seus pais morreram porque é um anjo covardão?* – Interrompeu Pietro. Ele estava acima de nós na imagem, as asas negras, parecendo névoa, batendo fortes e impiedosas.

— *Saia daqui.* – Arthur sentou, resmungando e tossindo. – *Vá, corra!*

Mas não me movi, não queria deixá-lo sozinho, pois mesmo achando que amava Pietro, não confiava nele.

— *Não vou te deixar sozinho. Eles vão te matar!*

— *Vai logo, garota!* – Arthur levantou, as asas estendidas, um dos lados com penas esmagadas e ensanguentadas, o outro com penas escurecidas e faltando. Eu não consegui tirar os olhos dele e me vi retrucando e me levantando para ajudá-lo.

— *Não vou! Se sou filha de anjo, alguma utilidade eu tenho.*

Fiquei de costas para ele, seu semblante era de dor e confusão, ele ergueu os olhos falando com Pietro.

— *Covarde não sou eu, irmão, e você sabe disso. Tire ela daqui e acertamos nossa dívida.*

Protestei e logo a imagem sumiu para outra tomar seu lugar. Respirei fundo, em dúvida sobre o que viria a seguir.

— *Não é possível que não tenha ninguém para nos ajudar, meu Deus!* – Eu sussurrava em lágrimas.

Algo que eu não esperava surgiu diante de nós. A briga naquela campina pareceu diminuta, a imagem correu e se expandiu, parecia a quilômetros de distância. Anjos e demônios lutavam ferozmente entre si, alguns caídos faziam uma barragem impedindo a passagem deles. Victória estava entre eles, estava com o rosto todo ferido, o lábio sangrando e tinha um demônio arrancando suas asas. Ela urrava de dor.

— Não! – Sussurrei incrédula. Tanto ela quanto Pierre olharam para mim. A tela escureceu e o Juiz voltou a falar, agora se direcionando a mim.

— Você perguntou do socorro, eles estavam a caminho, mas você não soube esperar, como veremos a seguir.

Abri a boca para protestar, mas a imagem, juntamente com o som, me

calaram.

— *Deixe-o ir e eu vou com você.*

Pietro fez sinal para que o urubu e seus demônios fossem embora. Em pouco tempo, eram apenas os três na imagem e Arthur se contorcendo ao fundo.

— *Ele ficará bem, venha.*

— *Prometa! – Ordenei.*

— *Ele ficará bem, eu prometo, Suzanna.*

Arthur gritou, mas no dia eu não tinha conseguido escutar. As imagens se mesclaram, ele e os anjos que lutavam aparecendo ao mesmo tempo.

Assim que Pietro prometeu, os demônios desapareceram, dando passagem aos anjos que foram atrás de Pierre. Ele gritou com todas as forças que ainda possuía: *Atrás dela! Vão atrás dela!*

Mas, lembrava-me muito bem que ninguém foi atrás de mim, a não ser Demétria, muito tempo depois.

A tela escureceu e todos estavam apreensivos, me olhando. O Juiz encarou Pierre.

— Ficou claro que ela tentou protegê-lo?

Franzi o cenho e encarei Victória, era uma das primeiras vezes que o Juiz falava algo a meu favor. Pierre não se abalou.

— Como ficou claro que ela não confiou em nós.

A Autora

Paulistana. Nascida em 22 de fevereiro de 1980. Formada em Recursos Humanos pela faculdade das Américas. Aprendeu a amar a literatura desde a infância quando sua mãe lhe mostrou um livro que estava escrevendo. Apoia sem reservas a literatura Nacional. Já gravou CD, compôs e hoje dedica a maior parte do seu tempo aos personagens. Autora das séries Neblina e Escuridão, Nefilins e Família Hallinson. Criadora e administradora da fanpage de literatura nacional: Literatura Nacional BR e do Blog Coração de Papel. Responsável pela Semana do Livro Nacional no Estado de São Paulo desde 2014.

Redes Sociais da série

Site da Autora: www.mariscotti.blogspot.com.br

Skoob: <http://www.skoob.com.br/livro/298352-insonia>

Página do livro: www.facebook.com/InsoniaSerieNefilins

Book Trailer: <http://www.youtube.com/watch?v=EtWzf7SpY-Y>

Conheça outros títulos da autora:

Montanha da Lua

Skoob: <http://www.skoob.com.br/livro/416608ED473078>

Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Montanha-da-Lua>

Série Neblina e Escuridão

Publicados: Híbrida e Guardiã

Gênero: Fantasia Urbana – Romance Sobrenatural

Página no face: www.facebook.com/HibridaSerieNeblinaeEscuridao

Book Trailer: www.youtube.com/watch?v=yVr6EFNBtoQ

Não deixe de avaliar o livro na Amazon e dar a sua opinião!

Table of Contents

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)